

SECRETARIA DA CULTURA, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL**

1641 - 1820/22

VOL. III - TOMO 3

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO:

- N.º 1 — *João Pacheco*
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Netto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERÁRIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, I VOL.
- N.º 5 — *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, II VOL.
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO, III VOL. — ANOS ACADEMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820/22 — VOL. I — TOMO 1
- N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DE INGLATERRA
- N.º 14 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820, 22 — VOL. I — TOMO 2
- N.º 15 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 — 1820 22 — VOL. I — TOMO 3
- N.º 16 — *Silveira Peixoto*
PALAM OS ESCRITORES — VOL. I
- N.º 17 — *Silveira Peixoto*
PALAM OS ESCRITORES — VOL. II

- N.º 18 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22, VOL. I — TOMO 4
- N.º 19 — *Octacilio de Carvalho Lopes*
APASSIONATA — (OS AMORES DE BEETHOVEN)
- N.º 20 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22, VOL. I — TOMO 5
- N.º 21 — *Manoel Botelho de Oliveira* (leitura paleográfica de Heitor
Martins)
LYRA SACRA
- N.º 22 — *Francisco Pati*
DICIONÁRIO DE MACHADO DE ASSIS
- N.º 23 — *Maria Alice de Oliveira Faria*
ASTARTE E A ESPIRAL
- N.º 24 — *Murilo Mendes*
RETRATOS E RELAMPAGOS
- N.º 25 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22, VOL. III — TOMO 1
- N.º 26 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641 —
1820/22, VOL. III — TOMO 2

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação na fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

- Castello, José Aderaldo, 1921-
C345m O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/22.
v.1- São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1969-
v. em (Textos e documentos, n. 10, 14-15, 18, 20, 25)
Publicados: v.I, t.1, 1969, t.2-3, 1970, t.4-5, 1971;
v.III, t.1, 1974.
1. Literatura brasileira — Coletâneas. 2. Literatura
brasileira — Sociedades etc. I. Conselho Estadual de Cul-
tura (São Paulo) II. Título.

CDD-869-906
-869.908

74-0766

índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Academias literárias 869.906
2. Literatura brasileira: Coletâneas 869.908

José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação de texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

— YÊDDA DIAS LIMA

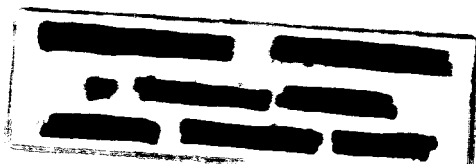
**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL**

1641-1820/22

VOL. III — TOMO 3



**CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
SÃO PAULO**



FESTEJOS PÚBLICOS
COMEMORATIVOS - 1641 - 1821

(CONTINUAÇÃO)

12. **GEMIDOS SERÁFICOS, DEMONSTRAÇÕES SENTIDAS, E OBSÉQUIOS DOLOROSOS NAS EXÉQUIAS FUNERAIS, QUE PELA MORTE DO FIDELÍSSIMO, E AUGUSTÍSSIMO REI O SENHOR DOM JOÃO V FÉZ CELEBRAR NOS CONVENTOS DA PROVÍNCIA DE SANTO ANTÔNIO DO BRASIL, [...] O REVERENDÍSSIMO PADRE FREI GERVASIO DO ROSÁRIO, [...], 1755. (Ed. 1755).**

GEMIDOS SERÁFICOS, DEMONSTRAÇÕES

sentidas, e Obséquios dolorosos nas Exéquias
funerais, que pela morte
do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei o Senhor
DOM JOÃO V
FEZ CELEBRAR NOS CONVENTOS
da Província de Santo Antônio do Brasil, entre
Bahia, e Pernambuco, e consagra
à sempre Grande, Excelsa, e Soberana Senhora
DONA MARIA ANA DE AUSTRIA,
Rainha Mãe,
O Reverendíssimo Padre
FREI GERVÁSIO DO ROSÁRIO,
Pregador, Ex-definidor, e Ministro Provincial
da mesma Província.

LISBOA:

Na Oficina de FRANCISCO DA SILVA
Ano de MDCCLV

Com todas as licenças necessárias.

SENHORA

O Efeito grande do sempre lamentável golpe, com que a tirana parca chegou a provar a Real Constância de Vossa Majestade, cortando o precioso fio da mais estimável vida do Senhor Rei D. João V., merecido Consorte de Vossa Majestade, foi tão excessivo, como o publicaram as demonstrações de mágoa de todos os seus amantes, e leais Vassallos, que ao incomparável da perda souberam ajuntar o inimitável do sentimento. E se este se deve tributar à proporção dos benefícios; sendo tão notórios, os que esta Província de Santo Antônio do Brasil, entre a Bahia, e Pernambuco, recebeu da Real Grandeza de Sua Majestade, que Deus tem em Glória, pelo excesso de amor, e benevolência, com que a favoreceu, e amparou, não devia ela ser menos expressiva nos efeitos da mágoa; pois foi a mais singularizada nos favores do afeto.

Com este tão acertado, e bem fundado juízo, se viu precisada esta Província a fazer pela ditosa alma de Sua Majestade públicas, e piedosas Exéquias, levantando à sua inconsolável memória tantos padrões da sua saudade, quantos Mausoléus fabricaram os seus Conventos. Não puderam ser proporcionados à grandeza do objeto, tanto por não o permitir a capacidade dos Templos, e indigência dos lugares, como por lhe ser mui desigual a força do braço. Mas como sobrou de impulso, quanto faltou do poder; não se deve regular a oferta pelo avultado, e precioso da fábrica, como pelo generoso, e ativo da vontade.

As ofertas não se conhecem melhores, nem se fazem mais aceitas pela grandeza, que têm em si; mas sim pela intenção, que levam consigo: pois não olham as Deidades para a extensão do holocausto; só atendem para a pureza do sacrifício: e é certo, que mais se agrada uma Majestade, ainda a mais Divina, do pouco, que nos Altares oferece o coração, do que do muito, que

nas aras largam as mãos. Nas letras sagradas refere S. Marcos, que a Cristo, Divino Rei, mais lhe arrebatara a atenção a pequena oferta, que com toda a alma largara no cofre do Templo a pobre viúva de Jerusalém, do que as grandes oblações, que só por cerimônia deixavam ali os maiores do povo. E nas humanas escreve Tácito, que os Príncipes grandes sempre se contentam, e satisfazem mais, com pequenos, e sinceros dons.

Este pouco, ou este nada, que esta humilde, e pobre Província do Brasil oferece às Reais Aras de Vossa Majestade, é tão sinceramente puro, e leva consigo uma tão afetuosa vontade; que se assim, como legitima e verdadeira, fosse cabalmente penetrada, e conhecida; bastaria a fazer mui avultada, e grandiosa a oferta; porque ainda que lhe não era possível pela sua limitada pequenez igualar a alteza tão elevada do objeto; contudo, pelo afetuoso, e sincero da vontade, com que o faz, bem pode de algum modo servir de desempenho à dívida, de que se confessa, e confessará eternamente obrigada; já que se vê impossibilitada de condignamente satisfazer.

Este foi o justificado motivo, que teve esta Província para oferecer tantos cultos, e Ofícios funerais à alma de Sua Majestade, que piamente a supõem já colocada entre os espíritos bem-aventurados: e o que excitou a consagrá-los aos Reais pés de Vossa Majestade, não é menos justificado. A razão é claríssima: porque se d'El Rei defunto recebeu esta Província tantas esmolos, e graças mui especiais, que plenamente confessa; a Vossa Majestade reconhece dever tudo o que recebeu. Muito deve a El Rei, pelo que obrou, e não menos a Vossa Majestade pelo que cooperou. Grande foi a piedade, devoção e afeto d'El Rei para os Templos, e casas de Deus; mas também não se pode negar, que a Vossa Majestade deveu El Rei a aprovação de todas as idéias, que respeitavam o culto do mesmo Deus: donde procedia realçar tudo na sua última perfeição, para melhor comprazer ao Régio, e divinizado espírito de Vossa Majestade.

É notório a todo Reino, e ainda ao mundo todo, o ânimo piedoso, e devoto de Vossa Majestade, além das mais graças, e virtudes morais, de que Deus ornou a alma de Vossa Majes-

tade: também não é oculto, que estes foram os incentivos mais eficazes, que teve El Rei para a execução das suas maiores piedades, e para a praxe das suas ações mais devotas. Nem isto pode diminuir em El Rei a grandeza de ânimo; e menos deslustrar a sua grande piedade. Rei dos Astros é o Sol; e contudo, ao primeiro móvel deve o acerto, ou concerto do seu natural curso, sem que por isso fique com detrimento na sua grandeza; antes se ostenta mais acertada na participação das suas luzes, que com liberal equidade reparte ao mundo todo. Do mesmo modo não pode diminuir em El Rei a soberania do seu obrar, o ser o claro Céu de Vossa Majestade o primeiro móvel das suas piedades, que com discreta, e igual liberalidade comunicou a todos os seus leais, e amantes Vassallos; e em especial aos desta pobre, e humilde Província Franciscana, que nunca cessará de rogar a Deus pela alma d'El Rei, e pela Pessoa de Vossa Majestade, que a guarde, como todos, fiel, e cordialmente, desejamos, e havemos mister.

GEMIDOS SERÁFICOS,
DEMONSTRAÇÕES SENTIDAS,
e obséquios dolorosos pela morte
DO FIDELÍSSIMO E AUGUSTÍSSIMO
REI E SENHOR
DOM JOÃO V.

Achando-se em o dia 22 de outubro do ano passado de 1750, na Cidade de Olinda o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Luiz José Correa de Sá, Governador, e Capitão General de Pernambuco, para com a sua assistência fazer mais solene o ato, que na manhã desse dia na Catedral se celebrava dos anos felicíssimos do Sereníssimo Rei e Senhor D. João V de gloriosa memória, e eterna saudade, com grande regozijo, e aclamação de todo o povo, acompanhada do estrondoso som da artilharia das Fortalezas, que medeiam por espaço de uma légua desde a Cidade de Olinda até a Vila do Recife; e das repetidas cargas da Infantaria de uma, e outra Praça, que se achavam ambas incorporadas na mesma Cidade, se deixou ver pela tarde do mesmo dia uma Nau, a qual pela opposição dos ventos contrários não pôde tomar o porto, em que lançasse as âncoras, senão no outro dia pelas três horas da tarde.

O gosto, com que vista da Nau alvoroçou toda a Cidade, foi anúncio da pena, que depois se certificou: porque a salva costumada, com que devia a Nau festejar a terra, por se achar já à vista dela, se trocou em tiros vagos, e alternados de quarto em quarto, com que significava a funesta notícia, que trazia, de que tinham naufragado as nossas esperanças. As bandeiras, que largas ao ar, e levantadas ao lato, deviam espalhar o contentamento da sua chegada, baixadas ao pé da haste se não de todo colhidas, todas trêmulas, mostravam receio, e sentimento de publicar uma fatalidade, que, sendo tão universal, e comum à natureza humana, não podia deixar de ser estranhada pela singularidade do objeto. Viram-se quase ao mesmo tempo dois extremos mui encontrados, um do maior gosto na terra, e outro da dor mais sensível no mar: no mar à vista da terra o lamentavam morto; na terra com os olhos no mar o festejavam vivo: de manhã aplaudido como vivo; de tarde, pranteado como morto. Foram exéquias tristes de tarde, o que de manhã tinham sido festivos obséquios: a manhã alegre foi anúncio da borrasca da tarde.

Mas quando deixou um gosto grande ser preâmbulo de uma dor maior! Foi a pena maior, que podia ser; porque já não pode ser na ocasião maior o gosto. Tinha-se festejado aquele dia anual do nascimento de Sua Majestade com o maior prazer! Porque corria notícia, ainda que vaga, vinda pelo Rio de Janeiro, de que Sua Majestade se achava com melhora conhecida na sua enfermidade, que havia oito anos padecia, e com esta notícia tão estimada, se aumentou sumamente o gosto: e como chegou ao maior excesso, havia de encontrar um sumo desprazer. Na Medicina é aforismo certo, que quando a natureza chega àquele último auge da saúde, que não pode passar a mais, necessariamente há de enfermar. A maior valentia é ensaio para a última ruína: quanto mais robusta, mais depressa enfraquece. A luz, quando quer acabar, então resplandece mais: e o final mais certo de se extinguir, é o excessivo auge do seu resplendor. Enfim, sempre o remate do gosto foi exórdio de pena: por isso o povo daquela Cidade de um gosto tão excessivo, pelos sinais da Nau, e tiros tão demorados, e repetidos, começou a recear uma pena tão demarcada. Não tardou em chegar a notícia do que recebavam: porque correu veloz, por isso mesmo que trazia consigo tanta pena.

Assim que o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Governador, e Capitão General daquele Estado avistou do seu palácio de Olinda a Nau no mar, ainda que distante bastantemente de terra, logo a toda pressa pelas três horas da tarde se retirou para o palácio da Vila do Recife a esperar carta, discorrendo prudentemente, que o Capitão da Nau, vendo que naquela tarde não podia dar fundo, equiparia algum batel, ou bergantim de remos a trazer a notícia da sua chegada, e do que houvesse sucedido na Corte. Correspondeu o sucesso ao discurso; porque pelas sete horas da noite chegou o bergantim a remos com carta do Capitão de mar, e guerra, e com a notícia infausta da morte de Sua Majestade, cuja notícia logo Sua Excelência participou a todos os Prelados dos Conventos do Recife, e juntamente expedido logo um próprio para Olinda a dar a notícia ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo D. Francisco Luiz de Santa Teresa, e aos mais Prelados dos Conventos de Olinda, rogando, e recomendando a todos, mandassem fazer com os dobres dos sinos os sinais de sentimento devidos a tanta perda.

Os primeiros sinos, que manifestaram este justo sentimento, foram os do nosso Convento do Recife; não sei se por ficar este menos distante do palácio de Sua Excelência, donde com mais brevidade correu a notícia; ou se por destino da Divina Providência, que dispôs se antecipassem nesta demonstração, os que com maior veemência participavam o sentimento de tão grande perda. Ao triste som dos nossos sinos foram correspondendo com as suas funestas vozes os mais sinos do Recife. O mesmo sucedeu na Cidade de

Olinda, quase ao mesmo tempo, principiando os sinos da Catedral; e corresponderam igualmente todos os sinos das mais Igrejas, e Conventos. Os dobres dos sinos continuaram pelos três dias seguintes com os seus costumados intervalos; a saber: às cinco horas da manhã, às nove, e doze do dia, às três da tarde, e às sete da noite: pois em casos semelhantes de tanta dor, e tão excessivo pesar só línguas de bronze, e vozes de metal podem dizer com viveza dura, o que o sensível, por amortecido, ou desmaiado, não sabe explicar.

Recebida a notícia da morte do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. João V pela carta do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Governador, e Capitão General, o Reverendo Padre Guardião do Convento, antes que com o melancólico som dos sinos se publicasse, junta a Comunidade dos Religiosos na Capela maior da Igreja, revestido de sobrepeliz, estola, e capa de asperges, fez cantar com toda a solenidade um Responso, e ofereceu pela alma do mesmo Rei defunto. Certamente, se pelo enternecido dos acentos, que saíam do íntimo do peito, mostraram ser espíritos Seráficos, os que o entoaram; pelo suave, com que suspendiam as atenções dos ouvintes, fizeram suspeitosas de Angélicas as suas vozes. A mesma cerimônia, ou tributo Católico se observou sem discrepância em todos os Conventos desta nossa Província, (por mandarem assim as nossas Leis, e Atas Capitulares) tanto que a eles chegou a lamentável notícia da morte do nosso Sereníssimo Rei, e Senhor D. João V.

Achava-se nesta ocasião o nosso Reverendíssimo Padre Provincial Frei Gervásio do Rosário visitando o Convento de Ipojuca, que fica distante da Vila do Recife, dez léguas para a parte Sul, com deliberação de vir visitando os mais Conventos por terra até a cidade da Bahia: mas tendo a infausta notícia da morte do nosso Soberano Monarca, mudou de parecer, e voltou para o Convento do Recife; donde tinha saído para nele com mais acerto determinar as demonstrações de sentimento que devia esta Província à saudosa memória de um Rei, de cuja grandeza, e liberalidade tinha recebido as maiores expressões do seu agrado, e benevolência, na especial graça de ser o seu Régio Protetor, além de muitas, e grandiosas esmolos, que mais cabem no largo sacrário do silêncio para se venerarem, do que nos breves caracteres deste papel para se dizerem. Chegado que foi ao Convento do Recife, logo sem demora resolveu sua Paternidade Muito Reverenda, que além dos sufrágios, que para as Pessoas Reais determinam as Leis desta Província, devia esta, pela razão de mais obrigada, singularizar-se com maior demonstração no sentimento da morte do nosso Monarca, ainda que sempre menos ao muito que devia; e assim mandou, debaixo de preceito formal, o que melhor se vê pela seguinte Carta Pastoral.

Frei Gervásio do Rosário, Pregador, Ex-Dissinidor, Padre, e Ministro Provincial desta Província de Santo Antônio do Brasil:

A todos os nossos amados Irmãos Guardiães, e mais Religiosos nossos súditos, saúde, e verdadeira consolação em o Senhor. Como quer que Deus, infinitamente justo, e misericordioso, pela primeira culpa de nosso pai Adão condenasse a todos os homens ao fatal e rigoroso tributo da morte, e de presente executasse esta terrível, e indispensável Lei na Soberana Pessoa do Muito Alto, e Muito Poderoso Rei, e Senhor D. João V de saudosa, e gloriosa recordação; cuja fatalidade devemos lamentar com as maiores expressões do nosso sentimento; porque nele perdemos um Monarca tão pio, e tão Católico, que por um longo, e felicíssimo Reinado tinha merecido o amor, e rendimento nos corações dos seus fiéis, e leais vassallos; e com muita particularidade lhe devia a nossa Religião Seráfica as mais exageradas venerações pelo cordialíssimo afeto, com que sempre a estimou, e muito especialmente esta nossa Província, de quem foi Protetor em todo o tempo do seu felicíssimo Reinado, favorecendo-a, amparando-a, e distribuindo-lhe muitos ornamentos, cortinados finos, e outras alfaias ricas, e preciosas, dignas todas da Sua Real Grandeza, para as Igrejas dos Conventos desta nossa Província. Pelo que, atendendo a todos estes motivos, e a outros mais, que calamos, pelos não vulgarizarmos; e querendo gratificar na morte tantos benefícios, de que na vida lhe fomos, e somos devedores mandamos a todos os nossos amados Irmãos Guardiães desta nossa Província, que, tanto que esta lhes for dada, façam um Ofício solene, com a maior pompa, e grandeza, que a opulência do lugar, e a possibilidade do Convento permitir, pela alma d'El Rei defunto; os Sacerdotes celebrem três Missas, os Irmãos Coristas três Ofícios de defuntos rezados, e os Irmãos Leigos trezentos padre-nossos, e trezentas Ave-Marias: tudo oferecido pela alma do mesmo Rei; além dos mais sufrágios, que pelas almas dos nossos Monarcas mandam fazer as nossas Leis. E para lhes não faltar o mérito da Santa Obediência, debaixo dela assim o mandamos, em virtude do Espírito Santo: e de terem assim cumprido, se fará termo ao pé dela, assinado pelo Guardiã, e Discretos do Convento. Dada no Convento de Santo Antônio da Vila do Recife, sob nosso Sinal, e Selo maior do nosso Ofício aos 12 de novembro de 1750.

Loco Sigilli.

Por mandado de Sua Paternidade
Muito Reverendo Frei João de
Jesus Maria,
Secretário da Província.

Frei Gervásio do Rosário
Ministro Provincial.

Com grande atenção foi ouvida e com maior vontade executada a Carta Pastoral do nosso Reverendíssimo Padre Provincial, tanto pela complacência, que reconciliava o objeto, a que se terminava; como pelo respeito devido de quem a mandou: e assim em todos os Conventos da Província, com a maior brevidade, e solenidade mais pom-

posa que permitiu o fúnebre, ou funesto do ato, se oficiaram as exéquias, e mais sufrágios consagrados à alma d'El Rei defunto. Não descrevemos a fábrica, magnificência, e perfeição dos Túmulos que se erigiram nos Templos dos nossos Conventos; porque ainda que neles houve distinção nas arquiteturas, segundo as diversas idéias seus Artífices, uns levantados pela ordem Coríntia, outros pelo método Jônico, e os mais formados pelo que chamam regular, e esta variedade de tantos artefatos poderia dar algum deleitável pasto à atenção; contudo pelo repetido, ou idêntico, não deixaria de enfatizar o delicado ou melindroso paladar daqueles, que na brevidade do que lêem, põem todo o seu gosto: foi notamos, que para demonstração da magnificência, com que se levantaram, e para expressão do sentimento, que inculcavam, não faltaram aqueles índices costumados, que melhor explicam a grandeza do objeto, e a intenção do sentimento.

O sentimento se inculcava intenso pela negridão das baetas, com que se cobriam, e enlutavam os Túmulos: e algum houve, que com o preto veludo quis testemunhar, ou o mais fino da sua mágoa, ou o mais denegrido da sua pena: mas no que o vivo deste sentimento se deixou ver a melhor luz, foi nas poucas, que alumiam os Mausoléus; porque em todos não passaram de oito tochas, que dispostas, e assentadas no primeiro plinto dos monumentos faziam uma bem ordenada confusão de luzes, além das que distribuídas pelos Altares alumiam os Templos. E se já houve pena discreta, que das luzes de um cenotáfio transformou estrelas para o firmamento, figurando que não sabia distinguir, se eram tochas, que brilhavam, ou estrelas, que resplandeciam; bem se pode agora decifrar, que em serem as luzes poucas, foi, ou para se cumprir exatamente a vontade do Rei defunto; ou para se significar melhor, com a diminuição do luzimento, o excesso da nossa mágoa: pois é certo, que quanto menos estrelas se descobrem no Céu, maiores sombras cobrem a terra.

Também concorreram para a expressão deste sentimento sumo os muitos ciprestes, que com pompa triste e fúnebre verdor florescia nos Túmulos: ou porque pela forma pareciam levantadas pirâmides, em que a mágoa gravou os seus efeitos, ou porque se a natureza lhes deu por representação a melancolia, e a arte lhes apropriou por terreno a sepultura; vinham aqui nascendo para hieroglifos certos da mais lastimada morte: de sorte que pelo fúnebre ornato dos Túmulos se descobria o intenso, e excessivo do sentimento: assim como pelo avultado, e arrogante de seus corpos, ou máquinas; pelo dourado, e prateado das rendas, e galões, com que se orlavam as peças; pelo rico dos véus, com que se cobriam os cofres; e pelo precioso das almofadas, em que descansavam as Coroas, e os Cetros, se ostentava a magnificência, e o realengo do seu objeto.

Tinha determinado o Reverendíssimo Padre Provincial, que o Convento do Recife fosse o primeiro nesta sentida demonstração,

depois de celebradas as Exéquias Reais na Sé Episcopal: mas como as disposições dos homens estão sujeitas aos juízos de Deus, permitiu este mesmo Senhor, que no terceiro dia da sua chegada ao tal Convento, lhe sobreviesse, ou da violência, e trabalho apressado do caminho, ou do abalo interior da infausta notícia, a sua costumada moléstia podagra, que padece nos pés: e como nesta ocasião foi mais impertinente, por crescerem de novo tantas causas, e motivos, não lhe era possível assistir, como desejava, pessoalmente aos Régios funerais; e assim resolveu que se deferissem até a sua total melhoria. Esta dilação interina deu lugar a que as mais Famílias Religiosas lhe precedessem nas expressões funerais, ficando as do nosso Convento do Recife destinadas para o Sábado 12 do mês de dezembro do mesmo ano de 1750.

Com os dobres dos sinos na noite de sexta-feira se deu princípio às Exéquias Reais, que se celebraram no Sábado. Capitulou o Offício, e cantou a Missa o nosso Caríssimo Irmão Pregador Frei Manoel de S. José, por se achar o Reverendíssimo Padre Provincial ainda mal convalecido da sua moléstia; que escassamente o deixou assistir no Coro ao Offício, e Missa, e na Capela maior da Igreja ao Responso. A toda a função funeral esteve presente de uma das tribunas da Igreja o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Governador, e Capitão General daquele Estado; a cujo exemplo concorreram todos os Cabos principais, e Subalternos da mesma Praça. Assistiram a este Régio Seráfico ato os Prelados de todos os Conventos, com muitos Religiosos seus súditos, além de outras muitas pessoas graves, e particulares. Nem faltaram a tão pio, e religioso obséquio a Mesa da Venerável Ordem Terceira da Penitência, a que presidia o seu Reverendo Padre Comissário Frei José de Santa Clara, Ex-Leitor da Sagrada Teologia, e o seu Irmão Ministro João da Costa Monteiro, Capitão-mor daquela Vila, com um grande número de Irmãos Terceiros, todos com tochas, e brandões de cera acesos nas mãos.

Acabado o Offício, e Missa, subiu ao púlpito o nosso Caríssimo Irmão Pregador Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, e tomando por temas as palavras do **Cap. I. do Ecclesiastes**, orou com tanta energia, e propriedade, que aos circunstantes pareceu ouviam ao mesmo Salomão Autor do tema. Nos bem fundados pontos da sua alta, e elevada Oração puderam melhor contemplar os discretos leitores as partes, de que se orna o engenhoso, e erudito discurso deste famoso Orador, que nós não sabemos julgar a quem ficou ele devendo mais na acertada eleição do tema, se ao Sábio Rei de Jerusalém, que formou para ele aquele texto; ou se ao Monarca mais entendido de Portugal, que com as suas singulares ações soube formalizar para si aquelas palavras.

No Convento da Cidade de Olinda já antecedentemente em 16 de novembro em uma segunda-feira se tinham celebrado pela feli-

císsima alma do nosso Soberano Monarca defunto as Exéquias funerais com luzida pompa, e engenhosa arquitetura, em que se viu competir entre si a perícia da arte com a preciosidade da fábrica, tudo por indústria, diligência, e atividade do Reverendo Padre Guardião do mesmo Convento o nosso Caríssimo Irmão Pregador Frei Ludovico da Purificação. Ele foi o que, com uma voz suavemente sonora, e com melodia mui terna, e atrativa, semelhante ao gênio, de que é dotado, capitulou o Ofício, e cantou a Missa, não sem grande renitência, por desejar, para maior horificência, e esplendor daquele ato, capitulasse o Ofício, e cantasse a Missa o nosso Reverendíssimo Padre Provincial, o qual, como se achava gravemente molesto, não pode condescender às suas rogativas; antes lhe mandou ordem expressa para não deferir as Exéquias, contentando-se, ainda que invito, com deferir as do Convento do Recife, onde se achava enfermo, para quando se achasse com alívio, e melhora na sua queixa: e assim se viu precisado o dito Padre Reverendo a fazer a função das Exéquias no dia mencionado.

Há acaso, que parecem mistérios, ou misteriosos: tal pareceu a enfermidade do nosso Reverendíssimo Padre Provincial, ainda que muitas vezes repetida, mui casual nesta ocasião; porque tendo Sua Paternidade Muito Reverendo determinado, assim que recebeu a infausta notícia da morte do nosso Soberano Monarca que o Convento de Recife, onde por duas vezes tinha sido Guardião, fosse o primeiro, que prorrompesse em demonstrações públicas de sentimento por tão grande, e irreparável perda, não surtiu o efeito desejado a sua determinação, em razão da moléstia podagra, que lhe sobreveio nos pés; e assim veio a conseguir o nosso Convento de Olinda ser o primeiro, depois da Sé Episcopal, que solenizou as Exéquias funerais do nosso Rei defunto. Primazia certamente devida de jure, e nisso consiste o misterioso. Porque além de ser o Convento da Cidade de Olinda a Capital da Província, e muitos anos desde o princípio da ereção da Província Capitular, até que por Decreto Régio, e Pontifício, passou a ser Capitular o Convento desta Cidade da Bahia, foi o primeiro Convento de Religiosos, que teve todo o Brasil; e a Igreja, em cujo âmbito se fundou o Convento, foi a primeira, que venerou o Estado de Pernambuco, dedicada a Nossa Senhora das Neves; cuja invocação ainda hoje conserva o Convento. Com razão logo devia ser o primeiro em expressar o seu sentimento pela morte de um Rei tão pio, e Católico, e sobretudo tão amante, e venerador dos Religiosos.

Assistiu às Exéquias celebradas no Convento de Olinda o Exentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom Frei Luís de Santa Tereza, Bispo de Pernambuco, com todo o seu Muito Reverendo Cabido. Assitiram também todos os Cabos, e Officiais maiores, e Subalternos daquela Cidade, toda a Nobreza, e pessoas principais dela; não faltando a este obséquo os Irmãos da Venerável Ordem Terceira da Penitência,

que formados em corpo de Mesa com o seu Reverendo Padre Comisário Frei Diogo de São Diogo, e com o seu Ministro o Muito Reverendo Padre Manuel Alexandre Pereira, Vigário colado da Vila de Penedo, assistiram com brandões acesos a todo o Ofício, e Missa. Acresceram na assistência, além dos Prelados locais de outras Religiões, e muitos Religiosos seus súditos, os Prelados Provinciais, que nesse tempo se achavam em Pernambuco, visitando cada um os Conventos da sua jurisdição. Foi Orador o nosso Caríssimo Irmão Lente atual de Prima, em a Sagrada Teologia, Frei Serafim de Santo Antônio, o qual certamente satisfez, e adequou o grande conceito, que dele se tinha, e se tem, pelo elevado engenho, sublime talento, e nervosa facúndia na arte Oratória, em que é famigerado aquele Bispado, e ainda em toda a nossa Província.

Em o nosso Convento da Vila de Iguarassu em outra segunda-feira 23 de novembro do mesmo ano de 1750 se fizeram também as Exéquias funerais pela morte do nosso Sereníssimo Rei, e Senhor D. João V não com menos solenidades, e grandeza, conforme a possibilidade da terra, e industriosa diligência, com que se mostrou empenhado na execução do preceito do nosso Reverendíssimo Padre Provincial, na sua Pastoral, expressado, o nosso Caríssimo Irmão Pregador Frei Manoel das Chagas, Guardião do mesmo Convento; o qual capitulou no Ofício, e cantou a Missa, sendo o Orador nessa função o nosso Caríssimo Irmão Lente atual de Vésperas em a Sagrada Teologia Frei José da Conceição: o qual elegendo por tema as palavras, com que a Igreja forma o Invitatório, e principia o Ofício de defuntos, organizou uma discreta, e elegante Oração com tal sutileza, e habilidade, que bem inculca o raro engenho, a singular talento de seu Autor.

Na mesma segunda-feira, e no mesmo dia 23 de novembro, em observância da Carta Circular do nosso Reverendíssimo Padre Provincial, se celebraram no nosso Convento da Cidade da Paraíba as Exéquias funerais pela alma do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. João V de saudosa, e inconsolável memória, com toda a grandeza, e fausto em nada inferior às que se fizeram nas duas Praças, de Olinda, e Recife, a contemplação, e obséquio do nosso Caríssimo Irmão, Ex-leitor de Prima em a Sagrada Teologia Frei Antônio da Purificação, Guardião do mesmo Convento, tão benquisto, aceito, e estimado dos moradores daquela Cidade, que todos à porfia com generosa liberalidade concorreram com os melhores damascos, veludos, e franjas, assim de ouro, como de prata, para o adorno, e ornato do Mausoléu com engenhosa traça, e admirável arquitetura fabricado. Capitulou no Ofício, e cantou a Missa o mesmo Reverendo Padre Mestre Guardião.

Assistiu a esta primorosa, e funesta ação o Senhor Governador da Cidade, Antônio Borges da Fonseca, com todos os Cabos, e Officiais

de guerra da mesma Praça, e com as pessoas nobres da Governança, e principais da mesma Cidade. Assistiu também o Muito Reverendo Doutor Vigário Geral, e Paroquiano da Matriz, Antônio Soares Barbosa, com toda a Reverenda Clerozia. Não faltaram os Muito Reverendos Prelados das Religiões, Digno Abade de S. Bento, Prior do Carmo, e o Superior da Companhia de Jesus com os Religiosos seus súditos. Não menos empenhados se mostraram nesta função os Irmãos da Venerável Ordem Terceira da Penitência, que formados em Corpo de Mesa com o seu Reverendo Padre Comissário, o nosso Caríssimo Irmão, Ex-Leitor da Sagrada Teologia, Frei Anselmo da Apresentação, e com o seu Ministro Manoel Antônio da Fonseca, assistiram ao Ofício, e Missa com tochas acesas nas mãos. No fim de tudo subiu ao púlpito, e orou o mesmo Reverendo Padre Comissário, o qual, valendo-se das palavras do **Cap. 30 do Eclesiástico** para tema, com discreta erudição vivamente expressou os gemidos, e sentimentos, que a Ordem Seráfica dava pela morte de um Rei, que sendo verdadeiro filho da Ordem Terceira, era pai amoroso de todas as três ordens de Francisco meu Padre.

No Convento de Ipojuca, que fica ao Sul, onze léguas da Cidade de Olinda, ficando os de Iguarassu, e Paraíba para a parte do Norte, com a Carta Circular do Reverendíssimo Padre Provincial deu ordem o nosso Caríssimo Irmão Pregador Frei José da Trindade, Guardiã do mesmo Convento, a fazer as Exéquias funerais pela alma do nosso Sereníssimo Rei defunto D. João V, e de fato se celebraram no dia 24 de novembro, em uma terça-feira, com toda a solenidade, pompa, que permitiu a possibilidade da povoação, e seu distrito; capitulando o Ofício, e cantando a Missa o mesmo Reverendo Padre Guardiã; a que assistiu toda a Nobreza do lugar, que se compõe das mais principais Famílias de Pernambuco. Foi o Orador o nosso Caríssimo Irmão Ex-Leitor da Sagrada Teologia Frei João de Santa Ângela Alagoas, o qual se não excedeu aos mais Oradores, que nesta ocasião de Exéquias Reais apararam a pena, e apuraram a viveza dos seus engenhos, certamente de nenhum foi excedido, tanto pela erudição de notícias, como pela sutileza dos conceitos, argúcia, e formalidade das provas.

No Convento da Cidade da Bahia duas vezes se fizeram as Exéquias funerais pela morte do nosso Augusto, e Soberano Monarca D. João V, de terna, e gloriosa memória; como este Convento sobre todos foi, e é o mais obrigado à alma do Rei defunto, pelas multiplicadas esmolas, contínuos, e mui especiais benefícios, que de sua Real grandeza, e liberalidade em vida recebeu, com singular destino dispôs a Divina Providência, que se duplicassem no mesmo Convento as demonstrações fúnebres de sentimento. A primeira vez foi em uma sexta-feira, dia 13 de novembro; em que feitos os **sinais** dos sinos desde às sete horas da noite antecedente até às **onze do**

mesmo dia, capitulou o Offício, e cantou a missa o nosso Caríssimo Irmão Pregador Ex-Definidor Frei Manoel de Jesus, Guardião do dito Convento: pois assim que no último de Outubro do ano passado de 1750 às seis horas da tarde se publicou nesta Cidade a triste e funesta notícia da morte do nosso muito amado, e estimado Monarca, pelos dobres dos sinos da Catedral, a que corresponderam todos os mais sinos de todas as Igrejas Regulares, e Seculares, que faziam, e causavam uma horrorosa confusão nos ânimos, e corações dos moradores desta Cidade, como vassallos tão fiéis, e leais à mesma Majestade, o Reverendo Padre Guardião, depois de fazer cantar um Responso solene em a Capela mor da Igreja pela alma do Rei defunto, estando toda a Comunidade dos Religiosos presente com luzes acesas nas mãos, logo determinou o dia mencionado 13 de novembro para as funções das Exéquias funerais, que com efeito se celebraram.

A segunda vez foi em uma terça-feira, 26 de janeiro deste presente ano de 1751, porque chegando a Carta Circular do nosso Reverendíssimo Padre Provincial em cinco de dezembro; e querendo o mesmo Reverendo Padre Guardião dar logo pronta execução ao seu mandato em 29 do mesmo mês, e estando juntamente pronto o Orador, que ele destinara; recebeu outra carta por mar, em que lhe avisava o Reverendíssimo Padre Provincial, partia depois do Natal para esta Cidade da Bahia por mar, e para se achar presente, e officiar as Exéquias: mas como a chegada não foi tão breve, como se supunha, deferiram-se as segundas Exéquias para o dia 26 de janeiro, em que se celebraram com toda grandeza, fausto, e aparato: levantou-se no meio entre o cruzeiro da Igreja, e as Capela-mor um Mausoléu, rica, e custosamente artificiado pelo mais insigne Arquitecto da Cidade Paulo Francisco, que também tinha engenhado, e assistido ao artefato do Mausoléu da Catedral. Solenizou o Offício, e cantou a Missa o mesmo Reverendo Padre Guardião, por não se achar o Reverendíssimo Padre Provincial ainda com forças, e consistência nos pés, para officiar, como desejava, e com esta tensão partira de Pernambuco: e assim foi necessário cortar por este desejo, e ceder às multiplicadas instâncias dos Médicos, que uniformes lhe proibiram a assistência officiosa desta função.

Assistiram às Exéquias do Convento ambos os Príncipes, Secular, e Eclesiástico, o Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom José Botelho de Matos, Arcebispo da Bahia, e Metropolitano do Brasil, no seu sitial, que se armou junto ao Mausoléu da parte do Evangelho; e o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor D. Luís Pedro Peregrino de Carvalho Meneses e Ataíde, Conde de Atouguia, e Vice-Rei deste Estado, em a primeira tribuna do corpo da Igreja da parte da Epístola defronte ao púlpito. Assistiram também o Chanceler, e mais Desembargadores da Relação, com os Doutores, Juiz de Fora do Cível, Juiz do Crime, e Juiz dos Órfãos: os Coronéis, e mais Officiais maiores

de Infantaria, Auxiliares, e da Ordenança: Toda a Nobreza da Cidade, e os Prelados de todas as Religiões, além de inumerável concurso de Eclesiásticos, e Seculares. Foi Orador o nosso Caríssimo Irmão Ex-Definidor Frei José dos Santos Cosme, e Damião, Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Teologia, Qualificador do Santo Ofício, e Examinador Sinodal do Arcebispado da Bahia, cujo engenhoso talento é publicamente celebrado, e aplaudido nesta Cidade, assim pela sutileza, e formalidade, com que argui nas Aulas, como pela erudição, e facúndia, com que discorre nos púlpitos; como testificam alguns Sermões, que correm impressos, e melhor testificara a Oração, que aqui se oferece.

No Convento da Vila de S. Francisco, distante dez léguas por mar desta Cidade, o nosso Caríssimo Irmão Frei Laureano de S. José, Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Teologia, e Guardião do mesmo Convento, tanto que recebeu a Carta Circular do Reverendíssimo Padre Provincial, prontamente resolveu executar o preceito nela intimado, solicitando com diligente cuidado tudo o que era preciso para se fazerem umas Exéquias, que correspondessem à Majestade, e Soberania do objeto, a quem se terminavam, e com efeito celebrando-as em o dia 20 de fevereiro deste presente ano de 1751, conseguiu o seu intento, tanto no artificioso, e polido do Mausoléu, como no esplêndido, e precioso do ornato, com geral pasmo, e admiração dos moradores do distrito daquela Vila, que concorreram e assistiram à função. Capitulou o Ofício, e cantou a Missa o mesmo Reverendo Padre Guardião: assistindo em todo ato funeral a Mesa plena da Venerável Ordem Terceira da Penitência, com o seu Reverendo Padre Comissário o nosso Caríssimo Irmão Pregador Frei Antônio do Loreto, e seu Ministro Baltasar da Costa Vulcão, tendo cada um brandão de cera aceso nas mãos.

Celebrado o Ofício, e cantada a Missa, subiu ao púlpito o nosso Caríssimo Irmão Ex-Leitor de Teologia Frei João de Deus, o qual orou com tal erudição, e energia, que deixou todo aquele povo, entre Nobres, e mecânicos, plenamente satisfeitos, e gratulabundo de ouvirem as relevantes virtudes, e excelências sublimes do nosso Monarca defunto, tão vivamente recitadas, e tão nervosamente applaudidas, que entre lágrimas, e suspiros reciprocamente se davam os pêssames de uma tão sensível perda, que não podiam, nem com a própria vida reparar; pasmados ao mesmo tempo, e admirados de verem em tão pequeno corpo, qual é o do Orador, talento tão agigantado.

Em todos os mais Conventos da Província, a saber: da Vila de Serinhem, da Vila das Alagoas, da Vila do Penedo, da Cidade de Sergipe, da Vila do Cairu, e de Paraguassu consta por carta dos seus Reverendos Padres Guardiões, e por atestação dos Religiosos Discretos dos mesmos Conventos, se fizeram Exéquias funerais pela ditosa alma do nosso Soberano Monarca D. João V da saudosa, e inconsolável memória, com toda a solenidade, e grandeza possível, segundo a

opulência, ou parcimônia dos seus distritos, sem omitir a menor diligência; nem ainda escutar o maior dispêndio. Em todos houveram, além do Ofício e Missa cantada, Sermões mui famosos, como consta de relações particulares: mas os Oradores revestidos da religiosa humildade, ou levados de algum outro motivo, sendo o mais certo, por não terem expressamente o preceito formal do Reverendíssimo Padre Provincial, para lhos remeterem manuscritos, nos privaram não sem grande mágoa, do gosto de os expor neste papel, para se lerem.

LICENÇAS DA ORDEM

Censura dos Muito Reverendos Padres Mestres Frei Manoel de Ferreira, e Frei João de Penamacor, Qualificadores do Santo Ofício, etc.

NOSSO REVERENDÍSSIMO PADRE GERAL

Tanto que conhecemos este livro, cujo título é **Gemidos Seráficos, Demonstrações sentidas, e obséquios dolorosos nas Exéquias funerais**, que pela morte do Fidelíssimo e Augustíssimo Rei o Senhor D. João V fez celebrar nos Conventos da Província de Santo Antônio do Brasil, o Muito Reverendo Padre Frei Gervásio do Rosário, Pregador, e Ex-Definidor, e Ministro Provincial da mesma Província, era parto admirável de entendimentos tão fecundos, como são os Filhos de tão sábia, e douta Província, formamos deles tão alto e sublime conceito, que nos persuadimos que não haveria neles que censurar, pois são os sujeitos, que concorreram para esta Obra, tão famigerados em ciências, e letras, que a qualquer deles se pode aplicar com verdade aquele Elogio de Casiodoro: **Huic tantis meritis praeulcenti, favendum est linguis, favendum eloquiis;** (Casiod. lib. 5. Variar.) e assim é suficiente saber de que Província são os Oradores destas Exéquias funerais, para evidente prova da sua bondade, pois nisso tem a sua maior recomendação: **Sol, disse Filo Hebreu, non opus habet interprete, nam ipse splendore suo fidem oculis facit.** (Pi. Heb. de Sacrif. Abel.) falando sobre outro assunto.

Porém para não faltarmos ao preceito de Vossa Reverendíssima, e à satisfação do grande afeto, com que veneramos aos filhos desta santa Província, com cuidado nos aplicamos a examinar este livro, e nele subiu o nosso conceito de ponto para admirações, tanto dos Oradores nas sutilezas, e proferindo a cada uma aquela sentença do Eclesiástico: **Quis sufficit enarrare opera illius?** (Ecles. 17.) como do elevado da matéria deste livro, dizendo outra sentença do mesmo Eclesiástico: **Virtutem autem magnitudinis eius quis enuntiabit?** (Ibid.)

melhor se não podem declarar as virtudes do nosso Monarca, nem com mais sutileza.

Decifraram estes Oradores as virtudes do nosso Monarca, que no procedimento da sua vida lhe deu a excelente matéria; e os Oradores, sendo muitos, na declaração delas lhe dão a forma, com tal verdade, e clareza, que parece que a sua vista se obraram, quando viviam em tão remota distância.

Seis foram os Oradores, que manifestaram estes Gemidos, e sendo seis penas tão diversas as que escreveram esta Obra, se equivocam de tal sorte, que a não se distinguem pelos nomes, todas parecem do mesmo: **Aequam erat sex caela morum.** (Exod. 37.) Mas como todas eram partos da mesma mãe, que tanto resplandece em letras: **Qui procedebant de stipite candelabri;** assim se haviam de haver para maior realce de seus talentos, e glória da sua mesma mãe; razão porque a cada um se pode aplicar o que a Igreja diz do nosso Santo Antonio: **Sapiente filio, Pater gloriatur.** (Eclesia)

Muitos créditos lhe tem adquirido com a singularidade dos engenhos, com que Deus o dotou, como podem publicar todos os que os conheceram Oráculos consumados em toda a matéria de ciências, não só na Teologia Sagrada especulativa, e prática, mas também em os púlpitos, dando inteligência aos lugares da Escritura mais recônditos, expondo-os com a energia mais clara, e dando à luz pelo prelo muitos Sermões eloquentes, e suaves, dos quais se pode dizer aquela sentença de Santo Agostinho: **Qui eloquenter dicunt sua a viter, qui sapienter, salubriter.** (D. Aug. lib. 4 de Doct. Chr.)

Enfim, muitas Orações fúnebres se recitaram nas Exéquias do nosso Monarca Rei, e Senhor D. João Quinto de gloriosa memória, e muitas se deram ao prelo para eternizada lembrança nos séculos futuros das suas virtudes, e não menos Epigramas, Sonetos, e Epitáfios, fazendo competência qual excederia na Eloquência, na Retórica, nos conceitos, e mais sutilezas literárias; porém o nosso afeto nos obriga a proferir, que as que lemos neste livro a tudo excedem, sem admitirem competência.

Dizem que um famoso pintor chegou à oficina de Apeles, e conhecendo que este estava ausente, pegou no pincel, e lançou uma linha dentro de outra de Apeles, deixando dito a seus discípulos, que quando viesse seu Mestre, lhe dissessem, que quem havia lançado aquela linha, era quem o procurava:olveu Apeles, e lançou outra terceira linha dentro da segunda do seu competidor, porém tão primorosa, e sutil, que era inacessível, assim a seu competidor, como a todos os demais. **Muitos engenhos, não só desta Monarquia, mas fora dela, formaram primorosos rasgos com as suas penas no falecimento do nosso Monarca, mas excedendo uns a outros deixaram sempre lugar a que se pudessem acrescentar, e adir novas sutilezas;**

mas este livro que se intenta imprimir, é tão elevado nas delicadezas de engenho, que duvidamos, que se possa acrescentar obra, que o exceda; quem empreender dar à luz Orações fúnebres, Epigramas, Sonetos, ou equivalentes Obras, não fará pouco se chegar a imitar, o que se divisam neste livro; que o excedê-lo será mui difícil.

Finalmente, nem a Província de Santo Antônio do Brasil podia eleger mais dignos Heróis para manifestação dos seus Gemidos, e dolorosas demonstrações no falecimento do Senhor Rei D. João V, nem este ter melhores Cronistas para a sua fama póstuma: pelo que julgamos este livro digno de se dar ao prelo. Este o nosso parecer, **salvo meliori**. Lisboa Hospício do Duque de Julho 6 de 1752.

Frei Manoel de Ferreira. Frei João de Penamacor.

Frei Pedro Juan de Molina, Leitor de Teologia, Teólogo de la Majestad Catolica en la Real Junta por la Imaculada Concepción, Ministro General de la Orden de Menores de Nuestro Santo Padre San Francisco, y siervo, etc.

Por el tenor de las presentes, y por lo que a nos toca, concedemos nuestra bendicion, y licencia, para que com examen, y aprovacion **in scriptis** de los Padres Leitores Frei Manoel de Ferreira, y Frei Juan de Penamacor pueda dar-se à la prensa um tomo intitulado: **Gemidos Seráficos, etc.** compuesto de varios Sermones, predicados en la muerte del Fidelissimo Rei de Portugal D. Juan V, en la santa Provincia de San Antonio del Brasil. Y en lo de más se observaram los Decretos del Santo Concílio de Trento, Reales pragmáticas, y lo que nuestras Constituciones Generales disponen. Dado en este nuestro Convento de San Francisco de Rioseco en 26 de mayo de 1752.

Frei Pedro Juan de Molina,
Ministro General.

Reverendíssima.

Frei Juan de Landa,
Pro Secretario General de la Ordem.

Reg. Tit. Prov.

DO SANTO OFÍCIO

Censura do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Alberto
de S. José Col, Qualificador do Santo Ofício etc.

ILUSTRÍSSIMOS SENHORES.

Li com a devida atenção este livro intitulado: **Gemidos Seráficos, Demonstrações sentidas, e Obséquios dolorosos** nas Exéquias funerais, que pela morte do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei o Senhor

D. João V, de saudosa memória, fez celebrar o Reverendíssimo Padre Frei Gervásio do Rosário, Pregador, Ex-Definidor, e Ministro Provincial da Província de Santo Antônio do Brasil, entre Bahia, e Pernambuco; e constando este bem merecido obséquio pelo muito que aquela santa Província se confessa obrigada, e o deve ser todo o estado Eclesiástico, de seis Sermões, em nenhum encontrei cousa, que levemente ofenda a nossa Santa Fé, nem a retidão dos bons costumes. Abonadas testemunhas tenho nos dois Sapientíssimos Censores, que viram este livro por comissão do Reverendíssimo Padre Geral de toda a Ordem Seráfica. Nem o serem domésticos pode diminuir o crédito das suas aprovações; porque além de serem conhecidos os seus talentos na República literária, não haviam faltar à verdade em matéria de tanto peso. Assim formo destes Sermões o mesmo elevado conceito, que deles fizeram tão sábios Censores, e julgo se deve dar a licença, que se pede, para se darem ao prelo. Carmo de Lisboa 7 de outubro de 1752.

Frei Alberto de S. José Col.

Vista a informação, pode-se imprimir o livro, que se apresenta, e depois voltar a conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 10 de outubro de 1752.

Frei R. de Lancastre. Silva. Abreu. Pais. Trigoso. Silveiro. Lobo. Castro.

DO ORDINÁRIO

Censura do muito Reverendo Padre Mestre Frei Manuel da Anunciação, Qualificador do Santo Ofício etc.

EXCELENTÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO SENHOR.

Manda-me Vossa Excelência veja um livro de seis Sermões fúnebres, demonstrações sentidas nas Exéquias funerais, que pela morte do nosso Fidelíssimo, e Augustíssimo Monarca o Senhor D. João V mandou fazer nos Conventos da sua Província o Reverendíssimo Padre Frei Gervásio do Rosário, Pregador, Ex Definidor, e Ministro Provincial da mesma; escolhendo para tão devida, e Régia empresa, entre tantos bons, os melhores Pregadores de sua Religião sagrada: cuja eleição tão discreta me podia isentar da censura. Porém como Vossa Excelência me ordena diga o que entendo nesta matéria, devo dizer, que logo pelo título destes dolorosos obséquios vim no conhecimento de quais poderiam ser os seus assuntos, tendo Oradores tão doutos: não só porque **Gemidos seráficos explicam seus afetuosos sentimentos; mas também porque estes devem ser os Oradores em semelhantes assuntos, suprimindo com gemidos mais dolorosos pelos dis-**

curtos mais elevados, e suspendendo as palavras mais discretas, para que tenham lugar as lágrimas mais sentidas: **Interdum lacrimae pondera vocis habent.**

E como estes Oradores tão doutos não só discorreram com tanto acerto nos seus assuntos, mas já têm aprovação dos seus domésticos, e de estranhos não menos doutos, com licença dos seus Prelados para dar ao prelo estes primorosos partos de seus entendimentos, e neles não encontro cousa alguma, em que se oponham aos dogmas da nossa Santa Fé Católica, ou bons costumes, me parecem dignos da licença, que pretendem; nem para consegui-la necessitavam de Protetora tão Régia, como imploram na sua Dedicatória oferecida à Rainha nossa Senhora, entendendo, que se no seu coração se formou um mar de sentimento, para ele deviam correr agradecidos estes rios de seus Gemidos Seráficos. Vossa Excelência mandará (como costuma) o que lhe parecer mais acertado. S. Domingos de Lisboa 15 de dezembro de 1752.

Frei Manuel da Anunciação

Vista a informação, pode-se imprimir o livro, de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 15 de dezembro de 1752.

D J A de Lacedemonia

DO PAÇO

Censura do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Antônio da Nazaré etc.

SENHOR

Sendo os Reais Decretos uns tais preceitos, que com a mais pronta obediência devem ser executados; e mandando-me Vossa Majestade ver este livro, cujo título é: **Gemidos Seráficos, Demonstrações sentidas, e Obséquios dolorosos**, nas Exéquias funerais, que pela morte do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei o Senhor D. João V, o Muito Reverendo Padre Pregador, Ex Definidor, e Ministro Provincial Frei Gervásio do Rosário mandou celebrar nos Conventos da sua Província, entre Bahia e Pernambuco, e agora quer fazer imprimir neste Reino; logo no exórdio me vi perplexo se devia obedecer sem escrúpulo e tão Régio, e Augusto Decreto: obedeci enfim como leal Vassalo, principiei a ler com gosto, continuei com assombro, e terminei com tanto júbilo, que a minha obediência se converteu em usura, e não menos interessada, que escrupulosa, fica a Vossa Majestade em dívida da maior parte do seu Real preceito, protestando que a

ser este livro, como é, de tanto crédito para esta Província de Santo Antônio; o revê-lo não deve ser sacrificio, que eu faça, mas sim benefício, que me agradeça.

Nasceu a Província de Santo Antônio do Brasil, desta Província de Santo Antônio de Portugal: esta lhe deu o ser como Mãe, e aquela como Filha agradecida que se preza muito de que, a que é honra sua, seja glória para a Mãe, que lhe deu o ser. Nascem os rios do mar, diz Salomão, e são os rios tão primorosos, que sempre correm para o mesmo mar, de onde nasceram: **Ad locum, unde exeunt, revertuntur.** (Ecl. cap. 1. n. 7). Generoso agradecimento, que, principiando correspondência, se vem a fazer usura. Tantos talentos, com que a Província de Santo Antônio da Bahia se exalta: Tantos Oráculos, com que se honra, que são, senão rios de eloquência, rios de sabedoria, que largando as correntes aos seus discursos, se bem fecundam com a afluência de seus estudos a Província em que existem, também com a abundância de seus Escritos acreditam a Província donde nascem: vários volumes, com que tem saído a público, são desta verdade os mais claros índices; e quando não fossem tantos, este, que se pretende manifestar ao mundo, ainda que limitado na aparência, é tão avultado na substância, que, sendo um, vale por seis volumes, pois tendo cada Sermão deste livro seu Autor diverso, a quem dá a primazia para o aplauso, cada Autor distinto dá ao seu Sermão a maioria para o apreço: é o que disse Cerdá em outro caso, se não idêntico, ao menos muito parecido: **Sermo Auctori suo compar, magnum dico, maius in pretio exclamare non potero** (Cerd. trat. 9 art. 5.)

Seis são os Autores, que escreveram estes seis Sermões para o prelo, tendo antes sido Oradores, que os recitaram no púlpito, empenhando-se, e desempenhando-se todos seis, assim ao pregá-los, como ao escrevê-los; em descobrirem textos os mais ajustados, assuntos os mais genuínos, conceitos os mais seletos, e pensamentos os mais sólidos; iluminando os pensamentos, e mais os textos, ilustrando os conceitos, e os assuntos com Sonetos, e Epigramas tão curiosos, que bem se pode gloriar a Bahia que em tão douta Província tem engenhos para tudo, e os melhores engenhos: engenhos para as letras, engenhos para Epigramas, engenhos para as maiores empresas, enfim engenhos de tão iguais predicados, que nas empresas de tão Augustas Exéquias, sendo todos seis irmãos no hábito, todos fiéis se devem reputar como primos no desempenho, se não quisermos dizer como únicos; pois já a obediência os destinou para tão Régias empresas a todos fiéis, como primeiros, sem segundos, e não sei se com grande mistério entre tantos destinou só o número de seis.

Toda a Família Seráfica, e qualquer Província de mesma Família, com tão obrigada, além das particulares, e domésticas, celebrou públicas Exéquias pela alma do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei

o Senhor D. João V de gloriosa memória, mas com esta diferença: que algumas províncias celebraram umas, outras duas; porém a Província de Santo Antônio da Bahia, sobre umas, celebrou mais cinco, que fazem seis; e seria o seu intento celebrando cinco mais, proporcionar este número com o Régio objeto, a quem diziam respeito: e muito mais quando já os antigos, como disse Virgílio, e o refere o Enigma Numérico, ornavam as Exéquias dos seus Monarcas com cinco Quinas por escudo: **Cadit quinque quinas de more bidentes;** (Egn. Num trad. 5 n. I.) mas eu dissera que o destino foi ou querer exceder as mais Províncias, ou querer mostrar-se agradecida ao muito que Monarca tão benévolo a venerava, favorecia, e amava entre as mais.

É o número Quinário, diz Santo Isidoro, tão perfeito, que, multiplicado este número, forma um círculo esférico; cinco vezes mais cinco, são vinte e cinco; cinco vezes vinte e cinco, são cento e vinte e cinco; e quanto mais se for multiplicando assim, achar-se-á que sempre principia em cinco, e acaba em cinco, formando assim um círculo perfeito, que acaba no mesmo ponto em que principia: **Quinarius numerus est sphericus, qui circulato numero multiplicatus, a se inchoat, et in se convertitur, ut quinquies quini, viginti quinque, quinquies viginti quinque, centum viginti quinque et sic in caeteris.** (D. Isid. orig. lib. 3. cap. 7.). Venerava, e amparava o Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei o Senhor D. João V à Província de Santo Antônio da Bahia enquanto vivo como seu Real Protetor, e como Benfeitor seu especial a favorecia com excessivo amor: e se o amor deve ser como um círculo, que, principiando do amante para o amado, do amado, como agradecido, deve tornar para o amante, buscando o seu princípio, como diz o Doutor Melifluo: **Magna res est amor, si ut circulus ad suum recurrat principium.** (D. Bern. sup. cant. Serm. 20). Querendo tão Santa Província gratificar a Monarca tão pio, tanto excesso de amor, que fez? Orou como todas as Províncias, e como nenhuma: como todas, porque celebrou umas Exéquias públicas como qualquer fez; e como nenhuma, porque, sobre umas, celebrou mais cinco, em que excedeu a todas: cinco mais, ou já para eternizar o seu agradecimento neste número, que multiplicado é esférico, e forma um círculo: **Quinarius numerus est sphericus;** ou também para desempenho do seu amor, que como círculo deve buscar o princípio, donde emanou: **Magna res est amor, si ut circulus ad suum recurrat principium.**

Com este gratulatório desempenho entre Seráficos Gemidos, Demonstrações sentidas, e Obséquios dolorosos, quis manifestar a Província de Santo Antônio da Bahia, e Pernambuco, no púlpito, tão preciso, e afetuoso holocausto; e agora deseja perpetuar no prelo este seu enternecido Régio, e Augusto agradecimento: Augusto, pelo Trono, a que o consagra; Régio pelo sólio, a quem dedica, e enternecido, pelo afeto, que o tributa. Vossa Majestade, a quem nesse

Trono, em que se exalta nesse Sólido, em que se entroniza, também este sacrifício respeita; como seu Rei Supremo, pode aceitar este tributo como seu, e satisfazer ao seu desejo; permitindo-lhe a licença, que pede, pois nada, do que neste livro se escreve, encontra as Leis, e Reais Decretos de Sua Majestade, que ordenará o que for servido. Lisboa no Convento de Santo Antônio dos Capuchos em 8 de janeiro de 1753.

Frei Antônio da Nazaré

Que se podia imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, que sem ela não correrá. Lisboa 11 de janeiro de 1753.

Marquês Padre Ataíde. Castro. Mourão.

IN OBITU DOMINI IOANNIS V.
PORTUGALIAE REGIS

EPIGRAMMA

Ioannes moritur? Minime; nam gratia nunquam
Forte perire ualer, cum super astra uolet.

[S. I. A.]

Aliud.

Si numerus quintus quinta est essentia rerum,
Ioannes Regum Quintus in orbe fuit.

[S. I. A.]

AD DOMINUM IOANNEM QUINTUM

**juxta traditionem referentem in eius capite post obitum
reperitum fuisse cerebrum amplius, ac diffusius, et
similiter majus pectus, ac magis amplum
praeter usitatum in reliquis.**

EPIGRAMMA

Lusitadum Rex Ioannes cognomine Quintus
Mortuus ostendit, qualis in orbe fuit.

Nam reliquis hominum cerebrum multo amplius, aequè
Amplius, et pectus, fertur habere suum.

Amplius in cerebro, in mente amplius: amplius ergo
Pectore, corde (scies) amplius esse notat.

Amplius in Ioanne quid amplius ipse requiris?
Si nihil amplius hoc amplius esse potest.

[S. I. A.]

DOMINI IOANNI V. LUSITANIAE REGI,
Salomoni comparato.

EPIGRAMMA

Aedificat Salomon Domino memorabile Templum:
Et Salomon melius dedicat alter ei.

Collocat in Templo Salomon sibi Faederis Arcam:
A Salomone nouo uera locata manet.

Exiterat sapiens Salomon: sapientior iste.
Dives erat Salomon: ditior iste fuit.

Ille suis pacem semper dilexit, et auxit;
Isteque multo magis pacis amator erat.

Ille venustus erat: facie speciosior iste:
Ille manus aperit: largior iste fuit.

Plurima ne dicam, (mentis nili fallit imago)
Istius Salomon ille figura fuit.

Ad tumultum quare Ioannis nomine Quinti
= En plusquam Salomon = dicere quisque ualet. (1)

[S. I. A.]

DE ASSIMILATIONE DOMINIS IONNIS V.
Cum Baptista Puero.

EPIGRAMMA

Ioannes Quintus mundo cum lumina claudit,
Baptistae Pueri nome, et omen habet.

Hic Rex cur moriens pueri sit prorfus Imago?
Nam mundo moriens nascitur ille Deo.

[S. I. A.]

(1) Luc. II, v. 32.

SUPER NUMERUM QUINARIUM

Omnia includentem. (2)

DOMINI IOANNI V.

Obeunti.

EPIGRAMMA

Si bene perpendas; numero sunt omnia quinque:
Omnia, quae pereunt, cum modo quinque cadunt.

In numero quinto rerum est essentia Quinta:
Quinta essentia obit, cum nece Quintus abit.

[S. I. A.]

AO SOBRENOME DO SERENÍSSIMO REI
DOM JOÃO V.

Em o seu Sepulcro.

DÉCIMA

Se jurais, e dizeis que
É das cousas quinta essência
O número Quinto, advertência!
Não jureis, porque é de fé.

E se o número Quinto é
Das cousas (como dizeis)
A quinta essência, deveis
Assentir ao que eu assinto,
Que El Rei Dom João o Quinto
Foi Quinta Essência dos Reis.

[S. I. A.]

(2) Quinque fut omnia. Enig. Num. Pág. 2.

DIGNISSIMUS IOANNI V. PORTUGALIAE REGI.
EPITAPHIUM

Ioannes Quintus monumento clauditur intus;
Regni liquit onus: nunc novus astra thronus.

[S. I. A.]

EPITAPHIUM

ACROSTICHON

Jinclytus examinis	Jacet hac sub sede sepuelchr	J
Orbis Rex ingens	Olim memorabile mund	O
Absque pari exemplum	Alcides virtude stupend	A
Numine resctrici	Notus, lapsisque levame	N
Norma, et virtutis	Nutrix, pacisque nutrime	N
E solio ad solium	E rectus, pacisque quiet	E
Sydera subpenitans	Sapiens dominabitur astri	S

[S. I. A.]

INSCRIPTIO

ACROSTICHON

Ingemat	Interitu	Ioannis	Iactite	Imbres
Omnis	Olyssipo	Officiosis	Obrutus	Orbis
Astipuletur	Aquis,	Assistat	America	Amanter
Nec non	Naiadum	Nutum	Nonnulla	Negare
Nolit	Nobiscum	Nunc	Notificare	Necesse
Extium est;	Euge	Effugiant	Epicedia	Epodon
Succedat	Subiit	Supremus	Sydera	Salvus

[S. I. A.]

EIDEM

Subditorum lacrymis inconsolabiliter deplorato.

EPIGRAMMA

Cursum agit ad manes Orbis maerore Ioannes,
Dum nescit miro parcere Parca uiro.

Lysia lamentat, Regi quoque terra parentat
Brasila, iure pati credo, dolore quati.

Impetus angoris, uirtus uiolenta doloris,
Qua caput, ergo ferit subdita membra, perit.

[S. I. A.]

ALIUD

Pergit ad occasum Ioannes Solis ad instar,
Lysia corda dolent, Brasila corda gemunt.

Sydera, si inspicias, caelestia in axe polari
Sole cadente micant, sole micante cadunt.

Sydera Lusiadae, mutata sorte, Paterno
Sole micante micant, sole cadente cadunt.

[S. I. A.]

EIDEM

Liberalitatis virtute summpere insignito.

Gloria Lusiadum Ioannes nomine Quintus
Praediues meritis sydera cella subit.

Diuitas Domino, thesaurum uouerat omnem,
Vouerat & templis munera, largus opes.

Denique ut offerret totum statione sub una,
Vitam, animamque Deo tradidit ille suam.

[S. I. A.]

PRAECLARISSIMUS DIGNISSIMUS IOANNES V.
LUSITANORUM REX,

Cum se ostenderet pacis cultorem uigilantissimum, ad
superos euolauit.

EPIGRAMMA

Designat Vrbs lacrymas, iam luctus desinat Orbis
Numine Rex gaudet, gaudia pacis habet.

Eximius pacis fuit usque fidelis amator.
Digna quidem merces uisio pacis erit.

[S. I. A.]

DESIDERATISSIMUS DIGNISSIMUS IOANNES V.
LUSIADUM REX,

Sepulto Sole, ad caelos transfertur.

EPIGRAMMA

Tempore, quo Paebus moriens sepelitur in undis,
Tollitur e uiuis Rex, super astra uolat.

Assuetus tenebris dare terga, adstantibus istis,
Abs dubio caelos lumen adire subit.

[S. I. A.]

ALIUD

Obstupeat nullus, miretur nemo potentem
Principem obire diu, non obiisse die.

Dormire in Domino cupiebat, nocte salubri
Non nisi se sommo praeueniente laret.

[S. I. A.]

ALIUD

Nocte obiit ueniente, diem Rex denique fatis
Succubito Princeps: **Stat sia cuique dies.**

Si tantum steti una dies tibi, Clare Ioannes;
Heu quantum regnis nox stetit **una tuis!**

[S. I. A.]

ALIUD

Lucis ad aocassum, atris succedentibus imbris,
Dirigit ad caelos Rex uenerandus iter.

Lux procul effugiat, iam tramite certus Olympi
Nescit ad empyream luce carere uiam.

[S. I. A.]

DIE VENERIS, CADENTE SOLE,
e uiuis sublatus est.

EPIGRAMMA

Lumen dat maius caelo Deus; ecce Ioannem
Terraes sic maius lumen & Ipse facit.

Sol, quia solus erat, sub caelum dicitur illud,
Istud sub terram Sol, quia solus erat.

Omnia uiuicat splendoribus illud & istud;
Sol equidem eventu currit uterque pari.

Ille diem sextum cum caludit luce minutus,
Protinus extremum claudit & iste diem.

[S. I. A.]

ELEGIA

Siste Saluator, paulisper siste Viator,
Te nunc inuito plangere, flere cito.

Nunc tibi mirari liceat, liceatque morari;
Vt sentire queas, in lacrymas & fleas.

Ima dolor tangit cordis, uiolentus & angit,
Nulli uim placat; nemo dolore uacat.

Gloria Lusorum, decus immortale uirorum
Bustis in sede iacet; quid nisi flere placet?

Luce est extinctus Ioannes nomine Quintus
Hunc duam Parca necat, regia sila secat.

Olim Rex fortis, spoliolum miserabile mortis
Nunc est; splendor abest, solus & horror adest.

Causa erat horroris, tristis nunc causa doloris,
Et causa est fletus, qui fuit usque metus.

Cui contracta aedes, cui Lysia paruus sedes
Claudit & urna leuis, seruat & urna breuis.

Iam non est lauro sedes redimita, nec auro
 Regis nam summi gloria serpit humi.
 Urnae sit stemma istud deplorabile lemma:
 Vix uentus, sumus, puluis, & umbra summus.
 Infelix oh Parca, fuit quo iure Monarcha
 Saeuitiae scopus? Heu impietatis opus!
 Sternere cur audes Regem? Cur impia gaudes?
 Improbat en tellus tam exitiale scelus.
 Me nosce inuitam, & Ioannis scindere uitam
 Veni corde dolens, ausa uenire solens.
 Saepe recusavi, Regemque ferire putavi
 Iussa, sed in uanum; sustinuique manum.
 Instare aeternum, decretum urgere supernum
 Postremum uidi; regia sila scidi.
 Eu oh Parca ueni, cunctus abscinde bipenni,
 Quae caput ense ferit, subdita membra terit.
 Unum sit sunus cunctis, ictusque sit unus,
 Nullus morte cauet, uiuere nullus auet.
 Plangere quid glisco? Quid deplorando fatisco?
 Quo plorando feror? Quid lacrymando queror?
 Lysia quid ploras, luctuque Bahía laboras?
 Mors ad celsa rapit, non quia terra capit.
 Vita fuit, laudanda, forte quare illa locanda
 Astris, sub tuto perpetuanda puto.
 Quaerat iure polum, solium sunt sydera solum
 Nunc sua scaeptra novans regia, regnet ouans.
 Aeterno princeps cum Principe, credo, deinceps
 Tutus regnabit, iura per aeuā dabit.
 Iam non vincendus, nec mortis falce premeundus
 Viuet, erit finis uita soluta minis.
 In melius sortem mutari, vincere mortem
 Sic moriendo patet, sors neque tanta latet.
 Proh dolor! Heu quantum tibi crescit gloria, tantum
 Corda aerumna ligat, fletus & ora rigat.
 Gloria Ioannes tua reddit gloria inanes
 Nos; uia laeta tibi, causa doloris ibi.
 Quis nunc tutamen? Quis nobis dulce levamen?
 Solamen uadit, subsidiumque cadit!

Cur nos dimittis? Cur lusam Lysiam omittis?
Iam, te absente, tem [i]t; deficiente, gemit.

Vocibushis mutus minime foret ille loquutus,
Laetus clamaret, talia uerba daret.

Praemia tantorum, requies, & meta laborum
Iam prope sunt, fatis uita peracta fatis.

Uita peracta fatis curis, Deus ecce beatis;
Me iuita donis, quae parat Ipse bonis.

Liquere mundana fas est, calcare profanas
Res, istas nolo, caelica dona uolo.

Caelica dona uolo, Dominum pro munere tollo,
Cuius me pronum propicio ante thronum.

Ante thronum magnum spero laetabilis agnum
Perpetim adorare, & cum prece thura dare.

Regna beatorum, palatia quaero polorum,
Est ubi summa quies, & sine nocte dies.

Denique iam cursum morula sine dirigo sursum,
Iam sine sine Deo persruiturus eo.

Eia? Age? Rumpe moras, caelestes aduola ad oras,
Splendor & inde fluit, delitiisque pluit.

Respice Rex flentes, orbos, tristesque clientes,
Ne subeat damum Lysia, tende manum.

Crescunt seruorum gemitusque, predesque tuorum,
His pietate fave: Rex uenerandus, aue.

Perpetuo gaude; Numen per faecula plaude;
Sit tibi solamen, sistque beamen; amen.

[S. I. A.]

Suspiros saudosos à lamentada morte do Sereníssimo
Senhor Dom João V. Rei de Portugal.

SONETO

Príncipe Augusto, luz da Monarquia,
Sendo Vós sempre firme, astro constante,
Hoje vos vejo estrela mais que errante
Nos limitados breves de um só dia:

Quando a Vós todo o Orbe conhecia
 Por Lua nos crescentes rutilante,
 Em eclipse funesto, em uma minguante
 Com pranto vos lamenta hoje a Bahia:

Quando Sol vos mostráveis sublimado
 No Zênite mais brilhante, e mais luzente,
 No Ocaso então vos vemos sepultado!

Neste Sol a mudança é mui decente:
 Pois se a terra é teatro limitado
 Para o Sol, só o Céu é competente.

[S. I. A.]

SONETO

Com incessável pranto todo, o mundo
 Lamenta tanta perda, e tanto dano;
 Pois perdeu um Monarca Soberano,
 No mundo singular, e sem segundo:

Com luto, dor, e pranto mais profundo
 Chora, pena, e padece todo o humano,
 Chegando o duro golpe, e tão, tirano
 No íntimo do peito, e no mais fundo:

Com justiça, e razão danos não fortes
 Com lágrimas se choram, repetidas,
 Que em azares se trocam hoje as fortes;

Pois o golpe das Parcas estrangidas
 Na vida, que tirou, causou mil mortes;
 Na morte, que causou, tirou mil vidas.

[S. I. A.]

SONETO

Ó Tu Parca cruel, morte tirana,
 Suspende do teu golpe a valentia;
 Pois com tão estranhável ousadia
 Ofendes a Coroa Soberana.

Buscas a Majestade toda ufana,
 A quem o mundo todo se rendia?
 Depõe, ó Parca atroz, essa porfia,
 Não te queiras mostrar tão desumana.

Tantas queixas da Parca o mundo guarde,
 Porque sempre fugiu do Rei potente
 Receosa em fazer do golpe alarde;

Pois para um Rei buscar tão excelente
 Obrigada até a morte vem covarde,
 Não podemos fugir, vem reverente.

[S. I. A.]

SONETO

Aquele Herói Preclaro, e Rei famoso
 De todos tão amado, e tão temido,
 Jaz do mundo apartado, e escondido
 No grave Mausoléu, e majestoso:

Aquele, a cujo, zelo fervorosa
 Todo o pobre se via socorrido,
 E de Deus qualquer Templo enriquecido,
 Pois liberal gastava, e generoso:

Se do dar vem de Deus o nome eterno,
 Por Excelso, Divino, e Soberano
 Podia também ter-se este Monarca:

Deus então, que só Rei é sempiterno,
 Para tirar do mundo tanto engano,
 Mostrou que era mortal, sujeito à Parca.

[S. I. A.]

À MAJESTADE AUGUSTA DO SENHOR DOM JOÃO V. REI DE PORTUGAL

Que se passou desta mortal vida a tempo, que também
 o Sol buscava o seu ocaso.

SONETO

Quando da terra ao Céu João subia,
 E do mundo morrendo se apartava,
 Também da terra o Sol já se ausentava;
 Porque do mundo a luz já se escondia:

Ou porque deste ocaso se doía,
 E sendo nas sombras se enlutava:
 Ou porque para o Céu já caminhava
 Outro Sol, que levava a primazia:

Se toda a luz porém no mesmo instante
 Da vista dos mortais se viu ausente,
 Outro motivo houve, e mais contante.

Em fazer aquela alma refulgente
 De luzes se esmerou o Sol brilhante,
 Por isso ambos faltaram justamente.

[S. I. A.]

Lenitivo na morte do Sereníssimo Senhor Dom João V. Rei de Portugal

SONETO

Suspenda a terra a dor, cesse a tristeza,
 Da Parca não se mostre mais sentida;
 Porque esta somente quis dar vida,
 E não quis ostentar sua fereza;

Foi o golpe da morte só destreza
 Para voar a glória merecida
 Uma alma, que do corpo suprimida
 Já queria deixar tanta graveza:

Se da morte rendido está prostrado,
 Nesta vida, que deu, deve a vitória
 Quem hoje para Deus foi transportado;

Pois passando da vida transitória
 Quem na terra com Deus sempre há reinado,
 Com Deus já vai reinar lá nesta Glória.

[S. I. A.]

EPITÁFIO

Aqui nesta Urna triste, ó caminhante,
 Quem contemplos a cinzas reduzido,
 Majestade é Augusta, e dominante
 Do Rei mais Sábio, Douto, e Entendido:
 No Cetro, que deixou por inconstante,
 Granjeou outro Cetro merecido
 Trocando o seu Império transitório
 Por outro Império excelso, e eterno Empório.

[S. I. A.]

ORAÇÃO NAS EXÉQUIAS FUNERAIS
DO FIDELÍSSIMO, E AUGUSTÍSSIMO
REI DE PORTUGAL DOM JOÃO V.

CELEBRADAS NO CONVENTO DE SANTO

Antônio do Recife

em Pernambuco, pelos Religiosos

Capuchos da Província de Santo Antônio do Brasil

aos 12 do mês de dezembro de 1750,

QUE RECITOU

Assistindo o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor

LUÍS JOSÉ

CORREIA DE SÁ,

Governador, e Capitão General do Estado de Pernambuco,

O REVERENDO PADRE PREGADOR

FREI ANTÔNIO DE SANTA MARIA

JABOATÃO

Filho da mesma Província.

**Ego Ecclesiastes fui Rex Israel in Ierusalem: . . .
Ecce magnus effectus sum, et praecessi omnes
sapientia, qui fuerunt ante me; et mens mea
contemplata est multa sapienter.**

Eccl. cap. I. v. 12. & 16.

Monumento triste, o que sustentas? Urna funesta, qual é o teu depósito? Mausoléu fúnebre, de quem és memória? Que és memória de uma Majestade defunta; isso inculca essa tua, ao mesmo tempo que grande, enlutada pompa. Que és depósito de um Cetro arrastado; isto vêem os nossos olhos. Que sustentas uma Coroa caída; isto percebe a nossa vista. Mas a cabeça, de donde caiu a Coroa; a mão, que largou o Cetro, e a Majestade, que inculcas defunta; nem tu por insensível o saberás dizer, nem o nosso sentimento o poderá ouvir. Isto é o que está mostrando em ti, entre tantas luzes, tantas sombras, entre tantos raios, tantas trevas, e tanto silêncio entre tantas línguas. Mas, já que as tuas sombras ofuscam as tuas luzes, já que as tuas trevas escurecem os teus raios, e já que o teu silêncio embaraça as tuas línguas; ouve outra vez o repetido eco das minhas vozes, que ainda que enfraquecidas pela mágoa, quebradas pela dor, e confusas pela perda, talvez exporão articuladas, o que tu calas emudecido.

Essa Coroa, que vês caída; esse Cetro, que divisas arrastado, e essa Majestade, que admiras defunta, é Majestade, é Cetro, e é Coroa de um Rei; que já o foi: **Fui Rex**. Mas adverte que foi um tal Rei, que ele só pode dizer que o foi: **Fui Rex**. Um Rei, que entre todos, os que lhe precederam, ele só foi o Rei Grande: **Ecce magnus effectus sum, et prae cessimnes, qui fuerunt ante me**. Mas se, porque foi somente Rei, o não conheces ainda, porque muitos há, que foram Reis; se, porque foi um Rei Grande, ainda o não alcanças, porque muitos se quiseram fazer também Grandes Reis; olha para o Reino, em que o foi, atende para o povo, de quem foi Rei, que certamente o conhecerás: **Fui Rex Israel in Ierusalem**, quem vale tanto, como diremos logo: Fui Rei de Portugueses em Portugal. Rei de Portugueses? Rei maior, que todos os que lhe precederam? Rei Grande em Portugal? Por mais que as tuas sombras, ó Túmulo lastimoso, o queiram ocultar; por mais que o teu silêncio, ó Eça lamentável, o não saiba dizer; a nossa grande veneração, o nosso singular afeto, e a sua saudosa memória estão publicando que aqui se deposita a Majestade suspirada d'El Rei Dom João V, ou o Grande, de Portugal.

Já agora, Rei, e Senhor nosso, já agora conhecemos todos que o tesouro desejado, a pérola perdida, que se deposita nesse horroroso cofre, é a memória viva de Vossa Majestade defunto: porque, além de o conhecermos assim, assim o está publicando o nosso grande sentimento. Não houve vassalo de Vossa Majestade, de qualquer estado, ou condição que fosse, que não sentisse, e sentisse muito a sua morte; que não chorasse, e chorasse com excesso a sua falta. Rei tão Grande, como Vossa Majestade: grande devia ser o sentimento em todos. Quando Cristo morreu na Cruz, sentiram geralmente, e sentiram muito a sua morte as criaturas todas; rasgou-se o véu do Templo: **Velum Templi scissum est**, (1) escureceu-se o Sol: **Obscuratus est Sol**, (2) quebraram-se as pedras: **Petrae scisse sunt**. (3) Estes foram os gêneros de criaturas, que sentiram, e muito, a morte de Cristo, e a razão de serem estes foi; porque nestes três gêneros de criaturas estão significados todos os estados de pessoas, de que se compõe um Reino. Compõe-se um Reino de Eclesiásticos, de Nobres, e de Plebeus, e todos estes sentiram muito a morte de Cristo. Por parte do estado Eclesiástico sentiu, e sentiu muito; porque se rasgou o véu, a quem a sua sorte deu o primeiro lugar em o Templo: **Velum Templi scissum est**. Por parte do estado dos Nobres sentiu, e sentiu muito; porque se escureceu o Sol, a quem a sua luz deu o esplendor para a sua nobreza: **Obscuratus est Sol**. Por parte do estado da Plebe, sentiu e sentiu muito; porque se quebraram as pedras, a quem a sua fortuna pôs no humilde da terra: **Petrae scisse sunt**. Mas assim havia de ser, que sentissem, e sentissem muito a morte de Cristo todos os estados; era o Cristo não só, o Rei de todos: **Si Rex Israel es**, mas o seu Grande Rei: **Rex Regum**; e na falta de um Rei Grande; grande deve ser o sentimento em todos.

Todos, Senhor, sentimos, e sentimos como devemos; porque sentimos muito a morte de Vossa Majestade. Os Eclesiásticos, os Nobres e os Plebeus. O estado Eclesiástico sentiu, e sentiu tanto, que se não se lhe rasgou o véu exterior, partiu-se-lhe no interior a alma, que é a vida do sentimento; porque em Vossa Majestade lhe faltou a sua Régia, e melhor proteção: **Velum Templi scissum est**; e rasgou-se em duas partes de alto a baixo; isto é, do maior ao menor: **Scissum est in duas partes a summo usque deorsum**; porque não só o sentiu em comum todo este grande Estado Eclesiástico, também em particular o sentiu, e talvez mais que todos, o Estado Menor, ou dos Menores, a Religião Franciscana toda; porque em Vossa Majestade perdeu tudo, e mais que todos. Mais que todos; porque em Vossa Majestade perdeu Rei, perdeu Patrão, perdeu

(1) Matth., 27, 51.

(2) Luc., 23, 45.

(3) Matth., *ibid*.

Benfeitor, perdeu Pai, perdeu Amigo, e perdeu tudo; porque tudo perdeu, quando perdeu a Vossa Majestade: **Velum Templi scissum est in duas partes a summo usque deorsum**. O estado dos Nobres sentiu, e sentiu de tal modo, que se não se lhe apagou de todo a luz, assombrou-se-lhe de alguma sorte o esplendor; porque em vossa Majestade lhe faltou aquele Régio Sol, que mais o ilustrava: **Obscuratus est Sol**. O estado da Plebe sentiu, e sentiu de tal sorte, que, se não estalou de dor, partiu-se de magoado; porque em Vossa Majestade lhe faltou uma grande porção daquela Real substância, que lhe dava alento: **Petrae scissae sunt**. Todos enfim sentimos, e sentimos com excesso a falta de Vossa Majestade; porque além de perdermos em Vossa Majestade um Rei, que foi para todos; perdemos por isso mesmo um Grande Rei: e na falta de um Rei Grande, grande deve ser o sentimento em todos.

Este é todo o objeto triste desta presente ação: este é o empenho fúnebre do meu discurso nesta hora. Depois de exprimir o sentimento grande, a pena excessiva, e a dor sem medida, que nos acompanha a todos pela morte do nosso Grande Rei; segue-se fazermos públicas ao mundo aquelas Reais prendas, que o fizeram um Rei Grande. Para tão grande, como sentido assunto, as palavras, que me ocorreram mais próprias, naturais, ou quase proféticas, foram as que já referi ao princípio, e são do Cap. I. daquele famoso livro, que compôs Salomão, chamado do seu próprio nome Eclesiastes, no qual este Rei se descreve a si, não só como Rei, ou o Rei Grande: **Fui Rex**, mas como quem foi, entre todos, o maior Rei, ou o Rei Grande: **Ecce magnus effectus sum, et praecessi omnes**. Mas porque não basta que um diga de si, que é grande, se não mostrar com obras, e ações o porque o é; com que ações, e com que obras mostraria Salomão que foi Grande Rei: **Ecce magnus effectus sum?** As suas últimas palavras o dizem admiravelmente, que são umas como causais das primeiras: **Mens mea contemplata est multa sapienter**. Porque fui um Rei não só sábio, mas o mais sábio de todos, os que me precederam: **Praecessi omnes sapientia, qui fuerunt ante me**; porque tudo, quanto obrei, o fiz com uma contemplação a mais sábia, discreta e acertada: **Mens mea contemplata est multa sapienter**; por isso fui um Rei maior que todos; por isso fui Grande Rei: **Ecce magnus effectus sum, et praecessi omnes sapientia, qui fuerunt ante me**. Estas palavras disse-as Salomão pela sua Pessoa; mas o nosso discurso mostrará que o espírito, ou alma delas encheu e desempenhou cabalmente o nosso Monarca. As obras de Salomão compuseram esta letra para Texto Sagrado; as ações do nosso Monarca lhe deram a alma, ou espírito para Epitáfio Real da sua sepultura. Para tudo isto não necessitamos, nem de autoridade; nem de exposição; porque a melhor exposição hão de ser as suas mesmas obras, e a autoridade maior é a da própria fama; que, já com as suas

vozes, já com as suas penas, lhe tem apropriado por estas ações o nome de Grande. E suposto foram as ações, as que lhe deram este Grande nome; como antes deste teve também Salomão o de **Eclesiastes** demonstrado com este notável pronome: **Ego**, comecemos por este, que ele nos mostrará melhor o que diremos daquele.

Não quero porém; que este meu discurso tenha outro nome, ou título mais que o de uma Oração fúnebre: e porque, como Oração que é, deve constar de pontos, ou partes: serão as partes, e os pontos dela tantos, quantos são também os pontos, ou partes da primeira Oração do meu Tema: **Ego Ecclesiastes fuy Rex Israel in Ierusalem**. Não excitaremos dúvidas, nem formaremos reparos, nem usaremos de outros tropos, ou figuras, que se permitem nos discursos panegíricos; porque neste, como Oração que é, só faremos muito por levantar o pensamento ao mais alto, a que puder subir a sua capacidade, para ponderar, meditar, ou contemplar as ações mais notáveis do nosso Monarca, tocando só de passagem aqueles Textos da Escritura, que ocorrerem para autorizar os pontos desta Oração. Começemos pelo primeiro.

Ego, Eu, diz Salomão. Com a demonstração deste pronome, disse este Sábio Rei de si tudo, quanto podia dizer em ordem ao ilustre da sua Pessoa, à nobreza do seu sangue, e à sua Real descendência: **Ego**, Eu sou Salomão, um Rei Grande, um Rei maior que todos os Reis; porque eu venho não só de Reis, mas dos maiores Reis; porque eu sou por descendência, e comunicação, da Real Tribo da Casa de Judá, Tribo sempre Real desde o seu princípio; Tribo sempre Régio (sic) pela sua comunicação. E assim digo bem, que enquanto a minha Pessoa, ao meu sangue, e a minha nobreza, eu sou Salomão: **Ego**, que foi o mesmo que dizer: Eu sou quem sou: eu sou como nenhum; eu sou melhor que todos: **Ego**. Desta frase usou Salomão para dizer de si o que era, e com muito acerto; porque desta mesma usou o próprio Deus, quando mandando a Moisés por Embaixador a Faraó, lhe disse assim. Dirás Moisés a este Rei intruso, que Eu sou o que sou: **Ego sum qui sum**; porque na grandeza, nobreza, e excelência nenhum é como eu; eu sou Deus por natureza, e eu sou Deus por comunicação, sempre Deus por essência da minha Divina Natureza, e Deus sempre por comunicação com Pessoas Divinas, e assim nenhum maior, nem melhor que eu; porque assim Eu sou o que sou: **Ego sum qui sum**. Nem Deus podia dizer mais de si, e nem de si podia dizer melhor Salomão; e bem pode dizer também o nosso Monarca: Eu sou quem sou; eu sou El Rei Dom João o V: **Ego**; Eu sou maior, que todos; eu sou um Rei Grande; porque por descendência, e comunicação, eu venho não só de Reis, mas dos maiores Reis porque eu sou do Real Tronco da Casa de Bragança. E quem não sabe, que a Casa de Bragança, por descendência,

e comunicação, vem não só de Reis mas dos maiores, e melhores Reis?

Foram primeiros Fundadores da Casa de Bragança o Senhor Dom Afonso, e Dona Brites Pereira. Era esta Senhora filha do incomparável Dom Nuno Álvares Pereira, segundo Condestável do Reino de Portugal, e por aqui de Reis; e Grandes Reis; porque dos antigos de Leão, e Lombardia. Foi Senhor Dom Afonso filho Del Rei Dom João o I, chamado o Mestre de Aviz, e assim vinha a ser o Senhor Dom Afonso nono neto do famoso Rei Dom Afonso Henriques, primeiro Fundador do Reino de Portugal. Foi El Rei Dom Afonso Henriques filho do Conde Henrique, a quem, por casar com Dona Teresa sua filha legítima, deu El Rei Dom Afonso VI de Castela em dote as terras de Portugal com o título de Condado. Foi o Conde Henrique neto de Roberto I Conde de Borgonha, e este segundo, e terceiro neto de Roberto, e Hugo Capeto, Reis de França, os mais nobres, e ilustres daquela Monarquia. E se tão Régias, como isto, são desde o seu princípio as raízes, de que brotou por descendência o Real Tronco da Casa de Bragança, por comunicação engrossou de tal sorte este tronco, que nenhum é também tão alto, e Régio como ele; pois para a Real Casa de Bragança tem dado Rainhas às maiores Coroas da Europa, e para todas elas tem também dado Rainhas a Casa de Bragança. E se tão grandemente Régio como isto é o Real Tronco da Casa de Bragança, sendo o nosso saudoso Monarca um dos mais altos ramos deste Tronco Régio, bem pode dizer: Eu sou Dom João V, Eu sou um Rei Grande, Eu sou maior que todos; porque pelo ilustre da minha Pessoa, pela nobreza do meu sangue, e pela minha Real descendência, Eu sou como nenhum: **Ego. Ecce magnus effectus sum.**

Isto é pelo comum da Casa, ou do Tronco do Nosso Monarca. E se atendermos agora mais para o particular da sua Real Pessoa, ainda é mais que isto; pois teve a sorte incomparável de ter por Consorte, e unir a este Tronco Régio a melhor flor de toda Alemanha, a Senhora Dona Maria Ana de Áustria, tão Ilustre, tão Nobre, e tão Régia, como a quem é Neta do Imperador, Filha de Imperador, e Irmã de Imperadores. Neta do Grande Imperador Fernando, Filha do Grande Imperador Leopoldo, e Irmã de dois Imperadores também Grandes, José Inácio, e Carlos VI: Rainha sempre Grande, como Esposa do Maior Rei; e muito Grande, como Rainha Mãe, que é do nosso Augusto, e Reinante Monarca, Rei Grande, como Filho de tão Grandes Pais, e Rei, que será muitas vezes Grande, como o está prometendo a singularidade também Grande do seu novo, e Augusto Nome: **Filius accrescens Ioseph; Filius accrescens.** Ou, para concluir melhor, digamos: Rei Grande uma vez, como Filho de um Grande Rei: **Filius accrescens;** Rei Grande outra vez, como Filho de uma Rainha também Grande: **Filius a accrescens;** e muitas

vezes Rei Grande em si mesmo por José: **Ioseph accrescens, Ioseph accrescens**. Como daqui se não pode subir a mais, passemos do pronome: **Ego**, ao nome: **Ecclesiastes**.

Eu, diz Salomão, fui chamado Ecclesiastes; e o nosso Monarca também o diz: **Ego Ecclesiastes**. É verdade, que Salomão foi o nome próprio deste Rei, e do nosso Monarca o seu nome próprio foi João. Mas assim como por estes dois nomes se distinguiram enquanto as pessoas, pelo de **Ecclesiastes** se identificaram enquanto as ações. Aqueles dois de Salomão, e João foram necessários para se conhecerem por distintos os sujeitos: Este de **Ecclesiastes** foi preciso para se mostrarem equivocados nas ações, vamos-lhes admirando a equivocação do nome.

Chamou-se primeiramente Salomão **Ecclesiastes**; porque foi um Rei não só sábio, mas o mais sábio de todos, os que lhe precederam: **Praecessi omnes sapientia, qui fuerunt ante me**; tão sábio, que teve juntas, e agregadas em sua alma, ou no seu entendimento, todas as ciências de todas as coisas naturais, juntamente com a alcançada por estudo, e adquirida por experiência; que por isso em lugar da palavra Grega **Ecclesiastes** põe o Texto Arábico **Congregans**; e o Texto Hebráico **Cohelleth, id est, Collector**, e quer dizer tudo, o que ajunta muitas coisas: **Dicitur Graece Ecclesiastes, id est, Congregans; Hebraice autem Cohellethe, idest, Collector, eo quod anima Salomonis cunctas in se scientias congregasset uel potius Deus congregatas, et in unum collectas, in Salomonis sinu effudisset**, escreve o Alápide neste lugar. Não quero dizer, que o nosso Monarca teve ciência deste modo infusa, como Salomão; mas digo, que da alcançada por estudo, teve toda a que bastava a constituir um Príncipe perfeitamente sábio; e da adquirida por experiência foi tão sabiamente douto, como mostraram todas as operações do seu entendimento: de tal sorte, que para se conhecer era assim douto, e sábio, bastava olhar para a sua Pessoa; porque além de ser nela gentilmente bem disposto, e parecido, grave no aspecto, e na representação majestoso, com todas estas perfeições, e graças naturais mostrava outra, não sei se superior, mas maior que todas; e era aquela notável circunspecção do seu entendimento, porque parecia, a quem o via, que media com reflexão, atentava com juízo, e contemplava com discurso as pessoas, as palavras, e ações de quem lhe falava. Isto dava a entender a quem o via, e isto mostrou em todas as operações do seu entendimento, pelas quais como a novo Salomão, lhe vem com muita propriedade o nome de **Ecclesiastes: Ego Ecclesiastes: Congregans; seu Collector**. Melhor o mostraram as mesmas ações.

Uma das coisas, em que muito, e sabiamente contemplou Salomão, e saiu com ela a luz, como parto feliz do seu entendimento, foi o mostrar-se sumamente inclinado à honra, veneração, e Culto

de Deus. E para que da confusão, e desordem, em que estava, se reformasse, e tornasse à sua melhor perfeição, edificou aquele seu grande, e celebrado Templo; no qual, depois de adornado com magnificência, quem nunca se viu, tudo rico, tudo precioso, e com abundância de tudo; pôs nele Ministros, e Sacerdotes, ordenou Ritos, e Cerimônias, para que ali, como representação de toda a Igreja, sossegada, pia, e devotamente fosse Deus melhor servido, e honrado; e por isso, escreve Alápide, dizem comumente os Sagrados Expositores, melhor que por outro princípio algum, se dá a Salomão o nome de **Ecclesiastes: Melius alii censent Salomonem dici Ecclesiastem, quod ex confuso hominum caetu, et tumultuante turba fecerit Ecclesiam ordinatam, pacatam, et piam.** Grande debuxo do nosso Monarca! Qual outro Salomão merece por isso o nome de **Ecclesiastes**. Quem não sabe a inclinação natural, ou gênio superior, que para o Culto Divino, honra de Deus, aumento da Igreja, veneração de seus Ministros, e exaltação do estado Eclesiástico teve o nosso Monarca, desde que teve a luz do entendimento? Os Templos, que edificou, a magnificência, com que os fez, a riqueza, com que os ornou, a perfeição, com que quis se celebrassem os Offícios Divinos, ordenando também para isso Cerimônias, e Ritos, com que melhor, e mais gravemente fosse Deus servido, e honrado; o gosto, e devoção, com que assistia às funções Sagradas, e nelas tão sábio, e previsto, que muitas vezes advertia, e emendava aos Ministros do Altar o mínimo ápice, ou ponto, a que faltavam; conseguindo assim no seu Reino, melhor que Salomão no seu, ver a sua Igreja ordenada, quieta, pia, e devota: **Quod fecerit Ecclesiam ordinatam, pacatam, et piam,** resplandecendo em tudo isto a sua Real grandeza, liberalidade, e sabedoria, a sabedoria com que dispôs, e ordenou tudo; a liberalidade, com que deu, a grandeza, com que o fez.

Diga tudo isto a sua Sé nova, e Patriarcal; e melhor o diga a máquina, ou Templo de Mafra, que na forma, matéria, e perfeição bem pode competir com o Templo, e máquina de Salomão; e digam-no finalmente as novas fábricas das Necessidades, nas quais, e em todas as mais, a variedade dos seus mármore, a idéia de sua arquitetura, o precioso dos seus ornatos, o rico das suas peças de ouro, prata, e bronze estão publicando, e publicarão eternamente, que foram obras de um Monarca não só Grande no poder, mas grande na sua sabedoria, com que tudo dispôs, com uma contemplação tão sábia, como sua, de engrandecer a Igreja, aumentar o Culto, e honra de Deus, e exaltar o Estado Eclesiástico. Este foi todo o fim, com que contemplou o seu entendimento sábio assentar no seu Reino um novo Patriarcado, nunca dantes nele visto; e nas suas Conquistas um novo Bispado na Cidade do Pará, emulação do seu Patriarcado de Lisboa; dois Bispados novos nas Minas do Brasil, e no mesmo Estado novas Paróquias, novos Curatos, e muitas Missões também novas, acrescentando as côngruas, e porções de todos os

Ministros da Igreja, e tudo para o mesmo fim de exaltar, e engrandecer o Estado Eclesiástico.

Todo ele comum o deve confessar assim; e em particular é grande testemunha de tudo isto a Religião Franciscana toda; pois foi tão grande, e notória para com ela o seu afeto, e piedade, que o moveram a tomá-la debaixo da sua Real proteção, particularmente a esta nossa Província do Brasil, dignando-se ser o seu Protetor. Amava de coração aos seus Religiosos, fazia-lhes grandes esmolos. Lá o dirão os que melhor o sabem, que nós cá diremos o que experimentamos. Para o Convento da Cidade da Bahia mandou um todo de veludo negro para os seus cinco Altares maiores. Outro todo para o Convento da Cidade de Olinda, de damasco de ouro com franjas do mesmo. Outro do mesmo modo para o Convento do Cairu; e para o Convento de Sergipe do Conde outro da mesma sorte, além de outras graças, e mercês mais particulares. E para cabal complemento desta sua grande, e afetuosa devoção para com esta Seráfica Família, quis que o seu corpo fosse amortalhado no hábito pobre de São Francisco levando só sobre ele as armas, e o manto Real de Grão Mestre da Ordem de Cristo. Grande confusão para aqueles, que, sendo inferiores aos Reis no hábito, não se querem parecer com este Grande Rei na mortalha. Grande honra para a Religião Seráfica, mas grande glória para este sábio, e piedoso Rei. Nem Salomão em toda a sua glória se soube por último vestir assim: **Nec Salomon in omni gloria sua coopertus est sicut.** (4) Até isto foi contemplação sábia do entendimento do nosso Rei: **Mens mea contemplata est multa sapienter,** para que fosse Rei Grande: **Ecce magnus effectus sum, et praecessi omnes.**

Verdadeiramente, que não podia o nosso Monarca contemplar meio mais acertado, nem máxima mais discreta para se fazer celebrado, famoso, e Grande ainda aos olhos do mundo, do que esta da honra, e Culto de Deus, reformação da Igreja, veneração dos seus Ministros, exaltação do Estado Eclesiástico. Reparem as histórias antigas, assim Sagradas, como profanas, e acharão nelas a todos aqueles Monarcas, e Reis, que mereceram o título de Grandes, ou Magnos, celebrados, e aplaudidos por tais, mais pelo que mostraram de piedosos ao de Deus, do que pelo que tiveram de esforçados ao do Mundo.

Quem fez a Alexandre Magno conhecido por tal? Sem repetirmos os grandes votos, e sacrifícios, com que se mostrou excessivo para com os seus falsos deuses; mais o exaltou a grande reverência, com que, entrando vitorioso, e triunfante na Cidade de Jerusalém, e saindo a recebê-lo às portas da cidade o Sumo Sacerdote Jado

(4) Math., 6, 29.

revestido nas vestiduras Pontificiais, assim como o avistou aquele bárbaro Rei, como se fora o maior Católico, lançando-se precipitadamente do feroz bruto, em que vinha montado, com sumo acatamento, e maior espanto dos seus, todo humilhado, e prostrado aos pés daquele Ministro de Deus, adorou o nome do Senhor, que trazia o Sumo Sacerdote esculpido em uma lâmina de ouro pendente da Mitra sobre a testa, e introduzido dali ao Templo, ofereceu sacrifício ao Deus verdadeiro, honrou em grande maneira ao Sumo Sacerdote, e mais Ministros do Templo, concedendo-lhes muitas graças, e isenções, e livrando ao povo de Jerusalém dos muitos, e grandes tributos impostos pelos Reis da Síria. Estes extremos da sua piedade, mais que os excessos das suas armas, lhe granjearam o nome de Magno. O que triunfou dos homens com as armas, pôs ao Mundo em um profundo silêncio: **Siluit terra in conspectu eius**; (5) o que tributou a Deus em piedades, ainda hoje o está aclamando por Grande.

Quem mostrou a Constantino Magno conhecido por este? Não as grandes vitórias, que alcançou dos homens; mas o muito que engrandeceu, e exaltou a Igreja de Deus. Quem pôs a Carlos I, de França o nome de Magno? Mais os muitos Templos, e Igrejas, que consagrou a Deus, do que as façanhas, heróicas, que entre as suas fábulas lhe atribuem as histórias. E quem finalmente deu a Dom Afonso III de Castela o nome também de Magno? Mais o que executou em honra de Deus, e da Igreja, do que o que conquistou dos Mouros. Os Mosteiros, Igrejas, e Templos, que fez, e especialmente o grande Templo de Santiago de Galiza, que sendo uma pequena Igreja de taipa, este famoso Rei a mandou fabricar de novo com grandeza Real: cuja consagração foi feita com a maior solenidade, e pompa, que até ali se tinha visto em Espanha; pois só de Prelados sagrados assistiram dezessete Bispos. O muito, que cuidou na reformação, e aumento do Estado Eclesiástico: e para extirpação dos abusos introduzidos nele pela comunicação, e trata com os Mouros, fez celebrar um Concílio nacional na Cidade de Oviedo; no qual, com autoridade do Sumo Pontífice João VIII, e diligência, e zelo deste piedoso Rei, se tornou a pôr na sua primitiva perfeição. Estas obras da sua piedade, mais do que as vitórias das suas armas, lhe granjearam o nome de Grande.

Estes são os quatro Reis, e Monarcas, que acho nas histórias expressamente decoradas com o nome de Magnos, ou Grandes, e não tanto pelas proezas das armas, como pelas empresas da piedade. Antes digo que o nome de Magnos mereceram estes Monarcas só pelo que mostraram de piedosos, e não pelo que tiveram de esforçados. E se não, vamos à História Sagrada, Quem mais esforçado do que

(5) I Macab. I, 3.

David? Quem mais guerreiro? Quem derramou mais sangue dos inimigos de Deus? Tanto, que o mesmo Deus o notou desta demasia: **Multum sanguinem fudisti, et plurima bella bellasti;** (6) e contudo não lemos que merecesse David o nome de Grande, nem ainda encarecimento algum excessivo, que o singularizasse entre os mais: e a razão é, porque, ainda que foi tão venturoso, guerreiro, e esforçado, não pareceu tão zeloso do Culto de Deus; pois não se acha que edificasse um só Templo para o Senhor: antes necessitando tanto dele, que em todo o tempo de Davi andou Deus na sua Arca por casas alheias, nunca este Rei se resolveu a fabricar-lhe o seu Templo; e se alguma vez cuidou nisso, o não quis o Senhor, só porque tinha sido Davi muito guerreiro: **Non poteris edificare domum nomini meo, tanto effuso sanguine.** (7)

E quem fez entre todos os Reis tão famoso a Josias, que afirma a mesma Escritura, que nem antes, nem depois dele houve outro, que lhe fosse semelhante: **Similis illi non fuit ante eum Rex; nec post eum surrexit similis illi?** (8) Certamente, que não foram as empresas militares; porque na única, que empreendeu contra o Rei de Egipto, nos primeiros reencontros da batalha encontrou com os últimos alentos da vida, perdendo-se a si, aos seus, e a vitória: o que o fez Rei Grande, e sem semelhante foi a piedade, com que mandou reedificar o Templo de Jerusalém, arruinado, e quase destruído de todo pelos Assírios, o zelo com que reformou a todo o estado, assim secular, como Eclesiástico, daquele tempo das idolatrias, ídolos, e abominações; e o muito que cuidou ao Culto, e honra de Deus, celebrando, e fazendo celebrar em todo Israel a festa grande do Senhor chamada **Phase** ou Páscoa, com a maior solenidade, que nunca até ali se tinha visto: **Non fuit Phase simile huic in Israel; nec de cunctis Regibus Israel fecit Phase ficut Iosias.** (9) Daqui se vê com toda clareza, como o que deu o nome de Grandes, ou Magnos a estes Monarcas, e Reis, não foi tanto o que venceram pelas armas; mas foi o que triunfaram com a piedade: ou, como ia dizendo, o serem piedosos, como Josias, e não esforçados como Davi, foi só o que lhes granjeou o nome de Grandes. E se para um Rei, ou Monarca, merecer o nome de Grande não lhe é necessário conquistar Reinos, vencer batalhas, e alcançar vitórias, basta-lhe só levantar Templos, aumentar o Culto de Deus, e engrandecer o Estado da Igreja; quem por ações como estas, e mais gloriosas ainda, poderá negar ao nosso Monarca o nome de Grande?

Grande foi Alexandre, Grande Constantino, Carlos e Afonso também Grandes; mas o nosso Monarca mais que todos estes Gran-

(6) I Paralyp., 22, 28.

(7) 4. Reg., 23, 25.

(8) 4. Reg., 23, 25.

(9) 2. Paralyp., 33, 18.

des. Não só porque no Culto, e honra de Deus, veneração, e aumento da Igreja, e o Estado Eclesiástico excedeu a todos; mas sim porque depois dos quatro, que tiveram o nome de Grandes, foi o último que mereceu este nome. E ser o último dos Grandes, é ser maior que todos. Que fosse Grande Alexandre, muito foi; pois foi o primeiro, que no mundo mereceu este nome. Que fosse Grande Constantino, já foi mais; pois pode ser Grande à vista de outro Grande: e muito mais, e mais foi que fossem Grandes Carlos, e Afonso, depois de tantos Grandes: mas depois de todos estes ser o nosso Monarca ainda Grande; isto é, sem dúvida, ser por último dos Grandes o maior de todos; ou entre todos eles ser por último só o Grande. Isto é por último; e por Quinto não é menos que isto. É o Quinto depois dos quatro, que tiveram o nome de Grandes; pois há de ser por Quinto o maior de todos.

Ao último Império, que há de haver no mundo, chamam, porque assim há de ser, o Quinto Império, e há de ser sem comparação o maior de todos: e a razão de ser tão grande é, porque como Quinto há de conter em si os quatro Impérios Grandes, que houveram no Mundo: o dos Caldeus, o dos Assírios, o dos Gregos, e o dos Romanos; porque todos estes grandes Impérios se hão de incluir naquêle Quinto, vindo a ser assim por Quinto o maior de todos; e o fundamento é, pelo fim, com que como Quinto se há de estabelecer este Império, para reformação de todo o mundo, e exaltação de toda a Igreja, e para aumento, e última perfeição do Culto, e honra de Deus.

Deixemos agora as conjecturas, por lhes não chamar profecias, que fazem ao nosso Reino de Portugal, por singularizado na honra, e Culto de Deus, aumento da Igreja, e exaltação de todo o seu estado, este Quinto, e último Império; que este foi também o fundamento, com que o mesmo Deus disse ao nosso primeiro Rei Dom Afonso Henriques, queria estabelecer nele este último, e Quinto Império: **Volo in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire, ut feratur nomen meum ad exterar gentes**, (10) e deixemos também o afeto, e vontade Portuguesa, com que aquele Pregador do século passado, também Português, e também Grande, percorrendo do nosso defunto Monarca, ainda antes de nascido, o fez último, e Quinto Imperador deste Quinto, e último Império; que o que eu posso concluir, é, que pelo muito que contemplou o nosso Monarca na exaltação da Igreja, e Estado Eclesiástico, veneração dos seus Ministros, no aumento do Culto, e honra de Deus: **Mens mea contemplata est multa sapienter**, o que possa concluir, é, que se não foi o último, e Quinto Imperador do Quinto, e último Império, foi por último, e Quinto entre os Reis, e Monarcas, que tiveram o nome de Magnos, ou

(10) VIEIRA, *Palavr. de Pregador Empenh.*, § IV, fol. 161.

Grandes, o maior de todos, ou entre todos o que por último, e Quinto foi só o Rei Grande: **Ecce Magnus effectus sum, et praecessi omnes.**

Para coroa desta particular excelência do nosso Monarca, seja-me lícito repetir aqui o que, falando em comum das suas excelências, cantou, debuxou, e imprimiu um Engenho deste Pernambuco. Debuxou a Fama em figura de um Gênio alado, que cortando velozmente os ares, espalhava pelo Mundo todo com o sonoro som da sua trombeta este Dístico heróico, com uma só palavra mudada ao nosso intento;

**Qua surgit Caeleste iubar, qua mergitur undis,
Credite, nil maius Quinto Reverente Ioanne.** (11)

Quer dizer em Dístico também heróico,
e Português:

Desde onde nasce, até onde se põe o Sol,
Não se deu para o Pio Rei Maior.

Depois de edificado por Salomão o seu Templo, e reformada aquela Igreja, contemplou este sábio Rei levantar também uma casa para a Sabedoria, pondo-lhe por fundamentos sete colunas fortísimas: **Sapientia aedificauit sibi domum, excidit columnas septem.** Esta casa, que para a Sabedoria edificou Salomão, como escreve A lápide com outros, era uma famosa Universidade, de cujas cadeiras, que eram sete, se ensinavam todas as ciências, e artes liberais; ou, como tem Pineda, e o Cartagena, era uma Real Academia, na qual se escreuiam as obras notáveis dos Varões antigos: **Sapientia aedificauit sibi domum, id est, Salomon Rex sapientissimus iuxta Regiam, et iusta Templum, immo in atrio Templi, aedificauit Academiam, in qua Doctores docerent sapientiam. Excidit columnas septem: septem ergo columnae sunt septem gymnasia, in quibus totidem erant cathedrae, equibus Doctores profiterentur omnes artes liberales.** E por isso se chamou também Salomão **Eclesiastes**, ou **Cohelleth**, que querem dizer **Recopilador**, ou porque nesta casa, como em uma Universidade, ajuntou todas as ciências; ou porque nela, como em uma Academia, recopilou todas as histórias: **Dicitur Graece Eclesiastes, id est, Congregans; Hebraice autem Cohelleth, id est Collector; gnomas, et dicta David Patris sui, caeterorumque Patriarcharum, et Prophetarum hoc libro coaceruauit, et in unum collegit.**

Nisto foi também no que muito, e sabiamente contemplou o nosso Monarca: levantou não só uma, senão muitas casas para a sabedoria; porque instituiu muitas Aulas, e Estudos, em que se ensinassem todas as ciências. E por que não saísse a sua contem-

plação da inteligência de Salomão, dentro dos mesmos Templos, Conventos, e nos seus Claustros quis se estabelecessem estas Aulas, e Estudos, como os Gerais de Mafra, entregues aos Religiosos Franciscanos: **In atrio Templi**; e os novos das Necessidades cometidos aos Reverendos Padres de São Felipe Néri, não só no atrio, ou Claustro do seu novo Templo; mas defronte do seu Palácio Régio, como o fez também Salomão: **Iusta Regiam... aedificauit** enobrecendo assim estes, como as antigas Universidades, de novas rendas, novos privilégios, e isenções também novas, assistindo com a sua Real Fazenda a muitos sujeitos, assim Religiosos, como Seculares, que tendo talento, e muito para as letras, tinham mui poucos talentos para as poder continuar. Tudo contemplação sábia do seu alto entendimento: **Mens mea contemplata est multa sapienter.**

E como isto não bastava para o muito, que o seu entendimento sábio sabia nesta matéria das ciências contemplar, lá foi, como Salomão, levantar uma Academia Real: **Aedificauit Academiam**; na qual pelos seus doutos Mestres, e incansáveis escritores se esquadrinhassem, ajuntassem, e escrevessem as obras virtuosas do espírito, as façanhas heróicas do esforço, e os partos científicos do entendimento dos Varões notáveis em letras, armas, e virtudes, e das mais antiguidade do seu Reino: **Aedificauit Academiam.**

E porque a esta Classe das ciências, e artes liberais pertencem a Música, a Pintura, a Escultura, e outras, para que até na contemplação delas se ajustasse o seu entendimento com o de Salomão: **Feci mihi Cantores.** (12) **Mitte mihi uirum, qui nouerit operari in auro, argento, aere, et ferro; purpura, coccino, et hyacintho, et qui sciat sculperre caelaturas etc.** (13) Lá procurou introduzir também no Reino a Música mais consoante, os Pintores mais destros, e os mais apurados Escultores, sem que lhe escapasse da sua contemplação, porque também são artes, e têm ciência, as novas fábricas de sedas, vidros, e outras, em que tudo mostrou sabia contemplar em tudo o seu entendimento alto; **Mens mea contemplata est multa sapienter.** Para se mostrar assim em tudo, maior que todos os Reis, um Rei Grande: **Ecce magnus effectus sum, et praecessi omnes.**

E se a esta parte de ser o nosso Monarca tão amante da sabedoria juntarmos a primeira, que já tocamos de ser um Rei em tanto extremo sábio, acharemos merece por isso não só o nome de Grande, mas um nome muito grande. Tudo, por abreviarmos, recopilou em outro Dístico o Poético engenho, que já apontamos, formando uma famosa mitologia entre o nosso Monarca, e o Deus Apolo, e formalizando, que dera Apolo ao nosso Monarca o seu

(12) **Eccles., 2, 8.**

(13) **Paralyp., 2, 7.**

entendimento, e com ele um nome muito grande, o qual só o merecem aqueles, que no Palácio do Sol, ou da sabedoria, ocupam aquelas duas casas, ou tronos, que são devidos aos sábios, e juntamente amadores da sabedoria.

**Nomen utranque domum per Magnum iolis
adimplet,**

Ingeniumque dedit doctus Apollo suum.

E se pelo nome de Ecclesiastes tem tão grande analogia com Salomão o nosso Monarca, não a tem menor pelo título de Reis, que foram ambos do povo, e Reino, em que o foram; que é o ponto, que se segue, conforme as partes da nossa Oração: **Ego Ecclesiastes fui Rex Israel in Ierusalem.** Ambos foram Reis, e Reis de um povo escolhido por Deus. Salomão do povo Israelítico escolhido por Deus para fundar com ele o seu primeiro Reino: **Elegit te Dominus Deus tuus, ut sis ei populus peculiaris;** (14) o nosso Monarca do povo Português escolhido pelo mesmo Deus, para estabelecer nele o seu último Império, como o disse o próprio Senhor ao nosso primeiro Rei Dom Afonso Henriques no campo de Ourique: **Volo in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire.** E se repararmos mais em o nome de um, e outro povo, ainda aparece melhor a congruência entre ambos. O povo escolhido por Deus, de quem Salomão foi Rei, chamava-se Israelítico; o povo escolhido pelo mesmo Senhor, de quem foi Rei o nosso Monarca, é o povo Português, e Português, como já apontamos ao princípio, val tanto, como dizer Israelita. Israelita não quer dizer outra coisa mais que homem forte, homem valoroso, homem constante. Este foi o título honroso, que deu Deus a Jacó, depois que forte, valoroso, e constante pelejou a braços uma noite inteira com o mesmo Deus, mudando-lhe então o Senhor em o de Israel o nome de Jacó: **Nequaquam appelabitur Iacob nomen tuum, sed Israel; quia si contra Deum fortis fuisti; quanto magis contra homines praeualebis.** (15) Isto quer dizer Israel, e não quer dizer menos que isto Português. Quem mais fortes, quem mais valorosos? E que homens há mais constantes, assim na fortuna, como na adversidade, do que os Portugueses? Nem temos necessidade de nos de termos aqui; porque disto de Portugueses estão cheias as histórias, e não falta nelas quem compare os Portugueses com os Israelitas: vamos a outra conveniência.

Foi Salomão Rei de Israelitas em Jerusalém, foi o nosso Monarca Rei de Portugueses em Portugal: **Fui Rex Israel in Ierusalem, id est, pacis visio;** lutar, em que se vê paz, e não de qualquer sorte, senão

(14) **Exodo,** 6, 7.

(15) **Genes.,** 32, 28.

uma paz, que sempre se vê. E assim como em Jerusalém nunca se viu mais paz do que no tempo de Salomão, porque a teve continuada por todo o tempo, que reinou, que por isso se chamou Salomão, que quer dizer pacífico: **Salomon, id est, Pacificus**; assim também quando se viu em Portugal mais paz, do que no Reinado de nosso Monarca? Esta paz foi todo o seu cuidado; esta paz foi a coisa, em que mais contemplou o seu entendimento. Quantos meios, quantas indústrias, e que de máximas não contemplou para conservar esta paz, e tudo com discrição, acerto, e sabedoria; sem que para manter esta paz reparaste, nem ainda em grandes dispêndios do seu Real Tesouro? Donde se segue outra contemplação do seu entendimento, e, tão sábia como sua; e é, que não contemplava em conservar esta paz por outro princípio algum, senão só pelo bem comum do seu Reino, quietação do seu povo, e sossego dos seus vassalos. E quando não tivesse o nosso Monarca outra excelência Real, esta só bastava para o constituir um Rei mas que todos Grande. Rei Grande, Rei Superior, a todos chamou a Igreja a Cristo, quando o viu nascido, e não por atributo algum da sua Divindade, só pela excelência de Rei Pacífico: **Rex pacificus magnificatus est vehementer**. Isto foi o mais, que disse a Igreja deste Pacífico, e Soberano Rei; e nem do nosso Rei se pode dizer mais do que isto; que pelo muito, que pela paz, e sua conservação contemplou sabiamente o entendimento do nosso Monarca: **Mens mea contemplata est multa sapienter**, foi um Rei maior que todos, um Rei Grande: **Ecce magnus effectus sum, et praecessi omnes**.

E se aqui fizermos mais uma breve reflexão sobre esta paz do nosso Monarca, ainda o veremos por ela muito maior. Sendo tão conhecido o nosso Monarca dos mais Reis, e Príncipes por Grande, e Poderoso em tudo, ainda foi conhecido por mais Poderoso, e Grande por esta sua paz. De sorte que conseguiu o nosso Monarca com esta sua paz só, o que com todo o poder das suas armas não puderam alcançar os mais Reis. Tudo exprimiu neste Dístico o Poético Engenho, que já outras vezes deixamos apontado.

**Regia Gens timuit Magnum, sed pace potentem,
Quod nulli robur Pax dedit esse magis.**

Assim viveu, e acabou em paz o nosso Monarca; e assim como acabou em paz a presente vida, assim podemos crer piamente entraria na outra também em paz. Para o crermos assim nos dá bastante motivo a última contemplação do seu entendimento, em a qual mostrou era verdadeiramente Rei sábio. Oito anos antes da sua morte, e depois de acometido por aquele fatal achaque, que sendo o seu primeiro efeito com os movimentos do corpo privar juntamente das operações do entendimento, para mostrar que o do nosso Monarca era superior a todos, nunca lhe ofendeu o entendimento, ainda quando mais lhe prostrava o corpo; porque enfermo, e tão enfermo sempre

nas disposições, e acerto delas, mostrou obrava com uma contemplação a mais sábia. Mas aonde acabou de mostrar, que sabiamente contemplava todas as coisas o seu entendimento, foi, como íamos dizendo, naquela famosa resolução, com que, conhecendo pelo achaque, ainda no seu princípio, era mortal; quis morrer antes de morrer: largou o governo, deixou a administração do Reino, e tratou só de preparar-se para a última hora, que com efeito a teve tão feliz, como mostraram os efeitos, pelas sete horas da tarde do dia último de Julho deste mesmo ano. E aqui temos desempenhadas cabalmente nas últimas contemplações do nosso Monarca as principais palavras de Salomão: **Fui Rex, fui Rei.**

É sem dúvida, que quando Salomão disse que fora, ou tinha sido Rei, não o disse porque naturalmente estivesse já morto, porque então o não diria ele; mas disse-o, porque moralmente se contemplou morto. Porque conhecendo era mortal, e havia morrer, levado deste conhecimento, contemplando a brevidade da vida, a vaidade do Mundo, como ede mesmo o disse nesta ocasião: **Vanitas uanitatum: et omnia uanitas, dixit Ecclesiastes,** e outras muitas coisas, que aqui deve contemplar quem é sábio; movido de penitência largou a administração, e governo do Reino, e por isso se tratou como morto, ou como quem já não era Rei como fora: **Fui Rex, fui inquit, iam non sum, quia es si sum idipsum, iam nihil esse agnosco quod sum,** conclui o Alápide neste lugar. Todas estas coisas contemplou aqui o entendimento de Salomão: **Mens mea contemplata est multa sapienter.** E que de coisas como estas não contemplou o entendimento do nosso Monarca na ocasião, em que, conhecendo era mortal, deixou de ser Rei: **Fui Rex!** Contemplou primeiramente, que o Rei, que é sábio, deve entender todas estas coisas; deve conhecer, que o Rei entre todos os homens é o mais mortal: tão mortal, que morre duas vezes; tão mortal, que sempre morre mais depressa; tão mortal, que o mesmo é ser Rei, que estar já morto. Contemplemos nós agora também o como tudo isto é certo, e logo veremos, como isto tudo foi contemplação sábia do entendimento do nosso Monarca naquela última resolução de se conhecer mortal: **Fui Rex.**

A muitos Reis parece, que aquela mesma fortuna, que os fez maiores, os fez também imortais: pelo menos quando o demônio prometeu a Adão que havia de ser Soberano: **Eritis sicut Dii;** logo lhe insinuou que havia ser imortal: **Nequaquam moriemini;** parecendo-lhe aquele espírito mentiroso, que não poderia Adão crer a promessa da maioria, sem o atributo da imortalidade. Assim parece ao Rei néscio, ao Rei ignorante; mas ao Rei, que é entendido, ao Rei sábio não lhe parece assim. Não só conhece que os Reis são mortais, mas entende que ainda são mais mortais, por isso mesmo que são Reis. E tão mortais, que morrem duas vezes. Ora notem. São tão

mortais os Reis, que estando a morte avinculada à natureza humana, aos mais homens vêm-lhes a morte pelo que tem de homens; aos Reis vêm-lhes a morte pelo que tem de homens, e pelo que tem de Reis. Morrem os homens por uma só via, morrem os Reis por dois princípios: ou, para o dizer melhor, os mais homens morrem uma só vez como homens: **Statum est hominibus semel mori**; os Reis morrem duas vezes, morrem uma vez como homens: **Vos autem sicut homines moriemini** (16), e morrem outra vez como Reis: **Et sicut unus de Principibus cadetis**. E assim o pedia a razão; porque como vivem com duas vidas, uma, com que como homens vivem ao tempo, outra com que como Reis vivem ao ofício; assim era justo tivessem duas mortes, ou morressem duas vezes, uma como homens, outra como Reis. Tudo disse aquele Profeta, que também foi Rei: **Non moriar, sed uiuam**. (17) Não hei de morrer, hei de viver, dizia Davi. Um destes termos parece demais. Quem não morre, é certo que vive; pois se diz Davi uma vez, que vive: **Non moriar**; como diz que vive outra vez: **Sed uiuam**? Já está dito. Era Davi Rei, e era entendido, e como tal conheceu que, como Rei, tinha duas vidas, uma, com que vivia como homem, outra com que vivia como Rei; e por isso disse vivia duas vezes: **Non moriar, sed uiuam**. E se os Reis têm duas vidas, ou vivem duas vezes; duas vezes hão de morrer: são mais vivos, que os mais, pois sejam também mais mortais: vivem como homens, e como Reis; pois morram como Reis, e como homens. Mas advertam, que se como homens têm a morte certa: **Statutum est hominibus semel mori**; como Reis têm a vida breve: **Principatus uita breuis**, e tão breve, que se como homens podiam morrer mais devagar, ou mais longe: **Mori**, como Reis acabam mais depressa, morrem com maior brevidade: **Principatus uita breuis**.

Ainda mais: são tão mortais os Reis, que, ainda quando vivos, sempre se devem contemplar como mortos. Em casa de dois Grandes de Judéia entrou Cristo em certa ocasião, em casa de Pilatos, e em casa de Herodes. Em casa de Pilatos vestiram ao Senhor com uma púrpura vermelha, divisa de Rei: **Induunt eum purpura**. (18) Em casa de Herodes vestiram-no com uma roupa branca, mortalha de defunto: **Indutum ueste alba**. E assim devia ser, entrou Cristo ali feito Rei: **Quia se Regem facit**; e anda tão unida a mortalha com a púrpura, que ao mesmo tempo, em que o Senhor teve a púrpura de Rei na roupa vermelha, teve a mortalha de defunto na roupa branca. No mesmo dia, em que Pilatos vestiu como Rei: **Induunt eum purpura**; Herodes o amortalhou como defunto: **Indutum ueste alba**.

(16) **Psalm.**, 81, 7.

(17) **Psalm.**, 117, 7.

(18) **Marc.**, 15, 17; **Luc.** 19, 11.

Que outra coisa era serem os Reis antigamente ungidos, quando os coroavam, se não fazê-los certos, de que o mesmo era neles entrar a reinar, que começar a morrer: Melhor o diremos: ungidos quando coroados, porque entendessem que, se como homens estavam vivos, como Reis já eram mortos. Quando os antigos Romanos coroavam aos seus Imperadores, ao mesmo tempo, que lhes assentavam a coroa na cabeça, e na mão o Cetro; entrava um mestre de obras de cantaria com uma salva, e nela três pedaços de pedra: um mármore branco, um pórvido negro, e um polido jaspe, e dizia assim falando ao Imperador: **Elige existis saxis, Augustissime Caesar, ex quo ipse tibi tumulum me fabricare uelis;** escolhe, ó Imperador Augusto, de qual destas pedras queres se lavre o teu sepulcro; como quem lhe advertia; entendeste, que o mesmo era subir para o Trono, que descer para a sepultura: porque se como homem se achava vivo, como Rei se devia contemplar morto. Mas isto só o contempla um Rei, que é sábio; por isso contemplando como sábio tudo isto Salomão, sendo ainda vivo, como homem, concluiu-se morto, como Rei: **Fui Rex.**

E tudo isto contemplou o nosso novo Salomão sábio, e defunto Rei: **Fui Rex.** Foi Rei, porque, como Rei que foi, morreu duas vezes, uma quando naturalmente morreu, outra quando conheceu que havia de morrer. Morreu uma vez, quando como homem se lhe acabou a vida; e morreu outra vez, quando como Rei sábio conheceu que esta vida se lhe havia acabar. Morreu antes de morrer. Morreu antes, e morreu depois. Morreu cedo, e morreu tarde. Como homem havia morrer uma vez, quando com efeito morreu; mas como isto havia ser mais tarde, quis como Rei morrer mais cedo; e morreu, quando na deixação do governo conheceu que havia morrer. E isto mesmo foi mostrar que, sendo vivo como homem, era já morto como Rei: **Fui Rex.** Mas por isso mesmo, que contemplou sabiamente todas estas coisas: **Mens mea contemplata est multa sapienter,** foi maior que todos os Reis, foi um Rei Grande: **Ecce magnus effectus sum, et praecessi omnes.**

Morreu finalmente assim o nosso sábio Rei, morreu o nosso Rei Grande, morreu El-Rei Dom João V! Mas não disse bem. Não morreu; porque o Rei, que é sábio, o Rei que sabe contemplar tudo isto, que contemplou o nosso Rei, ainda que se podia dizer que foi Rei, porque morreu; não se deve dizer que acabou, porque foi um tal Rei: **Fui Rex.** . . . Ouviram tudo quanto contemplou o nosso Rei? Pois ainda contemplou muito mais: ou, para o dizer melhor, tudo quanto contemplou para morrer, foi buscar um novo modo para nunca acabar. Contemplou morrer duas vezes, para vir a não morrer nenhuma. Contemplou morrer antes, para não morrer depois. Contemplou-se sempre morto, para viver eternamente. Aí não há mais contemplar! Ora vejam como foi discreta esta sua contemplação.

É sem dúvida que não há remédio para fugir à morte; mas se algum pode haver, é só a contemplação da mesma morte. Quando Deus criou a Adão naquele primeiro estado de imortal, a primeira coisa, que fez para lhe conservar esta imortalidade, foi por-lhe a morte na contemplação: **In quocumque die comederis ex eo, morte morieris**; como se dissera, ou quisesse dizer Deus: contemple-se morto Adão, que logo se conservará imortal; porque a oficina da vida é a contemplação da morte. Quem se contempla morto, faz-se imortal. E é isto tanto assim, que a coisa primeira, que o demônio intentou também tirar a Adão, para o fazer mortal, foi a contemplação da morte: **Nequaquam moriemini**; e assim aconteceu; porque o mesmo foi esquecer-se Adão da morte, que achar-se logo morto: **Cum cognouissent se esse nudos**. Mas isto, que não entendeu aquele primeiro Rei da natureza, por se querer fazer néscio: **Homo cum in honore esset, non intellexit**; contemplou como sábio o nosso Rei: contemplou-se morto por tantos modos, para que por nenhum princípio pudesse acabar.

Dissemos que o nosso Monarca vive, e viverá eternamente, mas não dissemos ainda que vida é esta, que há de viver. Digo que é a vida dos que morrem, porque conheceram que haviam morrer. É a vida dos Justos, porque só estes, como verdadeiros sábios, é que têm este conhecimento. E por isso, ainda quando morrem, não morrem. E esta é toda a razão; porque a morte dos Justos se chama vida, e ao dia do seu trânsito se chama dia do seu nascimento: porque então, quando morrem, é que começam a viver a verdadeira vida. E porque supomos que o nosso Monarca morreu como Justo; porque como Justo conheceu que havia morrer: por isso dizemos, que ainda vive, e viverá eternamente, quando conhecemos que já é morto: **Fui Rex**.

Ainda não dissemos tudo: vive, e viverá eternamente o nosso Monarca, não só porque morreu como Justo, para sempre viver; mas porque há de viver sempre na nossa lembrança. Teve duas vidas, quando viveu, uma como homem, outra como Rei; morreu duas vezes, quando morreu, uma como Rei, outra como homem: e assim depois de morto há de tornar a viver duas vidas, uma, com que, como homem Justo, há de viver eternamente na Glória, outra, com que, como Rei desejado, e saudoso, há de viver para sempre na nossa lembrança. Teria a morte jurisdição para o fazer acabar a vida, mas não terá poder para o tirar da nossa memória; e como não pode ser esquecido, há de permanecer sempre vivo: **Recessit a nobis, sed non totus recessit**, dizia o Arcebispo de Milão Santo Ambrósio, discorrendo na morte do Grande Imperador Teodósio. Morreu, é verdade: **Recessit**; mas não acabou, porque ainda vive na nossa lembrança: **Sed non totus recessit**. É verdade, ó Monarca saudoso, ó Rei Dom João o Grande, é verdade que vos roubou a morte a nossos olhos: **Recessit**;

mas como vos não pode tirar da nossa lembrança, deixou-vos nela eternamente vivo: **Sed non totus recessit.**

Assim é, Rei Grande, Monarca entendido, assim é; se até agora vos choramos morto, já desde aqui vos devemos celebrar vivo: vivo, porque na certeza da morte segurastes a perpetuidade da vida; vivo, porque ainda que falastes a nossos olhos, viveis, e vivereis sempre na nossa lembrança. E tu, ó cadafalso enganoso, padrão fatal de desgraças, emblema certo de tristezas, se fostes troféu da morte, já te podes transformar em obelisco da vida; já as tuas luzes podem desterrar as tuas sombras; já os teus raios podem consumir as tuas trevas, e já podem romper o teu silêncio estas tuas luminosas línguas, publicando a vozes, que aí vive, e viverá eternamente aquele Monarca Português, cujas ações, contempladas sabiamente pelo seu alto entendimento: **Mens mea contemplata est multa sapienter**, o estão mostrando, ainda quando morto, Rei vivo, como foi: **Fui Rex**; um Rei, que foi maior que todos, um Rei, que será, assim como foi, sempre Rei Grande: **Ecce magnus effectus sum, et praecessi omnes.**

Tudo recopilou ao nosso intento, falando em comum das ações do nosso Monarca, o Poético Engenho, que já tantas vezes deixamos apontado, neste seu último e elegante Dístico.

**Nil maius terris, Mortales fata dedere,
Nec quamuis redeant aurea saecla dabunt.**

Vem a dizer em dístico Português:

Por mais que venham séculos dourados,

Não darão Rei tão grande os Fados.

E porque as ações de um tão grande Rei, resumidas ao breve epílogo das palavras do meu Tema, fiquem eternamente, ou impressas na nossa memória, como brasões seguros da nossa saudade, ou gravadas nestas pirâmides, como Epitáfio Real da sua sepultura, eu as torno a repetir como reclamo da nossa mágua, como consolo da nossa perda, e como Memento último das ações de um Rei sempre Grande: **Ego Ecclesiastes fui Rex Israel in Ierusalem . . . Ecce magnus effectus sum, et praecessi omnes sapientia, qui fuerunt ante me, et mens mea contemplata est multa sapienter.**

SERMÃO NAS EXÉQUIAS DO FIDELÍSSIMO
E AUGUSTÍSSIMO DOM JOÃO V

PREGADO

NO CONVENTO DE NOSSA SENHORA
das Neves, da Cidade de Olinda,

POR

FREI SERAFIM DE SANTO ANTÔNIO

**Lente atual de Prima de Teologia em o mesmo Convento,
filho da Província de Santo Antônio do Brasil.**

**Rex pacificus magnificatus est, cuius uultum desiderat
uniuersa terra.**

Ex Ecclesia.

Sendo crédito dos defuntos as lágrimas dos vivos, grande descrédito será dos vivos, se faltarem com as suas lágrimas nesta morte. (A Vossa Real Majestade, Soberano Senhor, não posso deixar de tomar esta bem submissa vênua; porque ainda que a morte tirou a Vossa Real Majestade a vida, para o por nesse Túmulo morto, o amor deseja tirar a vossa Real Majestade a morte, para o repor, neste trono vivo.) Sendo crédito dos defuntos as lágrimas dos vivos, grande descrédito será dos vivos, se faltarem com as suas lágrimas nesta morte; porque aquela mesma obrigação, que a natureza pôs aos filhos de chorarem a morte dos pais, vinculou também aos vassallos de sentirem a morte dos Reis. Tanto que o Redentor do Mundo padeceu nos braços da Cruz a morte, logo se rasgou o véu do templo em pedaços: **Velum templi scissum est**: (1) e que mistério teria rasgar-se aquele véu naquela morte? Muito grande, notem.

Era então costume entre o povo Hebráico rasgarem-se os vestidos nos sentimentos grandes: assim o fez Jacó na morte imaginada de seu filho José; e assim o fez Davi na morte lastimosa de seu filho Absalão; e como Cristo era legítimo Rei da Sinagoga: **IESUS Nazarenus Rex Iudeorum**; (2) por isso ela, piedosamente sentida, e sentidamente magoada, rasgou o véu, com que se adornava, para mostrar a mágoa, que sentia: **Velum templi scissum est**. Não ignoro a distância, que se dá entre o Criador, e a criatura; porém também sei a diferença, que há entre Judeus, e Cristãos: e por isso se acreditaram muito em sentir a morte de um Rei, a quem trouxeram sempre em uma viva guerra: **Crucifige, crucifige eum**; (3) muitos se desacreditaram os Cristãos, se não sentirem a morte de um Rei, que sempre os trouxe em uma sossegada paz.

Assim o prometeu o mesmo Rei, quando disse a seus Vassallos rogassem a Deus que os livrasse de fome, e de peste, porque de guerras ele os livraria: e assim o experimentaram os mesmos Vassallos, quando viram muitas vezes que o próprio Rei tratava de compor e dispor por todas as partes o seu Reino em paz, quando os Reis

(1) Matth., 27, 51.

(2) Ioan., 19, 39.

(3) Luc., 23, 21.

estranhos lhe pediam, e rogavam se declarasse por alguma das partes para a guerra. Esta, e não outra, foi a razão, porque, para Tema desta Oração fúnebre, lancei mão daquelas mesmas palavras, que a Igreja nossa Mãe aplica ao Nascimento de Cristo Redentor nosso: **Rex pacificus magnificatus est, cuius uultum desiderat uniuersa terra:** porque se por elas se nos dá a entender que deve toda a terra suspirar alegre pela presença de Cristo, por ser um Rei Pacífico, magnificado pelo seu Nascimento; por elas também se nos dá a entender que deve todo o Reino suspirar triste pela ausência de Dom João V, por ser um Rei Pacífico, magnificado pela sua morte; pois, como diz o Eclesiástico, de mais magnificência é o dia, em que morrendo se caminha para o túmulo; do que o dia, em que nascendo se caminha para o trono: **Melior est dies mortis die natiuitatis.** (4)

E assim, se Cristo mereceu toda a alegria, ou a alegria de todos, por ser um Rei Pacífico, magnificado quando nascia, por se ver no trono: **Rex pacificus magnificatus est;** também Dom João V, mereceu todo o sentimento, ou o sentimento de todos, por ser um Rei Pacífico, magnificado quando morre para se ver no túmulo: **Rex pacificus magnificatus est:** e quando nada, sem muita dificuldade temos acomodado o Tema com o empenho presente; porque se pela vida de Cristo, por ser um Monarca Magnífico, e um Rei Pacífico, suspiram todos alegres; também na morte de Dom João V, devem suspirar todos tristes: Porque Dom João V também foi um Monarca Magnífico e um Rei Pacífico. Porém, como todos os que devem suspirar tristes na morte do nosso Rei Pacífico, e do Nosso Monarca Magnífico, ou são Vassallos de todo o Reino, ou são Vassallos de todas as Conquistas, ou são Vassallos de todas a Religiões; acertado será, que para sentirmos todos, como devemos, esta morte, vejamos em três discursos três motivos para três sentimentos: porque no primeiro discurso veremos o primeiro motivo para um sentimento grande dos Vassallos de todo o Reino, no segundo discurso veremos o segundo motivo para um sentimento maior dos vassallos desta Conquista de Pernambuco; e no terceiro discurso veremos o terceiro motivo para um sentimento máximo dos Vassallos desta Religião Franciscana. Está proposta a matéria, entremos a discorrer.

Dizem todos os Políticos, que as prerrogativas, que constituem a um homem Rei, são principalmente a Justiça, a Liberalidade, o Valor, a Vigilância, a Piedade, e a Religião: porém eu, sem me apartar da opinião comum, dissera, que só a paz é o principal constitutivo de um Rei homem; não só porque, como diz Santo Agostinho, a paz é para o homem o sumo bem: **Pax hominis maximum bonum;** senão também porque todas aquelas prerrogativas, que, segundo a opi-

(4) Eccl., 7.

não comum de todos os Políticos, são constitutivas de um homem Rei, se incluem na prerrogativa da paz, que segundo a opinião particular, e minha, é constitutiva, de um Rei homem. Foi o que nos deu a entender a Igreja Mãe, quando retratando a Eterna Bem-aventurança na Cidade Santa de Jerusalém: **Caelestis urbs Ierusalem**, (5) disse que era a Eterna Bem-aventurança uma bem-aventurada visão de paz: **Beata pacis visio**; porque ainda que a Eterna Bem-aventurança seja um agregado de todas as prerrogativas, como dizem os Teólogos: **Beatitudo est status omnium bonorum aggregatione perfectus**; contudo, como todas as prerrogativas se incluem na prerrogativa da paz, como dizem todos os Padres da Glosa: **Qui pacem dedit, uno uerbo omnia dedit**; (6) por isso se chama a Bem-aventurança Eterna Bem-aventurada visão de paz: **Beata pacis visio**.

E sendo o Rei, por quem suspiramos tristes, tão Pacífico, que ao mesmo tempo, em que todos os mais Reis, por terem sempre guerras, não souberam acertar com o caminho da paz, como disse Davi: **Viam pacis non cognouerunt**; (7) ele soube caminhar pelo caminho da paz, com tanto acerto, que teve todo o Reino em paz, enquanto viveu, e recomendou a paz do Reino todo quando morreu: bem se deixa ver, que o ser o nosso Magnífico Monarca um Rei Pacífico, e um Príncipe da paz, é o primeiro motivo para o sentimento grande dos Vassallos de todo o Reino; porque verdadeiramente os Vassallos de todo o Reino devem ter um grande sentimento na morte de um Rei que é Pacífico, e de um Príncipe, que é da paz. Foi tão grande o sentimento, que causou a morte de Cristo no Calvário, que de pena, e de mágoa se rasgou o véu do Templo: **Velum Templi scissum est**; (8) escureceu o Sol; **Obscuratus est Sol** (9) e quebraram-se as pedras: **Petrae scisse sunt**. Não reparo em sentirem todas estas criaturas a morte de seu Criador; porque como o povo se divide em três estados, convém a saber, no estado dos Eclesiásticos, no estado dos Nobres, e no estado dos Plebeus; por parte dos Eclesiásticos havia de sentir, e rasgar-se o véu, a quem a sua sorte deu o primeiro lugar em o Templo: **Velum Templi scissum est**; por parte dos Nobres havia de sentir, e escurecer-se o Sol, a quem a sua luz deu o esclarecido de sua nobreza: **Obscuratus est Sol**; por parte dos Plebeus haviam sentir, e quebrarem-se as pedras, as quais a sua fortuna pôs no humilde da terra: **Petrae scisse sunt**.

Todo o meu reparo está em ser tão grande o sentimento, que houve naquela morte, que de pena, e de mágoa se chegou a rasgar

(5) **Hymn. Dedic. Eccles.**

(6) **Pp. Gloss., apud Silveira.**

(7) **Psalm., 13, 3.**

(8) **Luc., 23, 45.**

(9) **Matth., 27, 51.**

o mesmo véu, escurecer-se o mesmo Sol, e quebrarem-se as mesmas pedras. Mas não há que reparar; porque como se faziam Exéquias pela morte de Cristo, que tinha sido um Rei tão pacífico: **Rex Pacificus**, e um Príncipe de tanta paz: **Princeps pacis**, que trouxe sempre em paz o seu Reino: **Et in terra pax hominibus**; por isso os Vassallos de todo o Reino tiveram grande sentimento na sua morte: tiveram grande sentimento os humildes, porque sentiram as pedras quebrando-se: **Petrae scisse sunt**; tiveram grande sentimento os Nobres, porque sentiu (sic) o Sol escurecendo-se: **Obscuratus est Sol**; tiveram grande sentimento os Eclesiásticos, porque sentiu (sic) o véu, rasgando-se: **Velum Templi scissum est**: para que se entenda, que os Vassallos de todo o Reino devem ter um grande sentimento na morte de um Rei Pacífico, e de um Príncipe da paz.

Eu bem sei que o ser um Rei, como o nosso, Justicoso, Liberal, Valoroso, Vigilante, Piedoso, e Religioso, é motivo suficiente para sentirem a sua morte os Vassallos de todo o Reino: porém o que digo é, que este sentimento não deve ser grande; porque só a falta de um Rei Pacífico, e de um Príncipe da paz é motivo bastante para o sentimento grande dos Vassallos de todo o Reino. Assim o profetizou Isaias, quando profeticamente disse, que os mesmos Anjos do Céu, como Vassallos do Rei da paz, haviam sentir amargamente a sua morte: **Angeli pacis amare flebunt**. (10) Bem podia o profeta naquela profecia chamar aos Anjos Vassallos do Rei da justiça, ou da liberalidade, ou da vigilância, ou do valor, ou da piedade, ou da Religião, ou de tudo; porque Cristo, que era o Rei havia ser Senhor de todas as prerrogativas; **Dominus uirtutum ipse est Rex**; (11) porém como Isaias nos queria dar a entender, que a perda de todas as prerrogativas, na morte de qualquer Rei, não é motivo suficiente para sentimento grande, e que só a perda da prerrogativa da paz é motivo bastante para grande sentimento; por isso disse o Profeta, que os Anjos, como Vassallos do Rei Pacífico, e do Príncipe da paz, haviam sentir amargamente a sua morte: **Angeli pacis amare flebunt**.

Sintam muito embora os Vassallos do mais Reis a morte dos seus Monarcas, por se acharem neles aquelas prerrogativas, que segundo a opinião comum constituem a um homem Rei: porém seja esse sentimento pequeno; que o sentimento grande só devem ter os Vassallos do nosso Rei, por se achar nele a prerrogativa da paz, onde se incluem todas as mais prerrogativas: **Qui pacem dedit, uno uerbo omnia dedit**. E se quereis saber a razão desta razão, dai-me atenção. Os Vassallos dos mais Reis devem sentir a morte dos seus Monarcas com sentimento pequeno; porque os mais Reis com as prerrogativas comuns quando muito são Reis, e são Senhores: os Vassallos porém

(10) Isaias, 33, 7.

(11) Psalm., 23, 10.

do nosso Rei devem sentir a morte do seu Monarca com sentimento grande; porque o nosso Rei com a prerrogativa particular da paz, quando menos, era Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores.

Viu São João no seu Apocalípse a um homem de tão grande personagem, que tinha por timbre de sua pessoa o ser Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores: **Rex Regum, et Dominus Dominantium.** (12) Notável braço por certo; pois é digno de toda a admiração! Porque se o mais, a que pode chegar uma criatura na terra, é a ser Rei, e Senhor; por que razão aquela criatura passou a ser Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores? A mesma Águia dos Evangelistas responde dizendo: que a razão, porque aquele homem mereceu tão grande braço, foi por trazer na boca uma espada, que cortava por uma, e outra parte: **De ore eius gladius utraque parte acutus,** (13) e por trazer todos os seus Vassallos vestidos de branco: **Vestiti bissino albo.** (14) Pois por aquele homem trazer na boca uma espada, e a seus Vassallos vestidos de branco, por isso chegou a tão alta dignidade? Sim, e com razão; porque na espada se representa a guerra, e no branco se simboliza a paz: e Monarca tão pacífico, que chega a trazer sempre a guerra entre dentes: **Ex ore eius gladius acutus,** e chega a trazer sempre a seus Vassallos revestidos de paz: **Vestiti bissino albo;** não pode deixar de ser Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores: **Rex Regum, et Dominus Dominantium.**

Não era Vossa Real Majestade, meu Soberano Monarca, aquela Personagem; porque para com Vossa Real Majestade não são necessárias hipóboles, nem encarecimentos; porém parecia-se muito com aquela Personagem Vossa Real Majestade: porque se aquela Personagem foi Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores; porque de tal sorte aborrecia a guerra, que a trazia sempre entre dentes, e de tal sorte amava a paz, que a trazia sempre nas palavras; Vossa Majestade também foi Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores; porque Vossa Majestade foi aquele Rei tão contrário à guerra, tão amante da paz, que por conservar em paz o seu Reino, nunca teve guerras com os Reinos estranhos.

Fez o nosso Soberano Monarca em quase quarenta e três anos, que teve de governo, o que não puderam fazer vários homens em muitos séculos: porque se Jacó não pôde viver em paz com Essau no logro da mesma herança; se Saul não pôde viver em paz com Davi no logro de um Reino; e se Caim não pôde viver em paz com Abel no logro de um mundo inteiro: o nosso Soberano Monarca viveu, em paz com todo o Mundo, com todo o Reino, com toda a he-

(12) Apocal., 19, 16.

(13) Ibid. 15.

(14) Ibid. 14.

rança, e com todo o Morgado: porque como estimava mais as vidas de seus Vassallos, do que todo o Morgado, do que toda a herança, do que todo o Reino, e do que todo o Mundo; por isso nem por todo o Mundo, nem por todo o Reino, nem por toda a herança, nem por todo o Morgado queria arriscar as vidas dos seus Vassallos na guerra: antes sim, sem todo o Morgado, sem toda a herança, sem todo o Reino e sem todo o Mundo, queria conservar as vidas de seus Vassallos em paz. E um Rei, que assim estimou as vidas dos seus Vassallos em vida (?), bem merece grande sentimento dos seus Vassallos na morte; pois como já temos visto, a falta de um Rei pacífico é motivo suficiente para o sentimento grande dos Vassallos de todo o Reino **Rex pacificus magnificatus est, cuius uultum desiderat uniuersa terra.**

Sobre o sentimento dos Vassallos de todo o Reino cresce o sentimento dos Vassallos da Conquista de Pernambuco: e assim, se deve ser grande o sentimento dos Vassallos de todo o Reino, por se verem com esta morte privados de um Rei Pacífico, e de um Príncipe da paz; deve ser maior o sentimento dos Vassallos desta Conquista, por se verem privados com esta morte de um Rei Pacífico, em que se julgavam de posse do mesmo Príncipe da paz. Eu me explico melhor, para que me percebam todos. Estavam todas, ou quase todas as Conquistas de Portugal a vinte e dois de outubro solenizando os anos do nascimento do nosso Monarca, quando a esta Conquista de Pernambuco chegou em uma Nau Capitânea a notícia da morte do nosso Rei Pacífico, e do nosso Príncipe da paz, razão porque trocaram logo os Vassallos desta Conquista as demonstrações festivas da alegria, que tinham com os anos de vida do nosso Rei em finais fúnebres de sentimento, que começaram a ter com as novas da morte do mesmo Monarca Magnífico.

De maneira que os Vassallos de todo o Reino sentiram a morte do nosso Rei Pacífico, e do nosso Príncipe da paz, quando o não esperavam vivo, pois lhe não festejavam os anos de vida, quando tiveram novas da sua morte: porém os Vassallos desta Conquista sentiram a morte do nosso Rei Pacífico, e de nosso Príncipe da paz, quando o esperavam vivo; pois que festejavam os anos de vida, quando tiveram novas da sua morte: e por isso, ainda que deve ser grande o sentimento dos Vassallos de todo o Reino por lhes faltar precisamente um Rei Pacífico, e um Príncipe da paz, deve ser maior o sentimento dos Vassallos desta Conquista, por lhes faltar um Rei Pacífico, e um Príncipe da paz, quando o esperavam vivo, solenizando-lhe os anos de vida; porque as novas de uma morte, no mesmo tempo, em que se esperava com solenidade a vida, é motivo suficiente para um sentimento maior.

Grande foi o sentimento, que tiveram os Discípulos de Cristo, quando ouviram dizer que morrera o mesmo Senhor no Calvário; porém foi maior o sentimento, que tiveram os mesmos Discípulos,

quando caminhavam para o Castelo de Emaus; pois o mesmo Divino Mestre lhes perguntou a causa deste, e não daquele sentimento: **Qui sunt hi sermones, quos cofertis adinuicem ambulates, et estis tristes?** (15) Parece-me que se deviam trocar aquelas tristezas, para que se trocassem também aqueles sentimentos; porque que motivo mais suficiente para o sentimento maior de uns Discípulos, do que a triste nova da morte de seu Mestre? Assim parece, porém não é assim, como parece; porque atendidas bem as circunstâncias de um, e de outro lugar, ainda há outro motivo mais suficiente para um sentimento maior: e senão vejam. Antes da jornada para Emaus, não esperavam os Discípulos a vida de seu Mestre, antes esperavam a morte por meio de sua crucificação: e que notícias tiveram? Tiveram por notícias, que Cristo acabara a vida entre os tormentos de uma Cruz: **Crucifixerunt eum: Emisit spiritum:** (16) quando porém os Discípulos caminhavam para Emaus esperavam a vida de seu Mestre por meio da Ressurreição, como diz Estela comentando a resposta dos mesmos Discípulos: **Nos autem sperabamus eum hodie resurrecturum:** e que notícias tiveram? Tiveram por notícias, que Cristo existia sepultado entre os horrores da morte: **Sed iam non est quid speremus.** Pois para que se reconheça que as novas de uma morte, no mesmo tempo, em que se espera a vida, são motivo suficiente para um sentimento maior; por isso sendo grande o sentimento dos Discípulos, quando ouviram dizer que Cristo morrera no Calvário, onde se esperava a morte; foi maior o sentimento dos Discípulos, quando ouviram dizer que Cristo morrera na sepultura, onde se esperava a vida: **Qui sunt hi sermones, quos confertis adinuicem ambulantes, et estis tristes? Nos autem sperabamus eum hodie resurrecturum, sed non iam quid speremus.**

Foram as notícias da morte do nosso Rei para todas as mais Conquistas, assim como foram as notícias da morte de Cristo no Calvário para os Discípulos do mesmo Senhor; foram porém as notícias da morte do nosso Rei para esta Conquista, assim como foram as notícias da morte de Cristo no caminho de Emaus para os Discípulos do mesmo Senhor: porque se as mais Conquistas tiveram notícias da morte do nosso Monarca, ou antes, ou depois do dia dos anos do seu nascimento, quando os Vassallos o não esperavam vivo, não lhe solenizando os anos de vida, esta Conquista teve a notícia da morte do nosso Monarca no mesmo dia dos anos do seu nascimento, quando os Vassallos o esperavam vivo, solenizando-lhe os anos da vida; e por isso, se deve ser grande o sentimento dos Vassallos das mais Conquistas, deve ser maior o sentimento dos Vassallos desta Conquista. Grande deve ser o sentimento, que se deve ter com a morte da Rosa, por ser a Rosa a Rainha das flores; porém deve ser maior o sentimento, que se deve ter por morrer a Rosa no mesmo dia, em que

(15) Luc. 24, 17.

(16) Matth., 26.

vive: grande deve ser o sentimento, que se deve ter com o Ocaso do Sol, por ser o Sol o Rei dos Astros, porém deve ser maior o sentimento, que se deve ter por o Ocidente do Sol no mesmo dia do seu Oriente: grande deve ser o sentimento, que se deve ter por se sepultar no mar o rio, por ser o rio o riso do prado; porém deve ser maior o sentimento, que se deve ter, por ter o rio a sua sepultura no mesmo tempo, em que tem o seu berço.

Grande deve ser também o sentimento dos Vassallos de todo o Reino com a morte do nosso Rei; porque para eles foi a morte do nosso Rei, como a morte da Rosa, como o Ocaso do Sol, e como a sepultura do rio: porém deve ser maior o sentimento dos Vassallos desta Conquista com a morte do nosso Rei; porque para eles foi a morte do nosso Rei como a morte da Rosa no mesmo dia da vida, como o Ocidente do Sol no mesmo dia do seu Oriente, e como a sepultura do rio no mesmo tempo do berço: porque se aqueles Vassallos viram ao seu Rei morto nos braços da morte, e por isso com grande sentimento; estes Vassallos viram ao seu Rei morto nos braços da vida, e por isso com maior sentimento. Agora se entenderá a razão, que teve Cícero para dizer, que a morte mais digna de maior sentimento, que se acha nas letras humanas, fora a do famoso Diágoras Ródio: **Extinctus morte omni lamentatione, et planctu digna;** (17) porque esperando-se que aquele Rei tivesse vida com os braços de três filhos vitoriosos, nos braços de três filhos vitoriosos teve a morte: **Cum tres filios victores coronari uidisset, in oculis, et manibus filiorum animam effauit.**

O mesmo, que aconteceu aos filhos de Diágoras, aconteceu aos Vassallos desta Conquista; porque se os filhos de Diágoras viram a desgraça da morte do pai nos mesmos braços da ventura, com que se coroavam alegres; os Vassallos desta Conquista viram a desgraça da morte do seu Pacífico Rei, e do seu Príncipe da paz nos mesmos braços da ventura, com que festejavam os seus anos plausíveis: e assim bem podemos dizer a respeito da morte do nosso Magnífico Monarca, o que disse Cícero a respeito da morte de Diágoras: **Extinctus morte omni lamentatione, et planctu digna.** Foi a morte do nosso Magnífico Monarca para os Vassallos desta Conquista digna de toda a mágoa, e digna de todo o sentimento: e com razão; porque esta pena de ver a desgraça nos mesmos braços da ventura, deve ser tão grande, que mal se podia sofrer. Foi tão grande a pena, que teve José, quando Jacó seu pai lançou a bênção a Efraim, e não a Manasés, que diz o Texto Sagrado mal a pudera sofrer: **Grauitur accepit: aegre tulit,** (18) lê o Texto Hebreu. Pois se assim Efraim, como Manasés eram filhos de José; por que razão levou José tanto a mal, que

(17) Cicer. apud. Textor et incom.

(18) Genes., 45.

Efraim levasse a bênção, e não Manasés, que não pôde sofrer tão grande pena?

Porque José queria que Manasés levasse a bênção, e não Efraim, que por isso pôs a Efraim da parte esquerda, que era o lugar da desgraça, e a Manasés da parte direita, que era o lugar da ventura: e como Jacó, trocando as mãos: **Comutans manus**, fez que a desgraça da falta da bênção se visse no braço da ventura, que era da parte direita, onde estava Manasés; por isso foi tão grande a pena de José, que mal a pôde sofrer: **Grauitur accepit: aegre tulit**. Que melhores braços da ventura, do que o dia, em que os Vassallos festejam alegres os anos de vida de seus Reis! E que maior desgraça, do que o dia, em que os Vassallos sentem tristes a morte de seus Monarcas! Pois para que os Vassallos desta Conquista tivessem uma pena tão grande, que mal a pudessem sofrer, permitiu a sua adversidade que vissem a maior desgraça, qual foi a notícia da morte do seu Rei, no dia em que com grande ventura festejavam os anos de vida do seu mesmo Monarca.

Passou a desgraça dos Vassallos de Pernambuco muito além do termo, a que pode chegar a consideração dos homens: porque se a consideração dos homens não pode chegar a mais, que a dizer que as alegrias dos gostos se vêm seguir os sentimentos dos lutos: **Post gaudia luctus**; para os Vassallos de Pernambuco não esperaram os sentimentos dos lutos para seguirem as alegrias dos gostos: porque no memo tempo, em que estavam com as alegrias dos gostos, da vida do seu Rei Pacífico, estiveram com os sentimentos dos lutos da morte do mesmo Príncipe da paz. E se as novas de uma morte com tristezas no mesmo tempo, em que com alegria se espera a vida, é motivo suficiente para um sentimento maior, como já vimos; deve ser o sentimento dos Vassallos desta Conquista na morte do seu Rei Pacífico; e do seu Príncipe da paz: **Rex pacificus magnificatus est, cuius ultum desiderat uniuersa terra**.

Sobre o sentimento dos Vassallos desta Conquista de Pernambuco, cresce o sentimento dos Vassallos desta Religião Franciscana: e assim se foi maior o sentimento dos Vassallos desta Conquista de Pernambuco, por se verem com esta morte privados de um Rei Pacífico no mesmo tempo, em que se julgavam de posse do mesmo Príncipe da paz; deve ser máximo o sentimento dos Vassallos desta Religião Franciscana, por se verem privados com esta morte de um Rei Pacífico, que era seu Príncipe da paz, e juntamente seu Irmão. Era o nosso Soberano Monarca Irmão nosso, não só pelo amor, com que nos tratava; não só pela proteção, com que nos defendia; não só pelos benefícios, com que nos favorecia; senão também por ser verdadeiro filho de São Francisco: pois para mostrar, clara, e evidentemente, que era verdadeiro filho de São Francisco, na sua morte deixou os hábitos de todas as mais Religiões, e fez eleição para sua mortalha deste

desprezível burel, e deste cinzento saial. E que motivo mais suficiente para o sentimento máximo dos Vassallos desta Religião Franciscana, do que perderem com esta morte a um Monarca Pacífico, que era juntamente seu Reino, e seu Irmão. Nenhum; e senão vejam.

Sabem todos, que apenas em túmulo de cristal se sepulta o Sol, Monarca das luzes, quando logo entram os lutos universais na esfera de todo o Mundo; porque não só o ar se veste todo de negro, e a terra se reveste toda de sombras, senão também o Céu se enche todo de funerais tochas, que como vigilantes sentinelas assistem às Exéquias do seu Rei defunto: mas nem todos sabem a razão, porque, sendo grande, e ainda maior o sentimento das Estrelas, há de ser máximo o sentimento da Aurora, pois entre todos os Astros só a Aurora derrama lágrimas mais funestas: **Aurora funestas profert lacrymas**, (19) disse o Comentador de Estácio. Porém é, porque nem todos reparam para as razões, que há entre o Sol e a Aurora, e entre o Sol e os mais astros; porque se repararem bem, que dos mais Astros é o Sol precisamente Rei, e da Aurora é Rei, e juntamente irmão, como diz o mesmo Autor citado: **Aurora soror solis**, logo hão de saber que, ainda que seja grande, e ainda maior o sentimento das Estrelas no norte do Sol, por ser o Sol precisamente o seu Rei, deve ser máximo o sentimento da Aurora na morte do Sol, por ser o Sol do seu Rei, e juntamente o seu irmão: **Aurora soror solis funestas profert lacrymas**.

Ah Sol amortecido! Todos os Vassallos de Vossa Real Majestade eram como Astros do Céu; porque todos, como os Astros do Céu, participavam na terra das benignas influências e pacíficos influxos de vossa Real Majestade: porém com esta diferença que todos os mais Vassallos eram como as Estrelas, e os Vassallos desta Religião eram como a Aurora: porque se para todos os mais Vassallos era Vossa Majestade precisamente seu Rei Pacífico e seu Príncipe da paz; para os Vassallos desta Religião, além de ser seu Rei Pacífico, e seu Príncipe da paz, era também seu Irmão igualmente amado, e amante: e por isso, se para os mais Vassallos deve ser a morte de Vossa Real Majestade de grande, e ainda de maiores sentimentos; para os Vassallos desta Religião deve ser de máximo sentimento a morte de Vossa Real Majestade; porque deve ser superlativa a mágoa, com que se deve sentir a morte de um Príncipe, que é justamente Irmão. Foi tão grande a dor, com que sentiu Davi a morte de Jônatas, que só pelo superlativo explicou bem a sua mágoa: **Doleo super te**. (20) Pois como assim; Se no mesmo tempo, em que morreu Jônatas, morreu juntamente Saul; por que razão, devendo Davi, como político que era, magoar-se mais da fatalidade de Saul, que era seu Rei, do que

(19) *Com. ad lib. 2, Theb.*

(20) *2 Reg., c. I, 26.*

da desgraça de Jônatas, que era seu Príncipe, para com o Rei exagerou menos a sua dor: **Abiectus est clypeus Saul;** e para com o Príncipe encareceu mais a sua mágoa: **Doleo super te?**

Ora dai-me atenção, que a razão está tão clara como a mesma razão. Era Saul precisamente Rei de Davi; porém Jônatas não só era seu Príncipe, senão também seu Irmão amado, e amante: **Frater mi Ionatha;** e como deve ser superlativa a mágoa, com que se deve sentir a morte de um Príncipe, que é juntamente Irmão; por isso, sendo menor o sentimento, que Davi teve com a morte de Saul, que era seu Rei: **Abiectus est clypeus Saul,** foi superlativo o sentimento, que teve com a morte de Jônatas, que era o seu Príncipe, e juntamente seu Irmão: **Doleo super ter, frater mi Ionatha.** E que comparação pode ter Jônatas a respeito de Davi, com o nosso Soberano Monarca a respeito dos Franciscanos? Muito pouca: porque ainda que Jônatas era Irmão de Davi, pelo amor com que o tratava, pois o amava como a sua alma: **Anima Ionathae conglutianata est animae David;** (21) pela proteção, com que o defendia, pois não permitia que o ofendessem ainda levemente: **Vade in pace, quaecumque iuravimus ambo,** (22) e pelos benefícios, com que o favorecia, pois lhe chegou a dar a própria túnica: **E Expoliamit se tunica, qua era indutus, et dedit eam David;** (23) contudo, Jônatas, e Davi não eram Irmãos verdadeiros, por não serem filhos do mesmo pai; porque Jônatas era filho de Saul, e Davi era filho de Isai.

Porém o nosso Soberano Monarca era Irmão dos Franciscanos no amor, com que os tratava; pois para mostrar que os amava com a sua alma, só deles fiava, e confiava o governo do seu Reino: na proteção com que os defendia; pois para que os não ofendessem, ainda levemente, parece-me que era, Protetor de toda a Religião, assim como era na realidade desta Província: nos benefícios, com que os favorecia; pois como os não podia vestir com a própria púrpura, lhes vestia os Altares de ricas alfaias, e os revestia nos Altares de preciosas telas, e em ser verdadeiro Irmão dos Franciscanos, por serem assim os Franciscanos, como o nosso Soberano Monarca, filhos do mesmo Pai; porque todos eram filhos do mesmo Patriarca São Francisco. E se Davi na morte de um Príncipe, que não era seu Irmão verdadeiro, teve um tal sentimento, que chegou a sua dor ao superlativo da maior mágoa: **Doleo super te, frater mi Ionatha;** considerem agora lá os Vassallos desta Religião, qual deve ser o seu sentimento na morte de um Rei, que era seu Irmão verdadeiro! Oh, que deve ser tão grande, que não cabendo a mágoa no peito dos de casa, devem também dela participar os estranhos; porque não só os de casa, **senão**

(21) I Reg., 18, 1.

(22) 2 Reg., 13, 5.

(23) I Reg., 18, 4.

também os estranhos devem sentir amargamente a morte de um Irmão, que é verdadeiro!

Foram tantas as lágrimas, que derramou a Madalena com os que a acompanhavam na morte do defunto Lázaro, que fizeram com que de compadecido chorasse também o mesmo Cristo: **IESUS ergo tu uidit eam plorantem, et Iudeos, qui uenerant cum ea, plorantes. . . lacrymatus est.** (24) Que chorasse Cristo na morte de Lázaro não me admira, porque assim pedia a razão de amizade, que se dava entre Lázaro, e Cristo: **Lazarus amicus noster;** o que me causa espanto, é chorarem também naquela morte os judeus. Não bastava que Maria, que era de casa, se lastimasse na morte de Lázaro? Também era necessário que sentissem os Judeus, que eram estranhos? Sim, e com razão; porque Lázaro, que era o morto, era Irmão verdadeiro de Maria: **Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus;** (25) e deve ser tal o sentimento, que deve haver na morte de um Irmão, que é verdadeiro, que não cabendo a mágoa no peito dos de casa, como era Maria: **Ut uidit eam plorantem,** devem também dela participar os estranhos, como eram os Judeus: **Et Iudaeos, qui uenerant cum ea plorantes.**

Para que respire pois a nossa dor, e dela participem os estranhos, suspiremos todos os de casa na morte do nosso Magnífico Monarca, pois era nosso Irmão verdadeiro; porque, quando com os nossos suspiros o não possamos livrar da morte, sempre com os nossos suspiros mostraremos claramente, que lhe desejamos restituir a vida. Lá suspirava aquela Esposa dos Cantares por aquele seu amado Esposo, por ser Irmão verdadeiro, e filho da mesma Mãe: **Quis mihi det te fratrem meum suggestem ubera Matris meae;** (26) porque o muito amor a obrigava a imaginar, que a respiração daqueles suspiros o havia restituir à sua presença: **Ut inueniam te foris.** Isto mesmo, que dizia aquela Esposa amorosa ao seu amante Esposo, deve dizer cada um dos Franciscanos ao seu Pacífico, e Magnífico Monarca; porque não só era filho da mesma Mãe, que é a minha Sagrada Religião, senão também filho do mesmo Pai, que é Francisco, meu mais que Grande Patriarca: **Quis mihi det te fratrem meum suggestem ubera matris meae, ut inueniam te foris.** Oh quem me dera, meu Soberano Monarca, e meu Irmão Verdadeiro, que vos achasse fora deste Túmulo: **Quis mihi det etc.!**

Porém como, por mais que suspiremos, e tornemos a suspirar, não há remédio para a nossa mágoa; seja máximo o nosso sentimento na morte do nosso Rei Pacífico, e nosso Monarca Magnífico: **Rex pacificus magnificatus est, cuius uultum desiderat uniuersa terra.** Sendo

(24) *Ioa.*, 11, 135.

(25) *Ibid.*, 32.

(26) *Cant.*, 8. 1.

grande a dor dos Vassallos de todo o Reino, sendo maior a mágoa dos Vassallos desta Conquista de Pernambuco, e sendo máximo o sentimento dos Vassallos desta Religião Franciscana; contudo deve ser igual o lenitivo para o sentimento máximo dos Vassallos desta Religião Franciscana, para a mágoa maior desta Conquista de Pernambuco, e para a dor grande dos Vassallos de todo o Reino; porque uns, e outros Vassallos bem se pode consolar, dizendo: que piamente se deve crer, que quem viveu com tanta paz na terra, há de viver na Glória com muita paz. **Requiescat in pace.**

SERMÃO NAS EXÉQUIAS DO FIDELÍSSIMO
E AUGUSTÍSSIMO REI DOM JOÃO V.

PREGADO

NO CONVENTO DE SANTO ANTONIO

da Vila de Iguaraçu

PELO REVERENDO PADRE MESTRE

FREI JOSÉ DA CONCEIÇÃO

LEITOR ATUAL DE TEOLOGIA

de Véspera no Convento de Olinda, Filho da

Província de Santo Antônio do Brasil.

Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.

Ex Eccl. in Off. Defunt.

Com estas fúnebres vozes, cujos ecos sentidíssimos, penetrando há pouco os ouvidos de todos, fizeram pausa em nossos corações, como em centro cabal das paixões mais veementes, nos convida hoje a Igreja nossa Mãe para as honras póstumas de um defunto Filho, o qual por obediente foi dela o mais querido, por virtuoso o mais estimado, e por excelente o mais benemérito de infinita duração; (se possível lhe fora na terra tal durar) mas se dando ao tempo o que é seu, mostrou este Rei ser temporâneo no viver; (pois enfim morreu, como o testemunha o funesto daquele Régio Mausoléu) contudo, contra os mesmos contratempos, nos dá hoje a conhecer a fama universal, com que todos o aplaudem por bom Rei, e a saudade Portuguesa, com que ainda o veneramos por bom Pai, que vive ele infinito em nossos corações penalizados; pois tanto nos tem chegado ao vivo a morte do muito Alto, e Venerando Rei, o Senhor nosso Dom João V deste nome, de gloriosa memória, que Deus tenha. **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.**

O Invitatório, com que para isto nos convida a Igreja, é o mais triste, e o mais comum. É o mais comum; porque com ele celebra a mesma Igreja as Exéquias de todos os seus filhos, assim nobres, como mecânicos, e assim Reis, como Vassallos; claro exemplo na verdade, em que com evidência nos mostra, ou que todos morremos, sem exceção de pessoas: **Vos autem sicut homines moriemini; et sicut unus de Principibus cadetis;** ou que, depois de mortos, devemos todos ser tratados irmanamente, como filhos enfim do mesmo Pai: **Deus unus creauit nos:** de sorte que se na Filosofia da vida aprendemos alguns a fazer distinções Reais entre as pessoas, admitindo por Alto na série da Nobreza novas espécies de indivíduos, uns supremos, e outros ínfimos; na morte havemos todos acreditar, ou formais identidades, como nos manda o Espírito Santo: **Idcirco unus interitus est. . . quia eadem cunctis eueniunt,** (2) ou defender em forma, como nos ensina Horácio, igualdades espirituais entre Nobres, e mecânicos; ricos, e pobres; Reis, e seus Vassallos: **Mors aequo pede pulsat pauperum tabernas, Regumque turres.**

(1) **Psalm.,** 81, 7.

(2) **Eccl.,** 3.

É o mais triste; porque na verdade é intróito de funerais e todo o intróito destes atos é tristíssimo, como se viu no da morte de Cristo em toda a terra: **Solobscuratus est. . . et tenebrae facta sunt in uniuersam terram**, (3) e se há de ver no acabamento do mundo em toda a gente: **Erunt signa in Sole, et Luna, et in terris pressura gentium**. Porém se por esta razão já é tristíssimo o invitatório, mais triste se faz ainda pelo que obra em nós, e na Igreja: na Igreja, porque lhe traz à lembrança um Varão excelente, a quem mais não há de ver; e em nós; porque nos objeta um Rei defunto, a quem sempre veneramos como a Pai; e é máxima a dor, que causa na Igreja a lembrança de não ver mais a um Varão excelente, como sucedeu na de Éfeso com a despedida de São Paulo: **Dolentes maxime in uerbo, quod dixerat**, (4) **quod amplius faciem eius non esset uisuri**; assim como é a maior tristeza, que se dá nos súditos, o objetarem-lhe defunto um Rei, a quem veneraram sempre como a Pai, como se viu em Davi com as novas da morte de Saul: **Planxit ergo David planctum huiusmodi super Saul**. (5)

Mas assim havia de ser; porque neste golpe mortal toda a tristeza é necessária, e toda a dor nos é devida: que se lá se entristeceu tão gravemente a mãe de Tobias pela ausência deste filho, só porque lhe tardou com a sua vista, posto que logo o viu daí a pouco **Flebat igitur mater eius irremediabilibus lacrymis. . . eo quod non uenisset ad praestitutum diem**; (6) e se lá se doeu tanto Joás pela morte de Eliseu; a quem só obedecia como a pai, ainda que não o reconhecia por seu Rei: **Flebat coramea, dicebatque, Pater mi, Pater mi**; (7) que dor não terá a Igreja com a ausência de um filho, cuja vista não só lhe tarda, senão que nunca mais o há de ver! Ou que tristeza não teremos nós com a morte de um Herói, a quem não só obedecíamos como a Pai, senão que também reconhecíamos como a nosso legítimo e natural Rei! Sem dúvida que terá aquela tanta dor, que qual outra Raquel na ausência de seus filhos, não consentirá alívio em suas penas: **Rachel plorantis filios suos, et nolentis consolari super eis, quia non sunt**; (8) e teremos nós tanta tristeza, que, qual outro Jeremias, de dia, e de noite clamaremos contra o Céu, lamentando a solidão, em que ficamos sem Rei, e sem Pai por uma vez: **Vide Domine, quid occiderit nobis, pupilli facti sumus absque Patre**. (9)

Porém cessem já as dores, e tristezas, pois com elas não remediamos coisa alguma: e ainda que agora todos os sentimentos são

(3) Luc., 23

(4) Actor., 20

(5) 2 Reg., 1.

(6) Tob., 10.4.

(7) 4 Reg., 13.

(8) Jerem., 31.15.

(9) Theenor., 5.

lícitos, e todas as lágrimas decentes para chorarmos a um Rei, que semelhante não houve em Portugal, e em todo o Mundo; contudo, quando a Igreja nos convida hoje a este ato, mais nos manda venerar a um Rei vivo, que chorar a um Rei morto: de sorte que, se caladamente nos permite que o choremos morto, pelas conseqüências da perda, que tivemos; clara, e primariamente só nos manda que o veneremos todo vivo, pelas inferências do desejo, que lhe temos: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.** Mas como pode ser todo vivo aquele, a quem nossos olhos registram todo morto; ou como pode não ser totalmente morto um Rei, a quem todo este aparato representa já defunto? Ora direi: Quem morreu, bem pode ainda ser vivo em nossos corações, em nossas memórias pela lembrança, e em nossos louvores pelo aplauso das suas excelências: e quando estas razões todas não bastem, baste o saber: se, que quando os corpos ficam defuntos à vida, então na fama, e na saudade dos que existem, é que vivem as excelências dos que morrem, como se lê no Eclesiástico: **Corpora ipsorum in pace sepulta sunt, nomen autem earum uiuit in generationem.** (10) E aonde as excelências vivem famosas, e saudosas, também aí, entre as ânsias de quem as ama, e os aplausos de quem as louva, revivem os seus sujeitos; que na vida as executaram: **Videtur nobis in sermone reuiuiscere,** diz Santo Ambrósio: logo, conclui o mesmo Santo, logo não se diga, que de todo é morto este Rei, nem que totalmente é defunto esse Monarca: **Recessit, sed nontotus recessit;** mas diga-se que, ainda que morto, como vemos, vive em nossos corações, em nossas memórias, e em nossos louvores: **Si laudandos tradas, abstulisti morientibus decenter interitum;** e que, ainda que defunto, como mostram os aparatos, totalmente é vivo na fama, e na saudade: **Corpora ipsorum in pace sepulta sunt; nomen autem earum uiuit in generationem, et generationem;** razão, porque a Igreja permitindo tacitamente o sentimento da sua morte, claramente nos manda que o veneremos todo vivo: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.**

Ex-vi disto, já sabem todos que as excelências dos mortos são a causa total das suas vidas infinitas: por isso hoje ainda vivem em nossas memórias aqueles antigos mais famosos; porque também as suas excelências ainda hoje vivem eternizadas na fama, e na saudade: **Opera enim illorum sequuntur illos.** Mas quais serão as excelências do nosso Rei já morto que, vivendo ainda hoje, também o fazem vivo na fama, e na saudade? Pudera dizer que são todas; porque todas exerceu ele em sua vida: e essas são as que hoje vivem, como diz o mesmo Tema: **Regem, cui omnia uiuunt;** porém reparando na precisa razão de Rei, que é o objeto principal destas Exéquias, e reduzindo a número certo o incerto daquela palavra: **Omnia,** diz o

(10) Eccles., 44.

Autor do Enigma numérico, que são cinco: **Quinque sunt omnia**: não sei, porque as Excelências de um bom Rei principiam, e acabam neste número, como nota Santo Isidoro: **Sphaericus autem hic numerus est, quia a se inchoat, et in se conuertitur**; (11) ou porque a este número são devidas todas as honras de um grande Príncipe, como se viu no funeral de Anquises: **Caedit quinas de more bidentes, totque sues, totidem nigrantes terga iuencos. . .**; **animamque uocabat Anchisae magni**: (12) o que sei é, que o número de cinco lhe indica grandes mistérios, todos achados na sua vida, como foram as cinco Chagas de Cristo, de cuja meditação tirava ele o acerto do seu governo; os cinco sentidos corporais, de cuja guarda lhe procediam todas as suas boas obras; as Quinas Portuguesas, de cuja exaltação lhe provieram as maiores honras, e venturas: e para que tudo seu se cifrasse neste número, até foi Dom João o V no nome, quando **in re** foi o primeiro sem segundo de Portugal: **Quinque sunt omnia**.

Porém o Doutíssimo Bercório, depois de assentir conosco em que são cinco as excelências, que vivem, e que tem vivo ainda a este Rei, as declara com certeza, cotejando-as pelas condições requisitas de um bom Príncipe dizendo que são: Sabedoria, Liberalidade, Fortaleza, Comunidade e Severidade; Sabedoria no governar, Liberalidade no premiar, Fortaleza no defender, Comunidade no julgar, e Severidade no castigar: **Iste Rex habet quinque conditiones boni Regis. Quilibet enim Rex debet esse sapiens ad gubernandum, liberalis ad praemiandum, fortis ad defendendum communis ad iudicandum, et faeuerus ad castigandum**. O que suposto; será hoje o meu empenho mostrar nesta fúnebre Oração, que o nosso Monarca enquanto vivo teve estas cinco excelências principais, que são todas as condições de um bom Rei: **Quinque sunt omnia**; pois, na verdade foi Sábio em governar, Liberal em premiar, Forte em defender, Comum em julgar, e Severo no castigar, quanto era devido que fosse: **Quilibet enim Rex debet esse sapiens ad gubernandum, etc.**; e então viremos a conhecer, que quem na vida exerceu tais excelências, posto que já seja morto enquanto ao corpo, ainda hoje vive com elas enquanto a fama, e a saudade: **Corpora ipsorum in pace sepulta sunt; nomen autem earum uiuit in generationem, et generationem**: na saudade, pelo desejo, que temos, de que fosse infinito o tal sujeito; e na fama, pelos repetidos louvores, com que sempre o aplaudimos: e Rei, que ainda assim vive junto com as suas excelências, permita-se muito embora que caladamente o choremos, como morto; mas claramente só se manda que o

(11) Isid., Orig., lib. 3, cap. 7.

(12) Virg., Aeneid.

veneremos todo vivo, como quer a Igreja: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.**

Tanto que as ações são excelentes, se vivem na fama eternizadas para as glórias, também os seus sujeitos vivem em nossas memórias infinitos para a saudade; e por isso Job, vendo que era um homem sem semelhante nas excelências: **Quod non sit ei similis in terra**, (13) queria eternizar-se no Mundo, esculpindo em mármore, e bronzes o heróico das suas ações: **Quis mihi det, ut exarentur in libro stylo ferreo, uel celte sculpantur in silice**: porém o que não alcançou o seu desejo, (talvez permitindo-o Deus, porque em mármore, e bronze tudo acaba) veio a alcançar a sua dita; pois vive ainda hoje, e viverá sem nunca acabar em nossa memória, e saudade; porque também as suas ações excelentes vivem ainda, e viverão sempre na fama eternizadas: **Homo simplex, et rectus, ac timiens Deum, et recedens a malo**. Milagres são da fama, e da saudade, que aquilo, que não conservam mármore, e bronzes na sua dureza, e solidez, conserva a fama em aplausos repetidos, e conserva a saudade em suspiros continuados. Não sabem o como isto seja? pois ouçam.

Repetem-se os aplausos, continuam-se os suspiros, e eis aí bem nascida a fama, e originada a saudade: multiplicam-se os aplausos, retiram-se os suspiros, quando também cresce a fama, e fica adulta a saudade: espalham-se logo os aplausos, rodeando toda a terra; alargam-se em breve os suspiros, passeando todo o ar; e eis que se ostenta forte o corpo da fama, e robusto o [composto] da saudade; e tão forte, e tão robusto, que gravando-se em suas entranhas as ações mais excelentes, conservam eternamente vivas não só as excelências gravadas, senão também os graves sujeitos, que na vida as exerceram: mas como não há de ser assim, se de princípios tão fortes, o que se gera na fama, é um corpo tão grande, que só o eco da sua voz é ouvido em todo o Mundo: **Exiit fama haec in uniuersam terram**; (14) e de causas tão robustas, o que provém a saudade é um composto tão potente, que dominando em todos os corpos, até nas almas parece ter domínio, e senhorio: **Memoria memor ero, et tabescet in me anima mea**. (15) Pois por isso, o que não conservam mármore, e bronzes na sua dureza, e solidez, conserva a fama por grande em aplausos repetidos, e conserva a saudade por potente em suspiros continuados: **Corpora ipsorum in pace sepulta sunt; nomem autem earum uiuit in generationem, et generationem**.

Porém eu não me admiro tanto desta eterna conservação, quanto me espanto da produção daquelas vidas. É certo, que toda a con-

(13) **Job.**, 1.

(14) **Math.**, 9

(15) **Ternor.**, 3.

servação supõe produção de vida: logo se a fama, e a saudade em seus suspiros, e aplausos conservam eternamente aos sujeitos excelentes, segue-se que também lhes hão de dar vida, pois os supomos mortos ao Mundo. Assim é, e assim há de ser; porque na escola do Sutilíssimo Doutor toda a causa conservativa, é a mesma produtiva; tanto assim, que até a ação, com que se conserva qualquer coisa, é a mesma, com que se produz, sendo depois continuada: **Conservatio est continuata productio**: mas o que não sabemos é, como se produzem estas vidas. Certamente, que isto é um dia de Juízo, pois enfim é ressuscitar mortos à vida eterna: porém como a ação, ainda que difícil, é quotidiana, o que sempre se vê, facilmente se diz. Brada a fama por uma parte, aplaudindo a um Varão por excelente; e ex-vi destes brados vive logo o Varão com todas as suas excelências: suspira a saudade pela outra, desejando o excelente de um sujeito; e ex-vi destes suspiros vivem logo as excelências juntamente com o seu sujeito. Esteja embora morto o sujeito; esteja sem dúvida defunto o Varão; se foi excelente, nos brados da fama acha berço, em que renasça, e nos suspiros da saudade regaço, em que reviva: com esta diferença, que os brados da fama, como soam mais, dão vida aos tais por todo o Mundo: e os suspiros da saudade, porque soam menos, só dão vida a estes no coração de quem os ama: mas uma tal vida, que se na primeira pagaram eles ao tempo o seu tributo morrendo, nesta primeira há de o tempo tributar a eles a sua paga; pois primeiro há de acabar o Mundo, do que acabem os excelentes de viver na fama, e na saudade.

Desta sorte é, que a fama, e a saudade dão eternas vidas aos sujeitos excelentes: nem pareça isto novidade, quando por experiência sabemos, que assim vivem entre nós os mortos de tantos séculos; e se os brados, e os suspiros são uns sons espirituosos, como sente quem os dá, mal pode ser isto novidade, quando já do princípio do Mundo sabemos, que esses sons dão vida a muitos corpos. Bradou Deus a Adão: **Faciamus hominem**, (16) e o mesmo foi dar este brado, que também dar vida a Adão: **Et creavit Deus hominem ad imaginem suam**. Suspira Marta pela pessoa de Lázaro: **Domine, si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus**; (17) e o mesmo foi suspirar Marta, que viver também Lázaro: **Et statim prodiit, qui fuerat mortuus**. (18) Bradou Deus a uns ossos secos: **Ossa arida audite uerbum Dei**, e o mesmo foi dar tal brado, que dar a estes ossos toda a vida: **Ingressus est in ea spiritus, et uixerunt**. Suspirou uma viúva pela vida de seu filho único: **Filius unicus matris suae, et haec uidua erat**; (19) e o mesmo foi suspirar esta viúva, que também ter vida aquele filho: **Et**

(16) **Gen.**, 2.

(17) **Ioann.**, 11.

(18) **Ezech.**, 37.

(19) **Luc.**, 7.

resedit, qui erat mortuus, et caepit loqui. Finalmente no espirituoso som de vários brados consistiu a vida de todo o Mundo: **Dixit Deus, fiat, et factum est;** e no espirituoso som de alguns suspiros é que se deu a vida a todos os homens: **Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?** Pois se estes sons espirituosos, já no princípio do Mundo, deram vida a tantos corpos; que muito, que também hoje a dêem, enquanto ao nome, nos brados da fama, e nos suspiros da saudade! Logo não se deve ter por coisa nova, que a fama, e a saudade dêem eternas vidas aos sujeitos excelentes: **Nomen autem earum uiuit in generationem, et generationem.** Mas para que me canso em provar o que é sabido, quando ninguém ignora, que desta sorte é que a fama, e a saudade dão vida, e conservam vivos aos sujeitos, e às suas excelências? E se o nosso Rei foi um Monarca tão excelente, como publicamente brada a fama, e em particular suspira a saudade: segue-se, que também ele, posto que morto, e já defunto, ainda vive, e viverá entre nós com todas suas excelências nos brados da fama, e nos suspiros da saudade: **Regem, cui omnia uiuunt etc.** Para vermos isto resta provar, que fosse o nosso Monarca excelente; porém a isto digo assim.

Escusado fora mostrar deste Rei as excelências, quando são tão sabidas, que uns as viram, e outros as ouviram; mas bom é que também se leiam, para que com a sua lição saibam presentes, e futuros o que hão de imitar para serem bons. Cinco foram as suas excelências, quando vivo, e nestas se resumem todas: **Regem, cui omnia uiuunt. Quinque sunt omnia;** e como destas é a sabedoria a primeira, que governa: **Iste Rex habet quinque conditiones boni Regis: Rex enim debet esse sapiens ad gubernandum;** vejamos agora como nesta foi excelente o nosso Rei, e então conheceremos, que por ela ainda vive hoje entre nós na fama, e na saudade. Sábio foi o defunto Monarca no seu governo, como bem mostram as disposições do seu reinar: e nem seria ele verdadeiro Rei, se na verdade não fora Monarca Sapiente. Tão necessária é a sabedoria, como necessária é a alma a um corpo: **Principi non aliter necessaria est sapientia, quam anima corpori,** (20) diz Platão. Por isso muitos antigos só elegiam por Reis aos sábios, porque a estes, mais que todos, é devida a sabedoria: **Regnabit Rex, et erit sapiens:** (21) e com razão; porque se o nome de Rei se deriva do verbo **Rego,** que significa reger, e para cada qual se reger a si já necessita de ser sábio, como diz Davi: **Da mihi intellectum, et uiuam;** que será para um Rei, que se rege a si, e a tantos súditos? Sem dúvida, que lhe será necessária tanta ciência, que por ela se diga que é verdadeiro Rei, pois sabe mais que os seus Vassallos: **Qui stultus est, seruiet sapienti.** (22) Esta ciência ne-

(20) Plat. Dialog., 5, De Republ.

(21) 3 Reg., 21.

(22) S. Bern. Serm. S. Stephan.

cessária a um Rei, é muito proveitosa a todos os súditos, tanto assim, que de a não ter aquele, provêm ao Rei mil desgraças: **Rex insipiens perdet populum;** (23) e de a ter procedem aos súditos mil fortunas: **Rex sapiens populi stabelimentum;** (24) Por isso Salomão, vendo a Deus pronto para lhe conceder o que pedisse, só pediu a sabedoria, para dita do Reino, e do seu povo: **Dabis ergo seruo tuo cor docile, ut populum tuum iudicare possit.**

Em grau supremo logrou o nosso Rei esta excelência. Diga-o o aumento do seu Reino, a direção das suas obras, e o acerto das suas ações: ao menos no seu tempo não houve Reino mais ditoso, obras mais bem justas, ou ações mais bem sortidas. Não individuo agora casos, porque neste canto do Mundo, onde estamos, ou não chegam ações particulares, ou, se chegam, vêm tão variadas, e diminutas, que absolutamente as não ponho aqui; por não faltar à verdade pura; mas só direi o mais comum, que, pelo ser, é verdadeiro. Em cada coisa, que fazia, sabia de tal sorte ocultar os seus intentos, que com o segredo delas pasmava aos estranhos, e espantava aos naturais; pois primeiro se viam **extra causas**, as suas determinações, já mui bem justas, do que sobre elas se pudesse ajustar algum discurso: tal como o raio, que primeiro se sentem na terra os seus efeitos, que se alcancem no ar os seus intentos. Mas como não havia ser assim, se ele, como sábio, conhecia que o bom sucesso dos negócios depende do segredo, que é a sua alma? Para isto elegia no Conselho muitos Conselheiros, conforme aquilo: **Salus autem, ubi multa consilia,** procurando sempre, não os mais velhos, ou os mais nobres, porque estes também erram, como erraram contra Cristo: **Collegerunt Pontifices, et Pharisaei consilium, ut IESUM dolo tenerent;** (25) mas os mais sábios, e mais tementes a Deus, porque estes são os que sempre acertam, como se afirma nos Provérbios: **Ego sapientia habito in consilio . . . timor Domini odit malum . . . per me Reges regnant, et legum conditores iusta decernunt.** (26)

Como soube fugir de conselhos ímpios e tiranos, e por isso soube abraçar os pios e humanos de Religiosos graves, e prudentes, podendo dele dizer-se: **Beatus uir, qui non abiit in consilio impiorum . . . , sed in lege Domini uoluntas eius.** (27) Por esta razão, não faltaram críticos, que lhe caluniassem a companhia contínua de Varões Religiosos, quando só deviam louvar a Deus, por verem o Palácio do seu Rei reduzido a um Convento; mas tudo isto soube disfarçar aquele Príncipe, continuando sempre com o seu ditame, fundado só nesta

(23) **Eccl.**, 10.

(24) **3. Reg.**, 9.

(25) **Ioan.**, 11.

(26) **Proverb.**, 8, 12.

(27) **Psalms.**, 3.

razão: que se para os conselhos se requerem Varões independentes, que os Religiosos, que já deixaram o mundo, e suas honras? E se destes ainda se diz que podiam errar, pela razão de serem homens: **Hominum est errare**; que se dirá daqueles homens, que, não sendo Religiosos, todo o seu pensamento tem no Mundo, e suas honras? Certamente, que só se poderá dizer destes o que diz a Escritura: **Ubi thesaurus uester est, ibi et cor uestrum erit**; (28) pois o seu conselho só há de ser conforme a sua conveniência, para que assim seja o efeito à medida do seu desejo.

Esta sabedoria, que mostrou no bom regime dos Vassallos, apurou muito no aumento deste Reino; pois, qual outro Salomão, para que nele não faltasse coisa alguma, chamou operários estrangeiros, admitiu fábricas novas, e modernas invenções em tudo aquilo, que foi honesto, e útil ao bem comum. Nas artes liberais não teve que invejar a Cipião, a Aníbal, a Augusto, ou a outros destes; porque a uns excedeu, e a outros igualou nesta matéria. Bem mostrou isto na estimação, que fez dos sábios, pois qual o insigne Vespasiano, de quem diz Suetônio, que: **Ingenia, et artes maxime fovit**; (29) foi excelente Instituidor da Academia Portuguesa, dando a entender ao Mundo, que já podiam os Portugueses obrar façanhas memoráveis, sem temor de que o tempo as consumisse; porque, emendado já este erro antigo, tínhamos em cada Acadêmico um Homero, contanto, que fosse cada Português um Aquiles. Nem tem mais lugar a passada queixa dos Singulares de Lisboa: porque se estes se doíam do pouco florescer das suas Aulas, por não terem um Príncipe, que patrocinasse os seus estudos; agora já tivemos um Rei, que instituiu, fomentou, e patrocinou estas Aulas com despesas, amor e autoridade: razão porque tem florescido tanto esta Academia, quanto floresceram a de Pávia, a de Sena, a de Ferrara, a Paduana, e Veneziana, a Florentina, a Belônica, a Corusca, e a Noturna; porque tiveram também Príncipes, que as amparassem, como afirma Tomás Garções. Também foi exaltador supremo da Universidade Conimbricense; tanto assim, que para nas suas Classes haver emulação em serem mais doutos, premiava a uns, honrava a outros, e estimava a todos, ação na verdade indicativa da sua sabedoria, pois não pode não ser sábio, quem aos sábios premia, honra, e estima, segundo aquilo: Chega-te aos sábios, serás um deles. Finalmente, em todas as artes, ações e disposições do seu governo mostrou ciência total, e adequada; e quem na sua vida teve excelência desta sorte, posto que morresse, não só uma, senão muitas vezes, contudo, ainda com ela vive entre nós na fama, e na saudade.

(28) **Math.**, 6, 12.

(29) **Suet.**, in **vit. Vespes.**

Duas vezes morreu Adão, aquele primeiro Príncipe que viu o Mundo, uma no Paraíso, enquanto a graça: **In quocunque die comederis, morte morieris**, (30) e outra fora dele enquanto ao corpo: **Tempus, quod uixit Adam, anni nongenti triginta**: e com serem tantas estas mortes, se diz no Gênesis, que ainda não morreu: **Nequaquam moriemini**. Eu bem sei que este dito pode ser mentiroso, pois quem o disse foi o pai da mesma mentira; mas por experiência sei que é verdadeiro: porque se morreu enquanto à graça, e ao corpo, enquanto às excelências ainda vive com elas na fama, e na saudade: **Ecce Adam quasi inus ex nobis factus est, sciens bonum, et malum**. (31) Porém qual será a causa, porque morrendo ele uma, e outra vez, se diga que ainda vive com as suas excelências nessa fama, e saudade? Eu o digo. Adão no Paraíso teve ciência total, pois entendeu do bem, e do mal: **Scientes bonum, et malum**; Adão fora do Paraíso teve ciência adequada, pois conheceu tudo por seus nomes: **Appelauit Adam nominibus suis cuncta animantia**: e quem na vida teve tal excelência desta sorte, posto que morresse; não só uma, mas muitas vezes, contudo ainda com ela vive entre nós na fama, e na saudade: **Nequaquam moriemini**. Oh, como por esta excelência ainda hoje aplaude a fama a um defunto Rei, e suspira por ele a nossa saudade! Mas por isso mesmo ainda hoje vive ele com a sua excelente sabedoria, posto que esteja morto, e já defunto; pois quem na vida logrou ciência total, e adequada, bem é que ainda viva, diz o Espírito Santo, quando tão viva tem em todo o povo a lembrança da sua ciência: **Sapiens in populo haereditabit honorem, et nomen illius erit uiuens in aeternum**. (32)

Porém, ainda que a ciência em toda a matéria dá eterna vida ao sujeito, que a logra; melhor a dá a ciência no morrer, por ser esta de todas a mais perfeita e proveitosa: assim disse uma voz do outro Mundo ao Imperador Carlos V em um deserto: **Carlos, Carlos, ta vanidad te engana, saber morir es la maior hazaña**: e sendo o nosso Monarca um Varão em tudo sábio, por força havia de ter esta ciência, que é princípio das mais: **Initium sapientiae timor Domini**; mas se a morte é da cor da vida, quem soube bem viver, porque não saberia bem morrer? Em oito anos completos, o avisou Deus da sua morte, não em sonhos, ou enigmas, como fez com alguns Santos, e Profetas; mas com uma moléstia repetida, que é o aviso mais próximo como afirma São Gregório; **Cum iam per aegritudinis molestias esse mortem uiccinam designat**. (33) Ó como em todo aquele tempo esperaria este Rei pela última hora, preparando-se para Deus, como manda Davi aos bons Católicos: **Expecta Dominum, uiriliter age, confortetur cor**

(30) Genes., 5.

(31) *Ibid.*, v. 3.

(32) Eccl., 37.

(33) Greg. homil., 13, in Evang.

fere omnium amantur; (39) pois por esta razão não houve em todo o seu tempo na Europa, e fora dela, Monarca mais estimado, Príncipe mais venerado, ou Rei mais querido de todos os homens; parecendo a Corte nos seus dias, pela freqüência de Embaixadores, Ministros, e Enviados de outros Reis, que procuravam sua amizade liberal, não Lisboa, mas segunda Roma, ou Cabeça universal de todo o Mundo.

Desta liberalidade usava ele, não só premiando aos que mereciam, e rogavam, senão também aos que mereciam, e não pediam; porque conhecendo que as naturezas nobres, por mais que mereçam, nada pedem, tinha cuidado de fazer esta pesquisa para que, como o Imperador Adriano, premiando sem rogos, tivessem os súditos mais que lhe agradecer no liberal: **Gratius est domum, quod uenit ante precos.** (40) Mas no que mais mostrou a liberalidade nos seus prêmios, foi no Culto Divino, e ações pias, distribuindo para isso rendas tão grossas, e despesas tão altas, que esgotou os Erários Régios em remunerar a Deus, e aos Santos os benefícios, que lhe faziam. Digam isto a magnificência, e custo, com que devotamento ampliou a Procição anual do Corpo de Deus, as grandes esmolas nas Igrejas de todo o Reino, o Lausperene de toda a Corte, as excelentes peças da Capela Real, e os custosos ornamentos da Basílica Patriarcal: sobretudo, digam isto os excessivos gastos, com que, além desta Basílica, fabricou em Mafra aquele Convento Majestoso, obra tão grande, e edifício tão suntuoso, que pasmando a todos com a soberba arquitetura, e formosa pedraria de sua fábrica, dá a entender, pelo sublime, que se quer levantar a terra ao Céu; e pelo vistoso, que desceu por aí o Céu à terra: **Caelestis urbs Ierusalem, quae celsa de uiuentibus saxis ad astra tolleris:** maravilha tão rara, e singular, que com ela não fazem paralelo, nem o Templo de Salomão em Jerusalém, nem o de Ara Caeli em Roma, nem o de São Dionísio em Paris, nem outros mais famosos dentro, e fora do Reino; porque é esta maravilha tão única, entre as oito do Mundo, que será singular em todos os séculos pretéritos, presentes, e futuros: **Nec similem uisa est, nec habere sequentem.**

Porém se estes edifícios, por serem mudos, não podem dizer a liberalidade deste Rei no premiar, digam por todos os necessitados, os órfãos, e pobres, pois só estes, como diz Santo Ambrósio: **Liberalitas perfecta est, quam laudat os pauperis.** (41) Mas ah! que a fala, com que o dizem são suspiros, com que se queixam; e os ditos, com que em tal falam, são queixas, com que suspiram. Nele tinham Pai ao seu desamparo, socorro à sua miséria, e alívio à sua necessidade;

(39) **Arist.**, 1, 4, **Ethy.**

(40) **Cassiod.**, in **Epist.**

(41) **S. Ambr.**, de **bonjur.**

mas agora na sua necessidade, na sua miséria, e no seu desamparo, nem tem Pai, nem socorro, nem alívio. Mal de muitos, consolo é: consolem-se pois estes pobres com outros não menos que conosco pobres **ex professo**, por filhos de Francisco, meu mais que Grande Patriarca. Sentem juntamente a morte deste Rei as nossas Igrejas, as nossas Capelas e os nossos Altares, pois já não recebem dele ornamentos, cortinas, vasos, e outras peças semelhantes, que até agora recebiam; sentem porém mais que tudo os mesmos Religiosos desta Seráfica Família, pois não só sentem como Vassallos a morte de um tal Rei, senão também como amantes a falta de um tal Irmão, (Irmão na verdade, porque filho também de meu Santo Padre) e tão liberal no premiar, que depois de nos dar Conventos, esmolos, e outras coisas, até a sua custa doutourou em a Universidade de Coimbra muitos mestres da nossa Religião, podendo-se então dele dizer: Divina ação, pois se exaltou os humildes, os quais por pobres nunca lograram esta honra: **Exaltauit humiles. . . esurientes impleuit bonis**. Ó liberalidade nunca vista! E é certo, que morreu um tal Monarca? Sim, que assim o sentem nossas ânsias: **Quis mihi det te fratrem meum?** Pois não é certo; sosseguem os sentimentos, e as penas, que quem na vida logrou desta sorte a liberalidade no premiar, posto que morto, e já em ossos, ainda com esta excelência vive entre nós na fama, e na saudade.

Fala a Escritura de José Príncipe do Egito, e diz que os seus ossos depois da morte profetizaram: **Ossa ipsius post mortem prophetauerunt**. (42) Já sabemos que o profetizar supõe viver no sujeito, que profetiza; pois esta ação, quando nada, requer fala; a qual só se dá em quem está vivo: logo se os ossos de José depois da morte profetizaram, é porque ele morto, e já em ossos, ainda tinha vida: **Ossa ipsius. . . post mortem prophetauerunt**. Porém como poderá ser isto agora? Se estes ossos com o seu sujeito na verdade estavam mortos como diz a Escritura, que o sujeito morto, e já em ossos, ainda vive? Ora reparem: o sujeito destes ossos era José, aquele Varão tão liberal no premiar, que vendo-se senhor de toda a terra do Egito, premiou com larga mão a todos os homens; aos Eclesiásticos, dando-lhes largas côngruas, e Prebendas: **Praeter terram sacerdotum. . . quibus statuta cibaria ex horreis publicis praebantur**; (43) aos Seculares, inovando-lhes mais governos no domínio de Faraó: **Emit igitur Iosephus omnem terram Egypti, subjectique eam Pharaoni**; aos Militares, Ministros, e mais povo necessitado, acrescentando-lhes cada dia o pão de munção, o pagamento comum, e o alimento cotidiano: **Clamabat populus alimenta petens, quibus ille respondit: ite ad Ioseph, et quidquid uobis dixerit, facite**; mostrando-se sobretudo tão liberal com seus po-

(42) Eccl., 49.

(43) Genes., 45 et 47.

bres irmãos, que, depois de muitas dádivas, e esmolas, até os sublimou com muitas honras à custa da sua fazenda: **Deus fecit me Dominum uniuersae terrae Aegypti, descende ad me, ne moreris. . . et ego dabo uobis omnia bona:** e sujeito, que na vida logrou desta sorte a liberalidade no premiar, posto que morto, e já em ossos, ainda com esta excelência se acha vivo entre nós, não no Mundo, porque implica; mas na fama, e na saudade, que é o lugar dos Excelentes: **Ossa eius post mortem prophetauerunt.**

Valente excelência, que tirando das garras da morte aos seus sujeitos, os restitui à vida, e vive com eles eternamente na fama, e na saudade! Por isso os Antigos reconheciam imortalidade naqueles sujeitos, que veneravam por Deuses: **Dii immortales:** Porque como da sua liberalidade supunham receber todos os prêmios, e fortunas; ainda que os viam morrer, e ficarem em ossos, sempre os consideravam vivos, e imortais pelas suas liberalidades: e ainda hoje sabemos, que o Verdadeiro Deus imortal de ser liberal adquiriu o nome: **Deus a dando;** pois é a liberalidade uma excelência tão famosa, que só se acha em Deus imortal, ou em homens, que, vivendo eternamente, se parecem com Deus nessa matéria: **Nunquam homines** (disse Filo Judeu) **ad Dei similitudinem accedunt, quam cum sunt benefici:** (44) pois se isto é o que se viu em o nosso Monarca, quando vivo: **Iste Rex debet esse liberalis ad praemiandum;** ó como por esta excelência ainda hoje o aplaude a fama, e suspira por ele a nossa saudade: **Ossa eius. . . post mortem prophetauerunt. . . nunquam homines ad Dei similitudinem accedunt, quam cum sunt benefici.**

É a fortaleza no defender a terceira condição de um Rei perfeito: **Fortis ad defendum:** e se a fortaleza no acometer é excelência muito grande, maior é no defender; porque a fortaleza no acometer lá peca em ira, cobiça, vanglória, ou temeridade, como foi a de Absalão, e outros muitos: mas a fortaleza no defender sempre se absolve de toda a culpa com a lei natural, que isto nos manda: **Nemo tenetur seipsum prodere.** Esta excelência se achou no defunto Monarca; mas por modo tão raro, que quando os outros se defendem com guerra, ele só se defendeu com suma paz. Dezessete anos tinha de idade, quando entrou a governar, e achando Portugal todo revolto, pelo socorro que então dávamos ao Império contra Castela, obrou tanto nesta guerra, que dentro em três anos reduziu o Reino à última paz, e com ela o defendeu quarenta e um anos até morrer, podendo-se então dizer com Davi: **In pace factus est locus eius;** (45) assim como diria ele perto da morte: **In pace in idipsum dormiam, et requiescam.** (46) Nem foi pequena a fortaleza defender ele o Reino com esta paz, quando nos

(44) Phil., Iud. de Iudic.

(45) Psalm., 75.

(46) Psalm., 4.

séculos presentes tem ardido toda a Europa em guerras ofensivas: mas como a guerra é a origem de todos os males, e a paz o princípio dos bens, achou, que mais forte se ostentava um pacífico, que um bom guerreiro: **Pax omnibus bonis fuit optabilis**; e não se enganou, porque com a paz não só se defendeu fortemente, se não que triunfou com ela dos mais Príncipes; que também a paz tem seus triunfos, como diz São Cipriano: **Habet etiam pax coronas suas**.

Haveriam (sic) estranhos, que a esta paz chamassem covardia, mas sem razão; porque além de se não dar covardia em Varão sábio, como se diz nos Provérbios: **Vir sapiens fortis est**; bem mostrou ele que a não tinha em várias ocasiões, que se lhe ofereceram, como foi na fortificação da nova Colônia em o Brasil para o Sul, nos reparos das Fronteiras, e nas prevenções de todo o Reino: e não havendo necessidade de guerra, como não houve no seu tempo, antes foi fortaleza o defender-se em paz; pois com isto dava cuidado aos outros Príncipes, que o temiam descansado, com o Reino forte, e abundante: **Fiat pax in iurtute tua, et abundantia in turribus tuis**. (47) Por esta razão algumas vezes o provocaram a declarar-se, e a seguir alguma liga; mas ele objetando esperas, e demoras, se fez mais forte, defendendo os seus Vassallos com a paz, do que pelejando sem causa urgente. De Fábio Máximo, diz Ênio que com esperas, e demoras fora mais forte na paz, que Marco Minúcio na guerra contra Aníbal; e dá logo por causa, vencer aquele defendendo com paz os súditos, quando este se ia perdendo por sair a pelejar sem causa urgente: **Unus homo cunctando nobis restituit rem**: (48) e com razão; porque evitar os perigos da guerra honradamente, é fortaleza, e não temor, como diz São Pedro Crisólogo: **Bellicosus, quod fugit in bello, artis est, et non timoris**; (49) e não evitar, antes procurá-los sem necessidade, é querer parecer por vontade própria: **Qui amat periculum, peribit in illo**. Para se defender desta sorte, todas as duas diplomações punha em Deus o nosso Monarca, mostrando que conhecia não haver sem ele fortaleza alguma no defender, como diz São Cipriano: **Nemo suis uiribus fortis est, sed Dei indulgentia, et misericordia**; (50) e dando a entender que com ele se defendia qualquer fortemente, não só no exterior do mundo, senão também no interior do espirito: **Si Deus pro nobis, quis contra nos?**

Porém sendo este Herói tão amante da paz, como se viu, o zelo da Lei de Deus o fez deixá-la, qual outro Elias punitivo: **Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, quia dereliquerunt pactum tuum, filii Israel**; (51) pois vendo que os Nacionais da Índia já Cristãos, iam

(47) **Psalm.**, 112.

(48) **Policrat.**, **Hist.**, 1, 3.

(49) **Chrysol.**, **Serm.**, 15.

(50) **S. Cyprian.**, **Serm. de orat. Dom.**

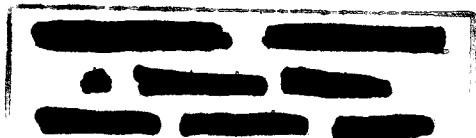
(51) **3. Reg.**, 19.

desamparando a nossa Fé, e por isso negando a sujeição ao nosso domínio, para defender esta causa, e exaltar a Fé, se fez sair dos seus limites, e meter mãos à espada como São Pedro. Por esta causa expediu para Goa nos anos próximos passados uma Armada com gente, armas, e bons petrechos, a qual, ainda que para a grandeza da Índia era pequena no corpo, contudo na força dos Soldados era capaz para todo o Mundo; pois na guerra, como diz Vegécio, não se atende à grandeza, e multidão mas sim ao esforço, e valentia: **In omni conflictu non tam prodest multitudo, quam uirtus.** (52) Bem pequeno exército tinha Alexandre no Oriente, e contudo, com esses poucos, porém fortes Soldados, sujeitou o Oriente, e o mundo todo: **Hac tamen parua manu,** diz Justino, **uicit uniuersum terrarum orbem.** Bem pequeno no corpo, era Davi; contudo assim pequeno, porém forte, derrubou a um grandioso Gigante: **Percussit Philisthaeum in fronte:** e se isto lá se viu, o mesmo se vê cá nesta Armada pequena; pois, chegando a Goa, não só recuperou as nossas terras já perdidas, senão que hostilizando aquelas gentes, por mar, e terra, lhes tomou novas Praças de estimação, como foram Rari, Alorna, e outras muitas, desbaratando ao Maratá, Bounsolós, e outros Índios rebeldes: e como continuam os progressos das nossas armas todos os dias, (porque os modernos Portugueses, em nada inferiores aos antigos, vão obrando na Índia, teatro sempre das nossas glórias, ações famosas, e memoráveis, de tal sorte, que já o nome Português lá se ouve com espanto, se respeita com temor, e se venera com humildade) cedo tornaram os rebeldes, e toda a Índia ao grêmio da nossa Fé, cujo zelo excessivo é que obrigou ao nosso Príncipe a fazer-lhes guerra tão cruenta: **Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, quia dereliquerunt pactum tuum filii Israel.**

Assim se mostrou ele forte no defender de vários modos na causa própria, e coisa sua com paz; na de Deus, e coisas da Fé com guerras: porque o seu ardente zelo não dava para menos, pois de dia, e de noite aspirando ao bem da Fé, parece que este desejo lhe roía as entranhas impaciente: **Zelus domus tuae comedit me.** Isto, que com os estranhos mostrava, melhor o fazia em si, e nosso Reino: em si, aspirando sempre a maior perfeição da lei, já rezando o Ofício Divino em todo o tempo, já ouvindo Missas todos os dias, e já com outras obras supererogatórias todas as horas; e o que mais é, tão absorto nesta vida, que só se via na rua, ou a Procissões, ou a romagens; no seu Reino, já desterrando usos, já destruindo abusos, e já proibindo luxos, e superfluidades; de sorte que com o seu incansável zelo parecia em tudo não só um Cristão reformado, senão um reformador dos Cristãos, chegando com ele a procurar não só o bem dos vivos, senão também dos mortos, como se viu na Indulgência, que agora alcançou para bem

(52) Veget., de re milit., lib., 2.

(53) Psalm., 117.



das almas, como se lhe disserem três Missas no dia de Finados. Procedia este zelo de um afeto excessivo, e de uma paz interior, que tinha na alma; pois quem defendia desta sorte a causa de Deus no externo, é porque no interno se achava primeiro forte, e mui pacífico: **Cum fortis armatus custodit atrium suum, in pace sunt omnia, quae possidet.**

Fala Davi conosco, e diz estas palavras: **Non moriar, sed uiuam.** Senhores, eu nunca hei de morrer neste Mundo, mas sempre nele hei de viver eternamente. Notável dizer! Que esta vida seja na fama, e na saudade, claro está; pois na vida do corpo já sabemos que morreu: **Sepultus est in ciuitate David;** mas se esta vida provém das excelências: **Nomen autem eorum uiuit in generationem, et generationem,** que excelência teve Davi enquanto vivo, para dizer que nunca havia morrer na fama, e na saudade? Ora reparemos para a sua vida, e vejamos nela o que achamos.

Foi Davi aquele sujeito tão forte no defender, e defender com paz, que achando em certa ocasião dormindo a Saul, que como inimigo o procurava matar, contentou-se com lhe cortar um pedaço da capa, e defender-se dele com toda a paz: **Cum praescinderem summitatem clamidis, nolui extendere manum meam in te.** (54) Aquele Varão, que, para ser forte no defender, todas as suas disposições entregava a Deus, como quem sabia que só nele é que estava a fortaleza: **Fortitudo mea, et laus mea Dominus, et factus est mihi in salutem.** (55) Aquele Herói, que movido do zelo da Lei deixou esta paz nas suas coisas, para usar da guerra na causa de Deus, não descansando de perseguir aos inimigos do seu nome até os sujeitar ao seu domínio: **Donec ponam inimicos tuos scabellum pedum tuorum;** e finalmente aquele Rei que aspirando sempre a maior perfeição das virtudes, depois de extirpar os vícios do seu Reino, até rezava o Ofício Divino cada dia para defesa sua exterior, e interior: **Septies in die laudem dicam tibi. . . in psalterio decem cordarum psallam tibi.** (56) E quem deste modo foi forte no defender, por mais que esteja morto, bem é que nos diga que não morreu, mas sim que vive ainda com esta sua excelência na fama, e na saudade: **Non moriar, sed uiuam.** E isto se diz Davi, por esta razão; que diremos nós do nosso Rei morto pela mesma? Diremos, como o Eclesiástico, que se morreu enquanto ao corpo, ainda vive enquanto ao nome: **Corpora ipsorum in pace sepulta sunt, nomen autem eorum uiuit in generationem, et generationem.** O excelente fortaleza! Que com a paz se defenda o corpo da morte, muito bem; mas que com ela também passem as almas da morte à vida, não o crera, se o não dissera o Real Profeta: **Redimet in pace animam**

(54) I. Reg., 24.

(55) Psalm., 17.

(56) Psalm., 164.

suam. (57) E pois isto é tão certo, como sabemos, justo é que o nosso Monarca, por mais que esteja morto, não se dê por tal, antes se diga que, pela excelência de forte no defender: **Iste Rex debet esse fortis ad defendendum**, ainda hoje vive excelente na fama, e na saudade: **Nom moriar, sed uiuam. Redimet in pace animam suam.** Na comunidade em julgar, e na severidade em castigar consistem a quarta, e quinta condição de um bom Monarca: **Communis ad iudicandum, et seuerus ad castigandum.** Ambas estas excelências logrou o nosso Príncipe na sua vida. Enquanto à primeira, logrou-a não em desejos, como fez Absalão: **Quis mihi constituat Principem, ut iuste iudicem?** Mas em obras, como deve fazer um Rei honrado; **Honor Regis iudicium diligit.** Nunca Deus, como justo Juiz separou pessoas no julgar, como diz o Apóstolo: **Non est Deus acceptator personarum;** nem este defunto Príncipe as soube distinguir no seu juízo, antes cuidando só na mera justiça, com a mesma vara média a todos, que assim faz, quem quer ser justo: **Nescit enim personas distinguere, qui meram cogitat aequitatem,** (58) diz Cassiodoro. Por esta razão gastou os dias, não como Sardanapalo em deleites, nem como Zenon com comédias, nem como Heliogabalo em vícios; mas qual outro Otávio Augusto só os consumia em atender, e despachar a todos os homens igualmente, grandes, e pequenos; pobres e ricos; bons e maus, como se via: tendo para si, que só desta sorte exercia o Cetro com agrado de Deus: **Statera dolosa abominatio est apud Deum, et pondus aequum uoluntas eius;** (59) pois só para isto o ungiu Rei de Portugal: **Dilexisti iustitiam, et odisti iniquitatem, propterea unxit te Deus.** E quem na sua vida logrou assim a comunidade no julgar a todos igualmente, posto que se não veja no Mundo, não digamos logo, que é morto, mas sim, que o parece; pois realmente vive com esta sua excelência na fama, e na saudade.

Fulgebunt iusti sicut Sol. Diz o Espírito Santo, que os Príncipes justos resplandecem como Sol: valha-me Deus! E por que não há de ser como outro Astro? Será porque entre todos é o Sol o jeroglifo mais próprio de um justo Príncipe, pois sendo Monarca entre os Planetas, é tão comum na sua justiça, que igualmente reparte a excelência de suas luzes por todos os homens, grandes, pequenos, ricos, pobres, bons e maus: **Qui solem suum oriri facit super bonos, et malos?** (60) Será por isto, eu não duvido; porém a maior razão é, porque o Sol depois de morto ainda vive com esta sua excelência na fama, e na saudade: **Oritur Sol, et occidit, ibique renascens gyrat per meridiem,** (61) ouvi o como morre o Sol, e apenas se sepulta nas ondas, quando logo entramos a louvar a justiça comum, com que

(57) Psalm., 54.

(58) Cassiod., 2, 3.

(59) Proverb., 12.

(60) Matth., 8.

(61) Eccl., I.

naquele dia alumiará a todos com igualdade: **Omnibus unus**, diz o Padre Picinello. E como o mesmo é falar-se nisso, que tornar este Sol já morto a viver com aquela excelência famosa, e na saudade; por isso digo, que a maior razão, porque os Príncipes justos nesta sua excelência se comparam ao Sol, é porque tanto este, como aqueles, depois de mortos, ainda vivem com ele na fama, e na saudade: **Oritur Sol, et occidit, ibique renascens gyrat per meridiem**.

Dirão agora, que o Sol nunca morre, pois viveu uma vez no quarto dia depois do Mundo criado para nunca morrer. Assim é, venero a instância para complemento da prova; mas respondo, que se o Sol na realidade não morre, morre na aparência todas as noites, que escondido de nós se sepulta nas ondas: **Et occidit**; pois por isso mesmo se comparam com o Sol os Príncipes justos: **Fulgebunt iusti sicut Sol**; porque assim como o Sol, quando de noite se não vê, parece que de todo morre, e contudo pela igualdade da sua justiça realmente vive ainda famoso na saudade: **Omnibus unus**; assim os Príncipes comuns no seu julgar, quando se não vêm no Mundo, pareceram que estão mortos, mas é só na aparência; porque na realidade vivem ainda com aquela excelência na fama, e na saudade: **Oritur Sol, et occidit**. Por isso de Minos, e Redamento dizem os antigos, que ainda vivem no outro Mundo: **Gnossius haec Rhedamantus habet durissima regna**, porque como estes homens foram comuns no seu julgar, como adverte logo o Poeta: **Castigatque, auditque dolos**, justo era que, ainda que morressem, se tivessem por vivos; pois esta excelência sempre vive famosa na saudade. E se o nosso defunto Monarca foi tão famoso nesta excelência, digamos também que ainda vive; porque se, pelo não vermos no Mundo, cuidamos que ele está morto, pelo considerarmos excelente em ter comum no julgar: **Rex enim debet esse communis ad iudicandum**, conhecemos que ainda assim vive na fama, e na saudade: **Fulgebunt insitictus Sol: Oritur Sol, et occidit, ibique renascens gyrat per meridiem**.

Enquanto a última condição, que é a severidade no castigar, se achou tão perfeitamente neste Príncipe, que lágrimas, respeitos, nem afeições o tiraram de castigar gravemente a quem retamente o merecia; mostrando com isto, que naquele lugar tão comum era em julgar a todos igualmente, como era igual em castigar a todos severamente: **Iustitia, et iudicium correctio, sedis eius**. Afirmem isto os Vassallos, assim nobres, como mecânicos, uns presos, outros desterrados, outros confiscados; e finalmente outros todos castigados segundo o merecer de suas culpas: **Unicuique secundum opera eius**. Vejam lá, se algum dia na sua presença se alteraram vozes nos Magnatas, se nos seus mandos se recambiaram ordens nos Tribunais, ou se nos seus desígnios se opuseram ousadia em todo o Reino. Tal era o temor de seus severos castigos, que desde o maior até o menor não sabiam outra resposta mais do que esta: **Fiat siat**. Mas nem por isso castigava ele

a virga férrea; pois sabia que os castigos têm seus termos, e a severidade seus limites. Com os olhos em Deus, cuja misericórdia sabia que era maior que a justiça: **Super exaltat autem misericordia iudicium**, modificava as leis, e as dispensava no possível; uma vez castigando pouco, outras disfarçando muito, e outras perdoando tudo; não querendo que a sua severidade lá topasse alguma vez com a tirania, e assim ofendesse a Deus, e ao próximo, quando a sua natureza só o inclinava à compaixão; e as suas Régias ações à verdadeira misericórdia: **Misericordia, et ueritas custodiunt Regem, et roborabitur clementia thronus eius.** (62) E quem desta sorte teve na vida a severidade em castigar, ainda que na realidade esteja morto, não o reconheçam por tal os homens; mas digam sempre, que ainda vive com aquela excelência na fama, e na saudade.

De Moisés diz a Escritura que vive ainda, pois ninguém por morto o reconhece: **Non cognouit homo sepulchrum eius.** (63) Afirmam alguns, que esta vida é a do corpo, a qual lha conserva Deus milagrosamente para altíssimos fins; mas isto é falso, pois da Escritura consta, que física, e realmente está morto: **Mortuus est Moyses seruus Domini**: logo aquela vida há de ser a do nome; pois só nesta é que ele vive por meio da fama, e da saudade, como nos afirma em outra parte: **Leuabo ad Caelum manum meam, et dicam: uiuo ergo in aeternum.** Mas quem dá nome a Moisés, para que, morrendo realmente, não se diga que é morto, senão que vive ainda na fama, e na saudade? Sabem quem? A severidade no castigar. Moisés foi um Príncipe tão severo em castigar, que, havendo culpa, não deixava de a punir inteiramente em nobres, mecânicos, e em todo o próximo: **Ite per medium caeterorum, et occidat unusquisque fratrem, et amicum, et proximum suum,** (64) mandou ele, quando pecou o povo no Deserto; mas de tal sorte, e com tal jeito, que no mesmo tempo, que assim castigava, se mostrava benigno, como se viu na mesma ocasião: **Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo:** e quem desta sorte teve na vida a severidade em castigar, ainda que na realidade esteja morto, não é bem que os homens o reconheçam por tal; mas sim que digam sempre, que com aquela excelência ainda vive famoso, e saudoso: **Non cognouit homo sepulchrum eius.** Ó excelência mais que grande! Por isso de Salomão se diz, que dorme como vivo, quando todos sabemos que dorme morto: **Dormiuitque Salomon cum patribus suis;** (65) porque como foi severo em castigar: **Diuidite infantem in duas partes,** (66) no mesmo tempo, em que era benigno na justiça: **Date huic infantem uiuum, et non occidatur;** bem é se diga, que dorme

(62) **Prov., 20.**

(63) **Deuter., 32, 34.**

(64) **Exod., 33.**

(65) **3. Reg., cap. II.**

(66) **3. Reg., cap. II.**

vivo, ainda que realmente esteja morto: **Dormiuitque Salomon cum patribus suis**. Logo, se o nosso Monarca morto desta sorte foi severo em castigar: **Rex enim debet esse seuerus ad castigandum**; por mais que na realidade esteja morto, não o reconheçam por tal os homens, mas enfim digam sempre, que com aquela excelência ainda vive na fama, e na saudade: **Non cognouit homo sepulchrum eius: Dormiuitque cum patribus suis**.

Eis aqui como as cinco condições de um excelente Príncipe se acharam todas em o nosso Rei quando viveu. Foi Sábio em governar, Liberal em premiar, Forte em defender, Comum em julgar, e Severo em castigar; e certamente mais fora, se mais fora necessário ao seu ofício: **Iste Rex habet quinque conditiones boni Regis; Rex enim debet esse sapiens ad gubernandum, liberalis ad praemiandum, fortis ad defendendum, communis ad iudicandum, et seuerus ad castigandum**; e se estas cinco excelências ainda hoje vivem nele, como nos diz a Igreja: **Regem, cui omnia uiuunt**; por força que havemos dizer que ele também vive junto com elas: **Opera enim illorum sequuntur illos**. Não digo que vive, como nós vivemos; porque conosco se não compara um tal Monarca; mas digo que vive, como excelente, na fama, e na saudade: na fama entre os aplausos de quem o louva: **Si laudandos tradas abstulisti morientibus decenter interitum**; e na saudade entre os suspiros de quem o chora: **Corpora ipsorum in pace sepulta sunt, nomen autem eorum uiuit in generationem, et generationem**. Morreu, ninguém duvida; mas não de todo: **Recessit, sed non totus recessit**; pois neste Sermão o vemos tão presente, que nos parece outra vez vivo com todas as suas excelências: **Videtur nobis in sermone reuiuiscere**. Nem vos engane aos olhos aquele túmulo, que vedes; porque aonde estas excelências se acham todas justamente, por força que ainda dentro do túmulo tem vida para largos anos o sujeito, que as possui.

In nidulo meo moriar, et sicut palma multiplicabo dies meos. (67) Eu hei de morrer, diz Job; mais ainda dentro do túmulo por força hei de viver, como vive a palma. Já sei que nisto quer dizer, que por força há de ter vida para largos anos; pois a palma vive tanto, que depois de cem anos é que dá o primeiro fruto: mas que acha Job em si para tal dizer? Respondo que acha todas juntas as excelências de um bom Príncipe, ouvi-as numerar por ele mesmo. Eu, diz Job, em primeiro lugar sou Sábio no governar: **Qui me audiebant, expectabant sententiam; intenti tacebant ad consilium meum**; em segundo, sou Liberal em premiar **Pater eram pauperum . . . oculus fui caeco, et pes claudo**; em terceiro, sou Forte no defender: **Vocem suam cohibebant duces . . . ueruis meis addere nihil audebant**; enquanto, sou Comum no julgar: **Vestiui me sicut uestimento, et diadmate iudicio meo; em**

quinto, sou Severo em castigar: **Iustitia indutus sum:** logo se Job achava em si todas juntas as excelências de um bom Príncipe, que havia de dizer, seão deste antecedente tirar esta legítima consequência: eu hei de morrer, mas ainda dentro do túmulo por força hei de ter vida para largos anos: **Dicebamque** (notai a força desta dedução) **dicebamque, in nidulo meo moriar, et sicut palma multiplicabo dies meos.**

Assim Job; e assim o defunto Príncipe, por ter justamente todas aquelas excelências, também com elas há de viver largos anos naquele túmulo. Enquanto dele cuidarmos, enquanto nele falarmos, e enquanto por ele suspirarmos, vida tem o nosso Rei, entre nós mesmos; por isso eu, quando entrei hoje nesta Igreja, e ouvi entre grande concurso, que uns aplaudiam as suas boas obras, e outros suspiravam por sua boa pessoa, logo disse: não é morto o nosso Monarca, mas por certo que ainda vive nos aplausos da fama, e nos suspiros da saudade. Morreu uma filha a um Príncipe da Sinagoga; e este magoado pediu a Cristo lhe tornasse a vida, pois isto estava em sua mão: **Filia mea modo defuncta est, impone manum tuam super eam, et uiuet.** Olhou Cristo para a menina, e respondendo para o que dela ouvia, diz que não estava morta, porém viva na fama, e na saudade: **Non est mortus puella.** Notável dizer! Senhor, se esta menina está morta, como dizeis que está viva? Ou se vive na fama, e na saudade, que razão para isto? A razão é esta. Olhou Cristo para um grande concurso, que estava naquela casa, e ouvindo a uns, que louvavam as boas obras, a outros, que suspiravam pela presença da menina, disse logo que não estava morta; porém sim, que vivia nos aplausos da fama, e nos suspiros da saudade: pois é certo, que quem assim morre aplaudida, e suspirada, nunca morre, mas sempre vive: **Non est mortus puella.**

Ó Varão aplaudido, e suspirado! Se a morte vos levou por necessidade, consolêmo-nos, que já vos restituiu a vida por traças da fama, e indústrias da saudade. Morrestes enquanto ao corpo temporâneo; mas lucrastes muito nesta morte, pois viveis agora para sempre enquanto ao nome. Ó, e como agora é que tem lugar este bom nome! Na vida, diz o Espírito Santo que se não louve a alguém, por mais excelente que seja: **Ne laudes quemque in uita sua,** logo aos mais excelentes que se deve louvar depois da morte. É o bom nome, como a sombra; porque assim como esta só segue a quem lhe foge; assim aquele só se deve a quem se ausenta: logo necessário foi morrer o nosso Monarca, para que, seguindo o bom nome a sua morte, da sua morte se seguisse também o viver hoje na fama. Demais que foi necessária a sua morte, para que, dando a Deus boas contas de toda a vida, recebesse o prêmio das suas obras em outra vida mais perfeita. Ó, e como assim, as daria multiplicadas! De um servo bom, diz São Mateus que recebendo de Deus cinco talentos, dera de si tão boa conta, que os restituira em dobro multiplicados: **Domine,**

quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum; (68) o que vendo o Senhor, dissera logo: homem, necessário é que morras, para que em outra vida mais perfeita recebas o prêmio de tuas obras: **Euge serue bone, et fidelis. . . intra in gaudium Domini tui;** isto mesmo se vê hoje à risca no nosso caso. Entregou Deus a este Rei, seu bom servo, cinco talentos, que foram as condições requisitadas de um bom Rei: **Iste Rex habet quinque conditiones;** chegou a ocasião de lhe dar contas, e deu-lhas multiplicadas; porque como o seu bom governo lucrou para Deus muitas virtudes. **Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum;** logo necessário foi que por vontade de Deus ele morresse, para que em outra vida mais perfeita recebesse o prêmio de suas obras: **Euge serue bone. . . intra in gaudium.**

Dirão que esta vida, ainda que é ótima, e mui perfeita, nunca tira a nossa saudade: quando muito, alegre a fama; mas a saudade, nem ainda a alivia. Ora senhores, há de alegrar a fama, e há de aliviar a saudade. Alvissaras pela boa nova, que vos dou: que se a vossa saudade só consiste em que aquela vida é só para a alma, e não para o corpo; cessem as vossas saudades, e para o corpo temos vida, pois em o nosso Rei vivo o Senhor Dom José I deste nome, que Deus guarde, temos vivo em corpo, e alma a seu Pai o Monarca morto. Não é meu o pensamento porque assim o diz o Eclesiástico: **Mortuus est pater eius, et quasi non est mortuus; similem enim reliquit sibi post se.** E quando não o dissera, quem o deixaria de acreditar? Na Pessoa deste Alto, e Poderoso Rei vivem as mesmas virtudes, as mesmas ações, e as mesmas excelências, que viveram em seu Pai; pois se me não acreditam por suspeito no amor de Irmão, diga ele por mim o que é verdade. Mas que há de dizer, senão o que eu tenho dito: **Qui uidet me, uidet et patrem meum?** Por isso a Igreja, ainda que hoje tácita nos permite sentimentos, claramente nos manda que adoremos por vivo aquele Pai; o que nós executamos adorando vivo a este Filho com alegria, mais que com pesar: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.**

Acabara agora, se vos não ouvira dizer que, suposto esteja vivo o Monarca morto, nem por isso lhe devemos dar adorações, como mandam aquelas últimas palavras: **Venite adoremus;** pois adorações só aos Santos são devidas. Eu bem sei os decretos, e diplomas Pontifícios, que há sobre esta matéria; e assim não é meu intento canonicizá-lo por Santo; porque esta averiguação, e definição só compete à Santa Sé Apostólica: quero sim, que o reverenciemos, e adoremos por excelente, que esta adoração é humana, e devida aos Reis perfeitos: nem isto vos pareça novidade; porque se a uma estátua morta

já se deram estreitas adorações no tempo de Nabuco: **Procidentes adorare statuam auream**; que muito se dêem no tempo de hoje adorações amplíssimas a um Monarca vivo nos aplausos da fama, e nos suspiros da saudade: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus!**

Tenho sido extenso, bem conheço, mas por força; porque dar vida a um homem morto, custa muito. Pudera dizer-vos tudo em três palavras: **Ioannes uiuit occisus**; mas falta-me a energia de Crisólogo. Considera Crisólogo a um João já morto, e diz que assim mesmo ainda vive; porque assim mesmo ainda fala com Herodes: **Ioannes uiuit occisus. Ioannes mortuus adhuc loquitur, et clamat**; (69) assim mesmo digo eu de outro João. Digo que o nosso Rei Dom João V, que piamente o consideramos glorioso na presença de Deus, assim mesmo morto, ainda vive, porque assim mesmo morto ainda fala conosco: **Ioannes uiuit occisus. Ioannes mortuus adhuc loquitur, et clamat**; e se não entendeis o que ele diz, por ser o idioma do outro Mundo, eu o explico. Reparai para todo este triste concurso, e vereis que a boca daquele túmulo, a língua daquelas tochas, e as lúgubres vozes de todo o Clero nos estão dando a entender que diz ele: Tomemos exemplo no que vemos; porque por aqui hão de passar todos os vivos; e que se quisermos viver também depois de mortos na terra dos vivos, onde supomos que ele vive: **Credo uidere bona Domini in terra uiuentium**, sejamos nesta vida virtuosos, para que com verdade se nos diga a todos o que a ele hoje se diz: **Requiescat in pace. Amem.**

(69) S. Ped. Chrus., Serm. de S. João Bapt.

ORAÇÃO PANEGÍRICO FÚNEBRE NA MORTE
DO FIDELÍSSIMO E AUGUSTÍSSIMO
DOM JOÃO V.

EXPOSTA

NO CONVENTO DE SANTO ANTÔNIO

do Lugar de Ipojuca.

PELO PADRE

FREI DE SANTA ÂNGELA,

EX-LEITOR DE TEOLOGIA

Filho desta Província de Santo

Antônio do Brasil

Ioannes est nomen eius, et mirati sunt uniuersi.

Luc. I.

Se apesar da dura Parca retumba ainda hoje no clarim da fama o nome dos Varões mais insignes, e Heróis mais ilustres, que encheram de pasmo a terra, e de assombro o universo, como não gritará nos ouvidos do Orbe o imortal Nome do mais preclaro Herói, que conheceu a terra, e desconheceram as idades, o qual veneramos oculto e encerrado, a violências da morte, entre as tristes, e funerais sombras, que a nossa vista representa este lutuoso aparato nestas fúnebres Exéquias do Rei mais sábio, e entendido, do Monarca mais generoso, e magnânimo, e para dizer tudo do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei de Portugal, o Senhor Dom João V!

Muito Alto, e muito Poderoso Rei, e Senhor nosso, cuja saudosa memória se eterniza hoje em nossos peitos para um perpétuo monumento da nossa mágoa, e um eterno padrão da nossa dor, explicada esta pelo penetrante golpe, e interior sentimento, com que se nos apura o sensitivo; e significada aquela na exterior corrente de nossos olhos, que em copiosas lágrimas pretende desafogar a mesma dor, que lhe motiva tão excessivo pranto, pela falta, que sentimos saudosos, da Real presença dessa Majestade já defunta, a qual, ocultando-se hoje da esfera da nossa vista, não se pode esconder, nem ao vivo das nossas memórias, nem ao saudoso dos nossos corações; porque servem os nossos corações de animadas urnas, em que se deposita para eterna saudade a regalia desse Cetro, e as nossas memórias de uns vivos berços, em que hoje renasce para a imortalidade a soberania desta Coroa: pois tendo nas nossas memórias atual existência o vosso Nome para a fama: **Ioannes est nomen eius**, tem a sua etimologia nos nossos corações perpétua duração para a saudade: **Ioannes, id est gratia**; bem merecido lugar, por devido, às cinzas de um tão pio, e sábio Monarca, que de ambos os princípios da vida, do entendimento, e da vontade, soube erigir duas colunas, para nelas gravar a imortalidade do seu Nome, dando a entender ao mundo todo, que pelo entendimento, e pela vontade foi o **Non plus ultra** das admirações, e pasmo de todo universo: **Mirati sunt uniuersi**.

Se apesar da dura Parca retumba ainda hoje no clarim da fama o nome dos Varões mais insignes, e Heróis mais ilustres, que encheram de pasmo a terra, e de assombro o universo, como não gritara nos ouvidos do Orbe o imortal Nome do mais preclaro Herói,

que conheceu a terra, e desconheceram as idades, o qual veneramos oculto, e encerrado a violências da morte entre as tristes, e funerais sombras, que a nossa vista representa este lutuoso aparato, nestas fúnebres Exéquias do Rei mais sábio, e entendido, do Monarca mais generoso, e magnânimo, e para dizer tudo, do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei de Portugal o Senhor Dom João V em cuja vida descarregou o golpe a tirania da morte, para uma eterna dor dos corações Portugueses, que hoje se mostram extremosos no sentimento pela perda de tal Monarca, que foi a quinta essência dos Reis, por ser o maior entre os maiores Monarcas do Mundo: **Non surrexit maior;** (1) cujas prendas não são para repetidas, por não serem todas declamadas: porque se uma só prerrogativa de qualquer Monarca basta para encher o campo de uma dilatada Oração; para os en-cômios do nosso Monarca defunto, o Senhor Dom João V, pouco seria todo o tempo, para nele só fazer o exórdio a qualquer virtude, e prólogo a qualquer excelência, e prerrogativa.

Dois Sermões acho que pregara o maior Pregador do Mundo, Cristo Bem nosso, e ambos de Exéquias, um na morte de Lázaro, e outro na morte do Grande Batista quando ainda preso; pois desde o cárcere, em que se via: **Ioannes in uinculis,** (2) se deve computar a sua morte: porque desde então falece, e morre um Monarca, desde quando se lhe acaba o domínio, e fenece o mando, como afirma o Douto Pontevelense: **Hominibus enim tunc uita deficit, cum dominandi potestate priuantur.** (3) E como ao Batista desde a prisão lhe feneceu o mando, e se lhe acabou o domínio, desde a prisão (e na prisão) faleceu, e acabou o Batista, em cujas exéquias noto, e é para notar, o diferente modo, e diverso estilo, com que se houve Cristo pregando a respeito da Oração fúnebre, que fez nas exéquias de Lázaro defunto; porque para estas, tomando por tema as palavras, que cita, e refere o Evangelista São João: **Dixit eis manifeste; Lazarus mortuus est, et gaudeo, propter uos, ut credatis, quoniam non eram ibi,** (4) verdadeiramente pregou, como comenta Hugo Cardeal: **Non eram ibi, tamen scio, et praedico, quoniam mortuus est.** Mas de que modo, ou até quando se estendeu a pregação de Cristo nas Exéquias de Lázaro? Direi, Cristo estava da outra parte do Jordão: **Abiit iterum trans Iordanem,** (5) e começando aí a pregar, veio a dar fim ao Sermão em Betânia, onde se achava Lázaro defunto: **Dixit, soluite eum, et sinite abire;** servindo-lhe todo aquele dilatado campo, que vai de Jerusalém a Betânia de teatro, onde explanava,

(1) Matth., II, v. II.

(2) Matth., II, v. 2.

(3) Pontevel, in Matth., tom. I, cap. 2, v. 20, n. 142.

(4) Ioan., II, v. 14.

(5) Ioan., 10, v. 40.

e encarecia a virtude da conformidade em Lázaro quando enfermo, e agora defunto: **Lazarus mortuus est**. Assim se houve Cristo pregando nas Exéquias de Lázaro.

Porém nas Exéquias do Batista mais que assim se houve Cristo; porque, como refere o Evangelista São Mateus, começou Cristo a pregar: **Caepit IESUS dicere de Ioanne**, porém não diz que dera fim a este Sermão, que nas Exéquias do Batista pregava. Começou por uma das virtudes: **Quid existis in desertum uidere?** Porém não passou do exórdio todo o Sermão; porque nunca passou do princípio aquela fúnebre Oração: **Caepit dicere**. E pois qual seria a razão, porque dilatando-se tanto Cristo na fúnebre Oração de Lázaro defunto, quando chega a pregar do Batista, nas suas Exéquias não passa do exórdio, ao menos em abono de uma só virtude? De sorte que para Lázaro ser na morte encomiasticamente louvado abundam figuras na Retórica, e para o Batista não? Sim: porque essa é a diferença, que vai do Batista a Lázaro, de João aos demais. Ora vede.

Lázaro era figura de qualquer Monarca, tanto pela qualidade do sangue, como pelo sublime do domínio, que se reconhecia em sua casa: pela qualidade do sangue, por ser Lázaro um sujeito mui nobre, e de grande opinião, como expõe Hugo Cardeal: **Erat quidam Lazarus: quidam nobilis; et magnae opinionis, et domus eius;** (6) pelo sublime do domínio, que em sua casa se reconhecia; porque em seu nome, e em sua pessoa foi mandada a Cristo a Embaixada: **Miserunt Sorores eius ad eum dicentes:** demais, que havendo arrais, ou Castelos no poder, e senhorio de Lázaro: **Erat autem quidam languens Lazarus de Castello,** é indício de que Lázaro é figura de um Rei, e que representa a qualquer Monarca. Bem está: mas quem era, e a quem representava o Batista? O Batista não era menos, do que um Monarca, e tal Monarca, que era a Quinta essência dos Monarcas: **Ecce constitui te super gentes, et super Regna,** (7) por ser o maior entre todos os Monarcas da terra: **Non surrexit mayor.** Este era o Batista: e neste estado, a quem cuidais que representava? Eu não sei; só o que sei é, que o nome de Batista é João **Ioannes est nomen eius**. E se agora lhe perguntarmos pelo trono, que é o lugar dos Monarcas, e divisa dos Reis.

Responder-nos-á Gerson, João EKIO, e outros, que o trono, é lugar de João, ou que João tem o lugar do seu trono, logo imediatamente depois de MARIA Santíssima Senhora Nossa, em os Céus, primeiro que todos os Serafins. Vai a autoridade: **Videtur Ioannes Baptista primus post MARIAM positus in ordine Seraphi-**

(6) Ioan, v. 1.

(7) Jerem, i, v. 10.

norum loco Luciferi. (8) Agora estais comigo: João é depois de Maria, e Maria depois de quem? Depois da Trindade Beatíssima em os Céus: logo em os Céus têm o primeiro lugar as três Pessoas da Santíssima Trindade, a quarta é MARIA Senhora Nossa, e é João o Quinto, que se segue em ordem às Pessoas: e se João é o Quinto, e é Monarca, ou se este Monarca é João o Quinto, e se Lázaro é figura de qualquer Monarca meramente, já se deixa ver a razão, porque Cristo nas Exéquias de Lázaro se houve tão difuso, e extenso na ponderação de uma só virtude; e nas Exéquias do Batista nem só uma excelência, e prerrogativa foi nem pode ser proporcionado assunto, que coubesse na esfera do tempo: para nos mostrar, que se uma só prerrogativa de qualquer Monarca basta para encher o campo de uma dilatada Oração; para os encômios de um Monarca João o V, curto era todo o tempo, para nele se fazer o exórdio a qualquer virtude, e prólogo a qualquer excelência, e prerrogativa.

E se a eloquência do maior Orador daquele João só se contentou com começar: **Caepit;** como poderei eu dar fim à minha fúnebre narração na ponderação de qualquer das excelências do nosso Monarca defunto, na perda de suas prendas, que sentem hoje lastimados os nossos corações? Mas como para renovar este sentimento é costume dos Oradores ponderarem algumas prendas do defunto, para provocar as lágrimas dos ouvintes, e desabafarem o sentimento pelos olhos, como nos ensinou Santo Ambrósio na Oração fúnebre, que fez nas Exéquias do grande Imperador Teodósio: **Fletus refrigerat pectus, et maestum consolatur;** necessariamente, para satisfazer esta obrigação, me hei (sic) de ajustar às leis da mágoa, para não encontrar os foros do alívio. E tudo parece nos inculca o nome do Monarca defunto que, por ser Monarca de nome, assombrou com ele ao Universo: **Ioannes est nomen eius: mirati sunt uniuersi.**

Este texto foi o de que fiz eleição para pregar nestas Régias, e funerais honras do nosso ínclito Monarca defunto, por me parecerem as suas palavras mui próprias para esta fúnebre ação; as quais são cortadas do Cap. I. de São Lucas descrevendo o nascimento do grande Batista. E não é muito que com elas ore eu hoje na morte de outro João; porque se o dia da morte é o dia do nascimento para os Justos, (sendo o nosso Monarca tão Justo, como piedosamente cremos) nascendo vem o Texto para esta fúnebre ação. Mais: que o mesmo Evangelho, que trata do nascimento do Batista, nem, porque fala no nascimento, deixa de ser Sermão de Exéquias, por ser já falecido o Batista, quando São Lucas o escreveu, e pregou: e como os Oradores costumam tratar das ações, e vida dos

(8) Ioann., Gers., tract. 4, in Cat. Mariae Delip.

defuntos, de razão era que tratasse ao Evangelista também do nascimento do João: **Ioannes est nomen eius**. Acresce a isto, que isto, que aquilo, que foi parto em Isabel, foi o mesmo que óbito, falecimento, ou morte em João, como o dá a entender a Púrpura Dominicana sobre as palavras do mesmo Evangelista: **Impletum est tempus pariendi Elisabeth**. Nota usum Scripturae, diz o Cardeal, **quae utitur uerbo impletionis in tribus in ortu bonorum, in obitu**, (reparai bem naquele **in ortu**, e naquele **in obitu**) **ut ex uerbo impletionis notet in bonis esse plenitudinem perfectionis**. O que tudo parece confirmar o mesmo Cristo quando disse, que entre os nascidos não ressuscitaria maior que o Batista: **Non surrexit maior**, equivocando o nascimento do Batista com a morte, segundo o rigor daquela palavra **surrexit**, que propriamente significa ressurreição; porque supõe morte, como diz o doutíssimo Silveira: **Surrexit, quod proprie (sic) significat excitationem eorum, qui ex morte, uel infimo eriguntur ad uitam**.

O que suposto: temos que ponderar (sem sairmos do nome de João, e da sua etimologia: **Ioannes est nomen eius: Ioannes, id est, gratia**) deste grande nome as suas excelências, e prerrogativas, servindo-nos de exemplar do nosso Monarca defunto o Grande Batista, nesta fúnebre Oração. Mas como são muitas as excelências, graças, e prerrogativas, que se incluem em o nome de João, só de duas trataremos para alívio da nossa mágoa, e crédito da nossa dor. E assim, o entendimento, e a vontade do nosso Monarca defunto hão de ser os dois pólos, em que se há de sustentar toda a fábrica do Panegírico nesta ação funeral. Começemos.

A graça, segundo a etimologia do nome João: **Ioannes, id est, gratia**, divide-se em várias espécies na língua do Apóstolo: **Diuisiones sunt gratiarum**; (9) e como entre elas se acha a graça, e dom de sabedoria: **Alii datur sermo sapientiae**, a qual atende tanto ao entendimento, como ao coração: **Sapientia ab intellectu et acorde ducit originem**, (10) tanto do coração, como do entendimento será a matéria dos nossos discursos. A Águia dos Evangelistas São João, falando do Batista, diz que era o Batista uma lucerna, que ardia, e juntamente luzia: **Ille erat lucerna lucens, et ardens**. (11) Pela luz já sabem todos que se entende a ciência, ou sabedoria, que se sujeita no entendimento; e que pelo ardor se entende o fervor da vontade, que reside no coração. E começando pelo entendimento: quem pode negar ao nosso Monarca defunto esta graça, ou dom de ciência, e sabedoria, sabendo que esta é constitutiva de um verdadeiro, e perfeito Monarca?

(9) I. Corinth., c. 12, v. 4.

(10) Castil., de ornat. illat., 94, n. 45., p. 82.

(11) Ioann. 5, v. 35.

Eu, diz Davi falando do seu Reinado, eu fui constituído por Deus em Rei sobre todo o povo de Israel: **Ego constitutus sum Rex ab eo super Sion montem sanctum eius.** (12) E que novidade nos dirá Davi em dizer-nos que foi instituído, ou constituído Rei de Israel? Ora Davi, por não parecer em própria causa suspeito, encobrirá o mistério; porém nós estaremos pelo testemunho de outro Profeta. O Cardeal Hugo, comentando as palavras de Davi, diz assim: **De constitutione huius Regis:** Jeremias vigésimo tércio: da constituição de Davi em Rei de Israel, leia-se ao Profeta Jeremias no cap. 23. E o que diz Jeremias naquele Capítulo? Diz estas formais palavras: **Suscitabo Dauí germen iustum, et regnabit Rex, et sapiens erit.** Diz: (fala Deus por Jeremias) Hei de constituir a Davi por Rei do meu povo; reinará como Rei, e será sábio: **Regnabit Rex, es sapiens erit.** E pois só porque será sábio, é que há de Davi reinar como Rei? Ou por isso há de Davi reinar como Rei, por que há de ser sábio? Sim: porque como Deus queria constituir em Davi um perfeito, e verdadeiro Monarca, como feito por ele **Ego constitutus sum Rex ab eo;** o mesmo foi dizer que seria sábio: **Et sapiens erit,** quer dizer que havia de reinar como Rei: **Regnabit Rex;** para mostrar que só a ciência, ou sabedoria se constitutiva de um perfeito, e verdadeiro Monarca. Que reinar sem ser sábio, é reinar sem ser Rei: trazer sem ser sábio a coroa na cabeça, é não ter cabeça para a coroa. Não sei se reparais em que trazendo os Reis nas mãos os cetros, insígnia do poder, não tragam também nas mãos, mas sim na cabeça, as coroas. E por que? Para denotar, que o Rei deve ser sábio, e entendido; porque pela sabedoria se constitui um Rei: **Reges, ac Principes, diz Sêneca, mente alios supra pollere, ac iudicio reliquis praestare debent.** Não percamos de vista ao nosso Batista.

Nem ao Batista lhe faltou também esta prerrogativa da sabedoria, ou ciência. Zacarias seu pai, entre os assombros dos montanhesees, que suspensos tinham grande expectação no Batista: **Quis putas puer iste erit?** (13) Respondeu em um Cântico, que o Batista havia ser o Profeta do Altíssimo: **Tu puer Propheta Altissimi uocaberis;** (14) que foi o mesmo, que dizer, que o Batista havia ter a perfeita ciência, ou sabedoria, como diz o Purpurado Hugo: **In responsione patris sapientiae perfectio.** (15) Também ao nosso Monarca Dom João o V não faltou o dom da sabedoria, em quem resplandeceu com tanto excesso, como podem testemunhar todas as ações da sua vida, que foram reguladas todas com tal prudência,

(12) **Psalm., 2, v. 6.**

(13) **Luc., I, 66.**

(14) **Luc., I, 76.**

(15) **Hug., hic.**

que parecia que só a sabedoria era a árbitra, (sic) e conselheira das suas determinações; ou fossem estas particulares, ou fossem públicas; ou fossem militares; ou fossem políticas, ou fossem dirigidas ao Reino, ou fora dele. Enfim, que tendo a ciência, e sabedoria humana nos homens comumente seus eclipses, e minguantes, no nosso Monarca nunca se viu com minguantes, nem eclipses a sabedoria: com eclipses não, porque não conheceu quem no Mundo lhe fizesse, nem pudesse fazer sombra; com minguantes menos, porque sempre esteve cheia a sabedoria, como quem possuía toda a sabedoria em cheio; pois nele parecia natural, e com ele nascido do ventre materno: mas como não havia ser assim, quem nascia para um Monarca Grande!

Predisse o Profeta Isaiás, que da raiz de Jessé havia nascer uma vara, e que da mesma raiz havia nascer uma flor, sobre a qual descansaria o Espírito, e Dom de Deus: **Egredietur uirga de radice Iesse, et flos de radice eius ascendet, et requiescet super eum Spiritus Domini.** (16) E que Espírito, e Dom de Deus é este, que havia adornar a esta vara, ou abundar nesta flor? O mesmo Profeta diz que eram o dom da sabedoria, e dom de entendimento; o dom de conselho, e fortaleza; o dom da ciência, e piedade: **Spiritus sapientiae, et intellectus; spiritus consilii, et fortitudinis; spiritus scientiae, et pietatis.** (17) Eu não reparo em flor, nem na vara; porque tanto a vara, como a flor, no sentir de São João Crisóstomo, Santo Ambrósio, São Clemente Alexandrino, e Osigines, representam a Cristo; (18) no que reparo é, que falando uma só vez na vara, e na flor o Profeta, fala quatro vezes na sabedoria, de que é adornada: **Spiritus sapientiae;** eis aí uma vez: **Et intellectus;** eis aí outra: **Spiritus consilii;** eis aí a terceira: **Spiritus scientiae;** eis aí a quarta vez. E não bastaria que falasse uma só vez na sabedoria, assim como uma só vez falou na vara, e mais na flor? Não; porque a flor na vara, ou a vara com a flor representa a Cristo como Rei: **Nomine uirgae, et floris. . . Cristus Dominus potestate regia praeditus intelligitur,** (19) diz o Castilho; e como nascia Cristo para um Grande Monarca do Mundo, como depois divisou São João no seu Apocalipse: **Principis Regum terrae;** por isso quando Isaiás o descreve nascido, como Rei, ou para Rei: **Egredietur uirga de radice Iesse, et flos de radice eius ascendet; nomine uirgae, et floris Christus Dominus potestate regia praeditus intelligitur,** (20) nô-lo descreve adornado, não só uma vez, mas quatro vezes, com o dom da ciência, e sabedoria: **Et requiescat super eum spiritus sapientiae, et intellectus; spiritus consilii, et fortitudinis; spiritus scientiae, et pietatis:** para que na abundância, e

(16) Isai., II, I.

(17) *Ibid.*, v. 2.

(18) *Apud CAST.*, p. 360.

(19) *Castil., de Ornat. illat.* 216, n. 66., p. 361.

(20) *Apoc.*, I, 5.

enchentes de tanta sabedoria, entendêsemos que lhe era esta mui natural, e com ela nascida no ventre materno.

Tudo isto nos quis dizer em menos palavras o Evangelista São Lucas, descrevendo, e referindo-nos a conferência, que teve o Anjo com a Senhora, quando lhe trouxe a Embaixada. Este (fala de Cristo o Anjo com Maria) este há de ser Grande, e há de chamar-se Filho do Altíssimo, e há de reinar no trono de Davi: **Hic erit magnus, et Filius Altissimi uocabitur, et dabit illi Dominus Deus sedem Dauid Patris eius.** (21) Notai, que o apelida com o renome de Magno, quando diz que se chamará Filho de Deus, e que há de reinar; porque como Filho de Deus, que é o Verbo, se atribui a sabedoria, o mesmo foi dizer que seria Grande, e teria o renome de Magno, que considerá-lo Rei e Sábio. Mas quando? Quando o considerava no ventre de Maria, e dela nascido: **Ecce concipiens in utero et paries filium;** (2) para nos dar a conhecer, que do ventre da Mãe já trazia consigo toda a ciência, e sabedoria, para se chamar Grande, e apelidar Magno: **Hic erit Magnus.** Não deixemos o Batista, e passemos do parto de Maria para o parto de Isabel.

Também por Grande, e com o renome de Magno foi anunciado o Batista a Zacarias: **Erit Magnus;** (23) e que desde o ventre de sua Mãe seria cheio do Espírito Santo: **Et Spiritu Sancto replebitur adhuc ex utero matris suae.** Já todos sabem, que do Espírito Santo é próprio comunicar-se por meio dos seus dons. E quais são os dons do Espírito Santo? É a sabedoria, entendimento, conselho, etc.: **Sapientia, intellectus, consilium,** etc., e cheio o Batista de tanta sabedoria (com a devida proporção, que há entre Cristo) desde o ventre de sua Mãe: **Replebitur adhuc ex utero matris suae,** ó como lhe vem adequado o renome de Magno: **Erit Magnus!** Não sei se Hugo Cardeal estaria no meu pensamento, quando comentando aquele: **Ex utero matris,** disse que a Mãe do Batista era a sabedoria, e a sabedoria de Deus: **Mater Ioannis est sapientia Dei.** (24) Porém passando agora de um João a outro João: se o Batista foi nomeado por Magno: **Magnus erit;** porque não será chamado Dom João o Magno o nosso Monarca Dom João o V? Se ao Batista lhe deu aquele renome o Anjo, por ver que a sabedoria do Batista nascera com ele do ventre de sua Mãe: **Ex utero amatrix;** vendo nós que o nosso Monarca defunto trouxe o dom da sabedoria do ventre materno, (como impomos pelos seus prudentes, e sábios ditames) porque lhe havemos negar este renome? Finalmente: se o Batista foi nomeado por Magno, porque a mesma sabedoria foi a sua Mãe: **Mater Ioannes**

(21) Luc., I, 82.

(22) *Ibid.*, v. 31.

(23) Luc., I, 15.

(24) Hug., *ibid.*

est sapientia; porque não será também nomeado por Magno o nosso Monarca, se a sua Mãe foi a mesma sabedoria: **Mater Ioannis es Sophia?** (25) Verdadeiramente, que se não pode negar (se é certa a tradição, e notícia, que chegou a esta América, a qual fique na fé dos relatores) não se pode negar, que tão grande sabedoria foi portentosa; pois, segundo se referem, acharam os Anatômicos na cabeça do nosso Monarca defunto mais abundante cópia de cérebro, do que se costuma achar nos mais homens; indício certo de maior entendimento: e muito maior indício de ser esse entendimento, e sabedoria com ele nascido, por ser esse cérebro no ventre da mesma sabedoria organizado: **Mater Ioannias est sapientia; Mater Ioannis est Sophia.**

Blasone já agora muito embora Salomão de que foi amante da ciência, e sabedoria e que por isso a buscara desde moço, desejando estar mui calado com ela: **Hanc amaui, et esquisiui a iuuentute mea,** (fala da sabedoria) **et quaesiui sponsam mihi eam assumere:** (26) blasone muito embora digo; porque fica muito a perder de vista, a vista do nosso Monarca defunto; porque Salomão a buscou desde moço, o nosso Monarca a possuiu nascendo: e se Salomão enfim a pretendeu por esposa: **Quaesiui posam mihi eam assumere,** o nosso Monarca defunto a reconheceu por sua verdadeira Mãe: **Mater Ioannis est sapientia: mater Ioannis est Sophia.** De uma tal mãe que se podia esperar, senão um tal Filho? De uma tão vasta, e ampla sabedoria, que se podia colher, senão um tão Sábio Monarca, o qual, com os documentos da sua própria ciência, e conselho, soube de tal sorte governar o seu Reino, que pôs em assombro ao Mundo: **Mirati sunt uniuersi,** ao mesmo tempo, que pôs em quietação, e tranqüillidade ao seu Reino, e Vassalos, sendo eles a defesa de seus Vassalos, e escudo de seus súditos o seu grande entendimento; pois por ele se pode dizer, que um Rei sábio é a fortificação e defesa de seu Reino: **Rex sapiens stabilimentum populi est.** Testifique-o Portugal, e diga-o o Mundo todo: (apesar da inveja, e do assombro) que Rei, ou que Monarca soube como Dom João V conservar em paz o seu Reino, ao mesmo tempo, que se abrasava toda a Europa em sanguinolentas batalhas? Ao mesmo tempo, que todas as Potências desembainhando as espadas uns contra os outros, se via derramar de parte a parte o sangue Católico com horror da natureza, e dor da Cristandade? Mas quê? O nosso Monarca, embainhando por então a espada de Minerva, e com a espada da sua grande sabedoria, e entendimento defendeu ao seu Reino, e aos seus Vassalos, com tal indústria, que recebendo de todas as Potências da Europa Embai-

(25) D. Maria Sofia Mãe del Rei Dom João V.

(26) SAP., 8, 2.

(27) SAP., 6, 26.

xadas, para que se declarasse por alguma das partes, nunca o fez, sabiamente mostrando-se por todas as partes indifferente. Maravilha verdadeiramente rara vez conseguida, e de mui poucos imitada! Já nos ia tardando o Batista.

Miserunt Iudaei ab Ierosolymis Sacerdotes, et Leuitas ad eum, ut interrogarent eum: tu quis es? (28) Mandaram os Grandes, e Potentados de Judéia os seus Embaixadores ao Batista, para que se declarasse, de que parte era, ou quem era: **Tu quis es?** Mas o que responderia o Batista a estas Embaixadas? O quê? O que lhe ditava a grande sabedoria, de que era adornado. Com a indifferença respondia o Batista. Perguntavam-lhe uns, se ele era Elias: **Elias es tu?** Com um **Non sum**, respondia o Batista: **Et dixit non sum;** não se declarando que era da parte de Elias. Outros lhe perguntavam se era algum Profeta, ou se era da parte de algum dos Profetas, ou fosse Jeremias, ou Isaiás, ou outro qualquer: **Propheta es tu?** Mas o Batista com o mesmo **Non sum** se ficava na mesma indifferença: **Non sum.** Enfim, por mais que instavam os Embaixadores, e cada um em particular, não colhiam outra resposta, mais que o **Non sum;** até que desenganados lhe disseram se declarasse, para que com a resposta satisfizessem os seus Grandes, e Maiores, que os tinham enviados: **Dixerunt ergo ei: quis es, ut responsum demus his, qui miserunt nos? Quid dicis de te ipso?** Aqui respondeu ultimamente o Batista: dizeilhes que eu sou uma voz: **Ego uox,** e voz de Deus, como comenta Hugo: **Vox Verbi.** (29) E isso, que se passou com o Batista, não foi o mesmo, que se passou com o nosso Monarca defunto? Lancemos os olhos por toda a Europa, quando entre os Potentados dela ardia mais o furor da guerra; eis aí vem ao nosso monarca Embaixadores de todas as Potências. Chega o Embaixador da Alemanha, ou do Império, e em nome do seu Monarca lhe pergunta, de que parte é o nosso Monarca: **Quis es tu?** Porventura sois Imperial na parcialidade: **Germanus es tu?** Mas o nosso Rei com um **Non sum** se mostra indifferente. Chega outro Enviado de França, e em nome do seu Rei lhe pergunta: **Quis es tu?** Quem sois vós, ou para onde se inclina Vossa Majestade? Sois porventura Francês no séquito das armas: **Francus es tu?** Com outro **Non sum** lhe responde o nosso Monarca: **Non sum;** e assim a cada um dos Enviados das outras Potências satisfazia a pergunta: **Quis es tu?** com a resposta de **Non sum.** Enfim, desenganados lhe perguntam todos, e cada um dos Enviados: e pois Senhor, declarai-nos que resposta havemos dar aos nossos Soberanos, de quem fomos enviados, acerca deste negócio, de vos declarares quem sois na propensão: **Quis es tu; ut responsum demus his, qui miserunt**

(28) Ioan., I, 12.

(29) Hug., hic.

nos? **Quid dicis de te ipso?** Eu (responde a todos o nosso Monarca) eu sou a voz do meu Reino: **Ego uox.** Eu sou a voz do Reino de Cristo: **Ego uox Verbi.** Eu sou Dom João o V Rei de Portugal, que também é o Reino de Cristo: **Volo in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire: Ego uox Verbi;** eu sou a voz do Verbo, a quem compete a Sabedoria. Eu sou um Rei Sábio, que dirijo o meu Reino pela direção, e voz da Sabedoria, porque a Sabedoria é a minha voz: **Ego uox: Vox significat intellectum.** (30)

E desta sorte, e com esta indiferença trouxe em sossego ao seu Reino, e pôs em admiração aos Estranhos; porque como Sábio, e tão Sábio, que era, penetrava todas as razões, e propostas, que se lhe ofereciam, por mais ocultas, e pálidas, que aparecessem; e como as conhecia, não era necessário que usasse das armas, que sabia valer-se do entendimento: e deste modo, vencendo mais com o entendimento, do que com as armas, se fazia lugar no coração de todos; porque como viam que lhes decifrava os intentos, todos se davam por vencidos da sabedoria de tão grande Monarca, e aplaudiam aquilo mesmo, que não desejavam. A indiferença, é verdade, segundo o testemunho, que é uma inimizade manifesta: **Qui non est mecum, contra me est:** (31) mas que me importa que as demais Potências o julgassem assim, se viram que não podiam com ele medir as armas, por serem superiores as do nosso Monarca, tanto, quanto vai do corpo à alma, do ferro ao entendimento: **Melior est sapientia, quam uires; et uir prudens, quam fortis:** (32) se bem, que não deixavam de alcançar, que a indiferença em o nosso Monarca procedia da inata propensão, que tinha para a verdade; e como a verdade é o objeto do entendimento, enquanto mais descobria a verdade aquele entendimento, tanto mais indiferente se mostrava. Ó Monarca verdadeiramente Sábio! Ó Rei sabiamente verdadeiro! E sem dúvida, Senhores, que um Rei tão Sábio, e entendido, e que assim governou com tanto acerto da prudência, e sabedoria, não era para os limites de Portugal o seu mando, e império: a mais terra se devia estender o seu Reinado; porque a mais Mundo se podia estender a sua sabedoria. Porque um Rei tão dotado de ciência, merece ser Monarca de todos os mais Reis do Mundo: um Monarca tão Sábio, que por antonomásia lhe é devido o nome de Sábio, merece, e se faz digno das demais coroas do mundo.

Lá divisou a Águia dos Evangelistas no seu Apocalipse a um misterioso Cavaleiro, que trazendo na cabeça muitas coroas **In capite eius diademata multa,** trazia escrito por divisa de suas façanhas esta

(30) Hug., hic.

(31) Luc., II, 29.

(32) Sap., 7, 1.

letra, que dizia: **Rex Regum, et Dominus dominantium**, (33) Rei dos Reis, e Senhor dos Senhores. Notável Cavaleiro por certo! Porém muito mais notáveis as coroas, com que vem adornado, e a letra, com que se inculca tão amplo no domínio e na Monarquia! E de onde lhe veio aquele título, e com que título possuía tantas coroas? Ora ele parecia ser homem de razão; porque trazia outra escritura, pela qual declarava o grande domínio, que tinha sobre todos os Reinos, e sobre todas as coroas. E que escritura era esta? Era a escritura do seu nome: **Habens nomen scriptum . . . et uocatur nomen eius Verbum Dei**. Dizia a escritura, em que estava posto o seu nome, que ele se chamava a Sabedoria de Deus. Bem e Monarca de tão grande nome na sabedoria, Rei tão sábio, que só pela sabedoria se dá a conhecer por mais sábio, que todos os Monarcas da terra; ele sim será Rei, porém um tal Rei, que domine a todos os mais Reis: ele sim terá a sua própria coroa, porém há de se adornar de muitas coroas: **Rex Regum, et Dominus dominantium: in capite eius diademata multa**; para que se conheça, que um Monarca, que logra o nome de Sábio, ou é Sábio de nome, logra por justo título o título de Rei sobre todos os Reis; e que, além da própria coroa, merece ser com as demais coroas adornado: **Vocatur Verbum Dei; Rex Regum, et Dominus dominantium; in capite eius diademata multa**. Vamos agora com o nosso Batista.

Também o grande Batista foi visto Rei sobre os todos os Reis, e com domínio não só sobre todos os demais Reinos: **Ecce constitui te super Reges, et super Regna**; (34) e também trouxe o seu nome escrito: porém quem nos há de dar dele informação, há de ser Zacarias seu Pai, que foi o Escrivão, que o escreveu: **Scriptit**. E que nome foi? **Propheta Altissimi uocaberis**. Diz Zacarias, que o nome do Batista era uma Sabedoria Altíssima. Pois então, se o Batista tem tão grande nome, e é dotado de uma Altíssima Sabedoria: **Propheta Altissimi uocaberis**, de razão é que apareça Rei, não sobre um só Reino, mas sim que domine todos os demais Reinos, e Reis: **Ecce constitui te super Reges, et super Regna**. E descendo agora de um João para outro João; vendo nós que o nosso Monarca defunto foi dotado de tanta sabedoria; que excedeu a todos os demais Reis; por que não diremos que foi Rei sobre todos os outros Reis; e quem, além da própria coroa, se devia adornar com as demais coroas? Elegantemente em um Epigrama diz o Padre Antônio dos Reis da Sagrada Congregação do Oratório, cantando da sabedoria do nosso Monarca defunto, que ele fora o Rei mais sábio, e douto, que tinha tido Portugal.

(33) Apoc., 19, 12.

(34) Jerem., I, 10.

**Tot, quot in his regnis uixerunt; doctior extas
Regibus; haud miror: Filius es Sophiae. (35)**

Disse bem; porém disse pouco, e pudera estender-se a mais e dizer que foi o mais sábio, que teve o seu século, se não quisesse dizer o Mundo todo; e assim será bem que digamos: **Tot, quot in hoc mundo uixerunt: doctior extas Regibus;** pois que mereceu a coroa de todos os Reinos do Mundo, que os soube conquistar com a virtude do seu entendimento, e rara sabedoria, de que foi adornado, deixando nome à posteridade: e porque também não faltasse a circunstância de o trazer escrito, bem é que o leiamos os Portugueses, para nossa maior ternura, no seu próprio nome; bem é que leia Portugal no mesmo nome do seu Monarca a sua confissão, e a sabedoria de tão desejado, e suspirado Rei, pois nele temos que renovar o sentimento, e admitir o alívio: renovar o sentimento pela perda de um tão sábio Monarca, e admitir o alívio, pela confissão que fazemos de suas prendas. É pois a letra o mesmo nome do nosso Monarca: João o V, é o seu nome, que no idioma Latino se diz: **Ionnes Quintus;** e pelas letras do próprio nome, simbolicamente tomadas cada uma de per si, vejamos o que diz este nome: consta pois de sete letras este nome: **Ioannes,** de outras sete letras consta este outro: **Quintus;** as quais fazem quatorze todas por junto: **Ioannes Quintus.** Agora notai. A primeira letra, que é o I, diz **Imperatorum;** a segunda, que é o O, diz **Orbis;** a terceira, que é o A, diz **Adhuc;** a quarta, que é o primeiro N, diz **Nullus;** a quinta, que é o segundo N, diz **Nostro;** a sexta, que é o E, diz **Exstitit;** a sétima, que é o S, diz: **Sapientior.** Até aqui o nome de João: **Ioannes,** cujas dicções todas juntas, e unidas dizem assim: **Imperatorum Orbis adhuc nullus nostro extitit sapientior;** que, vertidas em Português, querem dizer: dos Monarcas do Mundo ainda nenhum foi mais Sábio que o nosso. Assim o confessa Portugal, e assim o pode ler no nome do seu Sábio Monarca: **Imperatorum Orbis adhuc nullus nostro extitit sapientior.** Isto diz só o nome de João: **Ioannes.** Vejamos agora o que diz este nome: **Quintus;** e assim continuando:

A outra letra, (e vem a ser a primeira em ordem a este segundo nome) a oitava letra, é o Q, e diz **Quia;** a nona, que é o V, diz **Viribus;** a décima, que é o I, diz **Intellectus;** a undécima, que é o N, diz **Nixus;** a duodécima, que é o T, diz **Totum;** a terciadécima (sic), que é o V, diz **Vniuersum;** a quarta-décima (sic), e última, que é o S, diz **Subegit.** Isto diz o nome **Quintus,** cujas dicções todas juntas, e unidas, dizem assim **Quia uiribus intellectus nixus totum uniuersum subegit;** que em Português vertidas querem dizer: que

sujeitou a todo o universo com as grandes forças, ou à força do seu grande entendimento: **Quia uiribus intellectus nixus totum uniuersum subegit.**

Ajuntemos agora uma coisa com a outra, o nome com o sobrenome: **Ioannes Quintus**, e leiamos as dicções de ambos por junto: eis aqui **Ioannes Quintus**, que é o nome do nosso Monarca defunto, o qual por inteiro inclui em si, e quer dizer: **Imperatorum Orbis adhuc nullus nostro extitit sapientior: quia uiribus intellectus nixus totum uniuersum subegit.** As quais no nosso idioma dizem assim: dos Monarcas do Mundo ainda nenhum foi mais sábio do que o nosso; porque sujeitou a todo o universo à força do seu grande entendimento, e sabedoria. Esta é a letra, que traz por divisa o nosso Sábio Monarca defunto; e isto é o que lemos para despertar nas nossas memórias a saudade; e isto é o que dizemos os Portugueses para alívio da nossa mágoa, confessando uma, e muitas vezes, que o dom da Sabedoria, que nele resplandeceu, serviu de assombro ao Mundo, e de pasmo a todo o Universo, pelo imortal nome, que adquiriu, e hoje deixa: **Ioannes est nomen eius: Mirati sunt uniuersi: Ioannes, id est, gratia.**

Estamos na segunda parte da nossa fúnebre Oração, na qual temos que tratar do coração do nosso Monarca defunto; porque a sabedoria não só atende ao entendimento, também respeita a vontade. E sendo o nosso Monarca defunto tão assinalado no entendimento, como poderia deixar de ser igualmente assinalado na vontade, quando ele tinha vontade, ou coração igual ao seu entendimento. Que ter um entendimento bom, com uma má vontade, é saber obrar mal: e ter uma boa vontade com um mal entendimento, será obrar bem, mas sem saber o que obra. Porém ter igual entendimento, e igual vontade; ter a vontade boa, e bom o entendimento, isto é ter o entendimento na vontade, e a vontade no entendimento: isto é obrar o que entende, e entender o que obra. Isso é ser um Sábio assinalado.

Davi, que foi um Rei mui Sábio, e entendido, dizia uma vez assim falando com Deus: Senhor, vós nos assinalastes com o lume do vosso rosto, e influístes alegria no meu coração: **Signatum est super nos lumen uultus tui, Domine, dedisti laetitiam in corde meo.** (36) Pelo lume do rosto de Deus se entende o entendimento: **Vultus Dei dicitur ratio**, disse Hugo; e foi como se dissera Davi: Senhor, vós me fizestes um Rei de assinalado entendimento, e me infundistes no coração alegria. Reparo neste modo de falar de Davi. E pois dizeis Davi que vos assinalou Deus no entendimento, e falais no plural: **Super nos**; e então, quando falais, que no coração vos infundiu a alegria, falais no singular: **In corde meo**? Já que falais no plural, quando falais no entendimento: **Super nos**; falai também no plural,

(36) **Psalm. 4, 7.**

quando falais no coração: **In cordibus**; e se haveis de falar no singular, falando no coração: **In corde meo**, falai também no singular, quando falais no entendimento: **Super me**. Ó deixem, que Davi falou aqui com o entendimento no coração, ou com o coração no entendimento. Davi quis mostrar, que tanto o entendimento, como o seu coração eram iguais, e por isso falou daquele modo: **Signatum est super nos**, (explica Hugo) **id est, in superiore parte nostri, id est, in anima**; diz o Douto Cardeal, que fora Davi assinalado de entendimento na parte superior do homem, que é a alma: e como a alma inclui em si tanto o entendimento, como a vontade, ou o coração; por isso quando fala no entendimento, fala juntamente no coração. Ou senão, digamos que falou aqui Davi com Deus em nome do seu coração, e do seu entendimento, para nos dar a entender, que quando Deus o fazia um Sábio assinalado, o fazia de um coração igual ao seu entendimento: **Signatum est super nos lumen vultus tui, Domine vultus Dei dicitur ratio: signatum est super nos, id est, in anima**.

Entendo que Salomão, chamado o Sábio por antonomásia, aprendeu de Davi seu Pai esta doutrina, quando pedindo a Deus a sabedoria, para julgar, e reger, que pertence ao entendimento, só lhe falou no coração: **Dabis ergo seruo tuo cor docile, ut populum tuum iudicare possit inter bonum et malum**; (37) como quem sabia muito bem, que pouco importava para ser sábio ter grande entendimento, se não tivesse este entendimento igual ao coração. Do Batista, a quem sempre seguimos, diz o Evangelista Mimoso que era uma tocha, que igualmente ardia, e luzia; luzia pelo entendimento, e ardia pela vontade: **Ille erat lucerna ardens, et lucens**; sendo aquele, **et**, o fiel da balança, em que o Evangelista pesou a igualdade daquele coração ardente: **Ardens**, com a grandeza daquele luzido entendimento: **Lucens**.

E se agora medirmos também o coração do nosso Monarca defunto com a sua grande ciência, e entendimento, acharemos, sem dúvida, que se grande foi o entendimento, grande foi igualmente o coração, ou vontade. Segundo uma relação, que passou de Lisboa a estas partes, contam, que assim como na cabeça do nosso Rei defunto acharam os Anatômicos maior porção de cérebro, do que se costuma achar nos demais homens, assim também lhe descobriram no peito um coração maior, e mais dilatado, do que são comumente os mais. E sendo assim, e que maior porção de cérebro é indício de maior entendimento, e de mais perfeita vontade o coração mais amplo, e dilatado; bem se deixa inferir, que achando-se no nosso Rei defunto maior, e mais dilatado coração no peito, maior, e mais abundante cópia de cérebro na cabeça, que além de exceder aos demais no entendimento, e coração, era o seu coração, e vontade igual ao seu entendimento. Demais, que não podia deixar de ser grande, e muito

grande o coração de um Monarca, que em tudo foi tão pio, e amante de Deus, que sempre se ajustou com os seus Divinos preceitos. Davi em tudo piedoso, em um dos seus Salmos diz, que o seu coração se lhe fizera, ou desfizera, como seta no meio do seu ventre: **Factum est cor meum, tamquam cera liquescens in medio uentris mei.** (38) E pois o coração de Davi é tão grande, que lhe chega ao meio do ventre? Assim soa no material das palavras; porém falará em outro sentido Davi; mas como o assimilou à cera, símbolo da piedade pelo brande, e enternecido; por isso materialmente o encarece tão grande, e dilatado: **Factum est cor meum tamquam cera liquescens in medio uentris mei.** E no Salmo 118, falando outra vez no seu coração, ouço estar com Deus de todo o seu coração assim falando: Eu corri, Senhor, e segui o caminho dos vossos mandamentos, quando vós me dilatastes o coração: **Viam mandatorum tuorum cucurri, cum dilatasti cor meum,** medindo a grandeza do coração pela guarda, e observância dos preceitos de Deus. Não deixemos o Batista.

Também o Batista, que tantos seguiu, e guardou os caminhos, e preceitos de Deus, como quem foi cheio do Espírito Santo para este fim, e ministério: **Spiritu Sancto replebitur;** por isso mesmo, que os observou, também teve um grande, e dilatado coração: **Erit Magnus,** (39) comenta Hugo, **non uirtute corporis, sed animi magnitudine.** (40) E passando de um João a outro João; bastava para o nosso Monarca defunto ter um grande, e dilatado coração, o observar (como observou) os caminhos do Senhor, que são os seus preceitos; e a piedade grande, com que sempre viveu; pois foi tal a sua piedade, e tal a observância, e guarda dos mandamentos de Deus, que bem parecia ser dirigido pela mão do Onipotente: bem parecia, que na mão de Deus estava o seu coração.

Cor Regis in manu Domini: quocumque uoluerit, inclinabit illud. (41) Diz Salomão nos Provérbios, que o coração do Rei está na mão do Senhor, e que o há de inclinar, e dirigir para onde quiser. Fala aqui o Espírito Santo por Salomão de qualquer Rei indeterminadamente. Mas oh! e quantos Reis, e Monarcas tem havido, que se não deixaram dirigir pela vontade de Deus, não pondo, e entregando nas mãos de Deus os seus corações! Diga-o Saul, e outros muitos Reis de Israel, quão longe estiveram de seguir as Divinas direções, e vontade Divina; quão longe se puseram a si, e seus corações da poderosa mão de Deus. Ora eu cuido que este Rei, ou que o coração deste Rei, de quem fala Salomão, só deve ser o do nosso Monarca defunto. Não percamos de vista ao Batista.

(38) **Psalm.,** 21, 15.

(39) **Luc.,** I, 15

(40) **Hug.,** *hic.*

(41) **Prov.,** 21, v. I.

Do Batista diz o Evangelista São Lucas, que estava ele, e o seu coração na mão de Deus: **Manus Domini erat cum illo.** (42) E isto por quê? Pela expectação grande, que nele tinha o povo da Judéia, quando chegasse a ser homem: **Quis putas puer iste erit?** E se só pela expectação, que tinham de futuro os povos de Judéia no Batista, chegou o Evangelista a dizer, e afirmar, que o Batista, ou o seu coração estava na mão de Deus: — **tenim manus Domini erat cum illo;** como não afirmaremos nós, que mui particularmente estava nas mãos de Deus o coração do nosso Monarca defunto, vendo com nossos próprios olhos, não o que seria de futuro, mas sim o que estava sendo de presente; desengando-nos com a experiência das suas boas obras, e virtudes a inclinação, que tinha para fazer a vontade de Deus aquele coração: **Cor Regis in manu Domini: quocumque uoluerit, inclinabit illud.** Verdadeiramente, que tanto o Batista, como o nosso Monarca, cheios de zelo, e piedade, seguindo os caminhos de Deus, foram por Deus dirigidos para os maiores empregos da vontade; como os que tinham o coração entregue nas mãos de Deus: **Cor Regis in manu Domini,** obrando o que Deus queria, e inclinando-se à sua vontade: **Quocumque uoluerit, inclinabit illud.** No coração do nosso Monarca quantas vezes ardendo o amor de Deus, se enternecia pelos pecados do mundo, desejando que todos se salvassem, guardando os Divinos preceitos, fazendo por este motivo o que Deus queria, e obrava o Batista.

Lançai para o Jordão os olhos, e vereis ali ao Batista pregando penitência por toda aquela Região, levado do zelo; e piedade, que lhe influía Deus de salvar as almas: **Venit in omnem Regionem Iordanis praedicans Baptismum paenitentiae in remissionem peccatorum.** (43) Olhai também para o nosso Portugal, e para todas as Regiões do seu Domínio, e vereis também ao nosso Monarca pregando por meio dos seus Missionários penitência incansavelmente, só movido pela piedade, e zelo da salvação das almas; e contando mais excesso ao Batista, quanto vai de uma Região: **In omnem Regionem,** ao Mundo quase inteiro, aonde tem os seus Domínios: Em Portugal, na Ásia, África, e América, sendo tão repetidas as Missões por mandado deste piedoso Monarca, que trazendo atualmente esta Província dois Religiosos Missionários, assim pelas partes da Bahia, cabeça deste novo Mundo, como pelas de Pernambuco; contudo, sendo só treze os Conventos desta Província, achavam-se por repetidos anos vinte e seis Missionários atualmente desta Seráfica Ordem, e Província saindo de cada Convento dois Obreiros Evangélicos, que penetrando o mais recôndito destes Sertões, e atravessando o mais fragoso das suas serranias, e montanhas, iam conquistando para Deus outros tantos

(42) Luc., I, 66.

(43) Luc., 3, 3.

Mundos, quando se avaliam pelo dilatado destas terras; e isto sem falarmos em outros Missionários das demais Sagradas Religiões, que se achavam neste Pernambuco, que em todos e em cada um pregava o nosso defunto Monarca penitência: **Praedicans baptismum paenitentiae.** E desta piedade, e Católico zelo bem se deixa inferir a devoção, que [tinha] ao estado Eclesiástico, aquela vontade em tudo êmula, e competidora do Grande Batista, fazendo, e edificando o que lhe punha, e inspirava Deus no coração, para glória do mesmo Deus. Mas o que fazia? Vamos com o Batista, e veremos o que obrou.

Lá viu São João no seu Apocalipse sempre misterioso (e hoje mais que nunca) aberta uma porta no Céu, e ao ponto ouviu uma voz primeira, ou primeira voz, a qual lhe dizia que subisse, porque lhe queria mostrar o que lhe convinha fazer, ou que se fizesse: **Ecce ostium apertum in Caelo, et uox prima, quam audiui, dicens: ascende huc, et ostendam tibi, quae oportet fieri post haec;** e mostrou-lhe primeiramente, o quê? Uma Sé posta no Céu, e uma Personagem colocada sobre esta Sé: **Ecce Sedes posita erat in Caelo, et supra Sedem sedens.** (44) E por final, que esta Personagem, que na Sé estava colocada, e sentada, dava alguma semelhança à pedra Jaspe, e ao Sardo, também pedra preciosa: **Qui sedebat similis erat aspectui lapidis Iaspidis, et Sardii.** (45) Vamos por partes decifrando a visão. Que porta pois é aquela aberta no Céu, e que voz primeira é aquela que ouviu o Evangelista? Pela porta do Céu se entende a da Igreja: **Caelum est Ecclesia militans,** (46) diz, citando o parecer de outros, o Padre Silveira; e aquela voz primeira, diz o mesmo Padre, por outros, que era o Batista: **Hanc tamen primam uocem in Caelo esse Ioanem Baptistam existimat.** Bem está: saibamos agora o que queria, que se fizesse, o Batista? Já disse que uma Sé; e que Sé era essa, e que Personagem se sentava nela adornada daquelas pedras? Diz Aurélio, pelo mesmo Silveira, que significava esta Sé uma nova Romana Sé, e quem nela se sentava, um novo Pontífice: **Dei Sedes Ecclesia, in qua Sedet Pontifex;** e a pedra Jaspe uma das preciosas, de que se adornava, significava a misericórdia, e poder de absolver os pecados; e a outra, que é o Sardo, significa o poder de reter, e punir estes pecados: **In hac est Iapis uirens, puta misericordia, potestas scilicet absoluendi peccata, et Sardius rubens, id est, potestas ea retinendi, et puniendi,** (47) diz, citando a Auréolo, um Douto Expositor, isto seria em Roma.

(44) *Ibid.*, v. 3.

(45) *Ibid.*, v. 3.

(46) *Silveir.*, *hic.*

(47) *Aureol. apud Silv. hic.*

Voltaí agora a consideração para Portugal, e vede o como a sua primeira voz, o nosso Rei defunto, tanto que viu aberta a Porta da Igreja por meio do Sumo Pontífice Romano, logo determinou fazer uma nova Sé, e um novo Pontífice. A nova Sé, a Santa Sé Patriarcal; o novo Pontífice, o Eminentíssimo, e Reverendíssimo Cardeal Patriarca, à imitação do Romano Pontífice, também com poder de absolver, e reter os pecados, à imitação e com dependência, da que disse o Batista que se fizesse. Viu-se maior conformidade! Vamos continuando, e decifrando a visão. E para isso pergunto: o que mostrou mais o Batista, que se havia de fazer; ou o que viu o Evangelista mais nesta fatura e obra do Batista? Diz ele, que vira também o Arco-Iris em roda da Sé, como semelhança de esmeralda: **Et Iris erat in circuitu Sedis similis uisioni smaragdinae.** E que significa o Arco-Iris com aquela semelhança? O Padre Ribeira com outros, que alega o referido Expositor, diz que significa a misericórdia: **Denotari Dei misericordiam.**(48) E que se acha também na Santa Sé Patriarcal, mais que as misericórdias do Senhor para bem das nossas almas?

Que mais se divisou naquela obra do Batista? Não menos, que vinte e quatro Anciãos, e vinte e quatro cadeiras, em que se sentavam, vestidos de vestiduras brancas, e com coroas de ouro na cabeça: **Et in circuitu sedis sedilia uiginti quatuor, et super thronos uiginti quatuor seniores sedentes, circum amicti uestimentis albis, et in capitibus eroum coronae aureae.** E o que representavam estes Anciãos nestes assentos assim adornados? Já se deixa ver, que em Roma representará aos Eminentíssimos Senhores Cardeais, e Bispos: porém em Portugal representa os Excelentíssimos Principais, ou Ministros maiores da Santa Sé Patriarcal. Não pareça exposição livre: porque pelos vinte e quatro Anciãos nas suas cadeiras, entende Hugo os Maiores na Igreja. **Maiores, scilicet, in Ecclesia.** E Nicolau de Lira entende os Bispos: **Sunt omnes Episcopi.** Porém o Padre Silveira nos adverte, com Santo Agostinho, que este nome: **Seniores** é o mesmo, ou derivado desta palavra, Senhor, a qual foi deduzida de outra Gótica: **Sior,** que na língua Estrangeira val o mesmo que **Monsieur: Hinc uidetur,** conclui o Padre, **quod uox Hispanica, Senhor, diriuetur a Gotico nomine Sior, quod dominum significat.** E com as coroas de ouro na cabeça se representavam as ricas Mitras, com que se adornam os Reverendos Monsieus, e a alvura dos vestidos representa neles a pureza da vida, de que é símbolo a candura.

Que mostrou mais na sua Fábrica o Batista? Diz o Evangelista que se ouviram sair daquele Templo, ou Trono, umas vozes, relâmpagos, e trovões, e sete lâmpadas ardentes, que são os sete Espíritos de Deus: **Et de throno procedebant fulgura, et uoces, et tonitrua, et septem lampades ardentes ante thronum, qui sunt septem Spiritus Dei**

(48) Apud Silv. hic.

Por estas vozes, relâmpagos, e trovões se entendem as vozes dos Pregadores: **Voces sunt Praedicationis**; e pelas sete Lâmpadas, e Espíritos de Deus entendo o Cardeal Dominicano os sete Dons do Espírito Santo: **Id est Septiformis gratia Spiritus Sancti**. Isto mesmo se acha na santa Fábrica do nosso Monarca defunto; porque acham-se Pregadores Sapientíssimos, que com o brado das suas vozes, e eficácia da palavra Divina despedem raios de ameaça contra os pecados, e juntamente se acham os Dons do Espírito Santo, com que se enriquecem as almas, e se evitam as culpas. E que mais mostrou o Batista na sua Obra? Um mar como de cristal, e no meio do assento se achavam quatro animais cheios de olhos. O primeiro leão, o segundo novilho, o terceiro homem, e o quarto águia, ou cada um deles com semelhanças destes animais: **In conspectu selis tanquam mare uitreum simile crystallo, et in medio sedis et in circuiti sedis quatuor animalia plena oculis ante, et retro, et primum animal simile leoni, et secundum animal simile vitulo, et tertium animal habens faciem quasi hominis, et quartum animal simile aquilae uolanti**. Pelo mar de vidro se entende comumente a penitência: **Per mare baptismus, qui purgat multitudinem peccatorum**, (49) e na Santa Sé Patriarcal não se acha a todo o tempo este segundo batismo? É sem dúvida: vejamos a significação dos quatro animais.

Pelos quatro animais se entende no sentido de Joaquim Abade a Hierarquia Eclesiástica: **In his animalibus adumbrari Ecclesiasticam Hierarchiam**: (50) e que mais próprio se pode achar, ou descobrir, do que nesta Santa Sé Patriarcal do nosso Monarca defunto? Porque três são as Hierarquias dos Reverendos Cônegos da mesma Igreja, e a superior Hierarquia de todas é o Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, que por si só faz Hierarquia à parte, e ficam sendo quatro Hierarquias, correspondentes aos quatro animais: o Texto o dá a entender assim; porque diz, que no meio da Sé, e à roda, que se achavam os animais: **In medio sedis, et in circuitu sedis quatuor animalia**: logo se o do meio da Sé com os demais fazem quatro, sendo o que se senta no meio o Eminentíssimo Cardeal Patriarca, ele entra no número dos quatro; porém sempre no seu trono fazendo a mais superior Hierarquia: e por isso se representa no primeiro animal, que é o leão, o qual, como aqui diz Laureto, representa a Fortaleza da Igreja: **Designat fortitudinem Ecclesiae**. As primeiras duas Hierarquias, depois do Eminentíssimo Cardeal Patriarca, se representam uma no novilho, outra no homem, e a terceira, e última na águia, que também é o último animal. E com muita propriedade; porque como é próprio da águia ir subindo cada vez mais; também da última das três Hierarquias é próprio ir subindo de uma para outra Hierarquia.

(49) Hug., hic.

(50) Apud Silv., hic.

E todos igualmente cheios de olhos, por serem estes o símbolo da vigilância, e cuidado, de que são adornados.

Que mais ? Diz o Evangelista, que nessa visão, que lhe mostrou o Batista, estavam demais a esses quatro animais cheios de olhos por dentro, e por fora, e que as asas de cada um eram seis: **Singula eorum habebant alas senas, et in circuitu, et intus plena sunt oculis.** Os olhos já se deixa ver que são símbolo da vigilância; mas o que significarão estas seis asas? Hugo Cardeal diz que se entendem por essas seis asas de cada um dos animais as ciências das Escrituras: **Alas senas, hae sunt scienciae Scripturarum.** E cheios de olhos, para que pela vigilância prevejam, e se denote a cautela, que tem do inimigo: **Ut praeuideant, et cauent indidias inimici,** diz o mesmo Hugo. E não se acha tudo, vigilância, e muita ciência na Sé Patriarcal? Ninguém o duvida.

Teremos mais que ouvir da Fábrica do nosso Batista? Diz o Evangelista, e eram os louvores, que davam esses Mitrados Príncipes, os quais incessantemente louvavam a Deus, e diante dele depondo as coroas, ou mitras, o abençoavam (sic) com encarecidos louvores, glorificando-o com muitas honras, e repetidas graças: **Et requiem non habebant dicentes, Sanctus, Sanctus, Sanctus,** e concluíam desta sorte: **Dignus es Dominus Deus noster accipere gloriam, et honorem, et uirtutem, quia tu creasti omnia, et propter uoluntatem tuam erant, et creata sunt.** E não é tudo isto o mesmo, que se vê na Santa Sé Patriarcal, Fábrica do nosso defunto Monarca? Tudo isto é, porque tudo isto fazem os Reverendos Cônegos, e Monsieus, à imitação daquela, que foi Fábrica do Batista: e para estes louvores de Deus é que um, e outro João, o Batista, e o nosso Monarca, quizeram que se fizesse tão portentosa Obra, para imitação daquela; como aqueles, que por terem o coração na mão de Deus, o tinham à sua vontade inclinados. Reparemos agora na conclusão dos louvores, que davam aquelas mitradas Personagens. Sois digno, Senhor, e merecedor, de que vos demos todas as graças, e louvores; porque tudo, o que aqui está, é criação vossa, e por amor de vossa vontade é que fomos nós criados, como fomos: **Tu creasti omnia, et propter uoluntatem tuam erant, et creata, sunt.** Bendito seja Deus, que confessam todos a sua criação: e bendito Deus outra vez, que assim podiam, depois de lhe render graças, como fazem, render também as graças a quem foi o Autor, ou Promotor da criação de todos; pela sua vontade é, que foram todos criados naquelas altíssimas Dignidades: **Propter uoluntatem tuam creata sunt.**

Assim se houve naquela famosa Fábrica o nosso piedoso Monarca, para desempenho da Divina vontade, como quem se dirigia por ela à imitação do Batista: **Ostendam tibi, quae oportet fieri post haec:** se bem que nesta parte contemplo ao nosso Monarca com excessos ao Batista; porque se o Batista estava cheio de piedade, e zelo de Deus,

e deste zelo, e piedade lhe nascia a veneração da Igreja, não descobro eu que o Batista traçasse outro Templo, nem se lhe ouvisse mais a voz para outra Fábrica: porém o nosso Monarca defunto, além da Santa Sé Patriarcal, ainda lhe coube no coração outra igualmente magnífica, e suntuosa, que na Vila de Mafra consagrou aos filhos de Francisco meu Padre, ainda se lhe pode ouvir a voz para executar os mandamentos, que Deus lhe inspirava. Ou senão, digamos, que como já o Batista vivia entre os Serafins no Céu: **Ioannes stat, quia amicus stat, quia ardens est, et Seraphim stare dicuntur;** (51) quis também o nosso Monarca viver cá entre os Serafins da terra, para se ensaiar a acabar como Serafim. E certamente, que naquele magnífico Convento pela continuada assistência; que nele fazia, chegou a ter um coração de Serafim. Sim: porque se os Serafins são incensos no amor de Deus: **Serafim plenitudo amoris;** ali se encheu tanto do amor de Deus, como podem testemunhar as ações, que ali obrava, e exercia, seguindo mais à risca, e com maior diligência, os preceitos de Deus, exercitando-se com mais veras na piedade, e zelo Cristão, e tendo mais conta com a saudade dos seus, e bem espiritual dos demais, do que de sua própria vida, como se viu na última enfermidade, aonde resignado nas mãos de Deus, como quem tinha posto o coração nas suas mãos: **Cor Regis in manu Domini,** exortava a todos o amor, que a Deus devemos, e a todas as virtudes, como nascidas do coração. Enfim, como quem já tinha tanto de antes tomado lição para aquela hora última, abrasado no amor de Deus, despedindo-se dos sentidos, e penalizados filhos, tendo-se de antes preparado com os Sacramentos Santíssimos da Igreja, encomendou ao Príncipe Sucessor, e hoje Rei de Portugal, o Reino, dando-lhe aqueles documentos, que lhe daria um Serafim do Céu, sendo entre todos um deles a sujeição à Igreja Católica Romana; e com o conhecimento claro de que morria, e exalou a vida, ficando o Reino triste, e lutuoso, os corações tão quebrados de dor, e a voz tão embargada do sentimento, que não houve quem pudesse articular palavra, trocando-se a língua em olhos, e fazendo os olhos o officio da língua, na consideração de que acaba o maior Monarca da terra, o mais sábio Príncipe do mundo, e o magnânimo Rei do Universo. E com razão; porque quando um sujeito, quando um Monarca é de tão raras prendas, nem o sentimento pode deixar de ser menos, ainda que pode subir a mais, suspendendo-se as mesmas lágrimas igualmente com a voz, como devemos considerar na Augustíssima Rainha, digníssima Consorte do Rei defunto, e em toda a mais Casa Real, a respeito da dor nos demais Vassallos; porque sendo nestes mui grande a pena, fica sendo a outra muito maior pelas duplicadas razões: pela comum, e pela particular do parentesco. Vamos com o Batista.

(51) S. Bernard., de Verbo. H. p. Serm. I.

Morto o Batista, foram os Discípulos entregar o seu corpo à sepultura, e não diz o Texto que falaram, e nem que choraram também diz: **Accedentes discipuli tulerunt corpus eius;** (52) porém eu tenho para mim, e julgo que as vezes se lhes embargaram à violência das lágrimas, que derramaram: e a razão é; **porque depois** de sepultarem o corpo do Batista, foram contar a Cristo, e dar-lhe parte da morte de seu Mestre: **Et uenientes nuntiauerunt IESU;** e diz aqui o Ponteval, que derramaram muitas, e mui copiosas lágrimas: **Quod non sine uberrimis lacrymis fecisse credendi sunt;** logo (agora infiro eu) se os Discípulos do Batista ausentes do corpo do defunto se desfazem em copiosas lágrimas pelos olhos, muito mais o fariam tendo-o à vista, como incentivo da mais viva pena. Assim é: reparo agora. Que chorem tanto os Discípulos do Batista na morte de seu Mestre, de sorte que as lágrimas lhes embarguem, e suspendam as vozes; e que Cristo nem uma só lágrima derramasse, nem um só suspiro em sinal de dor proferisse! Como pode ser! Ó deixai que esta falta de lágrimas, e vozes em Cristo, na morte do Batista, não é falta de amor; antes é excesso da vontade, acompanhada esta de uma apertada obrigação, que faz o sangue nos corações. E se não, dizei-me: qual é o motivo de tantas lágrimas nos olhos dos Discípulos do Batista? É a morte de seu Mestre. E qual é a causa de que, chorando eles tanto, não tenham alento para dar um só suspiro, e proferir uma voz? É a mesma dor, por ser mui grande, e mui forte. Bem está: logo enquan[to] esta dor for mais forte, e maior, tanto maior, e mais forte há de ser o seu efeito na suspensão das operações sensitivas: e como Cristo sentiu mais que os Discípulos a morte do Batista; porque desfazendo-se naqueles a dor em lágrimas, lhes tapava a boca para os suspiros: só em Cristo, nem pelos olhos, nem pela boca se desafogava a dor. Era o Batista aquela tocha luminosa, e ardente: **Ille erat lucerna ardens, et lucens,** constituído por Sábio Rei entre todos os Monarcas: **Ecce constitui te super Reges, et Regna,** com uma vontade tão ampla para Deus, que se dirigia pela sua vontade. Estas, e outras prendas, que vistes finalizadas, para os discípulos Vassalos de tão sábio Mestre, e ciente Monarca, e verdadeiro pai de todos; ó que uma dor sem limite! Mas se sobre estas razões todas acrescentares ao Batista a razão de Esposo: **Amicus Sponsi;** ó que dor muito mais sem termo, e muito mais sem limite, se é que ainda se pode dar limite aonde o não há! Meus Portugueses, eu não aplico o lugar; porque já sabeis que o nosso Monarca foi assimilado ao Batista; e assim, que o seu Reino no dele se figura. Só o que digo é, que se a morte feriu sem dor aos nossos corações por nos levar ao mais sábio Monarca da terra, magnânimo, e piedoso; contra ela nos devemos queixar, por ser a nossa dor excessiva.

(52) Matth., 14, v. 12.

Contra ti, pois, ó dura Parca, deviam ser agora as minhas queixas, se me dessem lugar as minhas mágoas. Porque, tirana, te quisera perguntar: para que nos levastes, e roubastes dos olhos um Monarca, que era a inveja dos mais Reinos, pelas virtudes, de que o adornou a graça, e dotou a natureza, ficando este Reino sem Rei, este Hemisfério sem Sol, e todo o Orbe sem luz; porque ele era a luz, era o Sol, e era o Rei? Era o Rei de Portugal, era o Sol dos seus Estados, e a luz de todo o Orbe; porque a sua luz a todos chegava: era o sol dos seus Estados; porque com o calor deste Sol nunca se aliviavam as sombras; e com o Regimento deste Rei não havia quem competisse, por ser tão sábio, e entendido; por ser dotado de um tal entendimento, e uma tal vontade, que chegou, e chegará com a fama a assombrar ao Universo, e é o seu nome igual à sua fama: **Ioannes est nomen eius; Ioannes id est, gratia: diuisiones gratiarum. Mirati sunt uniuersi.** Na falta pois dele, senhores, quem nos há de reger? Quem nos há de iluminar? Quem nos há de defender? Ah Parca! E como outra vez és cruel! Quem há de substituir o lugar do nosso defunto Monarca? Não sei quem possa ser. É necessário para encher o lugar de um tal Monarca, e de um tal Rei, e João, muitos Joãos.

Bastarão pois, senhores, dois Joãos? Nada: é pouco. E pois bastarão cinco? Não. Bastarão dez? Também não. Bastarão vinte? Ainda não. Bastarão trinta, quarenta ou cinquenta? Não, que ainda é pouco. Bastarão sessenta? Ainda não bastam. E setenta bastarão? Ainda é pouco, porque ainda são necessários mais alguns para substituir o lugar de um só, que é o nosso João Rei defunto. Despeçamo-nos do Batista. Depois que morreu o Grande Batista, foram instituídos não menos que setenta e dois discípulos, os quais pelo Mundo evangelizassem, e pregassem. E advertem os Expositores, que o Batista tinha nesse tempo falecido: **Designauit Dominus et alios septuaginta duos, et misit illos binos ante faciem suam.** (53) Eu não reparo tanto nos Discípulos, como na advertência dos Intérpretes, em dizerem que era falecido nesse tempo o Batista: **Pro hoc tempore iam idem Ioannes uitam cum morte commutauerat.** (54) Pois que tinha ser, ou não ser já neste tempo falecido o Batista? O quê? Muito: foi para advertir, que estes setenta e dois Joãos eram para substituir um João só. Reparaí que lhe não chamam senão Joãos. Vai a autoridade de Maldonado: **Ut omnes intelligerent (conclui o Padre) pro uno Ioanne de medio sublato, septuaginta duos Ioannes** (reparaí bem nesse **septuaginta duos Ioannes**) **natos fuisse.** (55) E se para o Batista, se para aquele João, que foi o exemplar do nosso, foram necessários para substituí-lo, não menos que setenta e

(53) Luc., 10, II.

(54) Pontev., hic.

(55) Apud Pontev., hic.

dois Joãos: **Septuaginta duos Ioannes**; outros setenta e dois Joãos nos são necessários hoje: **Septuaginta duos Ioannes**, para substituírem ao nosso Rei Dom João: **pro uno Ioanne**. Assim parece havia de ser: mas [...]

Alvíssaras, ó Portugueses, que aqui, que haviam substituir, setenta e dois Joãos, há de substituir, e gozar, como com efeito, goza, e substitui um só José, que por único é o primeiro. E com muita razão; porque só o seu nome está indicado à mesma felicidade: **Ioseph, id est, augmentum**. E parece que só um José Primeiro havia de substituir a um João Quinto. Não sei se reparais em uma notável determinação da Igreja Católica, que alumiada pelo Espírito Santo nunca pode errar, a qual há poucos tempos (não sei, se com os olhos em o nosso Portugal) mandou que São José nos Breviários da Igreja se pusesse logo depois do Batista. O que suposto; notai a equivocação falando em ordem as Pessoas. Primeiro que tudo são as três Divinas Pessoas; MARIA Santíssima é a quarta, que se segue; é João o Quinto, que depois de MARIA se conta; bem está: e depois de João, quem se segue? Depois de João, é José o primeiro. É José o primeiro, que se segue depois de João, o quinto depois de MARIA Santíssima, e da Beatíssima Trindade. Assim vemos em ordem as Pessoas, entre aquele João, e aquele José: e assim vemos hoje no nosso Portugal em ordem aos nomes; depois de um João, o Quinto no nome, um José Primeiro do nome. Que bem parece, que só um tal Monarca vivo é que podia substituir o lugar, que só deviam substituir setenta e dois Joãos; pela morte de um só João, que hoje chora Portugal, que foi, e será eterno nome, e fama eterna para a admiração: **Ioannes est nomen eius: mirati sunt uniuersi**.

Ó, e como não menos será feliz Portugal com este José, do que foi com aquele João! pois vejo que lhe recaiu a bênção, que já em outro tempo recaiu a outro José: **Deus Patris tui erit adiutor tuus**, dizia Jacó a José: o Deus de vosso Pai em tudo vos há de favorecer, e o Todo poderoso Senhor vos há de encher de bênçãos celestes; há de vos abundar também com os dons da terra, e com todas as mais graças, e dons: **Omnipotens benedictet tibi benedictionibus Caeli desuper; et benedictionibus abyssi, benedictionibus uberum, et uluae**. (56) Era esta a bênção de Jacó para José, e esta será também a bênção do nosso João Português para o nosso José de Portugal. Queira o Céu que, assim como se encheram todas aquelas bênçãos em Israel, assim se cumpram neste Reino. E assim como Deus olhou, e atendeu para aquele Jacó, para o depositar em o Céu, assim confio, que também atendesse Deus para o nosso Monarca, e João de Portugal, depositando-o pelos seus grandes merecimentos lá na eterna Bem-aventurança. Amém.

SERMÃO NAS EXÉQUIAS FUNERAIS
DO SERENÍSSIMO REI, E SENHOR
DOM JOÃO V.

QUE POR ORDEM
DO REVERENDÍSSIMO PADRE PREGADOR

FREI GERVÁSIO DO ROSÁRIO

EX-DEFINIDOR, E BIS-MINISTRO PROVINCIAL
da Província de Santo Antônio do Brasil, se celebraram
no Convento do Seráfico Padre São Francisco, da
Cidade da Bahia, capitulando, e cantando a Missa
O MUITO REVERENDO PADRE PREGADOR

FREI MANUEL DE JESUS MARIA,

Ex-Definidor, e Guardião atual do mesmo Convento,
PREGADO PELO MUITO REVERENDO PADRE MESTRE

FREI JOSÉ DOS SANTOS COSME, E DAMIÃO,

**Ex-Leitor de Prima em a Sagrada Teologia, Ex-Definidor da
mesma Província, Examinador Sinodal do Arcebispado da
Bahia, e Qualificador do Santo Ofício, pelo Supremo
Tribunal da Inquisição de Lisboa.**

Aos 26 de janeiro de 1751.

Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.

Ex Eccl.

Até agora cuidava eu, que estas canções rituais, de que usa a Igreja nos Ofícios, e Exéquias funerais, eram dirigidas a despertar em nós a memória para a compaixão, e sentimentos, e não a infundir alvoroço para a alegria, e aplausos: (Soberana, e Augusta Majestade, se já defunta, e morta para o Mundo, como funestamente representam as tristes sombras desta Urna; sempre viva, e imortal para os Céus, onde piamente vos considero já colocado, e glorioso (sic), logrando o prêmio das ações, que neste Mundo obrastes, tão sublimes, como virtuosas, tão heróicas, como meritórias; e por isso agora com maior razão adorado por tanto mais Alto, e tanto mais Poderoso Rei, e Senhor nosso, quanto vai do Céu à terra.) Até agora cuidava eu, que estas canções rituais, de que usa a Igreja nos Ofícios, e Exéquias funerais eram dirigidas a despertar em nós a memória para a compaixão, e sentimentos, e não a infundir alvoroço para a alegria, e aplausos: porém já estou persuadido que errava no pensamento, pois queria medir, e regular as mortes de todos com a mesma igualdade, sem atender que, assim como há muitas, que devem ser lamentadas, assim também há algumas, que pedem ser aplaudidas, e festejadas.

As mortes lamentadas e sentidas são daqueles, de quem se ignora o prêmio, ou, para dizer melhor, o castigo, que lhes está destinado em satisfação das culpas, que nesta vida cometeram; por cuja razão a Igreja nossa Mãe, tão pia, como compadecida, aplica muitos, e diversos sufrágios para alívio das penas, que padecem as almas no Purgatório, para que as mesmas almas aliviadas das penas passem a gozar a Visão beatífica de Deus. As mortes, que se devem aplaudir, e festejar, são daqueles, cujas ações virtuosas, e meritórias nos dão fundamento provável, e motivo veemente para piamente argüirmos, e conjecturarmos, que logo, ou logo depois do seu trânsito, passaram a gozar a melhor vida, que é a eterna; a respeito das quais diz o Espírito Santo, por boca de Salomão, que mais se deve estimar o dia da morte, que o dia do nascimento: **Melior est dies mortis diē natiuitatis.** (1)

E assim não será de estranhar: falo com toda moderação, e respeito devido aos decretos Pontifícios; pois não é meu intento asseverar do nosso Soberano Monarca defunto assertiva, e definitiva-

(1) **Eccl.**, c. 7.

mente o estado da Beaventurança, (sic) nem transcender os termos da credulidade meramente humana; e nesse sentido, e com este protesto digo: que não será de estranhar que entre eu a convidar a todo este auditório tão grave, tão douto, e tão discreto, a que venha adorar o nosso Rei, e Senhor Dom João V, nunca mais Augusto, nem mais Soberano, do que quando eternamente vivo, e glorioso: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus**: porque se até agora o adoramos na terra como Rei, que nos governou com amor de Pai; daqui por diante o adoraremos no Céu como Patrono, para nos proteger, e amparar: com zelo, e fervor de Advogado. Esta foi a consolação, em que prorrompeu São João Capistrano, quando teve a notícia da morte de seu Mestre, e Prelado São Bernardino de Sena; **Magistrum amisi, Protectorem inueni**, (2) consolo-me, que se perdi na terra um Mestre, e Prelado, tenho agora no Céu um grande Protetor, e Advogado.

Foram tantas as ações heróicas, e meritórias, que obrou o nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V nesta vida, pelas quais se pode argüir, e conjecturar a possessão da vida eterna, que se me faz impossível o numerá-las; e só em suma recopilarei, reduzindo-as a dois gêneros, ou classes. Quando aquele Fariseu, presumindo de Satrapa, e Doutor da Lei, perguntou a Cristo o que havia de fazer para possuir a vida eterna: **Magister, quid faciendo, uitam aeternam possidebo**: Respondeu-lhe Cristo com outra pergunta: Que é o que manda a Lei: **In lege quid scriptum est?** Vendo-se o Fariseu alcançado, e argüido com esta pergunta, confessou plenamente, que a Lei mandava amar a Deus com todo o coração, e ao próximo como a si mesmo: **Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et proximum sicut teipsum**. Pois isso mesmo, conclui o Divino Mestre, é o que deves fazer para viveres, e possuíres a vida eterna: **Hoc fac, et uiues**; porque da observância destes dois preceitos depende a possessão da vida eterna.

Observou tanto à risca estes dois preceitos o nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João o V, que não haverá quem com razão o possa duvidar: Vejamos o primeiro: todo o cuidado, e desvelo do nosso Soberano Monarca, fundado no amor de Deus, foi solicitar o maior culto, e glória accidental do mesmo Deus, já na criação da Magnífica, e sempre Veneranda Igreja Patriarcal com tantas preeminências para o Eminentíssimo, e Reverendíssimo Cardeal Patriarca, e para os Excellentíssimos, e Reverendíssimos Principais, e mais Ministros dela, que faz admirar o Universo, tanto pela suntuosidade da fábrica, como pela suma, e excessiva despesa, que faz o Erário Real todos os anos em cada um dos Prebendados; já na fundação de tantos Mosteiros Religiosos; já na edificação de tantos Templos, paramentando-os com

(2) Chron., p. 5., 1. I, c. 27.

alfaias mui ricas, e preciosas; já na criação de tantos **Bispados** na nossa América com rendas mui avantajadas para as suas **Dignidades**, **Cônegos**, e **Capelães**; já finalmente no acrescentamento, assim de novas **Prebendas** para as **Sés** do **Arcebispado**, e **Bispados** já eretos na mesma América, como de multiplicadas **Vigairarias**, ou **Paróquias**, para melhor, e mais pronta administração dos **Sacramentos** aos seus **Vassallos** nestes países tão longínquos, e dilatados, com dispêndio mui considerável da sua **Real Fazenda**: tudo, para maior culto, e glória accidental do mesmo **Deus**.

Enquanto ao amor do próximo, bem se viu naquela epidemia geral dos vômitos negros no ano de 23, quando sendo requerido dos **Médicos**, e instado dos **Grandes do Reino**, para se retirar da **Corte**, respondeu: que não amava tão pouco aos seus **Vassallos** expostos a tão manifesto perigo; e assim resolveu a ficar, e buscar todos os meios, sem omitir diligência alguma para livrar o seu povo daquele contágio, como de fato conseguiu. Passados alguns anos, indo às **Caldas**, e vendo as faltas, e necessidades, que nelas padeciam os **enfermos**, mandou fazer um **Hospital** espaçoso, e provido de todo o necessário; para que os **enfermos** de qualquer qualidade, ou doença, fossem tratados com todo o asseio, e assistidos com todo o regalo, sem experimentar a menor falta para a recuperação da saúde.

Sobretudo, para livrar os seus **Vassallos** de todos os vexames, e danos, que precisamente se seguem da guerra, assim em prejuízo da saúde temporal, como da espiritual, pôs todo o cuidado em conservar o seu **Reino**, e **Conquistas**, em paz, não obstante tantas **Embaixadas**, e **instâncias**, com que os **Reis Estrangeiros** o incitavam para a guerra, satisfazendo a uns, e divertindo a outros com vários pretextos, e muitas vezes com copiosas somas de dinheiro; só por conservar em paz os seus **Vassallos**. Parece que, desde o dia da sua **Aclamação** solene, que foi o primeiro de janeiro de 1707, dia oitavo do **Nascimento** do **Menino Deus**, quando o **Anjo** deu aos **Pastores** aquele tão grande anúncio, de que era nascido um **Rei**, que só havia de cuidar da **Glória de Deus**, e da paz dos homens: **Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus**, (3) tomou o nosso **Augusto**, e **Soberano Monarca Dom João V** este anúncio **Angélico** por empresa, e brasão do seu **Reinado**.

Levado eu deste pensamento, quando a obediência me destinou para **Orador** destas **Exéquias**, elegi por tema da minha **Oração** as sobreditas palavras do **Anjo**, para fazer delas duas premissas em forma de argumento, deixando a consequência ao arbítrio, e piedade dos ouvintes, e contentando-me somente, para elogio do nosso **Augusto**, e **Soberano Monarca**, com o que acrescentou a **Igreja às**

(3) **Luc.**, c. 2.

palavras do Anjo: **Gloria Altissimis Deo, et in terra pax hominibus: laudamus te et benedicimus te;** e dizer, ou rogar-lhe mil bens pela paz, em que nos conservou: **Et in terra pax hominibus, benedicimus te.** Mas como esta minha idéia se fez antecipadamente pública, e notória pela revelação de um ingrato, e infiel, a quem a comuniquei em segredo; me foi preciso retratar o pensamento, e desistir da idéia premeditada: e ocorrendo-me vários Textos da Escritura para tema, abracei as palavras, com que a Igreja principia o Invitatório do ofício funeral: **Regem, cui omnia uiuunt uenite adoremus,** para com elas ponderar uma virtude singular do nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João V; a qual compreendendo simultaneamente o amor de Deus, e do próximo, me dá fundamento eficaz para plenamente o supor já glorioso, ou glorificado; e vem a ser a piedade misericordiosa com as almas do Purgatório.

É esta virtude tão elevada, e relevante, que São João Crisóstomo a julgou pelo melhor assunto para panegírico de um Príncipe: **Siquis Principem laudare uelit, nihil ei adeo decorum adscribet, atque misericordiam;** e o Profeta Rei, ponderando os atributos de Deus, deu a primazia sobre todos ao atributo da misericórdia: **Miserationes eius super omnia opera eius;** (4) cuja razão assina Santo Hilário dizendo: **Ideo praestat caeteris operibus misericordia; quia magnifica eius operatio uirtutis suae est, misericordia uero usus alienus:** por isso em Deus a misericórdia logra a primazia, porque os mais atributos são créditos da sua grandeza, da sua sabedoria, e do seu poder; mas o atributo da nossa misericórdia é o remédio da nossa miséria: e quem poderá negar ser ação mais gloriosa remediar as misérias alheias, que ostentas os lustres da própria grandeza?

Com esta consideração, dai-me licença, Príncipe Soberano, e Rei misericordioso, para omitir, e passar em silêncio as ações heróicas da vossa grandeza, e só celebrar a excelência da vossa piedade, e misericórdia; admirem-se uns da generosidade, com que criastes tantos Bispados, fundastes tantos Mosteiros, e erigistes tantos Templos para maior culto e glória de Deus: passem outros do zelo, e amor, com que atendestes à tranqüillidade dos vossos Reinos, e Conquistas, conservando em paz os vossos Vassallos; que só a piedade, e misericórdia, que usastes com as almas do Purgatório será hoje o único emprego da minha Oração, porque esta virtude, sendo dirigida pelo amor dos próximos mais necessitados, quais são as almas do Purgatório, se termina ao amor de Deus, pois é certo, que as almas aliviadas das penas do Purgatório passam a gloriar-se e regozijar-se no amor de Deus: Donde fundamentando-me eu na resposta do Divino Mestre ao Fariseu, que na observância do amor de Deus, e do próximo consistia

(4) Psalm., 114.

a possessão da vida eterna: **Hoc fac, et uiues**; venho a inferir, que, se morto para o Mundo, para Deus estais eternamente vivo.

Esta é, Católico, e discreto auditorio, a razão, porque com grande júbilo, e alegria vos venho hoje convidar com o mesmo invitatório da Igreja, que há pouco ouvistes entoar naquele Coro, a que festejemos, e rendamos a Deus as graças: **Venite exultemus Domino, iubilemus Deo salutari nostro, praeoccupemus faciem eius in confessione, et in psalmis iubilemus ei**; porque nos deu um Rei, que fazendo viver tantas almas para a eternidade, o adoramos hoje eternamente vivo: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus**. Está proposta a matéria: para discorrer com acerto, e clareza, necessito da Graça; ajudai-me todos a implorá-la com a Saudação Angélica.

AVE MARIA

A Virtude mais heróica, e mais meritória, em que se singularizou o nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V, foi o cordial afeto, e devoção, que teve as almas do Purgatório, mandando todos os dias dizer quinhentas Missas, repartidas pelas Igrejas de Lisboa, de esmola de 240 réis; para que, mediante estes sufrágios de tão Sacrossanto Sacrificio, tivessem as mesmas almas alívio nas penas, que padecem no Purgatório, e pudessem gozar a vida eterna na clara visão de Deus. Em dias particulares de jubileu dobrava o número das Missas: e houve ocasião, em que só de uma vez mandou dizer três mil e quinhentas Missas, como foi em o ano de 26, tendo notícia, de que se queimara no mar a Nau Capitânea da Frota da Bahia, com todos os homens, que levava; outras tantas mandou dizer no ano de 37, tendo também notícia, de que se queimara a Nau da Índia, chegando ao porto desta Cidade, ainda que escaparam com vida muitas pessoas da mesma Nau.

Era este afeto do nosso Monarca tão cordial, que duas vezes desempenhou a sua autoridade, e soberania com a Sé Apostólica a favor das mesmas almas: a primeira, quando impetrou o indulto de celebrarem todos os Sacerdotes dos seus Reinos, e Conquistas, três Missas em dia da Comemoração geral dos defuntos, applicadas por sufrágios às mesmas almas: a segunda, quando alcançou a graça, para que todos os seus súditos, que tomassem a Bula da Cruzada, chamada dos vivos, pudessem tomar tantas Bulas de defuntos, quantas fossem as almas, a quem quisessem aplicar as graças, e Indulgências na mesma Bula concedidas: e deste modo desvaneceu a opinião vulgarmente recebida, que no mesmo ano não podia pessoa alguma tomar mais de duas Bulas de defuntos. Por esta só virtude tão frutuosa para as almas, ainda no caso, que não tivesse outras tão relevantes, que industriosamente deixo de ponderar, posso piamente ar-

güir, e conjecturar, que o nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João V está gozando a vida eterna em companhia daquelas mesmas almas, que fez viver eternamente; e por isso com grande regozijo entrei a convidar todo este auditório, para o adorarmos vivo, e gloriosamente reinante: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.**

Antes que eu entre a discorrer, quero primeiro mostrar fundada a minha arguição, e conjectura na autoridade do Supremo Oráculo da Igreja. Escreveu a Santidade reinante de Benedito XIV. ao nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João V, quando lhe mandou o indulto das três Missas em dia da Comemoração geral dos defuntos; e depois de lhe expressar o conceito, e apreço, que fazia das suas Cristianíssimas virtudes, conclui dizendo-lhes: que só por esta virtude misericordiosa, que usava com as almas do Purgatório, em sumo, e superlativo grau meritória, esperava de Deus, como verdadeiro remunerador, que depois da sua morte o havia livrar das penas do Purgatório, e colocar na Celeste Pátria; para viver eternamente em companhia das mesmas almas já gloriosas. Vão as palavras do Santíssimo Padre: **Ut maiestati tuae: de maiori suffragio Christi fidelibus in Purgatorio detentis comparando benemeretissimae, post mortalis huius uitae cursum et Purgatorii paenis ex emptam ad aeternae beatitudinis in Caestatione tranquillitatem perducat.** Pois se o Supremo Oráculo da Igreja, ainda vivo, o nosso Soberano Monarca, firmemente esperava que ele, pela virtude misericordiosa com as almas superlativamente meritórias, como denota aquele termo, **Benemeretissimae**, havia de ser livre das penas do Purgatório, e brevemente gozar a vida eterna; porque razão depois da sua morte, constando que morrera com todos os Sacramentos, e sinais de predestinado, não poderei eu conjecturar que está já livre dessas penas, e eternamente vivo? Com razão logo entrei eu a convidar a todos para adorarmos a nosso Rei gloriosamente vivo, pelo benefício dos sufrágios, com que fez viver a tantas almas eternamente: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.**

Comecemos agora a ponderar as circunstâncias, que ocorreram, concorreram, e subseguiram a morte do nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João V, para formar o discurso, que será mais acadêmico, que conceituoso: e primeiro que tudo, ponderemos o nome. O nome de João, segundo a Bíblia, interpreta-se pio, e misericordioso: **Ioannes, id est, pius, ac misericors;** e adjunta a divisa do número quinto, que os antigos consideravam favorável aos defuntos, valendo-se em todos os sacrifícios funerais do número quinto, como canta o Poeta: **Coedit quinas de more bidentes, totque sues, totidem nigrantes terga iuencos, uinaque fundebat pateris, animamque uocabat Anchisae magni, manesque Acheronte remissos;** (5) bem se vê, que com mui misteriosa

(5) Virg., Aeneid., 1, 5.

providência foi imposto ao nosso Soberano Monarca o nome de João V, para denotar o afeto misericordioso, em que se havia singularizar com as almas do Purgatório.

Com semelhante alusão ao mesmo ditame dos antigos, esta minha Oração, que, a respeito das que têm havido nesta Cidade é a quinta, trata da virtude especial, em que se esmerou o nosso Soberano Monarca a favor das almas; pois certamente com esta virtude superlativamente meritória acreditou o mesmo Monarca o nome de João V, não só de Grande, mas de Máximo, como de Josué diz o Texto Sagrado: **Magnus secundum nomen, maximus in salutem electorum;** (6) e não só Grande, e Máximo neste Mundo, mas no outro, onde em companhia das almas já beatificadas o adoramos gloriosamente vivo: **Regem cui omnia uiuunt, uenite adoremus;** de sorte que, anelando nesta vida o nosso Soberano Monarca a salvação das almas do Purgatório, soube, sábia, e discretamente assegurar a sua própria salvação na vida eterna.

Vejamos este pensamento provado em dois textos de Salomão, que, parecendo à primeira vista encontrados, se [uniformizam] em abono do mesmo pensamento. Fala Salomão no Cap. 9 dos Provérbios, e diz que o Sábio, e discreto há de tratar de si, ou para si: **Si sapiens fueris, tibimetipsi eris;** (7) e no Cap. II diz: quem tiver cuidado da salvação das almas, é Sábio: **Qui suscipit animas, sapiens est.** Quem não vê a contradição, ou incoerência destes dois textos? Se Salomão diz no Cap. 9. que o Sábio só há de tratar de si ou para si: **Si sapiens fueris, tibimetipsi eris;** como afirma no Cap. II. que o ser Sábio consiste em tratar da salvação das almas? Ó que belamente se conformam os dois Textos! E se não, vede: o mesmo foi ter o nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João V cuidado da salvação das almas, que estavam retidas no Purgatório, que cuidar, e tratar de si; porque a mesma Bem-aventurança, e Visão beatífica, que pelos Sacrifícios da Missa solicitava para as almas do Purgatório, granjeou, e assegurou para si: e por isso com fé pia, e conjectura mui provável o adoramos já glorioso: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.**

Agora se verá a verdadeira inteligência daquele texto de São João, assaz dificultoso de se entender: **Qui scit fratrem suum peccare, non ad mortem, petat, et dabitur ei uita,** (8) quem souber que seu irmão peca com o pecado, que não induz morte, peça, e alcançará vida. Alguns entendem este Texto do pecado venial; o qual é culpa, que não causa morte, nem faz perder a vida espiritual; mas contra esta inteligência está o mesmo texto, que diz que peça, e que se lhe dará vida: **Petat,**

(6) Eccl., c. 46.

(7) Proverb., cap. 9 e c. II.

(8) Epist. I, Ioann., c. 5.

et dabitur ei uita: logo supõe que a perdeu; e se a não perdeu, não carece que se lhe dê. Admiravelmente Rufense, citado pelo Doutíssimo Godói, o qual explica o Texto das penas, que padecem as almas no Purgatório pelos pecados nesta vida cometidos, e já perdoados; porque ainda que com o perdão dos pecados receberão as almas a vida espiritual de graça, sempre ficou o reato da pena, que se padece no Purgatório, e impede às almas o ver a Deus, e viver eternamente; e por isso diz o Evangelista Águia, que quem orar a Deus pelas almas, que padecem no Purgatório, e estão como mortas, privadas de verem a Deus, se lhe dará a vida eterna: **Qui scit fratrem suum peccare, non ad mortem, petat, et dabitur ei uita.**

Bem está: mas a quem se há de dar esta vida? aos defuntos, por quem se pede? Respondo, que tanto as almas do Purgatório, como ao mesmo, que pelos Sacrossantos Sacrifícios das Missas as alivia das penas, e lhes faz gozar a vida eterna: pois, assim este, como aquelas, participam da eficácia daquele tão Soberano, e Salutífero Sacrifício: e a razão é; porque o Sacrifício da Missa não só é sufrágio para as almas, porque se aplica, mas também para o mesmo, que aplica: **Sacrificia Deo oblata non animabus tantum suffragia sunt, sed etiam ipsi offerenti;** disse o douto Pontavelense.

Corroborase esta minha resposta com aquela proposição assertiva de Davi, em que dizia, que não havia de morrer, mas viver sempre: **Non moriar, sed uiuam.** (9) É certo que Davi não falava da morte temporal; porque sabia mui bem, que desta ninguém se isenta: **Statutum est hominibus semel mori:** (10) logo falava da eterna; e por isso uma, e muitas vezes, dizia que esperava não morrer eternamente: **In te, Domine, speraui, non confundar in aeternum.** (11) E em que fundava Davi esta sua esperança? Direi: era Davi tão compassivo, e misericordioso com as almas dos defuntos, que em todas as ocasiões de mortandade, já por causa de peste, já por causa de guerra, mandava fazer muitos sufrágios, e Sacrifícios pelas almas dos que morriam: **Tibi sacrificabo hostiam laudis, id est, per Sacerdotes hostiam offerentes,** expõe o nosso Lira: e como conhecia a eficácia destes sufrágios que tanto aproveitava às almas, por quem se applicava, como a sua própria, que applicava; por isso, antecipadamente rendia a Deus as graças não só porque tinha livrado a sua alma do Inferno, mas porque a tinha salvado das penas do Purgatório: **Exaltabo te, Domine, quoniam eduxisti ab inferno animam meam; saluasti me a descendentibus in locum.** Eis aí em que fundava Davi a sua esperança de que não havia de morrer, mas sim de viver eternamente: **In te, Domine, speraui, non confundar in aeternum: Non moriar, sed uiuam.**

(9) Psalm., 117.

(10) Paul., ad Hebr., c. 9.

(11) Psalm., 30 et 70.

Não se pode dar mais próprio e adequado original do nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João V do que o Rei mais perfeito da Lei Escrita, talhado pelo molde do coração de Deus: **Inueni uiram secundum cor meum;** (12) porque se Davi teve esperança fixa de se salvar, e viver eternamente, porque era cordialmente compassivo, misericordioso com as almas, e por isso convidava a todos a festejar este dia, e render a Deus as graças, com tanto júbilo, e aplauso: **Venite exultemus Domino, iubilemus Deo salutari nostro; praecupemus faciem eius in confessione, et in psalmis iubilemus ei;** com igual razão devemos adorar vivo, e gloriosamente gozando a vida eterna, o nosso Augusto e Soberano Monarca Dom João V; porque sendo tão compassivo, e misericordioso com as almas do Purgatório, as fez viver, e gozar a Visão beatífica de Deus: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus;** e por isso com grande júbilo, e prazer vim hoje convidar a este Católico, e Religioso auditório a render a Deus as graças em nome do mesmo Augusto, e Soberano Monarca: **Venite exultemus Domino, iubilemus Deo salutari nostro, praecupemus faciem eius in confessione, et in psalmis iubilemus ei.** (13)

Para que vejais com toda a clareza a razão do júbilo do meu convite, passemos a ponderar, assim o dia em que nasceu, como o que faleceu o nosso Augusto, e Soberano Monarca: para cuja ponderação é de supor, como público, e notório, o cordial afeto, com que venerava a Religião do meu Seráfico Padre São Francisco, de sorte que, vendo a qualquer Religioso da sua Ordem, logo com toda a reverência lhe beijava a manga do hábito de meu Padre São Francisco, e deste afeto resultou a resolução de querer ser amortalhado só no hábito de meu Padre São Francisco, não permitindo outro algum, senão o manto da Ordem de Cristo, de que era Grão-Mestre. A singularidade desta devoção parece que veio já do nascimento, por nascer no oitavário de São Pedro de Alcântara, glorioso filho, e verdadeiro imitador de meu Padre São Francisco: de um, e outro, do Pai, e do filho foi o mesmo Rei, assim que com a idade teve o uso da razão, cordialissimamente devoto, como mostram sempre as frequentes esmolas, as contínuas, e quotidianas visitas, que fazia aos seus Conventos, e especialmente aos da Província da Arrabida, que o mesmo São Pedro de Alcântara fundou em Portugal. Baste para crédito desta especialidade aquela maravilha, ou maravilhoso Convento de Mafra, que fez edificar para os Religiosos filhos desta Província, onde, apurada a arte, se vê competir a piedade com a magnificência, a devoção com a Majestade.

Nem carece de mistério, que nascendo o nosso Soberano Monarca em 22 de outubro, quarto dia do Oitavário de São Pedro de Al-

(12) Act. Apost., c. 13.

(13) Psal., 49.

cântara, e tendo por Pai o Sereníssimo Rei Dom Pedro II, não lhe foi imposto o nome de Pedro, mas sim o de João, certamente não se pode atribuir esta imposição, senão a destino superior da Divina Providência; que assim dispôs, para que o nosso Soberano Monarca, com o nome de João, que se interpreta pio, e misericordioso: **Ioannes, id est, pius, ac misericors**, e com a divisa de Quinto, número favorável aos defuntos, ostentasse a sua piedade e misericórdia com as almas do Purgatório.

Acrescente outro mistério para a imposição do nome de João ao nosso Soberano Monarca, e vem a ser: nasceu o nosso Soberano Monarca em 22 de outubro, Véspera de São João Capistrano, também glorioso lustre da Religião Seráfica, que se celebra em 23 do mesmo mês: parece que, com o nome, quis tomar a São João Capistrano por seu exemplar, e Patrono, e na verdade assim o verificou a experiência; pois conseguiu que a Igreja o honrasse com o mesmo título, com que é condecorado São João Capistrano nas suas Vésperas. Na **Antífona de Magnificat**, que canta a Igreja nas Vésperas a São João Capistrano, lhe dá o singular título de Fidelíssimo, Zelador da Fé: **O Zelator fidei, Ioannes Fidelissime**: com este título de Fidelíssimo, e Zelador da Fé, honrou também a Igreja ao nosso Sereníssimo Rei Dom João V: logo se pode negar que foi misteriosa a imposição do nome de João ao nosso Soberano Monarca por nascer na véspera de São Capistrano; quando a um, e outro, e a ninguém mais, deu a Igreja o título de Fidelíssimo, e Zelador da Fé. **O Zelator fidei, Ioannes Fidelissime**.

Nem obsta o que já ouvistes em uma destas funções funerais, que o Santo do nome, a quem o nosso Monarca tinha por Patrono, era São João Evangelista, em cujo dia todos os Grandes, e Prelados da Corte lhe beijavam a mão em obséquio ao seu nome: não nego o fato desta cerimônia; mas ouvi o fundamento, que não destrói o juz do Patronato do nosso Santo. É certo, que o nosso Soberano Monarca nasceu em outubro do ano de 1689; e como neste ano ainda não estava solenemente canonizado para toda a Igreja São João Capistrano, sendo que, por decreto de Leão X, e de Gregório XIII, já se rezava dele em o Bispado de Capistrano, e em todos Conventos da Ordem Seráfica e daí a um ano justo em outubro de 1690 foi solenemente canonizado para toda Igreja por Alexandre VIII; por isso no ano do nascimento do nosso Monarca elegeram o dia do Evangelista para essa cerimônia do beija-mão: mas como logo no seguinte ano foi universalmente celebrada a canonização de São João Capistrano, adquiriu, ou ratificou o Santo o juz do seu Patronato, e ficou sendo Patrono do nosso Soberano Monarca, por nascer este nas Vésperas de seu dia; por isso condecorados ambos com o singular título de Fidelíssimo, e Zelador da Fé: **O Zelator fidei, Ioannes fidelissime**.

Até aqui o dia do nascimento do nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V: vamos agora ao dia da sua morte. Já sabeis que morreu em 31 do mês de julho; dia em que a **Religião Seráfica** celebra o dia oitavo de São Francisco Solano, Apóstolo da América, e Padroeiro das Índias Ocidentais: e como o nosso Monarca era no afeto todo Franciscano; permitiu Deus que falecesse em o dia oitavo de São Francisco Solano, cuja vida foi a norma, por onde se regulou, e computou a do nosso Soberano Monarca; e senão, vede São Francisco Solano tinha 17 anos, quando entrou na Religião; viveu Religioso quase 44 anos e faleceu de 61 anos: assim o diz um Historiador da sua vida. O nosso Soberano Monarca tinha 17 anos, quando entrou a reinar, reinou quase 44, e morreu de 61 anos. Mas perguntará a vossa curiosidade, por que razão não permitiu Deus que falecesse o nosso Monarca em o dia próprio da festa de São Francisco Solano, e só sim no dia oitavo? Duas razões me ocorrem, (além de uma especial, que reservo, para quando ponderar o dia da semana) que confirmam o meu pensamento, ou o motivo do meu convite com tantos júbilos de alegria.

A primeira funda-se nas lições do 2 noturno, que se rezam no dia oitavo de São Francisco Solano, as quais parece foram tachadas para esta função funeral, que celebramos pela morte do nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V: principia a primeira lição: **Gaudete in Domino, dilectissimi, qui inter continua suae pietatis beneficia indulset hominem mundo, cuius multus saluantur exemplo**, como se dissera, falando com os Portugueses: alegrai-vos Varões os mais mimosos, e amados de Deus, porque o Senhor entre os contínuos benefícios, que faz ao Reino de Portugal, foi dar um Rei, com cujos sufrágios muitas almas se livrarão do Purgatório. Começa a segunda lição: **Haec dies gloriosae migrationis eius, exultemus, et laetemur in ea**, êste é o dia, em que recordamos o seu glorioso trânsito, alegremo-nos, e festejemos este dia. Finalmente, conclui a terceira lição, como falando com o nosso Monarca defunto: **Eia ergo, dulcis Patrone, Advocate fidelis, exurge in adiutorium nobis, ut et nos de nostra ereptione gaudemus, et tu de plena uictoria glorieris**; era pois, se fostes até agora nosso Rei, e Senhor Soberano, sede, daqui por diante nosso Patrono, e Advogado fiel, para que, festejando a vossa dita, mereçamos alegrar-nos convosco nessa glória. Parece vêm de molde as lições do dia oitavo de São Francisco Solano para esta minha Oração, em que adorando ao nosso Rei gloriosamente vivo, por ter dado a tantas almas a vida de glória: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus**, venho a convidar a este auditório para se alegrar, e render a Deus as graças pela vida gloriosa do mesmo Rei: **Venite exultemus Domino, iubilemus Deo salutari nostro, praeoccupemus faciem eius in confessione, et in psalmis iubilemus ei**.

A segunda razão é; porque no dia oitavo, e não da festa de São Francisco Solano concorrem as Vésperas de São Pedro *ad vincula*, quando entre cadeias, ou correntes, foi preso o Príncipe dos Apóstolos por mandado de Heródes, cuja prisão celebra a Igreja no primeiro de Agosto. Já sabeis, ou deveis saber, que São Pedro entre as cadeias, ou correntes daquele tenebroso cárcere simboliza a uma alma entre as horrorosas prisões do Purgatório: e assim como para a soltura do Apóstolo foi necessário que um Anjo descesse ao cárcere; assim também para a soltura de qualquer alma retida no Purgatório é necessário que algum Anjo desça a livrá-la: por isso na tarde, em que faleceu o nosso Soberano Monarca, foi conveniente concorressem às Vésperas, em que se solenizam as correntes da prisão de São Pedro; para que ele, como Príncipe da Igreja, e Vigário de Cristo na terra, confortasse, e animasse ao nosso Monarca a suportar a prisão do Purgatório, enquanto descia algum Anjo, ao menos em figura, a livrá-lo destas penas, como logo mostrarei assim sucedera.

Acresce demais com as Vésperas de São Pedro *ad vincula* a comemoração dos Mártires Macabeus. É certo, que estes Santos Mártires morreram antes da vinda de Cristo; e é também certo, que a Igreja só soleniza os Mártires, que morreram em ódio da Fé de Cristo: pois como celebra, e faz a Igreja comemoração dos Macabeus, que padeceram antes de vir Cristo ao Mundo? Se me não engano, descubro a razão: o primeiro, que introduziu darem-se estipêndios, ou esmolas aos Sacerdotes para oferecerem sacrificios por sufrágios às almas dos defuntos, foi o famosíssimo Judas Macabeu: **Duodecim millia drachmas argenti misit Ierosolymam offerri pro peccatis mortuorum sacrificium;** (4) cujo costume vemos praticado na Igreja Católica: e absolutamente o único Texto da Sagrada Escritura, que com que se prova haver Purgatório, onde as almas se purificam das culpas, que nesta vida cometeram, é do livro 2 dos Macabeus: **Sancta ergo et salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut a peccatis solvantur:** (15) pois por isso a Igreja, em atenção a tão grande benefício, celebra o martírio dos Macabeus, não obstante ser antes da vinda de Cristo. E como o nosso Soberano Monarca Dom João V foi perfeito imitador de Judas Macabeu, dispensando todos os dias copiosa quantidade de dinheiro para se oferecer o Sacrossanto Sacrificio da Missa por sufrágio às almas do Purgatório, por isso a sua morte foi no dia oitavo de São Francisco Solano, em cujas Vésperas concorreu a comemoração dos Mártires Macabeus; para que naquele dia, e hora do seu trânsito se alegrasse com aquela santa irmandade, que tanto imitou; e se consolasse com os sufrágios dos mesmos Macabeus, como diz a

(14) 2. Mac., c. II.

(15) 2. Mac., c. 12.

**Igreja na sua Oração: *Fraterna Martyrum corona lactificet, et multi-
plici suffragio consoletur.***

Não pára aqui o mistério do dia 31 de Julho, refere o nosso eruditíssimo Astorga, sucedeu aquele célebre milagre, que obrou Cristo do cego, e mudo, por cuja ocasião levantando a voz Marcela, entre as turbas das que presenciaram o milagre, e beatificando o ventre de MARIA SS por ter gerado a Cristo Autor de tão estupendo prodígio: **Beatus Venter, qui te portauit**, (16) respondeu o Divino Mestre beatificando aos que ouvem, e guardam a palavra de Deus: **Quinimo beati, qui audiunt uerbum Dei, et custodiunt illud.** Agora o reparo: e que palavra de Deus é esta, que faz bem-aventurados ao que a ouve? Ouvi, e achareis confirmado o meu conceito.

Tinha Cristo advertido aos seus Discípulos, que fossem pios, e misericordiosos, como era seu Eterno Padre: **Estote ergo misericordes, sicut, et Pater uester misericors est;** (17) cuja advertência lhes intimou ao depois com maior eficácia nestas enfáticas, e misteriosas palavras: **Facite uobis amicos de mammona iniquitatis, ut cum defeceritis, recipiant uos in aeterna tabernacula;** (18) nas quais, segundo o Cardeal Belarmino, lhes recomendou que fossem pios, e misericordiosos com as almas do Purgatório, applicando muitos sufrágios, e sacrificios, para que elas, depois de beatificadas, além de agradecidas, fossem nossas advogadas, e solitassem a nossa felicidade em sua companhia: **Ut cum defeceritis, recipiant uos in aeterna tabernacula.** Pois eis aí a razão, porque afirmou Cristo que era bem-aventurado o que ouvia, e guardava a palavra de Deus: **Beati qui audiunt uerbum Dei, et custodiunt illud;** porque na verdade quem ouvir, e observar a palavra de Deus, isto é, a recomendação que faz Cristo sobre a piedade, e misericórdia com as almas do Purgatório, tem a certeza de ser bem-aventurado. E este é também o mistério como que o nosso Soberano Monarca morreu neste dia; para que, como foi tão pio, e misericordioso com as almas do Purgatório, applicando-lhes muitos sacrificios, e sufrágios, se conhecesse ser do número dos bem-aventurados: **Beati, qui audiunt uerbum Dei, et custodiunt illud.**

Agora entendo eu a razão, porque Davi, fiado nas cinco pedras do seu surrão, se pôs em campanha com o Gigante Goliath tendo esperança fixa de o vencer. Diz o Autor do enigma numérico, citando a Guilherme Onciaco, que Davi conseguira a vitória no mês de julho, que é o sétimo do ano, que principia em janeiro: **Septimo mense a Daud occisus est Goliath;** mas como não declara o dia, passo avante a ponderar a vitória. Diz o Texto sagrado, que acer-

(16) S. Luc., cap.II.

(17) S. Luc., cap. II.

(18) Id., cap. 16.

tando Davi o desafio do Gigante, escolhera de um ribeiro, que ficava em um vale vizinho, cinco pedras mui limpas, ou lisas, e as metera no seu surrão: **Elegit quinque lapides limpidissimos de torrente, et misit eos in peram;** (19) e chegando à estacada, meteu a mão no surrão, tirou uma pedra, pô-la na funda, e fazendo com duas voltas tiro à cabeça do Gigante, o derrubou no chão: **Misit manum suam in peram, lulitque unum lapidem, et funda iecit, et circumducens percussit Philistaeum in fronte, et cecidit in faciem suam super teram.**

Estas cinco pedras tiradas do ribeiro daquele vale representam, no sentir de São Vicente Ferreira, as almas, que deste vale de lágrimas saem limpas em graça pela penitência final: e porque levam consigo o reato da pena correspondente às culpas, que nesta vida cometeram, ainda que já perdoadas, vão a purificar-se no Purgatório simbolizado naquele surrão de Davi, onde, como em um calabouço escuro, estão privadas de ver a Deus enquanto se purificam: e como a pedra, que tirou Davi do surrão, é figura de uma alma, que sai do Purgatório; por isso com ela, como agradecida ao mesmo Davi, fez o emprego na cabeça do Gigante com tanto acerto, que o prostrou por terra. Eis aí o que obram as almas do Purgatório pelos seus devotos: e por isso, fiado, e confiado nelas, Davi entrou na peleja sem susto; nem temor; antes com esperança certa, e fixa de conseguir a vitória: **In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum: Non moriar, sed uiuam.**

Esta pedra, com que Davi conseguiu tão grande glória, e vitória, já ouvistes com tanta energia, e erudição aplicada ao nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V; mas como me não contento com ser esta pedra do número quinário, permita-me tão engenhoso Orador dar mais uma voltinha na funda do meu discurso, e mostrar que esta pedra singularmente, por ser quinta, e simbolizar uma alma saindo do Purgatório, compete ao nosso Soberano Monarca. A pedra, com que Davi conseguiu a vitória, ainda que era do número quinário das pedras, foi singular no tiro, pois não consta que Davi fizesse outro tiro, nem que desse outra pedrada: e o ser do número quinário não a faz ser quinta; porque do mesmo número quinário era também a primeira, segunda, terceira, e quarta pedra: logo por que razão mais aquela, do que estas, há de competir ao nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João V? Ouvi, e dai-me atenção: as cinco pedras, que Davi escolheu no ribeiro, não foram coletivamente apanhadas, mas divisivamente uma por uma: escolheu a primeira, meteu-a no surrão; escolheu a segunda, e depois a terceira, quarta, e quinta, e uma por uma foi metendo no surrão; de sorte que a última, que na entrada foi quinta, na saída foi singular, e representava a uma alma saindo do

(19) I Reg., cap. 17.

Purgatório: e por isso singularmente complete ao nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João V.

Para maior inteligência desta minha explicação ouçamos ao Cardeal Hugo alegorizando as cinco pedras de Davi, de cuja alegoria se valeu o Grande Vieira nos seus cinco engenhosos discursos, que pregou na Cúria Romana. Diz este Eminentíssimo Expositor, que nas cinco pedras se simbolizam cinco considerações, a saber: o conhecimento de si mesmo, a dor do perdido, o pejo do cometido, o temor do castigo, e a esperança do gozo eterno: **Quinque lapides sunt: cognitio sui, dolor ammissi, pudor commissi, timor supplicii, et spes aeterni gaudi.** Reparti estas cinco considerações pelos cinco Reis de Portugal, que tiveram o nome de João, e achareis que, competindo a cada um com propriedade genuína a sua pedra, a quinta pertence singularmente ao nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V, a quem hoje adoramos gloriosamente vivo na posse do gozo eterno, que sempre fixamente esperou: ora vede.

O **Cognitio sui** da primeira pedra simboliza o Sereníssimo Rei Dom João I, o qual, conhecendo-se ilegítimo, e reconhecendo a preferência de seu Irmão do mesmo nome, sobre legítimo, mais velho, ainda que ausente, e preso em Castela, recusava subir ao trono, contentando-se somente com o título de Regente do Reino, que Castela pretendia usurpar, e unir à sua Coroa; se os três Estados do Reino junto no nosso Convento da Cidade de Coimbra o não aclamassem por Rei: eis aí o **Cognitio sui**. O **Dolor ammissi** da segunda pedra compete ao Sereníssimo Rei Dom João II, o qual, pela morte do Príncipe D. Afonso seu único filho, teve tal dor, e pena desta perda, que passou o restante da vida em uma profunda melancolia: eis aí o **Dolor ammissi**. O **Pudor commissi** da terceira pedra pertence ao Sereníssimo Rei Dom João III, o qual, achando o Reino abastado de Conquistas, resolveu inconsideradamente largar as Praças de Arzila, Alcácer, Casim, e Azamor, de cuja resolução se arrependeu ao depois, já sem remédio, e se viu então envergonhado de ter cometido semelhante desacerto: eis aí o **Pudor commissi**.

O **Timor supplicii** da quarta pedra se apropria ao Sereníssimo Rei Dom João IV, o qual não duvidando do direito, que tinha à Coroa de Portugal, não se resolvia a empreendê-la, a que por muitas vezes o estimulava a fidelidade, e valor dos Portugueses, por reccar a conclusão pelas grandes dificuldades, que se lhe representavam no entendimento, e temer com a vida pagar esta resolução; que, a não ser com tanta felicidade finalizada, seria no juízo de Castela julgada pela maior traição, e condenada ao mais rigoroso castigo; mas se a Sereníssima Senhora Duquesa, e depois Rainha, Dona Luísa Francisca de Gusmão o não animasse, dizendo de que qualquer sorte corria perigo, a sua vida; e se havia de morrer Duque de Bragança, se expusesse a

viver, ou morrer Rei de Portugal: eis aí o **Timor supplicii**. O **Spes aeterni gaudii** da quinta pedra se verifica no nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V tão devoto das almas do Purgatório, que com esta devoção assegurou, e firmou a esperança do gozo eterno; em cuja posse piamente o consideramos já glorioso: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.**

Temos visto o dia do mês, em que faleceu o nosso Soberano Monarca: passemos a ponderar o dia da semana, em que com mais individuação veremos verificado o assunto da minha Oração. É certo, que faleceu em sexta-feira à tarde pelas sete horas, quando o Sol, dando fim ao dia, se sepultava no Ocaso; Se fora dada ao nosso Monarca a eleição do dia para morrer, certamente não escolhera outro, senão o da sexta-feira, em cuja tarde morreu o mesmo Deus humanado, para ressurgir ao terceiro dia, que foi no Domingo, em que descendo ao Limbo trouxe em sua companhia as almas dos Santos Padres, que por ele estavam esperando; e passando pelo Purgatório livrou as almas todas das penas, que nele padeciam; sendo esse dia para elas de máximo jubileu, e indulgência pleníssima, como diz Santo Agostinho; e o Cardeal Belarmino delas entende aquelas palavras do Profeta Zacarias: **Emisisti uinctos tuos de lacu, in quo non est aqua.** (20)

Aqui necessariamente me hei de valer da notícia, que corre vulgar de uma revelação de certa Religiosa, que, mandada pelo seu Confessor, declarou, que estando em Oração lhe fora revelado, que o nosso Soberano Monarca se salvara, e estivera três dias no Purgatório: a esta revelação não posso deixar de dar pio assento; porque se conforma com o meu discurso conjectural ex-vida devoção, e afeto, que teve o nosso Monarca às almas do Purgatório; e com as notícias que vieram na relação impressa sobre a morte do nosso Soberano. Diz a relação, que o corpo de Sua Majestade vestido com o hábito de meu Padre São Francisco, e adornado com o manto de Grão Mestre das Ordens Militares, estivera no seu próprio leito recolhido em uma sala interior do Palácio até passar o dia de Domingo, em cuja noite fora conduzido para uma sala exterior do mesmo Palácio, para na segunda-feira se fazer o ofício solene de corpo presente, como com efeito o celebrou o Eminentíssimo, e Reverendíssimo Cardeal Patriarca com assistência dos Excelentíssimos, e Reverendíssimos Principais, e mais Ministros da Santa Igreja Patriarcal.

Vamos conferindo a notícia da relação com a da revelação: primeiramente já sabeis que no Domingo, que era o terceiro dia da morte de Sua Majestade, caiu aquele grande Jubileu da Porciúncula, que alcançou imediatamente de Cristo meu Padre São Francisco, no

qual se concede aos vivos remissão pleníssima de culpa, e pena; e por especial indulto do Vigário de Cristo na terra participam as almas do Purgatório a mesma indulgência. É também de saber que afirmam graves Autores, que no dia da Porciúncula desce meu Santo Padre ao Purgatório, a livrar as almas dos seus filhos, e devotos, das penas que padecem pelas culpas nesta vida cometidas: e assim, sendo o nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V filho professo de Francisco na Venerável Ordem Terceira da Penitência, e sobre isto muito seu especial devoto, como inculca a eleição do hábito, com que só quis ser amortalhado, é de crer piamente, que no tal Domingo, dia da Porciúncula, e terceiro de sua morte, foi livre das penas do Purgatório, extraído por meu Padre São Francisco em companhia de muitas almas, que com ele desceram ao mesmo Purgatório a buscá-lo, para se congratularem na Glória, e Visão beatífica de Deus. Note-se aqui a razão especial, que atrás fiquei de dar, porque o nosso Soberano Monarca não morreu no dia próprio de São Francisco Solano, mas sim no seu dia oitavo; por ficar este dia mais próximo ao da Porciúncula, e não passar o nosso Soberano Monarca de três dias no Purgatório.

Grande confirmação deste discurso nos dá a Visão, que teve São João no seu Apocalipse: diz, que em um Domingo, fora levado em espírito ao Céu; e que vira a Deus sentado no seu majestoso Trono; e à roda do Trono vinte e quatro Anciãos sentados também em suas cadeiras, com Coroas de ouro nas cabeças: **Et uigint quatuor seniores sedentes, et in capitibus eorum coronae aureae:** (21) diz mais, que vira um Anjo, que subia com os sinais expressos de Deus vivo: **Vidi alterum Angelum ascendentem ab ortu solis habentem signum Dei uiui,** a quem acompanhavam cento quarenta (sic) e quatro mil espíritos, assinalados também com a mesma divisa: **Et audiui numerum signatorum centum quadraginta quatuor millia signati;** e logo depois viu uma inumerável multidão de espíritos, de todas as sortes de gente, que chegando à presença de Deus faziam grande festejo em ação de graças pela salvação, que tinham conseguido: **Post haec uidi turbam magna, quam dinumerare nemo poterat, ex omnibus gentibus: Et Clamabant uoce magna dicentes: Salus Deo nostro.** Pasmado, e atônito o Evangelista com a Visão, um dos Anciãos coroados lhe decifrou a causa, e motivo do festejo.

Antes que eu entre a explanar a Visão, é necessário saber quem eram aqueles vinte e quatro Anciãos coroados. São tantas e tão várias as interpretações, que dão os Expositores a este lugar, que cada um lhe dá o seu sentido: **Unusquisque in suo sensu abundat;** mas todos se reduzem a duas classes: Uns tomam o número de vinte e quatro por certo, e determinado; e assim entendem pelos vinte e quatro Anciãos

(21) Apoc., c. 4., id. 7.

já os doze Patriarcas do Testamento velho, e os doze Apóstolos do novo, cujo número de doze duplicado faz o de vinte e quatro: já os doze Apóstolos naturais da Judéia, discípulos de Cristo no seu primeiro advento, e os doze Apóstolos, que há de eleger da Gentilidade o mesmo Cristo no seu segundo advento; para pregar contra o Anti-Cristo; que uns, e outros completam o número de vinte e quatro. E um gravíssimo Orador proximamente na Catedral em a primeira destas funções funerais com elevada elegância, e fecúndia aplicou os vinte e quatro Anciãos coroados aos vinte e quatro Reis de Portugal, que tem havido desde o felicíssimo D. Afonso Henriques até o nosso Soberano Monarca Dom João V. Outros pelo contrário tomam o número de vinte e quatro por incerto e indeterminado; e assim pelos vinte e quatro Anciãos entendiam já a Universidade dos Bispos nas suas Catedrais; já a dignidade Sacerdotal dos Presbíteros, que pela madureza do juízo, e solidez da doutrina, de que devem ser ornados, se dizem Anciãos.

Venero todas estas exposições pela reverência, que merecem seus Autores: mas atendendo eu ao que diz o mesmo Evangelista no Cap. 7 do seu Apocalipse, que todos os que estavam à roda do Trono de Deus, eram Anjos, como criaturas mais puras, e perfeitas. **Et omnes Angeli stabant in circuitu throni**, (22) acomodo-me com a opinião do erudito Alápide; o qual, expondo o mesmo lugar do Apocalipse, alude os vinte e quatro Anciãos aos Anjos da primeira, e suprema Hierarquia: **Alludit ad ordinem Angelorum primae Hierarchiae**; e assim, fundado nesta alusão, digo, que os vinte e quatro Anciãos simbolizam os Anjos da primeira hierarquia, deputedos para Custódios dos Reinos Católicos, que conhecem a Cristo por verdadeiro Deus, e Homem, representando naquela Majestade, que residia no Trono, como comumente entendem os Expositores com Santo Ambrósio. Estes Anjos estão sentados, e coroados em razão dos régios, e elevados ministérios, a que são deputedos; e por diferença dos mais Anjos deputedos para guarda particular dos homens, que por inferiores não têm a mesma graduação e preeminência. Donde venho a entender, que o Anção coroado, que explicou a Visão ao Evangelista, foi o Anjo Custódio do Reino de Portugal; e nesta inteligência entro a explicar a Visão.

Aquele Anjo, que viu o Evangelista subir com o sinal expresso de Deus vivo, e os cento e quarenta e quatro mil espíritos, que o acompanhavam assinalados também com a mesma divisa, dizem gravíssimos Autores, com São Boaventura, que era meu Padre São Francisco com todos os filhos das suas três Ordens; e aquela copiosa multidão de espíritos, que se não podia numerar, eram as almas, que purificadas no Purgatório, e aliviadas, ou lavadas com o sangue do

(22) Apoc., c. 7.

Cordeiro, representado no Sacrossanto Sacrifício da Missa, tinham subido ao Céu, como explicou o mesmo Anjo Custódio do Reino de Portugal ao Evangelista, na inteligência do Eminentíssimo Hugo Cardeal: **Hi sunt, qui uenerunt de tribulatione magna, id est, in Purgatorio; et lauerunt stolas suas in sanguine Agni.**

Bem está: mas qual era a causa, ou motivo de tanto festejo no Céu, que ocasionou ao Evangelista tantos pasmos, e assombros? Permita-me a piedade Católica dos Portuguezes dizer, debaixo do protesto já feito no princípio, que foi a subida do nosso Soberano Monarca Dom João V ao Céu naquele Domingo, dia da Porciúncula, e terceiro da sua morte; e por isso interpreta o meu discurso dizer o Anjo a São João: Não vos admireis, Evangelista Águia; todos estes festejos, que vedes, procedem da subida da alma de um Rei de Portugal, de cujo Reino sou deputado Custódio: este Rei, sendo filho da Terceira Ordem de Francisco, e muito especial devoto dos filhos da Primeira, e Segunda Ordem, e sobre isso cordialmente pio, e misericordioso com as almas do Purgatório, mandando quotidianamente fazer-lhes muitos sufrágios, mereceu que neste Domingo, dia do máximo Júbileu da Porciúncula, e terceiro da sua morte, o Seráfico Patriarca acompanhado de seus filhos, e de infinitas almas já gloriosas, agradecidas aos inumeráveis sufrágios deste Rei, descesse ao Purgatório, donde trouxe consigo a alma do mesmo Rei; e por isso todas estas almas estão clamando, como rendendo a Deus as graças pela salvação do mesmo Rei, seu benfeitor, segundo a exposição de Santo Agostinho: **Magna uoce salutem decantant, qui magna gratiarum actione recolunt, non sua se uirtute, sed, ipso auxiliant, tribulationum superasse certamina;** (23) ou, como traslada Menochio: **Voce magna clamabant, semper saluus sit, uiuat Rex.**

Parece está cabalmente fundamentada a minha argüição, e conjectura, e juntamente corroborada a notícia de revelação, que me moveu a convidar a este auditório para adorar ao nosso Rei já glorioso, ou gloriosamente vivo: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus.** Porém, para que deponhais todo o escrúpulo, e fiquéis totalmente persuadidos deste meu raciocínio, ou discurso; quero-vos ponderar uma circunstância, que sucedeu na morte do nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V, que sendo pública, e notória, quiçá não tereis refletido nela; e certamente é um argumento forçoso, e convincente do meu assunto; e vem a ser, que falecendo Sua Majestade em Sexta-feira, não se lhe fez o Ofício funeral de corpo presente senão depois de três dias na Segunda-feira, que era o quarto do seu falecimento, pelo Eminentíssimo Cardeal Patriarca, com os Excelentíssimos, e Reverendíssimos Principais, e mais Ministros da

(23) **Biblia maxima ibidem.**

Igreja Patriarcal: e não consta que alguma Comunidade, ainda de Religiosos, o fizesse antes; sendo que se podia fazer no dia seguinte do falecimento, que foi Sábado. E qual seria a causa da dilação de um sufrágio tão frutuoso, e importante para uma alma, que sai deste para o outro mundo? Eu a digo.

Não devo, nem atribuir esta dilação a descuido de pessoas tão elevadas, em que não se pode considerar a mais leve inadvertência; mas sim a destino superior da Divina Providência, que assim dispôs, para que se verificasse no primeiro Ofício funeral com toda energia, e propriedade a antífona, com que principia o invitatório do mesmo Ofício funeral: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus**; porque no Domingo, dia da Porciúncula, saiu do Purgatório a felicíssima alma do nosso Augusto, e Soberano Monarca a gozar a Visão beatífica de Deus; só na Segunda-feira propriamente competia à Igreja Lusitana alegrar-se, e render a Deus as graças: **Venite, exultemus Domino, iubilemus Deo salutari nostro, praeoccupemus faciem eius in confessione, et in psalmis iubilemus ei**; porque lhe dera um Rei, que, cuidando tanto em sua vida da glória, e salvação das almas, mereceu ao terceiro dia de sua morte a mesma glória; e por isso já adorado imortal e gloriosamente vivo: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus**.

Quero por último satisfazer a um reparo, que não sei se vos tem ocorrido; e vem a ser: por que razão, sendo o nosso Augusto Monarca Dom João V todo Franciscano, e tão devoto da Religião Seráfica, que só com o seu hábito quis ser amortalhado, não ordenou que seu corpo fosse depositado em algum dos Conventos de meu Padre São Francisco, havendo tantos na Corte, e Cidade de Lisboa, e alguns tanto da sua devoção, que neles com os mesmos Religiosos assistia aos atos do Coro, e ainda do refeitório; e só sim dispôs, que o seu corpo fosse depositado em o Convento de São Vicente? Duas razões me ocorrem para esta disposição: a primeira, porque como no Convento de São Vicente está fundada uma Freguesia com o Orago de São Miguel com as almas, quis o nosso Soberano Monarca, ainda depois de morto, mostrar-se devoto, e freguês das almas, buscando o depósito do seu corpo na Freguesia de São Miguel com as almas. A segunda, porque quis o nosso Soberano Monarca imitar a meu, e seu Padre São Francisco, cujo corpo foi primeiro depositado fora da Ordem em a Igreja do glorioso mártir São Jorge, para daí ser trasladado para o magnífico Convento, que a liberalidade, e devoção de Gregório IX lhe edificou, e consagrou: e por isso quis o mesmo Monarca que o seu corpo fosse também depositado fora da Ordem Seráfica em o Convento do glorioso Mártir São Vicente para daí ser trasladado, como se diz, para o magnífico Convento de Mafra, que a devoção, e liberalidade do mesmo Monarca fez edificar para os mesmos filhos do Seráfico Patriarca São Francisco.

De todo este discurso venho a concluir, que não nos devemos entristecer com a morte do nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V, antes alegrar, e render a Deus as graças, por nos dar um Rei, que ainda depois de morto o adoramos vivo: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus**; e não só vivo, porque piamente o consideramos viver eternamente; mas vivo, porque o vemos renascido, ou representado na viva imagem de seu filho o Sereníssimo Rei e Senhor nosso Dom José, que Deus nos guarde: pois não se pode deixar de dizer, que ainda vive quem deixou Sucessor não só com as mesmas virtudes, e excelências, mas com espíritos dobrados, como insinua o nome de José: **Filius a accrescens Ioseph**. E se de Sócrates diz Sêneca que fez que seu pai Sofrônico nunca morresse, e sempre vivesse: **Sofroniscum Socrates expirare non patitur**, dando por causa, que os filhos, que herdam as virtudes heróicas de seus pais, como foi Sócrates, fazem que os mesmos pais sempre vivam na memória dos vindouros: **Et uiuunt ob nullam aliam causam, quam quod illos liberorum eximiae uirtutis tradidit posteris**; com maior razão podemos dizer, que com a sucessão do nosso Sereníssimo Rei, e Senhor Dom José, que Deus nos guarde, não morreu o nosso Augusto e Soberano Monarca Dom João V, porque ainda vive o seu espírito, e o seu zelo, no mesmo Sereníssimo Rei Sucessor Dom José, o qual pode dizer de seu Augusto, e Soberano Pai, o que lá disse Cristo de seu Eterno Padre: **Qui uidet me, uidet et Patrem meum**.

Assim o cremos: assim esperamos pelos merecimentos, súplica, e intercessão do nosso Augusto, e Soberano Monarca Dom João V, o qual lá dos Céus, onde piamente o supomos vivendo, e gozando a Visão Beatífica de Deus, não cessará de orar, e rogar ao mesmo Deus pela conservação, e aumento de seu filho Sucessor, e nosso Sereníssimo Rei; para que imitando as suas virtudes, e seguindo as suas máximas, e tão discretas, como Católicas, nos governe em uma feliz tranqüillidade, como do Imperador Teodósio disse Santo Ambrósio em semelhante função de Exéquias funerais: **Quis dubitebit filii Theodosii maximum praesidium fore apud Deum?** Em morte pois tão feliz de um Rei, a quem piamente conjecturamos glorioso, e imortal: **Regem, cui omnia uiuunt, uenite adoremus**; sejam as declamações festejos, e aplausos: **Venite, exultemus Domino, iubilemus Deo salutarari nostro, praecoquemus faciem eius in confessione, et in psalmis iubilemus ei**: digamos todos alegres, e gratulabundos: Viva El-Rei Dom João V sempre vivo, e imortal para Deus, sempre pio, e misericordioso para nós: porque então certamente, sufragados com a sua intercessão, iremos gozar em sua companhia a eterna Bem-aventurança.

SERMÃO NAS EXÉQUIAS DO FIDELÍSSIMO
E AUGUSTÍSSIMO DOM JOÃO V.

PREGADO

NO CONVENTO DO SERÁFICO PADRE

São Francisco da Vila de Sergipe do Conde,

PELO MUITO REVERENDO PADRE MESTRE

FREI JOÃO DE DEUS,

EX-LEITOR DE TEOLOGIA

de Véspera, Filho da Província de Santo

Antônio do Brasil.

Rex Israel mortuus est occidente Sole.

2. Paral. 28.34

Toda esta máquina universal da terra, que Deus criou no espaço de seis dias, acaba, e desfaz a morte em um só instante: **In ictu oculi clauduntur omnia.** (Muito Alto, Poderoso e Fidelíssimo Rei, e Senhor nosso, agora que vos lamenta a nossa dor neste triste, e fúnebre Mausoléu, como despojo da morte, vos considero eu por muito mais alto, quanto vai do Céu à terra; por muito mais Poderoso, quanto vai do poder, com que se reina na terra, ao poder, com que se reina no Céu.) Toda esta máquina universal da terra, que Deus criou no espaço de seis dias, torno a dizer, acaba, e desfaz a morte em um só instante: **In ictu oculi clauduntur omnia.** Em um só instante sepulta a morte entre as negras sombras da noite aquela luz, que no primeiro dia da criação do Mundo saiu das mãos de Deus tão benéfica, como luzida. Também escurece a morte em um só instante aquele firmamento, que no segundo dia formou Deus sobre a terra. Também despoja a morte, em um abrir, e fechar de olhos, a terra da verde pompa das suas árvores, e plantas, da mimosa, e vistosa gala das flores, com que no terceiro dia enriqueceu Deus a mesma terra. Aquela tocha do Universo, aquele Príncipe dos Astros, que Deus criou no quarto dia, também eclipsa, e escurece a morte. Não vale ao Sol o ser dos Planetas o maior Monarca: **Luminare maius**, para deixar de viver sujeito às pensões da morte, mas antes, por isso mesmo que é Rei acaba, e morre no mesmo dia em que nasce: **Sol oritur, et occidit.** Este estrago também sente a Lua, que é Princesa da noite; de se em um tempo cresce para a nossa admiração, em outro míngua para a nossa lástima. Também caem as estrelas, sem valer a algumas o serem fixas. Aquele número sem número de peixes, que no quinto dia mandou Deus que dominassem o cristalino das águas; aquelas aves tão variamente pintadas, que no mesmo dia ordenou o Senhor que dominassem a esfera do ar, também não vivem isentas da tirania da morte. Aquele vulgo todo de feras, e animais, tão diversos na condição, como diferentes na figura, a quem deu vida a terra no sexto dia, também acaba a morte em um instante. Aquele primeiro homem, que no mesmo dia criou Deus à sua Imagem, e semelhança, a quem constituiu Rei de todo o Universo, também pagou tributo à mesma morte. Enfim, tudo quanto Deus criou por sua

(1) Eccles., I, n. 5.

Onipotência no espaço de seis dias, acaba, e desfaz a morte em um instante: **In ictu oculi clauduntur omnia.** (2) Na Escritura Sagrada pinta-se a morte com asas, e com uma foice na mão: **Ecce falx uolans;** porque na seara do Mundo quanto Deus semeia com a sua mão, tudo corta, e colhe voando a morte com a sua foice. Ó Morte, quão universal, e tirano é o teu domínio! Tudo dominas, e tudo acabas em um abrir, e fechar de olhos: **In ictu oculi clauduntur omnia.**

Esta pensão, e tributo, que inevitavelmente pagam todos os viventes, e todas as criaturas à morte, também pagou, apesar de um Reino todo, a mais Alta, e Soberana Majestade da Monarquia Portuguesa. Depois de um dilatado combate, em que tantas vezes se retirou a morte, como desconfiada da vitória: **Absorta est mors in uictoria;** rendeu-se ao poderoso braço da mesma morte o sempre invicto Monarca de Portugal: enfim, em uma Sexta-feira ao pôr do Sol pagou o inevitável tributo de nascido o muito Alto, Poderoso, e Fidelíssimo Rei o Senhor Dom João V. Assim o testemunha este tão fúnebre, como majestoso Mausoléu: assim o dizem com mudas línguas aquelas trêmulas luzes: assim o representa aquele Cetro, e aquela Coroa caída: **Cecidit corona capitis nostri;** e finalmente assim o dão a entender as palavras, que citei por tema: **Rex Israel Mortuus est, occidente Sole.** (3) Esta palavra Israel na Escritura Sagrada se toma pelo povo, ou pelo Reino de Israel, como nota Berchorio: tomando-se pelo povo, significa aquele povo, e nação, que vive constante na fé, e observante no culto, e honra de Deus: **Israel significat populum, qui sub fide, et cultu Dei residet,** (4) diz Lira. Tomando-se pelo Reino, como neste lugar, representa a um Reino, que Deus escolheu para seu trono, como afirma em nome de Deus o Real Profeta: **Qui regis Israel intende:** (5) e o povo constante na fé, e observante no culto Divino é o povo de Portugal: **Volo in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire.** Donde se insere que estas palavras: **Rex Israel,** representam a um Rei de Portugal: e o Rei de Portugal, que morreu ao pôr do Sol, é, como ninguém ignora, o Senhor Dom João V.

O dia da morte na Escritura Sagrada chama-se dia do Senhor: **Venite dies Domini;** (6) e não vi dia mais próprio do Senhor, que o dia da morte do nosso Rei. O dia da morte do nosso Rei foi em uma Sexta-feira ao pôr do Sol; em uma Sexta-feira ao pôr do Sol morreu Cristo Senhor nosso: **Et obscuratus est Sol: Clamans IESUS uoce magna... expirauit.** (7) Pois se o dia da morte do nosso Rei

(2) Zach., 5, 1.

(3) Sup. uerbo Israel.

(4) 1. P. Col., 792.

(5) Psalm., 29, v. 2.

(6) 2. P. 3, 10.

(7) S. Luc., 22.

foi o dia da Sexta-feira ao pôr do Sol, bem dizia eu, que o dia da morte do nosso Rei foi o dia próprio do Senhor. O ditosa alma, a quem caiu o dia da morte no dia próprio do Senhor **Veniet dies Domini.**

Príncipes houveram que, decretando sentenças capitais, deram a escolher o gênero da morte, como Nero a Sêneca. Se Deus, quando decreta a morte, dera a escolher o dia, e a hora, todo o Mundo escolhera para morrer o dia da Sexta-feira ao pôr do Sol; porque entre todos é este o mais fausto para cometer a perigosa jornada desta para a outra vida. Assim o deu a entender Cristo nestas palavras: **Abraham Pater uester exultauit, ut uideret diem meum.** O vosso Pai Abraão, diz Cristo, muito desejou ver o meu dia. Por este dia entendem Teofilacto, e São João Crisóstomo o dia da morte de Cristo: **Diem meum, id est, diem Crucis.** Pois um dia o mais lamentável, e o mais triste, que viu o Mundo, é que Abraão muito desejava ver: **Exultauit, ut uideret diem meum, id est, Crucis?** Sim; porque entre todos é o mais feliz para morrer, e entrar no Céu. E assim foi para Abraão, porque tanto que chegou Abraão a ver este dia tão feliz para todos: **Vidit,** logo se alegrou: **Et gauisus est.** Esta felicidade grande, que conseguiu Abraão, também mereceu alcançar o nosso Monarca; porque em uma Sexta-feira ao pôr do Sol, dia próprio do Senhor: **Diem meum, id est, Crucis,** passou desta vida para a eterna: **Rex Israel mortuus est, occidente Sole.**

Mas sendo este dia feliz, e próspero para morrer, e entrar no Céu, foi o mais climatérico para o Reino de Portugal; porque nele a cruel Parca, talvez que invejosa das nossas ditas, cortou com a sua foice o fio da melhor vida do nosso Monarca: **Rex mortuus est.** Um só foi o golpe, que descarregou a morte; mas tantos são os feridos, quantos são os Vassallos de tão Alta, e Soberana Majestade; porque a todos chegou o golpe; que deu a morte no nosso Rei. Os Vassallos se dividem em três Estados, Eclesiásticos, Nobres e Plebeus: a todos também fere a morte com a foice, com que corta a vida de um Rei.

Tanto que Cristo deu os últimos alentos da vida nos braços da Cruz, logo se rasgou o véu do Templo: **Velum templi scissum est:** (8) cobriu-se de luto o Sol: **Et obscuratus est Sol:** quebraram-se as pedras: **Et petrae scisse sunt.** E por que razão? Direi. Era Cristo Rei: **Rex:** era o véu do Templo figura dos Eclesiásticos; o Sol retrato dos Nobres; e as pedras símbolos da plebe: e como a morte, que cortou o fio da vida ao Rei, feriu também a todos, por isso sentiram todos, Eclesiásticos, Nobres e Plebeus. Por parte dos Eclesiásticos rasgou-se o véu do Templo: **Velum templi scissum est;** por parte dos Nobres

(8) Matth., 27, v. 5, 51.

escureceu-se o sol: **Et obscuratus est Sol**, e por parte da Plebe quebraram-se as pedras: **Et petrae scissae sunt**.

A estes três Estados feriu a morte com aquele tirano golpe; que descarregou sobre o Autor da vida: e a estes mesmos deixou magoados o golpe, com que a mesma morte cortou o dourado fio da vida do nosso Monarca. Todos igualmente sentiram, Eclesiásticos, Nobres, e Plebeus, porque a todos com igualdade transpassou a dor. Nem obsta o estarem muito longe da vista, como estão os moradores desta América, para deixar de ser em todos igual a dor, e o sentimento. Na morte de Cristo chegou a todos igualmente a pena: aos mais próximos, como eram as pedras, que estavam no Calvário, onde morreu o nosso Redentor: ao mais retirado, como era o Sol, que estava no Céu: ao mais distante, como era o véu, que estava no Templo. Na morte do nosso Soberano, a todos igualmente feriu a dor: aos mais próximos, como são os que estão na Corte, onde felizmente acabou a vida o nosso Rei: aos mais distantes, como são os moradores deste Brasil, a quem o Príncipe dos Oradores Evangélicos chamou Céu, (9) ou Mundo novo: aos mais retirados, como somos nós os Franciscanos, que estamos no Sagrado deste Convento, onde todos, desde o maior, até o menor, partimos de dor em dois pedaços os nossos corações; e assim partindo os sacrificamos como vítimas do sentimento aquele fúnebre Mausoléu, onde se representa, como despojo da morte, a Majestade mais alta de Portugal. Os Egípcios pintavam nos túmulos dos mortos os corações dos vivos: e onde podem estar mais bem sacrificados os corações dos Franciscanos como vítimas do sentimento, que naquele majestoso Túmulo, onde se representa, como despojo da morte, um Rei, que foi o tesouro da minha Religião Seráfica. Lá disse o Evangelista São Lucas, que o coração está, onde está o seu tesouro: **Ubi enim thesaurus, ibi est cor**: (10) estando naquele Túmulo, como despojo da morte um Rei, que foi o tesouro da Franciscana: **Thesaurus**; com razão devem aí estar sacrificados os nossos corações, como vítimas do sentimento: **Ib et cor**. Estalem pois de dor os nossos corações, saiam desfeitos em lágrimas pelos olhos, uma vez que morreu o nosso Rei: **Rex mortuus est**; uma vez que jaz sepultado nos horrores de uma Urna um Rei, que foi o nosso tesouro: **Ubi enim thesaurus, ibi et cor**.

Mas, ó corações magoados, suspendei por um pouco o vosso pranto, e os vossos gemidos, e suspiros: não pretendo enxugar as vossas lágrimas, nem extinguir a vossa dor, e a vossa mágoa nem tudo isto faria, ainda que pudesse, porque de razão é que sintamos todos a morte de um tal Rei: **Non igitur penicillo sermonis mei**

(9) In Serm. Epiph.

(10) Cap. 12, v. 14.

uestras abstergam lacrymas, neque id facere uelem, sipossem; est enim piis affectibus quaedam etiam flendi uoluptas. (11) O que pretendo, é mostrar a causa da nossa dor, para saber o coração com razão sentir. Deu-nos a natureza o entendimento, e o coração: o entendimento para conhecer, e o coração para sentir; e não pode o coração sentir, sem que o entendimento conheça a causa. A causa da nossa dor, e o motivo do nosso sentimento não é a morte do muito Alto, Poderoso, e Fidelíssimo Rei o Senhor Dom João V; porque esta não se deve lamentar, e chorar, mas sim festejar-se com júbilos de alegria; porque vivendo, como viveu, muito ajustado com as Leis Divinas, podemos piamente conjecturar que está reinando com Deus no Céu: o que choro, e devemos chorar todos, é a perda, e a falta de um tal Rei: **Non ploro, neque ille plorandus est, qui uocatus est ad mensam diuitis, mihi potius ademptum doleo.** (12) Todos sabem, que em uma Sexta-feira, ao pôr do Sol, nos roubou a morte ao nosso Rei: **Rex Israel mortuus est occidente Sole;** mas nem todos sabem que Rei é este, que perdeu Portugal com a sua morte. Isto, que nem todos sabem, mostrará o discurso, para saber com razão sentir o nosso coração. Dai-me atenção.

Naquela grande batalha, que teve Acab, Rei de Israel, com o Rei da Síria, despediu um Soldado do Exército do Rei da Síria a sua seta com tal ventura, que traspassou o Rei Acab: assim ferido, e traspassado o Rei se retirou para o seu coche, onde ao pôr do Sol acabou a vida: **Rex Israel mortuus est occidente Sole.** Na morte deste Monarca perdeu o Reino de Israel um Rei feito por Deus. É Deus o Criador, e Fundador de todos os Reinos, e Impérios do Mundo: **Ego aedificator Regnorum, et Imperiorum sum;** mas na criação dos Reis, e Imperadores do Mundo há uma notável diferença, e é: que uns são de Deus, e feitos imediatamente pelos homens; outros são de Deus, e feitos imediatamente por Deus: os Reis, que são de Deus, e imediatamente feitos pelos homens, foram os Reis fora de Israel: os Reis, que são de Deus, e imediatamente feitos por Deus, foram os Reis de Israel: **Non auferetur uir de genere tuo de solio Israel.** (13) Na morte dos Reis, que são feitos imediatamente pelos homens, perde o seu Reino um Rei feito pelos mesmos homens: na morte dos Reis que são imediatamente por Deus, perde o Reino um Rei feito por Deus. Foi Acab Rei de Israel: **Rex Israel,** e feito imediatamente por Deus: **Non auferetur uir de genere tuo de solio Israel:** e se na morte dos Reis feitos por Deus perde o Reino um tal Rei claramente se mostra, que quando ao pôr do Sol morreu Acab Rei de Israel: **Rex Israel mortuus est,**

(11) S. Ambr., in ob. Val.

(12) S. Bernard., in obit. Humbert.

(13) 3. Reg. 9, 5.

occidente Sole; perdeu este Reino um Rei feito por Deus: **Non auferetur uir de genere tuo de solio Israel.** Este é o Rei, que perdeu o Reino de Israel, quando ao pôr do Sol morreu Acab: **Rex Israel mortuus est occidente Sole;** e tal como este é o Rei, que perdeu Portugal, figurado no Reino de Israel, quando ao pôr do Sol morreu o Senhor Dom João V. Quando ao pôr do Sol morreu Acab Rei de Israel, perdeu o Reino de Israel um Rei feito por Deus. Quando ao pôr do Sol acabou a vida o Senhor Dom João V, perdeu a Monarquia Portuguesa um Rei feito por Deus. Na morte de Acab perdeu Israel um Rei feito por Deus, porque todos os Reis de Israel são de Deus, e feitos imediatamente por Deus: **Non auferetur uir de genere tuo Imperio mihi stabilire.** Mas alteando mais de pensamento, digo que quando ao pôr do Sol nos roubou a morte ao Senhor Dom João V ainda mais perdeu a Monarquia Lusitana; porque perdeu mais um Rei feito por Deus enquanto Trino. Todos os Reis de Israel, e todos os Reis de Portugal são feitos por Deus enquanto um; que assim se deduz destas palavras: **Non auferetur, e: Volo in te,** porém o Senhor Dom João V, Rei de Portugal, foi de Deus, e feito por Deus enquanto Trino. Ora notem.

Quando Deus obra fora de si mesmo, a que os Teólogos chamam operações **ad extra**, é certo, com certeza de fé, que para qualquer efeito, maior, ou menor, mais, ou menos perfeito, não só concorre Deus enquanto um, senão igual, e individualmente a Trindade das Divinas Pessoas: **Operationes ad extra sunt indiuisim a tota Trinitate.** Contudo, na expressão deste concurso há uma grande, e notável diferença, e é: que se a obra, posto que grande, não é a mais perfeita, se atribui a Deus enquanto um; mas se é a mais perfeita de todas, se refere expressamente a Deus, enquanto Trino. Na mais antiga obra temos a melhor prova.

Criou Deus no princípio do Mundo o Céu, e a terra: **In principio creauit Deus Caelum, et terram.** A criação do Céu, e da terra se seguiu a criação de todas as criaturas, desde a insensível, que é a luz, até a racional, que foi o homem. A criação do Céu, e de todas as outras criaturas insensíveis, e sensitivas, se atribui expressamente a Deus um: **Creauit Deus Caelum, et terram... dixitque Deus fiat lux, et facta est lux etc. Verba creauit, dixit, et fecit, unitatem significant;** (14) comenta o Alápide. A criação do primeiro homem, que foi Adão, se refere com expressão a Deus enquanto Trino: **Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostra. Verba faciamus, et nostram, Trinitatem significant.** (15) É certo, como já disse, que para todas as obras **ad extra** concorre não só a Unidade de Deus, mas

(14) **Gen.**, I, v. 1, 3.

(15) **Ibid.**, v. 26.

também a Trindade das Pessoas; porque em todas é uma só potência produtiva **ad extra**. Pois se a primeira, a todas as mais criaturas se referem a Deus um, porque razão a última, que foi o homem, se atribui expressamente a Deus enquanto Trino? A razão é: porque todas as mais criaturas, posto que grandes, e admiráveis, não eram as mais perfeitas; porém o homem, criado para Rei do mundo, era a mais excelente de todas: **Opus perfectissimum**; e por isso só esta se atribui a Deus enquanto Trino: **Faciamus hominem, ad imaginem, et similitudinem nostram. Verba faciamus, et nostram, Trinitatem significant.** (16) Para a criação de todas concorre a Unidade de Deus, e a Trindade das Divinas Pessoas; porém as menos perfeitas, como são as criaturas insensíveis, e sensitivas, se atribuem a Deus um: **Creavit . . . dixit . . . et fecit . . . unitatem significant**; a mais excelente, e a mais admirável, como é o homem: **Opus perfectissimum**, se refere a Deus Trino: **Faciamus hominem ad imaginem, et similitudinem nostram. Faciamus, et nostram Trinitatem significant.** Pois se a criatura mais perfeita se refere expressamente a Deus Trino, eis aí a razão, porque se pode dizer que o muito Alto e Poderoso Rei, e Senhor Dom João V é de Deus, e feito por Deus Trino. Todos os Reis de Portugal foram admiráveis, excelentes, e perfeitos; porém o mais perfeito, o mais excelente, e o mais admirável foi o Senhor Dom João V. Os outros Reis, como perfeitos, admiráveis, e excelentes, são de Deus, e feitos por Deus um: **Volo in te, et in semine tuo Imperium mihi stabilire**; o Senhor Dom João V, que nos roubou a morte ao pôr do Sol, como mais perfeito, como mais superior nas excelências, é de Deus, e feito por Deus Trino: **Faciamus hominem.**

Que o Senhor Dom João V seja entre todos os Reis o mais superior nas perfeições, e excelências, assim o mostra o sobrenome de Quinto. O número quinto é o que significa a coisa mais perfeita de todas, como se vê quando queremos explicar a maior perfeição, dizemos: É a quinta essência da perfeição. Sendo pois, como é, certo este dizer, e vendo, e sabendo nós que tem o nosso Monarca o sobrenome de Quinto; bem podemos dizer que é a quinta essência dos Reis, e entre todos o mais excelente. Mas como o sobrenome de Quinto tiveram outros Reis, como o Senhor Dom Afonso V, vamos à Escritura a ver se acho prova mais fundamental.

Fala Cristo por boca do Evangelista São Lucas do grande Batista, e diz assim: **Inter natos mulierum non surrexit maior Ioanne**; (17) entre todos os nascidos (depois da Mãe de Deus) nenhum mais excelente que João. Notável dizer por certo! Onde estão, Senhor, tantos Patriarcas, e tão grandes Profetas, que sendo tochas

(16) Alap., hic.

(17) Cap. II, v. II.

brilhantes no mundo, hoje são mariposas no Céu? Onde está um Elias, no zelo da glória, e honra de Deus tão abrasado? Onde está um Evangelista, desvelo de vosso cuidado, e emprego de vosso amor excessivo? Bem sei que o Evangelista ficou no vosso peito encostado: **Sic eum uolo manere;** (18) e Elias se ausentou para o Paraíso: **Ascendit Elias per turbinem in Caelum.** (19) Pois se estes, e outros muitos Santos foram Gigantes na perfeição; como afirmais que o Batista a todos excede nas excelências: **Non surrexit maior Ioanne?** Porque o Batista, responde Cristo, inclui em si as perfeições de todos: É Elias: **Ipse est Elias;** é Profeta, e mais que Profeta: **Prophetam dico, et plusquam Prophetam;** (20) e como nele se acham as excelências de todos os Patriarcas, e Profetas, por isso entre todos é o maior: **Inter natos mulierum non surrexit maior Ioanne.**

Assim o Batista entre todos os Patriarcas, e Profetas; e assim o Senhor Dom João V entre todos os Reis de Portugal: São João o mais perfeito de todos os Profetas, e nascidos: **Inter natos non surrexit maior;** entre todos os Reis de Portugal o mais excelente o Senhor Dom João V: São João entre os Patriarcas o mais perfeito, porque foi tudo, Patriarca, Profeta, e mais que Profeta: **Ipse est Elias, Prophetam dico, et plusquam Prophetam;** entre os Reis de Portugal o Senhor Dom João V o mais excelente, porque recopilou em si as excelências de todos: **Quinque sunt omnia.** (21). Criou Deus ao nosso Soberano Monarca o Senhor Dom João V, e nele cifrou as perfeições, que tinha comunicado a todos os mais Reis. Houve-se Deus na criação deste Monarca, como se houvera em todos os tempos: no tempo da Lei natural, no tempo da Lei escrita, e nas obras da natureza. Nas obras da natureza compendiou todas as criaturas em uma só; porque no homem uniu o ser, o crescer, o sentir, e o entender; razão, porque disse São Gregório: **Omnis creatura est homo.** (22) Na Lei natural compendiou todos os preceitos em um só; porque ao preceito do amor reduziu a observância de todos, como diz São Paulo: **Qui diligit, legem impleuit.** Na lei escrita cifrou todos os sabores em um só sabor; porque no maná uniu todos os sabores: **Omne delectamentum in se habentem** diz Salomão. Assim se houve Deus nas obras da natureza, na Lei natural, e na Lei escrita, reduziu à unidade o que tinha dividido em números; e assim parece que se houve na criação do Senhor Dom João V. As perfeições, que tinha dividido pelos Reis, uniu no Senhor Dom João V: **Quinque sunt omnia.** Nele se achou a virtude da fé, e em tal grau, que Benedito XIV o honrou com

(18) Ioann. 21, v. 2, c.

(19) Reg. 4, 2, I, II.

(20) Matth., II, 14.

(21) Enigma Num., tract. 5.

(22) Sap. 7.

o título de Fidelíssimo; nele se viu o zelo do Culto Divino com tal excesso, que dele se pode afirmar sem encarecimento o que disse a Escritura de Ezequias Rei de Israel: **Post eum non fuit similis ei de cunctis Regibus; sed neque in his qui aute eum fuerunt:** (23) nele se admirou o amor a seus Vassalos e tão excessivo, que na epidemia geral dos vômitos negros expôs a perigo a sua Real vida, só para assegurar a vida de seus Vassalos: nele se descobriu a constância em tal grau, que nenhum dos Reis estranhos pode movê-lo a deixar os sistemas do seu pacífico governo: nele admirou o Mundo a humildade de Davi, a serenidade de Salomão, e a benignidade de Josias: enfim, quando dividiu Deus pelos mais Reis, cifrou no Senhor Dom João V: **Quinque sunt omnia.** E se São João se entre todos os Patriarcas, Profetas, e os mais Santos o mais excelente: **Inter natos mulierum non surrexit maior Ioanne;** porque foi tudo, Patriarca; **Ipse est Elias,** Profeta, e mais que Profeta: **Prophetam, et plusquam Prophetam;** podemos dizer, que o Senhor Dom João V é entre todos os Reis, o mais perfeito, porque é uma cifra das excelências de todos: **Quinque sunt omnia.** Agora ao nosso último intento: se a obra mais perfeita de todas se atribui expressamente a Deus Trino, sendo entre todos os Reis de Portugal o mais admirável, e o mais excelente o Senhor Dom João V: **Non surrexit maior Iaconne;** bem se pode dizer que é de Deus, e feito por Deus Trino: **Faciamus.**

Donde se infere, que o Monarca grande, que agora lamentamos morto ao pôr do Sol: **Rex mortuus est, Occidente Sole,** é poderoso, Sábio e Amante. Todos os versados na Escritura Sagrada sabem que a Pessoa do Pai se apropria do poder: **Pater in me manens facit opera;** a Pessoa do Filho a Sabedoria: **In quo sunt omnes thesauri sapientiae, et scienciae;** a Pessoa do Espírito Santo o amor: **Charitas Dei diffusa est in cordibus nostris per Spiritum Sanctum:** e se estas três Divinas Pessoas concorreram para a criação do nosso Soberano, a Pessoa do Pai lhe comunicou o poder, a Pessoa do Filho a sabedoria, e a Pessoa do Espírito Santo o amor. Elegeu Deus a Moisés para Capitão General do povo Israelítico: **Constituite Deus Pharaonis;** e diz o Sagrado Texto, que a Pessoa do Pai comunicou a Moisés o poder representado na vara: **Tolle uirgam . . . hac uirga significatur summa potestas** acrescenta o Alápide. A Pessoa do Filho lhe comunicou a sabedoria: **Ego ero in ore tudo;** e a Pessoa do Espírito Santo o amor: **Visitans uisitauit uos.** E por que razão? Porque Moisés foi constituído Vice-Deus de Faraó por Deus Trino: **Deus Patrum uestrorum misit me ad uos . . . significatur hic Mysteriorum Trinitatis,** (24) expõe o mesmo Alápide citado neste lugar. Assim Moisés Capitão General do povo Israelítico; e assim o Senhor

(23) 4. Reg. 18, 5.

(24) Ex. 4, Alap., hic.

Dom João V Rei de Portugal. Moisés foi constituído Vice-Deus do Egito por Deus Trino: **Deus Patrum uestrorum, Deus Abraham, Deus Isac, Deus Iacob misit me ad uos. . . significatur hic Mysterium Trinitatis**: o Senhor Dom João V Rei de Portugal foi de Deus, e feito por Deus Trino: **Faciamus**; a Moisés por ser eleito por Deus Trino, comunicou a Pessoa do Pai o poder: **Telle uirgam. . . hac uirga significatur summa potestas**; a Pessoa do Filho a sabedoria: **Ego ero in ore tuo**; e a Pessoa do Espírito Santo o amor: **Visitans uisitau uos**; ao Senhor Dom João V, por ser de Deus, e feito por Deus Trino: **Faciamus**, bem se pode dizer que a Pessoa do Pai lhe comunicou o poder, o Filho a sabedoria, e o Espírito Santo o amor. Com o poder, comunicado pelo Pai, foi Rei poderoso; com a sabedoria, comunicada pelo Filho, foi Rei Sábio; com o amor, comunicado pelo Espírito Santo, foi Rei amante. Ora vamos ponderando estas três excelentes em particular no nosso Rei que ao pôr do Sol nos roubou a morte: **Rex Israel mortuus est, occidente Sole**.

Foi o Senhor Dom João V Rei poderoso, e tão poderoso, que o seu poder, e domínio se estendeu a todo o Mundo. Ter poder, e domínio em todo o Mundo cuidou Augusto César que o tinha conseguido: **Ut describeretur uniuersus orbis**. (25) Nabuco, e Assuero assim o presumiram. Alexandre Magno o intentou com tal ânsia, que sabendo que os discípulos de Anaxágoras ensinavam que havia mais Mundos, e vendo o pouco, que tinha conquistado, e o muito que faltava para o cumprimento de seu desejo, começou a chorar e dizer: **An uideor merito flere quia cum mundi sint innumerabiles, nos non dum unius domini facti summas**. (26) Mas o que nestes Monarcas do mundo não foi mais que intento, desejo, e presunção, no nosso Rei foi realidade. O Mundo se divide em quatro partes principais: Europa, Ásia, África, e América. Europa tem 900 léguas de comprimento, e 800 de largo. Ásia 2000 de comprimento, e 1400 de largo. África 1600 de comprimento, e 1400 de largo. América 3000 de comprimento, e 2500 de largo. Em todas estas quatro partes do mundo teve poder, e domínio o nosso Rei. Na Europa dominou o Reino de Portugal, de que é cabeça sempre ilustre, nobre, a famosa Cidade de Lisboa, a qual vendo Gonçalo de Ávila disse: **Vide Orbem in iurbe**, tendo já dito de Roma: **Vidi urbem in orbe**. No Reino de Portugal dominou também cinco províncias, a Província do Entre-Douro, e Minho, a Província do Alentejo, a Província da Extremadura, a Província da Beira, a Província de Trás dos Montes. Também dominou o Reino do Algarve. Na África, e mar Atlântico os Reinos de Angola, Moçambique, Congo, e Paté, e outros vinte e cinco nas Costas, e Sertão. A Cidade de Luanda, os Senhorios de Guiné, e Mazagão:

(25) Luc., 2, v. 5.

(26) Roder., in eius uita.

trinta e uma Ilhas, três Portos, dois Castelos, e cinco Fortalezas. Na Ásia e na Índia, o Vice-Reinado da Índia, o Reino de Orumuz seu feudatário, sete Cidades, e muitas Praças. Na América, o Vice-Reinado do Brasil, nove Cidades, oito Capitánias, cujos nomes declara a Academia universal, e singular. (27) Finalmente em todo o Mundo teve poder o nosso Monarca. Ó poder grande! Ó Monarca o maior do Mundo!

Depois que o Mundo começou a dilatar-se em Impérios, e Monarquias, o Rei mais poderoso foi Salomão: **Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges;** (28) e a razão que nos dá o Sagrado Texto é, porque Salomão teve poder, e domínio sobre todos os Reis da terra: **Exercuit potestatem super cunctos Reges.** (29) Sobre todas as quatro partes do Mundo se estendeu o domínio do nosso Soberano: e se Salomão foi o maior no poder: **Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges;** porque a todos os Reinos da terra estendeu o seu domínio: **Exercunt potestatem super cunctos Reges;** claro está, que o maior Monarca, e o Rei mais excelso no poder é o Senhor Dom João V, que ao pôr do Sol nos roubou a morte: **Rex Israel mortuus est, occidente Sole.**

Sendo como foi tão extenso o domínio, e poder de Salomão Rei de Israel, ainda noto eu uma vantagem, e excesso no poder do nosso Rei. Salomão teve poder, e domínio sobre todos os Reis da terra: **Exercuit potestatem super cunctos Reges;** claro está, que o maior Monarca, e o Rei mais excelso no poder é o Senhor Dom João V, que ao pôr do Sol nos roubou a morte: **Rex Israel mortuus est, occidente Sole.**

Sendo como foi tão extenso do domínio, e poder de Salomão Rei de Israel, ainda noto eu uma vantagem, e excesso no poder do nosso Rei. Salomão teve poder, e domínio sobre todos os Reis da terra: **Exercuit potestatem super cunctos Reges;** mas não consta que em todos os Reinos, e partes do Mundo obrasse Salomão prodígios; porque explicando o grande Abulense este Texto Sagrado: **Exercuit potestatem super cunctos Rege;** diz assim: **Hoc erat per solutionem tributorum, et per rationem aliorum seruitiorum, a diuando Salomonem in bellis, uel alias, si egeret eorum auxilio.** (30) Porém o nosso Monarca obrou maravilhas em todas as quatro partes do Mundo. Na Europa consagrou a Santa Basílica Patriarcal, inveja dos Reinos estranhos, glória singular de Portugal, e por isso digna de perpétua duração; no primor da arte, na riqueza, e preciosidade bem

(27) Lib. 3, cap. 4.

(28) 3. Reg., I, v. 23.

(29) 2. Paralipom., cap. 9, 26.

(30) Q. in 2. Paralipom.

pode competir, se não excede, ao magnífico, e suntuoso Templo de Salomão. Edificou o Real Convento de Mafra, que entre as maravilhas do Mundo, bem se pode contar por primeira. Edificou, e reedificou muitas Igrejas, ornou e enriqueceu muitos altares, e com seu exemplo fez mais veneradas muitas Sagradas Imagens. E como se fora toda a Europa pequena esfera para tão grande poder, passou de Europa à Ásia, ou Índias Orientais sujeitou a seu Império, e domínio a Cidade de Lorna, a Fortaleza de Rolim, e a muitos Gentios. De César se diz, que venceu tudo o que viu: **Venit, vidit, et vicit**; porém o nosso Monarca venceu, e sujeitou a seu Real Império ainda o que não viu; assim como o Sol, que, sem sair da sua dilatada esfera, triunfa de seus inimigos. Passando de Ásia à África; aí renderam-se ao seu poderoso braço três Reinos: o de Caconda com todas as Províncias, o Reino de Olo, que confina com o rio Sena; a valerosa Rainha Ginga, como publica a fama. Para Corfu enviou uma tão ilustre, como poderosa Armada, onde admirou o Mundo, todo não só a grande, e sempre firme fé dos Portugueses, senão também o seu valor, e esforço. Na América, além de muitas Igrejas, que edificou, erigiu novamente três Bispados; um no Pará, outro na Cidade de São Paulo, outro nas Minas, Cidades de Mariana. Enfim em todas as quatro partes do Mundo admiram todos, não sem espanto, e assombro, o maravilhoso efeito do grande poder do nosso Soberano; e o Monarca, que assim usa de seu poder, bem merece que se consagre à imortalidade um arco triunfal para crédito de seu dilatado poder.

Depois de um curso contínuo de vitórias, voltou Davi para a Corte, e querendo consagrar à imortalidade uma memória de seu alentado esforço, fez um arco triunfal: **Fecit Dauid sibi nomem, cum reuerteretur capta Syria arcum triumphalem erexit**, (31) comentam os Sagrados Expositores. Constava este arco de quatro faces, uma para a parte do Ocidente, outra para o Oriente, outra para o Setentrão, outra para o Meio dia. Na face Ocidental deste arco mandou Davi gravar aos Filisteus vencidos, e humilhados aos pés do mesmo Davi com uma letra, que dizia: **Percussit Dauid Philistim, et humiliavit eos**. (32) Na face Ocidental estavam os de Moab prostrados todos por terra, e Davi com dois cordeiros na mão, e cercando com deles aos que mandava passar ao fio da espada, e cercando com outro aos que concedia liberalmente a vida; dizia a letra: **Percussit Moab, et mensus est eos funiculo coequans terrae**. (33) Na face Setentrional Adarezer, e Adad Reis da Síria vencidos, e manietados com todo o seu Exército, feitos tributários a Davi, com esta letra:

(31) 2. Reg., 8, 13.

(32) *Ibid.*, n. 1.

(33) N. 2.

Facta est Syria Daud seruiens suo tributo. (34) Na face Meridional se descobriam os Idumeos, descendentes de Essau, rendidos, e tão sujeitos, que Davi lhes punha o pé sobre a cabeça com o verso do Salmo 59, que nesta ocasião compôs: **In Idumaeam extendam calcementum meum.** Por remate deste arco pôs Davi um lírio: **Vincenti super lilium testimonii Daud,** (35) o qual representa a Cristo: **Ego lilium,** dando-nos nisto como a entender, que sobre o poder de Davi, Rei de Israel só havia o poder de Deus.

Este é o arco, que mandou Davi fazer para ostentação do seu grande poder. Outro como este formo eu, e devemos todos formar, para que, admirando nele o Mundo as grandes maravilhas do nosso Monarca, acabe de conhecer o imenso de seu poder. Consta o arco triunfal também de quatro faces: a primeira para a parte da Europa; a segunda para a parte da Ásia; a terceira para a parte de África; a quarta para a parte da América. Na primeira parte que corresponde à Europa, se admirará por todas as obras a Santa Basílica Patriarcal com esta letra: **Fecitque domum Sancti Sanctorum.** (36) Na segunda face, que corresponde à Ásia, estará a Cidade de Lorna, que sujeitou a seu Império o nosso Soberano: diz a letra: **Urbem munitam subiugabis mihi.** (37) Na terceira face de verão os três Reis presos, e manietados com todos os seus Exércitos com esta letra: **Subiugavit multas gentes imperio suo.** (38) Na quarta face, que corresponde à América, se descobrirão ricamente ornados os três Bispos, que elegeram o nosso Rei para regerem a Igreja Santa de Deus, diz a letra: **Posuit Episcopos regere Ecclesiam Dei.** Por remate de toda a fábrica estará uma grande Majestade com esta epígrafe: **Inter natos mulierum non surrexit maior Ioanne.** Entre todos os Reis da terra nenhum mais poderoso, que o Senhor Dom João V: **Quisquis Ioanne plus est, non tantum homo, sed Deus est.** (39)

Também foi Sábio o nosso Rei, que ao pôr do Sol nos roubou a morte, talvez que invejosa das grandes felicidades do nosso Reino. Muitas são as virtudes, que deve ter um Monarca para ser grande no seu Império; mas entre todas a principal é a Sabedoria: as outras virtudes constituem a um Rei grande, a Sabedoria o faz maior. Fala o Texto Sagrado de Salomão Rei de Israel, e diz que se exaltara sobre todos os Reis da terra: **Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges.** (40) E quem exaltou tanto a Salomão? A Sa-

(34) N. 6.

(35) Cant. 2, 1.

(36) 2. Reg. 3, 8.

(37) Judith, cap. 2, v. 6.

(38) Judith, I, v. I.

(39) S. Aug., d. uerb. Ioan.

(40) 3. Reg., 10, 23.

bedoria: **In Sapientia**. As outras virtudes, como foram as riquezas, e o poder, constituíram a Salomão grande na sua Monarquia; porém a Sabedoria o exaltou, e sublimou sobre todos os Reis da terra: **Magnificatus est Rex Salomon super omnes Reges in sapientia**. As outras virtudes são grandes, e valem muito; porém comparadas com a Sabedoria, aquelas valem mais que nada, e esta vale mais que todas: **Venit in me spiritus sapientiae... et praeposui illan regnis, et sedibus, et diuitias nihil esse duxi in comparatione illius**. (41) Comunicou-me Deus, diz Salomão, a Sabedoria, deu-me grande poder, e muitas riquezas: porém comparando eu a Sabedoria, que tenho, com o mais que possuo; o mais é menos que nada na minha estimação: **Nihil esse duximin comparatione illius**, e a Sabedoria, que tenho, é mais que tudo: **Et praeposui illam Regnis, et sedibus**. Que monta serem muitas as riquezas, ser grande, e absoluto o poder, se não há sabedoria para dispor bem as riquezas, e usar melhor do poder. A sabedoria é a que ensina aos Reis a governar, e a dispor com acerto as coisas pertencentes ao bom regime: **Per me Reges regnant, per me Principes imperant**; (42) e não havendo sabedoria, de que servem as muitas riquezas, e o grande poder? De nada, ou de mais que nada: **Diuitias nihil esse duxi**. Agora se entenderá a razão, porque dizendo Deus a Salomão, quando o constituiu Rei de Israel, que pedisse por boca tudo quanto quisesse para o bom acerto do seu governo, pediu Salomão a Deus a Sabedoria: **Da mihi sapientiam, et intelligentiam**. (43) Pois, por que não pede Salomão a Deus as riquezas, e a extensão do seu domínio? Porque estas virtudes valem mais que nada, e a sabedoria vale mais que tudo: **Nihil esse duxi in comparatione illius**; aquelas constituem a um Rei Grande no seu Império, e esta exalta, e sublima a um Monarca sobre todos os Monarcas do Mundo: **Magnificatus est Rex Salomon super omnes in sapientia**.

Desta virtude tão necessária para um Rei ser Grande, foi doado o nosso Soberano. Alguns anos depois de nascido foi instruído nas ciências; mas não se consumou em todas por causa de uma grave enfermidade, que padeceu na primavera dos anos: mostrou **sim logo** o muito, que havia de Saber. Foi assim como o Sol. O Sol ainda nos braços da Aurora mostra o muito, que há de luzir no dia: **Diem praesignat ab ortu**. O Sol, da Monarquia Portuguesa na primavera dos anos deu a conhecer o muito, que havia de resplandecer no Mundo a luz da sua Sabedoria. Cresceu nos anos, e cresceu também na sabedoria: **Praeficiebat aetate, et sapientia**; (44)

(41) Sap., 7, 8.

(42) Prov. 8, 16.

(43) 2. Paralip., c. I, v. 10.

(44) Luc. 2, 52.

e nela se consumou de sorte que mais parecia ciência infusa, que adquirida. Na agudeza do entendimento foi singular; na presteza do discurso sem igual; na madureza do juízo sem segundo; na discrição, e elegância das palavras um assombro. Digam aqueles, que chegando a ouvir suas palavras, não só ficavam consolados, mas também admirados, podendo-se deles dizer o que lá disseram de Cristo no Templo os Doutores: A sabedoria, como ensina Aristóteles, é um conhecimento de todas as coisas: **Cognitio omnium rerum**: todas as coisas conhecia o nosso Rei: as causas, os efeitos, e os acidentes das coisas; e por isso na eleição dos meios para conseguir o fim desejado sempre acertou. Todos os negócios, por mais dificultosos que fossem, sempre resolveu com acerto; em todas as matérias, principalmente políticas falava com admiração dos que o ouviam: nelas não houve dificuldade, que não vencesse o seu entendimento; a todas dava tão adequada, e genuína resposta, que fazia pasmar aos mais doutos; podendo-se dizer dele com verdade, o que diz o Sagrado Texto de Salomão. De Salomão diz o Texto, que excedia na Sabedoria, a todos os orientais: **Praecedebant sapientia Salomonis sapientiam omnium Orientalium**; (45) porque em todas as matérias falava, como Salomão, que era. Em todas as ciências falava o nosso Soberano, como se fora Salomão, e por isso entre todos os Reis o mais Sábio, e entendido: **Magnificatus est super omnes Reges in sapientia**.

E se querem saber a escola, onde aprendeu o nosso Monarca tantas letras, foi na observância da Lei Divina. A observância da Lei Divina não só é boa para alcançar a graça, e para ir ao Céu; mas também para ser mais sábio que todos os doutos. Fala de si o Real Profeta no Salmo 118, e diz assim: **Super omnes docentes me intellexit**. Eu, diz Davi, fui mais sábio que todos os Doutores, e Mestres. E onde aprendestes, meu Santo Rei, tantas letras? Na observância dos Divinos preceitos: **Quia testimonia tua meditatio mea est**, (46) e esta me fez mais sábio que todos: **Super omnes docentes me intellexit**. Assim Davi Rei de Israel; e assim o Senhor Dom João V Rei de Portugal: como toda a sua aplicação, desvelo, e estudo, foi em observar à risca a Lei de Deus; por isso foi entre todos o mais Sábio. E se a Sabedoria é a que exalta aos Reis sobre todos os Reis: **Magnificatus est Rex super omnes Reges in sapientia**; quem deixará de confessar, e dizer que o Senhor Dom João é entre todos os Monarcas o maior, porque entre todos é o mais entendido: **Super omnes docentes me intellexit**?

Também foi Rei amante o Senhor Dom João V e de quem? De seus Vassallos. Assim o confessam, e devem confessar todos, como

(45) 3. Reg. 4, 34.

(46) *Ibid.*

tão obrigados a seu amor. Mas entre todos foi a Religião Seráfica a preferida no seu amor. Apenas saiu à luz este Sol abrasado, logo começou a arder no seu coração o fogo do amor Seráfico. Com o mesmo ser, que recebeu o nosso Soberano do Senhor Dom Pedro II, e a da Senhora Dona Maria Sofia, veio acompanhando o amor à minha Religião Sagrada. Assim o deu a entender o mesmo Senhor, quando mandou chamar ao Prelado Superior da Santa Providência de Portugal, para lhe comunicar a resolução, que havia tomado de estabelecer pelos Mestres da mesma Província as Escolas no Real, e magnífico Convento de Mafra, introduzindo a prática com estas palavras sempre de imortal honra, e glória para minha Religião Seráfica: Bem sabe o Padre Provincial, que eu sou Franciscano por pai, e mãe; como se dissera: Assim como de pai, e mãe recebi o ser, que tenho; assim também deles participei o amor à Religião Seráfica. Quando o Pai *in Diuinis* gerou ao Filho, comunicou-lhe o mesmo ser, e o mesmo amor, com que ama as criaturas: com o ser, que comunica o Eterno Padre ao Filho na geração eterna, vem acompanhado, **per identitatem**, o amor essencial, com que ama as criaturas. O Senhor Dom Pedro II, e a Senhora Dona Maria Sofia foram em extremo amantes da minha Religião Seráfica: geraram o Senhor Dom João o V, e lhe comunicaram o ser; e parece que com este ser veio acompanhado o afeto, que tiveram à Franciscana. Cresceu nos anos o nosso Rei, e logo começou a atear-se no seu Real coração o fogo do amor de sorte que, não podendo ocultar-se na dilatada esfera de seu peito, começou a publicar-se no exterior. O mar transborda, e inunda fora, quando dentro de sua circunferência não pode conter as suas águas. Assim o amor do nosso Rei. Não podendo por grande ocultar-se na dilatada esfera de seu peito, começou a publicar os incêndios em que se abrasava o seu coração puramente da Franciscana. O amor, ou se manifesta pelas dádivas, ou se conhece nas obras **Est amor in dono, et donum in amore manet.** (47) Pelas dádivas se deu a conhecer o amor de Jonatas para com Davi: **Expoliavit se Ionathas tunica sua, et dedit eam David:** pelas obras manifestou Jacó o excesso, com que amava a Raquel: **Seruiam tibi per Rachel:** no muito, que deu Jônatas a Davi; mostrou o muito, que amava; no muito que obrou Jacó por Raquel, significou o excesso, com que a queria. Por um, e outro princípio manifestou o nosso Rei o grande, e o excessivo amor, que teve à minha Religião Sagrada. Principiemos pelo dar.

Na primavera dos anos, e antes de ser Rei, mandou o nosso Monarca uma Estrela de ouro para os Lugares Santos da Palestina, uma das cinco excelências grandes de minha Religião Seráfica. Quan-

(47) I Reg., 18, 40.

(48) Gen., 29, 18.

do Cristo nasceu em Belém, apareceu no Céu uma Estrela, que, se não era de ouro, tinha dourados os raios; e servindo de norte aos três Reis do Oriente, também foi feliz prognóstico do muito, que haviam de dar por amantes: **Vidimus Stellam eius, et uenimus cum muneribus adorare Dominum.** Aquela Estrela de ouro, que mandou o nosso Soberano para a Palestina, servindo de luz para conhecermos o seu amor, também foi prognóstico certo do muito, que havia de dar no tempo do seu felicíssimo Reinado. Neste tempo mandou para a sustentação dos Religiosos, que assistiam nos Santos Lugares, trinta e sete condutas, tão copiosas, que chegaram a fazer a soma de um conto e trezentos e setenta e sete mil cruzados. Mandou mais muitas, e preciosas alfaias, que no primor, e valor excederam a quantas mandaram os mais Reis da Europa: um só ornamento, que mandou para cobrir o Santíssimo Sepulcro, fez a despesa de vinte e dois mil cruzados. Voltando da Palestina para Portugal, digam os Conventos, que levantou das últimas ruínas; confessem os que novamente erigiu com imensas despesas dos seus tesouros. Diga por todos, os que levantou das últimas ruínas, o Convento de São Francisco da Cidade, para cuja reedificação deu por esmola cem mil cruzados. Confesse por todos, os que novamente erigiu, o Real Convento de Mafra, onde tantas são as pedras, quantos os espelhos, em que está vendo, e conhecendo o Mundo o amor do nosso Monarca; onde tantas são as colunas, quantos são os padrões que consagrou o seu poder à imortalidade para crédito do seu amor.

Voltando de Portugal para América; publique, por todas as Províncias, esta de Santo Antônio do Brasil, da qual foi também Protetor: razão, porque tão empenhada se mostrou nas suas Reais Exéquias. Além de largas, e anuais esmolos, que fez Sua Majestade a muitos Conventos desta santa Província, mandou para o Convento da Cidade da Bahia um todo de veludo preto: para o Convento da Cidade de Olinda outro todo de damasco branco, guarnecido de franjas de ouro fino: outro não menos rico para o Convento da Vila de Cairu: outro também igual na preciosidade, e riqueza para o Convento da Vila de Igarçu: a todos enfim enriqueceu com dádivas o seu amor. E se o amor se conhece pelas dádivas como ensina Santo Agostinho: **Amor sentitur in donis;** vendo o muito, que nos deu o nosso Rei, quem deixará de confessar o fino de seu amor. Assim confessamos, Rei Fidelíssimo, e Monarca Soberano, assim confessamos todos agradecidos: e para ter crédito de fino o vosso amor, basta confessarmos a vossa liberalidade. Destes sem limite a minha Religião Seráfica, e por isso foi sem limite o vosso amor. No muito, que deu Jônatas, sendo Príncipe, a Davi, mostrou o muito, que o amava: **Jonathas diligebat David ualde:** no muito, com que enriqueceste a minha Religião sagrada, destes a conhecer o excesso de vosso amor.

Não se contentou o amor do nosso Rei com o muito, que nos deu; ainda passou a mais no que obrou. Para cuja inteligência excito uma questão. Resolvendo-se um Rei a amar a um Vassalo, em que mostra ser mais fino o seu amor; em dar, ou receber do Vassalo o Saial? Ninguém ignora, que a segunda fineza é mais subida; porque dando muito, ainda a sua Púrpura Real, nunca fica o Vassalo maior que o Rei: mas tomando o Saial, fica o Rei menos, que o Vassalo: e quem duvida, que é mais subido o amor, que faz ao amante menos, que o amado, que o amor, que faz ao amado igual ao amante. Muito se encarece na Escritura Sagrada o amor de Jônatas para com Davi: porém dando muito Jônatas a Davi, não consta que recebesse este Príncipe do Pastor a câmara. Pois se Jônatas deu a Davi até a sua Real Púrpura, por que razão não recebe de Davi o Saial? Pode o amor obrigar a Jônatas, que desse a Davi, sendo Pastor sua Púrpura; e não pode acabar com Jônatas, que, sendo Príncipe, receba de Davi, sendo Pastor, o Saial? Sim; porque dando o Príncipe a sua Púrpura ao Pastor, ficava o Pastor igual ao Príncipe, e isto pode fazer o amor, que é grande; mas recebendo o Príncipe o Saial do Pastor, ficava o Príncipe menos que o Pastor; e isto não pode fazer nem um amor tão encarecido, como o de Jônatas para com Davi.

Isto suposto, vede agora o que obrou por amante da Franciscana o nosso Rei. Depois de dar muito, como deu, também recebeu da Religião o pobre, e humilde Saial. Três Ordens fundou o meu Seráfico Patriarca São Francisco. A primeira dos Religiosos Menores: a Segunda de Freiras; e a Terceira da Penitência: **Tres Ordines hic ordinat; primumque Fratrum nominat Minorum; pauperumque fit Dominarum medius: sed Poenitentium tertius sexum capit utrumque.** (49) Nesta Terceira Ordem recebeu o nosso Monarca o santo hábito. No muito, que deu à Religião, mostrou o muito, que amava; em receber o pobre, e humilde Saial, significou o excesso, com que queria. Muitas finezas obrou o amor de Deus pelos homens; porém na dádiva do Filho de Deus, diz São João que mostrara o mesmo Deus o mais fino de seu amor: **Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.** (50) E porque mais nesta, que na soutras finezas, mostrou Deus o excesso de seu amor? Porque o Filho vestiu o hábito da nossa humanidade: **Habitus iuventus ut homo,** (51) diz São Paulo: e quando Deus, depois de dar muito, toma também o nosso hábito, então mostra o subido da fineza. De sorte que na Encarnação do Filho de Deus houveram duas finezas: uma no dar-se a si: **Unigenitum daret;** outra no receber o hábito da nossa humanidade:

(49) **In ei. off.**

(50) **3. v. 16.**

(51) **Phil., 2, 7.**

Habitu inuentus ut homo: no dar-se a si mostrou ser grande o seu amor; no receber o hábito da nossa humanidade subiu de ponto a fineza: **Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret. . . habitu inuentus ut homo.**

Ó fineza grande de Deus para com os homens! Ó amor também grande para com a minha Religião Seráfica! Deus, depois de dar muito aos homens, também recebeu o hábito da nossa humanidade; o nosso Rei, depois de dar muito à Franciscana, também recebeu o pobre, e humilde Saial. No muito, que deu Deus aos homens, mostrou o grande amor, que lhes tinha: o nosso Reino, muito, com que enriqueceu a minha Religião Seráfica, significou o seu grande afeto. Deus, quando se vestiu da mortalha da nossa humanidade, mostrou o excesso de seu amor: o nosso Rei, em receber o pobre Saial de Francisco meu Padre, mostrou os maiores quilates do seu amor. Ora notemos uma circunstância, que houve na profissão, que fez o nosso Rei, para melhor conhecermos todos o excesso de seu amor.

Aos 7, de Dezembro, véspera do dia, em que soleniza a Igreja nossa Mãe a sempre pura, e Imaculada Conceição de Maria Santíssima Mãe de Deus, e Protetora de todo o Reino de Portugal, fez o nosso Monarca a sua profissão de verdadeiro Filho de São Francisco nas mãos do Padre Comissário dos Terceiros com tal espírito, e devoção, com tal ternura de afetos, que, ditas as palavras da profissão, começou a lançar pelos olhos duas correntes de cristais. Quem tal dissera! Suspendei, meu amante Rei, as vossas lágrimas, que parece indecente o chorar a Soberania de uma tão alta Majestade. Negou Pedro a Cristo, e para chorar, diz o Texto Sagrado que deixara o Paço: **Egressus foras fleuit amare.** (52) Pois por que razão não chora Pedro no Paço, onde negou a Cristo? De razão era que vissem a penitência aqueles, que viram a culpa; para que sai Pedro do Paço para chorar? Direi: era Pedro Príncipe: **Princeps;** e as lágrimas são indecentes à Soberania de um Príncipe; como se dissera Pedro: É conveniente à minha alma o chorar; é próprio à contrição o pranto: mas como o pranto é indecente à Majestade, não hei de chorar onde me vejam os homens, e para isso tomei por acordo o sair fora do Paço: **Egressus foras fleuit amare.** Pois se as lágrimas em público são indecentes à Majestade, porque razão chorastes tantas lágrimas em público? para que, parando na Real face aqueles cristais derretidos, se pudesse deles formar um cristalino espelho, onde pudessem todos ver os incêndios de seu peito amante. Assim foi, e assim o devemos presumir todos; porque é o amor tão ambicioso de se dar a conhecer com o pranto, que não pode um coração

(52) Luc., 22, 62.

abrasar-se em finezas, sem que no cândido papel do rosto as escreva com caracteres de lágrimas.

Quando Jacó se avistou a primeira vez com Raquel naquele poço de água, em que bebeu tanto fogo o coração do amante Pastor diz o Texto Sagrado que chorara muito Jacó: **Cumque eam uidisset, eleuata uoce, fleuit.** (53). Eu não sei que razão teve Jacó para derramar tantas lágrimas. Se esta é a primeira vez, que Jacó vê a Raquel, por que chora? Porque amava muito a Raquel: **Prae amoris magnitudine.** O mesmo amor, que lhe ateou no coração o fogo, derretou nos olhos as lágrimas; para que vendo Raquel o muito, que choravam os olhos, conhecesse também o muito fogo, em que se abrasava o seu coração por amante. Viu Jacó a Raquel e pelos olhos se introduziu no coração de Jacó o amor: e com o amor deseja ser manifesto, e as lágrimas são as melhores testemunhas do excesso com que se ama: **Vis amoris per lacrymas manat;** (54) para que Raquel conhecesse do seu amor o excesso, começou a chorar Jacó: **Eleuata uoce fle.**

Agora se deixa bem conhecer a causa, porque chegando Cristo à sepultura de Lázaro derramou muitas lágrimas: **Lacrymatus est IESUS.** (55) Porque como os homens são somente discorrem pelo que vêm: **Homo uidet ea, quae parent,** (56) vendo nos olhos de Cristo Rei muitas lágrimas, pudessem conhecer o muito, que o amava: **Ecce quomodo amabat eum.** (57) Era Cristo amante fino de Lázaro; levadas da veemência do amor subiram aos olhos as lágrimas: **Lacrymatus est IESUS,** e como são as lágrimas os verdadeiros intérpretes do querer, deram a conhecer o muito, que amava Cristo a Lázaro: **Ecce quomodo amabat eum.**

E se as lágrimas, como verdadeiros intérpretes do querer, são as melhores testemunhas do excesso, com que se ama, quem não dirá, que derramarem os olhos do nosso Rei tantas lágrimas em público, quando professou o ser filho de Francisco, foi empenho de querer por elas dar a conhecer ao mundo o excesso, com que amava a minha Religião Seráfica? Eu pelo menos nenhuma dúvida tenho, não só pelo que diz o sagrado Texto de Jacó a respeito de Raquel, de Cristo a respeito de Lázaro; mas também porque sei, que muito mais obrava só assim de querer dar-se a conhecer por amante fino da Franciscana. Ora vamos descobrindo as finezas para se conhecer melhor o extremado do seu amor.

(53) Gen., 29, 11.

(54) S. Bern., *Trat. de Lac.*

(55) Ioan, II, v. II.

(56) I. Reg., 16.

(57) Ioann., 11.

Feito o nosso Rei filho de seu, e meu Padre São Francisco, prezava-se mais desta filiação adotiva, que da que lhe vinha pela Real Ascendência. Assim o mostrava todas as vezes, que falava na minha Religião, porque sempre a tratava pela nossa Religião Seráfica. Quando à sua Real presença chegava algum Religioso Menor, o recebia nos braços; beijava a manga do santo hábito; e muitas vezes a levava à Coroa de sua Real cabeça, dando-nos nisto a entender, que mais estimava o hábito de São Francisco que a Coroa de sua Real cabeça, ou que a Coroa de sua Real cabeça era o Hábito de nosso Padre São Francisco. A todos os Religiosos seus Irmãos mostrava especial agrado, com todos falava, e conversava com muita familiaridade. Grande fineza de amor na verdade, extremo estranho de um bem querer resignado, pois não se pode dar amor com maior excesso, que chegar um Rei a ter familiar conversação com um Vassallo tão humilde! Notavelmente encarece a Escritura Sagrada o amor de Jônatas para com Davi, dizendo, que tanto lhe queria, que como a sua mesma alma o amava: **Diligebat eum quasi animam suam.** (58) Pergunto agora: em que descobriu o Sagrado Texto este amor tão grande? o grande Abulense delgadoamente a nosso intento volta a dúvida: **Dauid uenerat in habitu pastoralis, hoc autem inhonestum erat, cum assumptus fuisset ad familiaritatem Regis.** Inda que eu compusera as palavras, não as fizera mais próprias: Querem dizer: Jônatas era um Príncipe, Davi um pobre Pastor: travou prática Jônatas com Davi, e começaram ambos a conversar com tanta familiaridade, como se foram ambos iguais, considerando pois isto resolveu-se o Sagrado Texto a dizer, que onde se achava esta ação, um valente amor se descobria: **Diligebat eum, quasi animam suam.** E se isto diz a Escritura do amor de Jônatas para com Davi, que direi eu do amor do nosso Rei, vendo, e sabendo, que com tanta familiaridade conversava com os pobres, e humildes Franciscanos? Direi, como digo, que foi tão grande fineza, e tão estranho extremo de um bem querer refinado, como foi o amor de Jônatas para com Davi: **Diligebat eum quasi animam suam.**

Não parou aqui o seu amor, ainda passou a mais. No Real Convento de Mafra serviu à Mesa a todos os Religiosos, que nele moravam. Fez o nosso Rei por amante todos Franciscanos, o que dá fez Cristo por amor dos homens. Quando o Amantíssimo Senhor viu que era chegada a hora de se ausentar dos homens, a quem amava, diz o Evangelista São João que cingira, e apertara com uma toalha: **Linteo praecinxit se,** e que assentara consigo à Mesa os Discípulos: **Hoc nemo sciuit discumbentium** e que os servira à Mesa, e administrara como servo, sendo o mais Soberano Senhor: **Ego in**

(58) I, Reg., 18.

meio uestrum sum, sicut qui ministrat. Isto é o que obrou Cristo por amante dos homens; e isto é o que obrou o nosso Rei por amante dos Franciscanos: Cristo por amante se cingiu com uma toalha; **Praecinxit se linteo;** o nosso Rei por amante dos Franciscanos se apertou com uma toalha. Cristo assentou à sua Mesa os Discípulos: **Nemo sciuit discumbentium;** à Mesa fez assentar aos Franciscanos o nosso Rei: Cristo, sendo Rei; e Senhor dos Senhores, serviu à Mesa aos Discípulos: **In meio uestrum sum, sicut qui ministrat:** o Senhor Dom João V, sendo nosso Rei e Senhor, serviu à Mesa aos franciscano. Ó amor, que a muito obrigas, quando chegas a ser o mais refinado, e o mais subido! Obrigas um Deus a servir aos homens, e obrigas a um Rei a servir a uns pobres, e humildes Vassalos.

Aqui vem nascendo uma questão, e é qual destas finezas foi a maior: se o estimar a Religião Franciscana, se o conversar familiarmente com os seus Religiosos; ou se a estes servir à Mesa? Parece-me, que ninguém duvida, que esta última fineza é entre todas a de maior realce. Todas são em extremo grandes, porém esta terceira é a máxima; e a razão é: porque estimando o nosso Rei a minha Religião, conversando familiarmente com os seus Religiosos ficava a Religião exaltada, e os humildes Religiosos sublimados; porém servindo-lhes à Mesa ficava humilhada a Majestade: e quem duvida, que mais intenso é o amor, que humilha ao amante, que o amor, que exalta ao amado.

Três finezas obrou Cristo pelo amor dos homens, uma foi a Encarnação; outra foi a instituição do Diviníssimo Sacramento e outra foi o Lavatório. A primeira fineza foi grande, a segunda maior, e a terceira máxima: assim o diz São João Crisóstomo; e assim o deu a entender o Evangelista Amado quando no Evangelho dos amores de Cristo pôs em último lugar, e como coroa de todos a fineza do Lavatório: **Praecinxit se linteo. . . coepit lauare;** e assim o mostrou o Príncipe dos Apóstolos São Pedro, quando olhando para Cristo, e olhando para si, repugnou este excesso do amor de Cristo. **Non lauabis mihi pedes.** O que suposto, pergunto agora: Qual será a razão, por que a fineza do Lavatório há de exceder, e levar vantagem às outras? Na Encarnação uniu-se Deus com os homens com aquela tão íntima, como indissolúvel união. No Sacramento fez Deus aos homens Deuses: **Vere comendes Deus efficitur:** no Lavatório lavou Cristo os pés dos Discípulos: **Coepit lauare;** e o lavar Cristo os pés dos Discípulos é maior fineza, que o fazer aos homens Deuses, e que unir-se Deus com os homens? Sim, e a razão é: porque naquela íntima união de Deus com os homens ficaram os homens exaltados: **Demonstratum est homini, quem locum habere in rebus** no Sacramento ficaram sublimados, elevados a maior altura, e iguais, ou quase iguais com Deus: **Deus efficitur;** porém no Lavatório ficou humilhada, e abatida a Majestade: **Coepit lauare** e como é mais

fino o amor, que humilha, e abate o amante, que o amor, que exalta o amado; por isso, sendo aquelas finezas em extremo grandes, só esta entre todas a mais crescida. Na escola do amor há dois modos de obrar; exaltar a pessoa amada; abater a pessoa amante. Se o amor é grande, exalta a pessoa amada; se o amor é refinado, passa a mais: abate, e humilha a pessoa amante. Dois amores acho eu muito encarecidos na Escritura Sagrada; um o amor de Jônatas para com Davi; outro é o amor de Jacó para com Raquel; e se me perguntarem, qual deles é o mais excessivo? Direi que o amor de Jacó para com Raquel **Prae amoris magnitudine**. E a razão é: porque o amor de Jônatas exaltou a Davi: **Expoliavit se tunica sua, et dedit eam David**; porém não abateu a Jônatas; e o amor de Jacó, além de sublimar a Raquel, humilhou a Jacó, porque o fez servir: **Serviam tibi per Raquele**: e o amor, que é só grande, exalta ao amado; e não abate ao amante; porém o amor, que é excessivo, humilha ao amante depois de exaltar ao amado.

Tudo obrou por amante o nosso Soberano; exaltou-nos a nós, e humilhou-se a si: exaltou-nos a nós, quando nos seus braços nos recebia; quando a si nos uniu o seu amor; quando conosco conversava familiarmente; e em todas estas ações mostrava o grande amor, que nos tinha: humilhou-se a si, quando no Convento de Mafra nos serviu à mesa, como se fora servo, sendo o mais alto, e Soberano Senhor, e nisto nos mostrou os maiores quilates, e os maiores realces da fineza. Que Jacó sirva a Labão por Raquel, não me admira, que isso é servir um pastor a outro; mas que uma Majestade tão alta, que um Senhor tão poderoso sirva a uns pobres, e humildes Fradinhos; isso é que admira! Mas assim havia de ser, para ser verdadeiro imitador de Cristo, e extremadamente amante da Franciscana.

Com todas estas finezas, com todos estes excessos não sossegou ainda o coração amante do nosso Rei: porque em quem palpitam as chamas do amor, não pode sossegar nas finezas. Dizem que o amor, quando chega a ser o mais refinado chega até a morte. **Amicus usque ad aras**: e o amor, que teve o nosso Monarca à minha Religião Seráfica passou além da morte; porque quando vivo ordenou que o seu corpo, depois de morto, fosse amortalhado no pobre, e cinzento saial de nosso Padre São Francisco. Assim se executou; e assim devia ser para se acreditar o seu amor de sete vezes maior, e de sem semelhante na terra. Para exemplar dos Reis na terra pôs Deus ao Sol no Céu: a este exemplar do Céu imitou na terra o nosso Rei.

Em dois lugares fala o Sagrado Texto do Sol no dia do Juízo: no Capítulo 3 de Isaías, e no Capítulo 6 do Evangelista São João. No Capítulo 6 do Apocalipse diz São João, que o Sol se há de vestir de cilício: **Sol factus est niger tanquam faccus cilicinus**; e Isaías no Capítulo já citado diz, que o Sol há de luzir sete vezes mais que nos

outros dias: **Erit lux Solis sicut lux septem dierum.** Quem não vê a diversidade destes textos? Que o Sol se vista de cilício no dia de Juízo, não me admira; porque é Príncipe, e é Rei: **Luminare maius**, e quem no princípio o levantou à Majestade, no fim do mundo o condenou à penitência, não por culpas próprias mas sim por culpas alheias que esta é uma das obrigações dos Reis, fazer penitência ainda por culpas alheias. Mas o que me espanta é, que o Sol brilhe, e resplandeça sete vezes mais, a tempo que há de aparecer amortalhado em um pobre, e cinzento saial! O vestir-se o Sol de cilício é amortalhar-se: o amortalhar-se o Sol, é deixar de luzir: o luzir sete vezes mais, quando há de aparecer amortalhado, e vestido de cilício: **Sol factus est niger tanquam saccus cilicinus: erit lux Solis sicut lux septem dierum?** Por isso mesmo, que se há de amortalhar em um cinzento saial, há de luzir sete vezes mais. É o Sol Rei: **Luminare maius** é a luz, pelo que tem de fogo, emblema do amor; e quando um Rei por amante se amortalha com um pobre, e cinzento saial, então admira o mundo sete vezes maior o seu amor: **Sol factus est niger tanquam saccus cilicinus . . . erit lux Solis, sicut lux septem dierum.**

Este é o exemplar do Céu, a quem imitou na sua morte o Sol da Monarquia Portuguesa. Decretou este Sol, abrasado, que no dia da sua morte, que também é dia de Juízo, se amortalhasse o seu corpo no hábito pobre, e humilde de São Francisco nosso Padre; e o mesmo foi amortalhar-se seu corpo, e vestir-se de cilício este luzido Sol: **Sol factus est niger, tanquam saccus cilicinus;** que conhecer o Mundo todo a seu amor por sete vezes maior: **Erit lux Solis sicut lux septem dierum.** Em extremo grande foi o amor do nosso Rei, quando com muitas dádivas enriqueceu a minha Religião Seráfica; mais extremado, e mais de ponto subido nas honras, e estimações, que nos fez, e como já não podia subir mais, que fez? Decretou, que o seu corpo fosse, qual outro Sol, amortalhado no pobre, e cinzento saial de nosso Padre São Francisco: **Sol factus est niger, tanquam saccus cilicinus;** para que naquelas pardas sombras acabasse o Mundo de conhecer, que entre todos os seus Vassallos o mais preferido no amor, foi a minha Religião Seráfica: **Erit lux Solis sicut lux septem dierum.**

Este é o Rei, que ao pôr do Sol nos roubou a morte: **Rex Israel mortuus est occidete Sole;** um Rei, que foi de Deus, e feito por Deus Trino; um Rei, que, por ser obra de Deus Trino, foi Poderoso, Sábio, e Amante. Vejam agora se tem bastantes causas toda a Monarquia Portuguesa para sentir com razão, para lamentar com repetidos suspiros, e gemidos a perda de um tal Rei. E posto que a Providência, e a bondade Divina nos deixou para lenitivo da nossa dor, e para alívio da nossa saudade outro Rei em tudo semelhante: **Similem enim reliquit post se;** contudo, quem deixará de sentir, e

chorar tão grande perda? Na morte de Cristo nosso Redentor sentiram todos, como já disse; e a razão, que tiveram para tão grande sentimento, foi o perderem um Rei, que enquanto homem foi obra de Deus Trino: **Faciamus hominem**; um Rei Poderoso: **Omnia mihi tradita sunt a Patre meo**; (59) um Rei sábio: **Sciens**, e um Rei tão amante dos seus Vassallos: **Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos**. Pois se na morte de Cristo sentiram todos uma tão grande perda, de razão é que gema, sinta, e chore toda a Monarquia Portuguesa, uma vez que perdeu um tão grande Monarca. Chore pois Portugal, gema toda América, sinta Ásia, lamente África; porque como em todas estas quatro partes do Mundo teve poder, e domínio o Senhor Dom João V, em todas é universal, e comum a perda; e quando é universal a perda, deve ser comum, e universal o sentimento.

Mas suposto compreenda geralmente a todos tão grande perda, a ninguém magoa mais, que a toda a Religião Seráfica: porque se quem mais perde, deve mais sentir; na morte do Senhor Dom João V ninguém perdeu mais, que toda a Franciscana. Perdeu a Franciscana, como perderam todos os Portuguezes, um Rei, que foi de Deus, e feito por Deus Trino; um Rei Poderoso, Sábio, e Amante; e perdeu mais que todos, porque perdeu um Rei mais amante seu, um Rei, que era o seu tesouro, seu Pai, e juntamente Filho seu: enfim um Rei, que era o seu tudo: e quem tanto perde deve sentir, e chorar mais que todos. Quando deu Cristo os últimos alentos da vida nos braços da Cruz, sentiram, e choraram todas as criaturas; porém a dor que transpassou o coração da Virgem Mãe, foi mais aguda, e mais intensa, que a dor de todas as criaturas: **Virginis dolor erat maior**, diz São Bernardo. E por que razão? A razão é tão clara, como natural. Porque na morte de Cristo perdeu a Senhora mais que todas as criaturas. Todas as criaturas perderam na morte de Cristo Rei, que por ser enquanto homem obra de Deus Trino, foi Poderoso, Sábio e Amante: a Senhora perdeu mais, porque, além de perder tudo isto, perdeu mais um Rei mais amante seu, que de todos: **Dilectus meus mihi**; (60) um Rei, que era o seu tesouro: **Haeredem universorum**, (61) um Rei, que era seu Pai: **Tu mihi Pater**, e juntamente Filho seu: **Tu mihi Filius**; enfim um Rei, que enquanto homem era todo seu, e enquanto Deus era o seu todo: **Deus meus et omnia**: e como quem mais perde, deve mais sentir; por isso chegando a todas as criaturas a dor na morte de Cristo, o coração da Senhora foi o mais transpassado de uma dor mais aguda, e mais intensa: **Virginis dolor erat maior**.

Esta foi a dor, que padeceu a Senhora na morte de Cristo, Rei do Universo; e tal como esta parece ser, como deve, o sentimento de

(59) **Ioan.**, 13, 3.

(60) **Cant.** 6; **Heb.** 1.

(61) **S. Anf.**, d. **laudib. Virg.**

toda a Religião Seráfica na morte do Senhor Dom João V Rei de Portugal. Na morte de Cristo perdeu a Senhora igualmente com todas as criaturas um Rei, que enquanto homem foi de Deus, e feito por Deus Trino; na morte do Senhor Dom João V perdeu a Religião Seráfica, e toda a Monarquia Portuguesa um Rei de Deus, e feito por Deus Trino. Na morte de Cristo perdeu a Senhora mais que todas as criaturas, um Rei, que enquanto homem era todo seu, e enquanto Deus era o seu tudo; na morte do Senhor Dom João V perdeu a Religião Seráfica um Rei, que por amante era todo seu. Na morte de Cristo perdeu a Senhora um Rei, que era seu Pai, e juntamente Filho seu; na morte do Senhor Dom João V perdeu a Religião Seráfica um Rei, que era seu Pai, e juntamente seu Filho: a Senhora, porque tudo perdeu na morte de Cristo, padecendo de uma dor mais intensa, que as dores, que padeceram todas as criaturas: **Virginis dolor erat maior**; o sentimento de toda a Franciscana é, e deve ser maior que o sentimento de todos: porque quando roubou a morte ao Senhor Dom João V ao pôr do Sol, perdeu tudo: **Omnia simul in te uno**. Chore pois, sinta, gema, e suspire toda a Religião Seráfica, uma vez que perdeu tudo: **Rex Israel mortuus est occidente Sole. Dilectus meus. Tu mihi Pater. Tu mihi Filius. Omnia simul in te uno.**

Estas são as causas, e estes são os motivos, que têm os nossos corações para com razão sentir, e os nossos olhos para chorar, posto que não ponderadas com aquela eficácia de palavras, com aquela energia de afetos, com aquela profundidade de sentimento, que perdia tão grande, e tão notável perda. Agora quisera eu, que neste teatro se mudasse a cena: que os lutos se convertessem em ricas galas, que as caveiras se revestissem de vida, que os Ciprestes se reproduzissem em palmas, que os epitáfios se convertessem em panegíricos, que as luzes daquela triste Urna, e fúnebre Mausoléu se mudassem em luminárias de alegria; porque, o que até aqui lamentamos, como despojo da morte: **Rex mortuus est**, agora o contemplo eu como triunfante no Céu. Triunfou a morte, e salvou-se o muito Alto, poderoso, e Fidelíssimo Rei o Senhor Dom João V. Falo com aquela modificação, que ordenam os Sumos Pontífices da Igreja nossa Mãe. Esta conjectura, e esperança nos dão as muitas virtudes de nosso Rei defunto. E quando não houvessem algumas, bastava, para assim o conjecturar, o cordial afeto, que teve em sua vida o nosso Rei ao nosso Seráfico Patriarca, e a toda a sua Religião Sagrada.

Fala o Melífluo Doutor São Bernardo de São João Batista, e diz assim: **Ioannes stat, quia amicus, et quia ardens erat, sicut Seraphim stare dicuntur**. São João, diz o Santo Doutor, está no Reino da Glória; porque foi amante, assim como estão os Serafins no Céu. Não reparo em que diga o Santo Doutor: que São João está no Céu, porque para o Céu foi criado; no que reparo é na causal: **Quia amicus, et quia**

ardens erat; porque foi amante, e amigo dos Serafins do Céu. Pois não teve o Grande Batista outras muitas virtudes? Sim teve. Não foi tão Poderoso, que Deus o elevou, e exaltou sobre todos os Reis da terra? Sim, que assim o profetizou Jeremais: **Ecce constituit te super gentes, et super Regna.** (62) Não foi tão sábio, que mereceu ser a voz, pela qual explicou o Eterno Padre o seu Divino Verbo? Sim, que assim o disse Santo Agostinho: **Beatum Ioannem, quasi uocem, per quam ad nos uerbum sum proferret assumpsit.** (63) Pois por que razão não diz o Melífluo Doutor, que São João está reinando no Céu, porque foi poderoso, porque foi Sábio, mas sim porque foi Amante: **Quia amicus, et quia ardens erat?** Porque só esta virtude, e só este extremado basta para levar ao Céu um justo. Todas as virtudes são degraus, por onde se sobe ao Céu; porém como o amor aos Serafins da Glória é entre todas a principal, por isso só esta excelência alega o Santo Doutor, quando diz que está no Céu o Senhor São João: **Ioannes stat, quia amicus, quia ardens, sicut Seraphim stare dicuntur.**

Em extremo grande foi o cordial afeto, que teve o nosso Rei aquele Serafim Chagado, e a toda a sua Religião Sagrada: e se São Bernardo diz que São João está no Céu, porque foi amante dos Serafins do Céu: **Ioannes stat, quia amicus, et quia ardens erat;** porque não direi, do modo que posso dizer: **Ioannes stat quia amicus, et quia ardens erat;** o Senhor Dom João V está no Céu, porque foi amante do coração do Serafim de Assis, e de toda a sua Religião? Ainda quando sei que esta é uma das excelências, e favores que Cristo Senhor Nosso concedeu ao nosso Seráfico Patriarca. Um dos seus privilégios, e favores, que Cristo Senhor Nosso concedeu a meu Padre São Francisco, e a toda a sua Sagrada Religião é este: Que qualquer pessoa, que amasse de coração a seus Religiosos (por maior pecador que fosse) alcançaria misericórdia de Deus Nosso Senhor. Pois se este é o favor, que Cristo concedeu a meu Padre São Francisco, e se o nosso Rei foi cordial amante de meu Padre São Francisco; e de todos os seus Religiosos, como fica provado, e todos nos confessamos tão obrigados, como agradecidos a seu amor; porque não poderei dizer com São Bernardo: **Ioannes stat, quia amicus, et quia ardens erat;** o Senhor Dom João V, está, como piamente podemos crer, no Céu, porque foi cordial amante dos Serafins da terra?

Assim piamente cremos todos, muito Alto, Poderoso, e Fideíssimo Rei, e Senhor nosso: assim como vos obedecemos, e servimos todos na terra, assim vos veneramos com a mesma piedade no Céu. Gozai, gozai, para sempre, não a Coroa, mas sim a que merecestes alcançar no Céu pelo cordial aspecto, com que venerastes

(62) Jerem., c. 1. v. 10.

(63) Serm. 76, in Apend.

sempre a nossa Religião Seráfica. E se é próprio dos Vassallos o pedir mercês a seu Soberano, por mercê vos pedimos todos, que vos lembreis do vosso Reino, alcançando de Deus para ele, e para todos nós a conservação da paz, em que tanto vos empenhastes na terra. Lembrai-vos também de todos os vossos tão leais Vassallos, que tanto mereceram a vossa memória na terra, justo é que mereçam a vossa lembrança no Céu. Lembrai-vos de toda a Religião Seráfica, que se a enriquecesteis na terra com dádivas, e honras, fazei com Deus, que a enriqueça de muitas virtudes, e graças. Lembrai-vos enfim desta Santa Província do Brasil, da qual se fostes especial protetor na terra, sede também nosso Amparo, nosso Advogado, e Protetor lá no Céu, que todos nós, como tão obrigados, e agradecidos a vosso amor, à vossa proteção, e amparo, vos cantamos hoje para sempre: **Requiescat in pace.**

FINIS

LAUS DEO

13. **NARRAÇÃO PANEGÍRICO-HISTÓRICA DAS FESTIVIDADES COM QUE A BAHIA SOLENIZOU OS FELICÍSSIMOS DESPOSÓRIOS DA PRINCESA NOSSA SENHORA COM O SERENÍSSIMO SENHOR INFANTE DOM PEDRO, [...], PADRE MANUEL DE CERQUEIRA TORRES, [...], 1760. (Ed. 1760).**

DO PAÇO

Aprovação de João de Alpoim e Brito Coelho, Acadêmico da Academia Real da História Portuguesa, etc.

SENHOR.

O Papel incluso, que se pretende dar ao prelo, nada contém contra as Leis, ou Serviço de Vossa Majestade, antes por ser uma Relação das festas, com que uma das mais nobres Vilas da América Portuguesa aplaudiu um successo tão fausto para estes Reinos, e seus Domínios, como na verdade o foi o Desposório da Sereníssima Princesa do Brasil, me parece muito digno de que se divulgue por benefício da estampa, para que se saiba por mais uma experiência, que os vassallos de Vossa Majestade em toda a parte do mundo conservam o carácter de Portuguezes, isto é, o de leais, amantes, e extremosos para com os seus Príncipes. Este é o meu parecer, Vossa Majestade mandará o que for servido. Lisboa 7 de março de 1762.

João de Alpoim e Brito Coelho.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que corra, e sem ela não correrá. Lisboa 8 de março de 1762.

Carvalho.

Doutor Velho.

Castelo.

Siqueira

Pacheco.

NARRAÇÃO PANEGÍRICO-HISTÓRICA

Das Festividades com que a Cidade da Bahia solenizou os Felicíssimos Desposórios da Princesa Nossa Senhora com o Sereníssimo Senhor Infante Dom Pedro, oferecida a El-Rei Nosso Senhor por seu autor o Reverendo Padre Manuel de Cerqueira Torres,
Bahense, etc.

“Narração panegírico-histórica das festividades com que a Cidade da Bahia solenizou os felicíssimos desposóris da Princesa Nossa Senhora com o Sereníssimo Senhor Infante Dom Pedro, oferecida a El-Rei Nosso Senhor por seu autor o Reverendo Padre Manuel de Cerqueira Torres, Bahiense, etc.”

(Anexa ao n. 5.097).

.....

DISPOSIÇÃO DAS FESTAS

Tanto que o Ilustre Chanceler Governador comunicou esta felicíssima notícia ao Senado da Câmara, logo este por um pregoeiro a fez publicar a todo o povo, ordenou também, que nos três dias, que principiaram em 23 de setembro, todos iluminassem as suas janelas com vistosas e brilhantes luminárias, impondo graves penas, aos que transgredissem esta ordem.

Não houve preceito mais grato, do que este, porque sem perder a essência de preceito, passou a devido obséquio. Não bem tinha deixado o Sol nosso hemisfério a ser antípoda da noite, quando se viram trocadas as esferas, porque se não desceu o céu à terra não se pode duvidar se viu aquele por estar competido, ou invejado, por quanto as estrelas do céu pareciam luminárias da terra, e as luminárias da terra afetaram ser estrelas do firmamento.

Os repiques dos sinos de todas as igrejas infundiam nova alegria. No mar não era menor o contentamento; nestes três dias se embandeiraram todas as fortalezas, e as naus da Índia, e de licença, e todos os mais navios, e embarcações estiveram engalhardetadas a mil maravilhas. No princípio da noite se disparou nas fortalezas e naus uma salva real, e se iluminaram todos com vistosíssimas luminárias; o que se observou sempre nestes três dias, assim no mar como na terra.

Franqueou o Chanceler Governador licença aos estudantes, para que com máscaras aplaudissem estas festas, logo parece que a natureza neles suspendeu o ser princípio da quietação; pois se viu em um continuado motu. Pelas ruas não se ouviam senão músicos instrumentos com diversíssimas danças, que admirando pelo modo, suspendiam pelas estupendas forças, que idearam; certamente ~~nem tinha o~~ gosto mais que apetercer, nem o juízo mais que admirar.

Mas porque a Bahia intentava fazer uma pública demonstração de sua fidelidade aos seus Reis e necessitava competente tempo para determinar as festas; ordenou o Chanceler Governador que o dia 6 de outubro da publicação das celebridades fosse o primeiro.

Convocou o Senado da Câmara aos oficiais de todos os officios, e a cada um lhe encarregou seu dia particular, para que com a dança que quisesse, fosse à praça, onde não só desempenharia a eleição, que dele se fez, mas também mostraria cada um a sua fidelidade nos obséquios que tributasse.

Determinou pelo mesmo Senado representasse óperas na praça, fazer cavalarias no terreiro de Jesus, e no mesmo haver ataque de fogo pelos militares; e se traçaram muitas coisas conducentes a um geral contentamento; como foram touros, fogo, e outeiro, como em próprio lugar referirei.

O Reverendo Cabido tomou à sua conta fazer uma festa em tudo solene, e uma procissão que fosse juntamente um triunfo, em que desempenhasse a mesma grandeza. Pertencia-lhe esta ação por se achar **in sede vacante**, e ainda que carece de Pástor, gloria-se de tantos prelados, quantos são as dignidades e cônegos do seu grêmio, que unidos entre si determinaram fazer uma festa, que o seu magnífico aparato e solene pompa fosse um **non plus ultra** da devoção, da opulência, e do agrado.

Assim se dispuseram todas as coisas necessárias para a presente ação, que se bem foram ordenadas umas pelo Reverendo Cabido, e outras pelo Senado da Câmara, dirigidas porém todas pelo Chanceler Governador que mais liberal, que Alexandre, não perdoou a gastos, antes com larguíssima mão concorreu para esta real suntuosidade, como adiante veremos. Herói verdadeiramente grande, de quem se pode gloriar Sua Majestade Fidelíssima em ser rei de tal vassalo.

PRINCÍPIOS DAS FESTIVIDADES

Amanheceu o desejado dia seis de outubro tão aprazível, alegre e risonho, que parece queria ostentar ufano singularidades extremosas em seus progressos. Pelas 9 horas da manhã saíram da casa do Senado todos os meirinhos a cavalo, vestidos uns de limiste, outros de gorgorão e seda preta com capas bandadas de primorosíssimas sedas de várias cores e melancias de flores, com chapéus de plumas.

Ia adiante o pregoeiro trajado de gala, casaca e capa de cabaia (sic) cor de cravo, meias brancas de seda cor de pérola, chapéu de plumas brancas, e atrás o porteiro da Câmara ricamente vestido de seda branca com maça de prata.

Precediam a cavallo chameleiros, e trombetas com atabales, e trompas, que pregoeiros de tanta magnificência dando alento aos seus côncavos metais faziam que ressonasse o ar de alegres estrondos, cujos ecos publicavam real grandeza. Levavam pintadas de azul, ouro e prata em tafetá carmesim as armas de Portugal, que o mesmo é ver as quinas portuguesas, que ouvir as trombetas dos mais aplausíveis triunfos.

Desta sorte discorreram por toda a Cidade fazendo saber aos seus moradores ser este mesmo dia o primeiro assinado para princípio desta real celebridade. Intimou logo o pregoeiro em nome do Senado deviam todos neste dia, e nos dois seguintes continuar as luminárias com a mesma ordem, e asseio, com que fizeram a primeira vez.

Este dia foi um dos mais alegres, que gozou a Bahia. O rico das galas, o primor dos vestidos, e variedade das cores, se não suspendia, certo é que admirava. O Chanceler Governador saiu com granacha de veludo preto, com canhões, cinto, e bandas de primorossíssima melania de flores, sapatos do mesmo veludo preto e chapéu de plumas brancas, sendo uma custossíssima jóia de diamantes o botão que prendia, e armava o mesmo chapéu, e desta mesma sorte vestiram os demais ministros da Relação.

Os vereadores do Senado trajaram como todos os cidadãos de veludo preto, e as capas, que eram do mesmo estavam bandadas de sedas de conta e melancias de flores de cores diversas; o Juiz de Fora, seu presidente, trajou também o mesmo vestido, e a capa de veludo: mas esta estava bandada de uma engraçada cabaia cor de flor de algodão matizada de flores, chapéu de plumas de várias cores com uma fita de diamantes que o rodeava; e um custossíssimo broche prendia um grande e vistoso cocal. (sic)

Vestiram-se os oficiais de guerra, nobreza e mais pessoas de distinção de casacas de veludo de cores alegres, vestes bordadas de sedas da fábrica, ou de melancias de flores as demais custo, com chapéus de plumas, e meias correspondentes na cor ao mesmo vestidos, e assim o mais povo se adornou de finíssimos bernos, engraçados brilhantes, e custosas melancias, e ainda o mais pobre se trajou de gala nova, de custo e de valor.

Muitas carruagens feitas de novo admiraram pela nova moda, guarnecidas eram de ouro, ou de prata e forradas de veludo, damasco ou de cetim. Não houve quem neste dia não trajasse os seus lacaios, pajens, e os carregadores de carruagens não de vestidos ordinários mas de custosas librés com fivelas de prata em sapatos, ligas, e nas vestes abotoadura de ouro. Admirava-se a Bahia de si mesma, e não podia crer no presente tempo poder ostentar tanta magnificência, mas a fidelidade aos seus príncipes lhe deu asas para empreender maiores impossíveis.

Pelas três horas da tarde deste dia se viu a praça coberta de povo, que concorreu para ver as primeiras danças que pela distributiva do Senado pertencia aos ourives. Em uma das janelas de palácio assistiu o Chanceler Governador rodeado dos ministros da Relação, nas outras estavam religiosos de todas as religiões, clérigos e militares, e outras muitas pessoas de distinção. O Senado assistiu na mesma sua casa, à porta da qual vestidos das mesmas librés com que de manhã saíram, estavam os trombetas, e chameleiros com atabales, e trompas regozijando a todos.

Pelas quatro horas entrou pela praça uma vistossíssima contra-dança de doze figuras primorosamente trajadas. As seis damas vestiram riquissimamente, os peitos e os tocados estavam cobertos de broches, jóias e cravos de diamantes, que neles refletindo os raios do Sol, parece que deste luminoso planeta tinha roubado os resplendores. As farsas dos seis galantes eram de cetim azul, carmesim e cor de flor de algodão bordadas de ouro, e prata, chapéus de plumas brancas e vermelhas, com soberbos cocais, que prendiam com broche, ou jóia de diamantes.

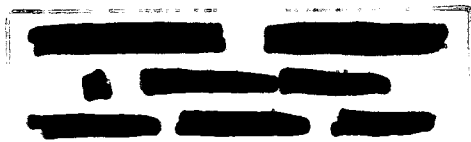
Tanto que chegaram à vista do Chanceler Governador, logo os instrumentos deram princípio a uma harmoniosa sonata; no fim da qual saíram duas ninfas vestidas a mil maravilhas com salvas de prata cheias de flores, que espalhando por ordem pelos assistentes com alegres vozes alternadamente cantaram as seguintes coplas.

Alegres as flores
Se façam sensíveis
Louvando plausíveis
As Núpcias Reais.

Com suas fragrâncias
Roubem os alentos
A estarem atentos
Com gosto fatal.

De estímulo sirva
A gala das flores
Aos finos primores
Do mundo em geral.

Por mostrar-se a Terra
De todo contente
Se cubra florente
De flores sem par.



Os príncipes logrem
 Por alto troféu
 Nas mãos do himeneu.
 Coroa imortal.

Ditosos auspícios
 Nas flores tenhamos
 Que cedo colhamos
 Um fruto real.

Logo ambas finalizaram a sua cantilena com o seguinte estríbilho.

Os príncipes vivam
 Felizes nas asas
 De amor singular

E repetiu harmoniosamente o coro:

Vivam vivam, vivam
 Vivam eternos anos
 Vivam sempre excelsos
 Os nossos soberanos

Seguiram-se as figuras, e fizeram a sua contradança. Deu não pouco que ver a todos pela bizarria, e garbo, com que a executaram. Com vivas, e aplausos acabaram, deixando a todos tão satisfeitos, que não queriam tivesse fim só por não porem termo à suspensão com que estavam. Mas esta cresceu ainda mais quando treze figuras trajadas de bombachas de chamalote carmesim e vestes brancas trocadas de encarnado com cintas de veludo da mesma cor dançaram a dança vulgarmente chamada do Xafaris. A galantaria consistiu em serem as máscaras correspondentes a dança. Encerra esta diversas mudanças, que com tal arte e destreza executaram que não houve pessoa que não desejasse vê-la de novo repetida.

E porque se avizinhava a noite mandou o Chanceler Governador subissem a palácio. Uma das ninfas adiantando-se de joelhos ofereceu em um troféu de cabaia carmesim, escrito com letras de ouro o seguinte:

SONETO

Hoje Senhor que a lusa Majestade
 Vê-se em áureo himeneu reproduzida
 Vossa glória há de ser muito estendida
 Passando além da mesma eternidade

Tem consigo a maior felicidade
 As núpcias da princesa esclarecida
 Porque a monarquia fica tida
 Em contínua feliz tranqüilidade

O ditoso himeneu consórcio augusto
 Para cujo festejo, e eterno brado
 Depende hoje o Brasil todo o seu ouro

Sendo assim razão é, é mais que justo
 Que os ourives primeiro em vosso agrado
 Das festas abram liberal tesouro.

[S. I. A.]

Repetiram logo as mesmas danças com não menos bizarria, que da vez primeira pondo fim a tudo por coroa a música.

Seguiu-se a noite que a vista de tão extremado luzimento, se meteu no arrojado empenho de apostar vantagens ao dia no esclarecido, e brilhante das luminárias. Acompanharam os repiques dos sinos, e no mar uma régia e festiva salva em todas as fortalezas, e com isto se finalizou a função deste dia.

CONTINUAÇÃO DAS FESTAS

A sete que foi o segundo dia pela três horas da tarde já o Chanceler Governador para assistir à função deste dia; que em todos os régios aplausos caprichou ser o primeiro em festejar, acompanharam-no os ministros da Relação, nobreza e mais pessoas de distinção.

Pertencia este dia pela distribuição do Senado aos taverneiros. Ofeceram estes quatro danças, a primeira das quais vulgarmente se chama do esparteiro a segunda da passara, a terceira das ciganas, e a quarta a das mouriscas.

Tanto que chegaram à praça feita a vênua ao Chanceler Governador, por sua ordem dançaram, e com tanto agrado, que desempenharam a expectação dos assistentes.

Seguiu-se a noite, e nela se admirou uma nova representação do claro dia no luzido esplendor das luminárias. As igrejas com seus sinos, e as fortalezas em festivas e ardentes salvas concluíram a função deste dia.

A oito não houve dança particular, o motivo foi não culpa dos ferreiros a quem incumbia a celebridade deste dia, mas sim ser limitado o tempo para a dança que idearam. Esta falta supriram

os discretos e divertidos máscaras, que com vários gêneros de figuras fizeram tão jocundas representações que geralmente alegraram a todos.

Ao som de harmoniosos instrumentos dançaram algumas danças comuns com toalhas e modas da terra que bastantemente satisfizeram aos que contentes se achavam neste universal espetáculo de gozo e prazer e só da praça se retiraram quando o Sol em contínuos desmaios se reclinou nos braços de Tétis, dando lugar a que a bela Latona trajando pomposa gala saísse da brilhante comitiva das estrelas.

Finalizou a função deste dia uma salva em todas as fortalezas. E a cidade de novo desafiou as celestes esferas nas luminárias com que se ilustrou. Acompanharam o universal regozijo os repiques dos sinos, que com harmonioso tempo que se tão grandiosas festas se manifestavam com as aparências de fogo, se haviam de publicar só com línguas de bronze.

A nove pelas três horas e meia da tarde entrou pela praça uma vistosíssima dança de doze figuras com uma aranha pintada, que tinha a denominação de dança de aranha. Vestiam as figuras bombachas de cetim cor de flor de algodão, com cintas de veludo carmesim, com chapelinhos de palha froqueados e enfeitados de encarnado, levaram todos no cinto tesoura significativa do ofício de alfaiate a quem pertencia o festejo deste dia.

Assim que chegaram à presença do Chanceler Governador feita a devida cortesia ao som de bem temperados instrumentos, executaram com tal primor a sua dança que deixaram a todos sobre satisfeitos admirados, e muito mais quando viram a destreza com que deram morte à aranha, valendo-se do desgurre (sic) de uma figura, que ia em trajes de mulher. Aqui foram os vivas, e os aplausos de todos admirando uns a idéia da dança, e louvando outros o primoroso capricho com que se portaram os alfaiates nesta sua função.

A dez juntaram-se os corrieiros e sapateiros a fazerem a sua tarde plausível. Pelas três horas da tarde entrou pela praça a primeira dança que foi dos corrieiros, constava de treze figuras trajadas de vestes e calções brancos com saetas de veludo carmesim, guardanets de galões e rendas de prata e ouro, chapéus brancos com plumas vermelhas, para os ornar nas regiões eritréias acudiram as maiores e mais finas pérolas, que sendo estas filhas da aurora, não estavam neles mal achadas com os agasalhos de ouro que blasona ser filho do Sol.

Feita a vênua ao Chanceler Governador dançaram com tanto garbo; que surpreenderam a todos. Cresceu pois mais o júbilo, quando finalizada esta dança, viram pela praça entrar ingalhardetado um navio que com as velas largas parecia, que navegava com vento em

poupa, seguiu-se uma bem ensaiada e vistosíssima contradança de doze figuras trajadas à inglesa.

Rodearam a praça, e chegando à vista do Chanceler Governador disparou o navio uma festiva salva, no fim da qual fizeram a sua primorosa e admirável contradança. Mil aplausos se levaram tão singulares dançantes pela acertada invenção com que acrescentaram universal regozijo, sentados puseram uma esplêndida mesa pelo fim único de fazerem brindes à felicíssima saúde de Sua Majestade Fidelíssima, e dos soberanos príncipes desposados, usando do costume de quebrarem os copos. Logo repetiu o navio outra festiva e alegre salva no fim da qual saíram da praça satisfeitos de concluir a função deste dia com vivas e aplausos dos assistentes.

No dia onze desempenharam-se nas suas danças os tanceiros e carpinteiros, que unidos tomaram sobre si o festejo desta tarde. Os primeiros ofereceram uma dança de treze figuras, vestiram todos vestes brancas enfrocadas de carmesim, calções de veludo da mesma cor, chapéus com plumas vermelhas, e engraçados cocais, que prendiam com broches de diamantes. Levava cada um o seu arco e o guia um barrilinho pintado de vermelho com ouro por insígnias do ofício, a que pertencia.

Feitas as cortesias devidas dançaram com admirável primor. A ligeireza dos seus motus a multiplicidade das suas voltas, e a presteza das suas mudanças, se por uma parte causaram admiração, por outra de todos grangearam universal agrado. E levaram tão excelentes dançantes por prêmio a glória de ser dos que mais se esmeraram nestes régios festejos.

Seguiu-se uma admirável contradança, que empenho foi dos carpinteiros como foi a última das danças pelo rico e primoroso foi de todas a coroa. Doze eram as figuras, e vinham tão custosamente ornadas, que parece nelas ter-se exaurido a opulência nas ricas telas que trajavam, os diamantes que ornavam os peitos não tinham número parecia cada uma a figura própria da riqueza, competiam os galões nas suas farsas que não eram custosas, de cetim de várias cores se formaram guarnecidos de galões de ouro e prata.

Uma deliciosa sonata foi o princípio deste festejo cantando imediatamente o coro a seguinte letra.

Viva o nosso Monarca
 Pois nos dá gosto e alegria
 Aceite aplausos aceite afetos
 E por mil anos com pazes viva.

Logo três meninos, não menos primorosamente vestidos saíram representando o primeiro a figura do prazer o segundo do encômio, e o terceiro do aplauso espalhando flores alternativamente entoavam

louvores à Sua Majestade Fidelíssima. Ao depois repetiam uma bem conceituosa loa, cujo argumento foi mostrar que nestes régios desposórios concorreram o prazer e encômio com aplauso.

Ao depois as figuras dançaram a sua contradança com garbo admirável. Assim que acabaram com os vivas de todos repetiu o coro a mesma letra, que cantara ao princípio, e porque ainda era cedo, ao som dos instrumentos uma das figuras dançou belissimamente o oitavado, e concluíram à tarde, e a sua função com um minuetto a quatro, que roubou as atenções de todos.

No domingo doze ocorreu a festa da Senhora do Rosário da confraria dos pretos, na sua igreja sita às portas do Carmo, com majestosa pompa festejaram o sempre vitorioso Rosário de Maria Santíssima, estava a capela ricamente ornada. Houve missa solene com música, sacramento exposto e sermão. De tarde saíram com sua procissão com igual asseio e primor, e sendo esta uma das procissões mais plausíveis, que faz esta cidade pelo muito em que se empenha esta devota confraria nesta ocasião muito mais se esmerou.

Não fazemos mais especial individuação por não pertencer propriamente ao nosso instituto.

Nesta mesma tarde depois da procissão pelas cinco horas foram a palácio os ciganos aplaudir também os régios desposórios com suas danças. Fizeram estas pelo seu modo estupendamente, e concluíram o seu bem ensaiado festejo com alguns minuetos, merecendo dos que os viram pela bizzarria, com que se portaram um aplauso geral.

Os dias treze e quatorze, foram pelo Senado determinado aos pretos. Estes em ambas as tardes foram à praça com muitas divertidíssimas danças, todas primorosíssimas tanto pela opulência com que iam trajadas quanto pelas idéias das mesmas danças. Indeciso o juízo mais aquilino ficou dúbio a favor da qual sentenciaria a primazia. O certo é que o asseio foi tão admirável que servindo de lisonja aos olhos, serviu também de recreio aos ânímos, que achando nelas que admirar, se mostraram sempre desejosos de lhes assistir.

Nos dias quinze, e dezesseis, dezessete, e dezoito se repetiram com a mesma ostentação as primeiras danças pela mesma ordem, com que à primeira vez executaram e não houve especial coisa de que se faça menção, senão que na tarde de dezessete ofereceram os ferreiros a sua dança a que estavam obrigados, e a não puderam oferecer no dia oitavo pela razão que apontei.

Constava a dança de duas figuras, em uma se representava Hércules vestido à trágica; na outra a Idra de sete cabeças. Ao som de bem temperados instrumentos dançava a primeira figura que a compasso ia cortando as cabeças da Idra, e porque de novo outras nasciam as ia também decepando até a matar. Agradou o invento

por se ver representada ao vivo a fábula que fingem os poetas deste famoso herói.

Na noite do mesmo dia se viu a praça em delicioso Parnaso convertida. Em um outeiro as Musas baienses com suas conceituosas poesias o engenho e discrição com que estes canoros cisnes com as suas mesmas asas levantaram sobre as estrelas as prendas e excelências tanto de Sua Majestade Fidelíssima, quanto dos mesmos nosso esclarecidos príncipes, cujo fausto himeneu foi todo o seu real assunto, mas por isso mesmo com os próprios pés de seus discretíssimos versos caminharam à imortalidade de uma sempre eterna fama.

Tiveram os ourives a glória deste outeiro por ser feito à custa de sua diligência pareceu-lhes pouco quanto tinham já obrado nas danças que a sua obsequiosa fidelidade tributara, recorreram a Minerva julgando e bem que tão régias festas só ficariam plenamente aplaudidas, sendo celebradas pela mesma deusa da ciência.

A dezenove pelas nove horas da manhã na principal sala de palácio se juntaram todos os ministros da Relação, os vereadores da Câmara, e seus cidadãos com o juiz de Fora seu presidente, oficiais de guerra, nobreza, prelados das religiões, pessoas eclesiásticas, e de outras graduações. O fim foi expressar os afetos ao Chanceler Governador; com que todos estimaram o fidelíssimo fim destes casamentos, e logo se disparou uma festiva e real salva em todas as fortalezas pela qual mostraram estas que se não tinham vozes para aplaudir tinham estrondosos ecos para os publicar com isto se retiraram todos.

Nesta noite houve uma serenata em a mesma sala de palácio. Estava esta toda alcatifada, e pelas suas paredes luziam muitíssimas placas, que pelas luzes, que nelas ardiam pareciam astros brilhantes. Debaixo de um rico docel de damasco carmesim estava um retrato de Sua Majestade Fidelíssima, soberano objeto a quem o Chanceler Governador dedicou este régio culto.

Pelas oito horas principiou-se a deliciosíssima serenata formada, e completa de afinados instrumentos, e encerradas vozes, agradou tanto, que conheceram todos ser tão plena e ajustada a harmonia que podia suspender não só de Anfion e de Orfeu as decantadas liras, mas de Orion as celebradas cadências, em mover os mesmos irracionais e insensíveis as mais reverentes corteseanias.

No fim da serenata deu o Chanceler Governador um banquete tão esplêndido, que pela sua magnificência podia competir com aquele tão célebre como celebrado que em ocasião muito semelhante deu aos seus vassallos por ostentação de sua liberalidade Felipe o Grande, Duque de Borgúndia no ano de 1454. Fez logo o Chanceler Governador o primeiro brinde à felicíssima saúde de Sua Majestade Fidelíssima, a que satisfizeram todos com multiplicados vivas de gozo

e contentamento, correspondendo todas as fortalezas com os estrondosos ecos de uma festiva alegre e régia salva, e com isto se concluiu este plausível e real festejo.

A vinte houve de noite em a mesma sala de palácio um egrégio sarau. Estava a sala da mesma sorte armada, que na noite antecedente tinha de mais em roda muitos arquibancos cobertos de damasco carmesim, destinados para assentos dos máscaras, que às oito horas já se achavam juntos com riquíssimas e estupendíssimas farsas.

Uma bem cantada letra deu princípio a este na verdade delicioso baile de que sem hipérbole se afirmou epilogar em si o bizarro, e majestoso e o deleitável digno por certo de ser como foi espanto dos olhos, admiração dos juízos e recreio dos ânimos que suspensos com tão excelente função assentaram por sua maior excelência que pois saciara cabalmente o gosto, só merecia que aplaudisse o silêncio.

Outro não menos esplêndido banquete foi a bizarra ostentação da liberalidade do Chanceler Governador. Para elevar a sua grandeza, basta dizer que o mais melindroso palato teve deliciosíssimo manjar com que saborear seu apetite. Os mais célebres da fama não lhe excederam na magnificência. O primeiro brinde foi feito pelo mesmo Chanceler Governador à felicíssima saúde de Sua Majestade Fidelíssima e dos soberanos príncipes desposados, a que correspondeu como na noite antecedente outra salva real em todas as fortalezas.

A vinte e um ocorreu a solene festividade das Santas onze mil Virgens. Pelas incansáveis diligências do Chanceler Governador e do Reverendo Cabido se fez no Colégio de Jesus uma solene festa. Houve missa com música, sacramento exposto e sermão; de tarde fizeram os estudantes com os seus mestres uma procissão em tudo triunfante. Não fazemos mais especial menção por não pertencer diretamente à matéria que escrevemos.

Os dias vinte e dois vinte e três e cinco reservou para si o Senado da Câmara para fazer representar à sua custa três óperas que se representaram na praça pela forma seguinte.

Na primeira noite representou-se Alexandre na Índia, na segunda Artaxerxes, na terceira finalmente Dido abandonada, cada uma destas óperas foi tão bem executada que agradou a todos.

Ataque de fogo no terreiro de Jesus em vinte e quatro mudou-se o terreiro de Jesus em campanha de Marte pelo militar festejo, com que aos nossos esclarecidos príncipes desposados aplaudiram os soldados desta praça. Não quiseram ficar atrás, quando os demais em os festejar afetaram ser primeiros. Justo obséquio, porque se os soldados em Roma nas palmas traziam escritos os nomes de seus reinantes imperadores para lhes não faltar nas ocasiões com os seus militares cortejos, nessa ocasião mostraram os soldados da **Bahia**

trazer gravado nos corações os nomes dos seus soberanos, oferecendo em tão distinto gosto este próprio e devido culto.

Um ataque de fogo foi a sua memorável empresa. Para isso mandaram fabricar junto à Igreja de São Domingos uma grandiosa fortaleza, com nome do mesmo santo.

Na sua fábrica empenhou-se a arte porque fabricando-a de madeira, em roda a cobriu de linhagem, que pintando-a com uma parda tinta, lhe pôs uma tão fingida porta que à mais perspicaz vista parecia uma nobre fortaleza de verdadeira e forte muralha e a cercou de um poço para sua maior defesa.

Presidiavam de guarnição cento e quarenta soldados com muitos oficiais de porte, e para governador foi nomeado o nosso prezado amigo Antônio Cardoso Pizarro, atualmente sargento-mor da Artilharia que se em outras ocasiões na Índia em serviços de Sua Majestade ostentou o valor de Alexandre nestas despendeu as bizarias do César.

Ao som de estrondosos clarins, sonoras trompas, atabales, charamelas e trombetas, que procediam ao exército, entrou em bem composta e ordenada marcha pelo terreiro. Era general o novo Viriato português Manuel Xavier Ala, coronel do regimento novo. Na frente do exército vinha montado a cavalo capitaneando as suas tropas tão airoosamente galhardo, que causava inveja ao mesmo Cipião se neste dia tivesse a glória de o ver.

Tanto que avistou a fortaleza logo mandou fazer alto para indagar os desenhos do inimigo; prudência que se avalia em muito em um general que pretende gozar o caráter de esperto e de prudente.

O sargento-mor governador da fortaleza tanto que soube pelas suas espias avizinhar-se o exército inimigo se pôs sobre o aviso, e mandou disparar duas peças e colher a bandeira para recolher os soldados que andavam fora dispersos pelo campo, e recolhido estes mandou disparar outras duas peças e fechar a porta principal. Alvorou-se logo a bandeira, que então se viu ser holandesa, com esta prevenção se dispôs a defender com todo o valor a fortaleza.

O general do exército que ao longe observava estas disposições, logo pelos dois engenheiros, que o acompanhavam montados a cavalo com os dois sargentos maiores ajudantes de ambos os regimentos, mandou explorar o campo, para aquartelar a seu numeroso e luzido exército, e demarcado com as bandeirolas que se costumam, pertencentes aos diversos regimentos assentou o exército à vista da fortaleza, e abarracando-se o general com os cabos do seu Conselho em uma barraca que ainda não foi real não deixou de ser magnífica, se dispôs a expugnar a fortaleza.

Mandou logo um oficial com o seu tambor arvorada uma branca bandeirinha em sinal de paz oferecer sua amizade ao sargento-mor

recebido com aquele agrado, com que se tem feito de todos tão querido, e lida a carta do general do exército, lhe deu resposta em outra por um capitão engenheiro, que da fortaleza enviou ao campo entregar ao general. Este com o mesmo agrado o recebeu, vendo pela carta a resolução constante com que estava o Sargento-mor em defender a fortaleza com carinhosos afetos o despediu.

Recolhido este oficial à fortaleza e o outro da fortaleza recolhido ao exército, mandou o general pelos seus oficiais plantar as peças de artilharia em parte onde fizesse notável dano à fortaleza. Por espaço de uma hora se não ouviram mais que medonhos ecos das peças de uma e outra parte. Neste tempo os soldados do exército principiaram a fazer uma forte trincheira, com que reparando-se das peças da fortaleza pudessem mais a seu salvo jogar a sua artilharia.

Reconhecia o prudente sargento-mor o perigo a que se expunha a fortaleza, se entrincheirando o exército com as peças lhe fizesse bateria; porque como esta de contínuo laborava certa parecia a ruína. Receiava que os seus soldados o desamparassem se visse algum sucesso infeliz por não terem aquele valor, que tendo já feito assento em seu peito o público Marte belicoso.

Por isso manda que um bem formado troço saia a impedir o passo ao inimigo, levando consigo enxadas e foices, com que cortassem e destruíssem as já começadas trincheiras. Foi capitaneando de um valente capitão que com toda a ordem e silêncio (pois esta ação era só para se praticar de noite) deu no campo com tal felicidade que arrasaram notável parte das trincheiras. Acudiram porém os soldados do exército, e entre eles se travou uma bem cruel e brava peleja. De ambas as partes se fizeram proezas e por muito tempo indecisa esteve a vitória.

Era esta ação fingida na verdade porém foi executada com tal brio, que parecia ser obra em combate verdadeiro. As peças de artilharia não cessavam com seus estrondosos ecos. A mosquetaria era continuada. Estava com fumaça coberto todo o campo de uma escura e espessa nuvem. Vendo isto o general acudiu com o resto do exército que carregando sobre os inimigos com granadas a seu pesar os fizeram retirar.

Estavam todos os assistentes satisfeitos de ver tão estupendas ações, admiravam a ordem, louvavam o valor, e assentaram por máxima certa não poder deixar de ser temido e sempre vitorioso El-Rei de Portugal, tendo por vassallos tão valorosos soldados.

Sossegando o campo por algum tempo houveram tréguas, por ambas as partes enquanto se faziam as cerimônias de enterrarem os mortos e se curarem os feridos. Neste tempo mandou o general outro oficial de guerra à fortaleza com uma carta ao sargento-mor em que de novo lhe oferecia a sua amizade e todos os honrosos

partidos que quisesse, contanto que lhe entregasse a fortaleza, ponderando-lhe juntamente o miserável estado em que esta se achava e a resolução constante dos seus soldados em a arrasar. Por fim concluía não ser prudência em um capitão valoroso esperar o último precipício. Respondeu-lhe por outra carta o sargento-mor estar resoluta a defender a fortaleza ainda que nisso perdesse a vida; porque como mais estimava a honra, do que esta, se morresse na defesa ficaria com o fim, que pretendia que era imortal nome dos anais da fama.

Com esta resolução mandou o general apertar mais o sítio, houveram (sic) neste tempo admiráveis sortidas de ambas as partes, em que se notaram estupendas ações. Laborava a artilharia do exército com tanta violência, que não podendo sofrê-la a muralha finalmente veio a cair por terra toda a que estava da parte de São Francisco.

Ainda que os sitiados se quiseram fortificar com alguns reparos não lhe deu tempo o general que não perdendo a ocasião que a fortuna lhe mostrava mandou tocar a investir, ordenando se desse assalto universal por todas as partes. Tão furiosamente se acoeteram, que parece queriam que nos primeiros golpes consistisse o triunfo. Pelejaram valorisissimamente, e se ouviam senão estrondosos tiros da artilharia, granadas e mosquetaria. Não se pode com miudeza individuar as proezas que de ambas as partes se obraram. Como cada um pelejava pela honra fazia maravilhas, dúbia por isso esteve muito tempo a vitória; mas acudindo o general com o grosso do exército carregou com tanta força sobre o inimigo, que a não anoitecer certamente ficaria com a glória do triunfo.

Receiando porém algum sucesso adverso, mandou tocar a recoller com ânimo de dar novo assalto no dia seguinte. Mas o sargento-mor que via por terra as muralhas da sua fortaleza, e os seus soldados já de todos fatigados ofereceu ao general honrosas capitulações, que por este admitidas saiu com os seus soldados da fortaleza com todos os militares cortejos, que se praticam em semelhantes ocasiões.

Entrou logo na fortaleza triunfante o general onde foi recebido com todas as demonstrações de alegria. Mandou logo arvorar a bandeira portuguesa e com três contínuas, alegres e festivas salvas deu fim a este sempre memorável e plausível obséquio, em que sobre todo o encarecimento se esmeraram os militares desta praça nesta real celebridade.

FESTA NA CATEDRAL E PROCISSÃO

O dia vinte e seis destinou o Reverendo Cabido para dar a Deus as devidas graças pelo bom sucesso com que se celebraram os matrimônios dos nossos sereníssimos príncipes. Uma solene votiva festa dedicaram a Maria Santíssima certos em que pelas mãos dessa

benigníssima Senhora comunicaria Deus copiosas e perpétuas felicidades a toda a Real Casa e domínio português.

Antes porém de dar princípio à história das ações deste dia, é necessário dizer a grandeza e armação da Catedral, e nas disposições do Reverendo Cabido para a presente ação.

Quis este fazer uma festa em tudo festiva, e uma procissão, que em tudo fosse triunfal. Para isso mandou convidar os prelados de todas as religiões, e com especialidade aos religiosos Carmelitas, para que também em comunidade acompanhasse a procissão para dar-lhe aquele lustre esplendor, que infundem em todos os atos que assistem.

Aos clérigos seus súditos em uma pastoral que mandou afixar na sua Sé, determina com suas sobrepelizes de manhã assistir à festa, e de tarde acompanhem a procissão; e ainda que por costume sempre se impõe pena para não faltarem, nesta ocasião lhes não impõe pena alguma, certo em que os clérigos da Bahia gloriando-se mimosos nos régios favores não careciam de estímulos para se mostrarem empenhados nestes reais festejos.

Escreveu também aos Reverendos vigários das freguesias da cidade se achassem neste mesmo dia com ricas capas de asperges, e com todos os clérigos das suas freguesias com sobrepelizes, na Catedral pelas duas horas da tarde com um carro ou andor opulentamente ornado, em que viesse colocado a imagem do orago da freguesia.

Dispostas estas e outras coisas, que pareceram necessárias para a plausibilidade da festa e procissão do triunfo; pelas seis horas da manhã deste dia se patentearam as portas da catedral, que parecia um céu aberto. Estava magnificamente ornada de ricas sedas, guarnecidas de galão de ouro e prata, com volantes, que compostos à imitação de ondas fazia nelas naufragar a admiração.

O arco da Capela-mor, era tão rico, que com ele não se atreveriam competir os heróis da antigüidade. O mesmo Íris em sua comparação parece breve debuxo de suas galas, os lavores de ouro e prata na variedade das cores das sedas, que o cobriam mostrando ser daquele aerias (sic) estas pelos raios do Sol de quem blazona ser filho, das próprias ostentava ser na realidade resplendores. Fechava o arco um tarjão em que estavam pintadas as quinas portuguesas.

As tribunas assim da Capela-mor, como as de todo o corpo estavam com cortinas e colchas de damasco carmesim, e os púlpitos com coberturas do mesmo branco, para que deleitasse mais pela variedade das cores. As capelas se viam tão maravilhosamente adornadas, que sem prejuízo da ostentação, e gala bem mereceram os universais encômios de magníficas. Sobretudo no trono para o Senhor

Sacramento exauriu-se toda a perfeição. Um docel majestoso de tela branca de ouro era o divino reclinatório à Majestade Soberana de Cristo Sacramentado. Com muitos castiçais de prata, e belos ramalhetes de artificiosas flores aformoseavam o trono, ao que rodeavam também quase infinitas luzes que por sua ordem dispostas a todas as luzes indicavam a soberania do Divino Sacramento. O altar estava ricamente aparamentado, tudo que nele se via era de prata. O frontal de tela branca de ouro. Quatro tocheiros coroavam esta grandeza, que para a exagerar os melhores lumes da retórica, são os que davam os seus mesmos brandões.

Encostado ao arco da Capela-mor estava o setial (sic) Chanceler Governador, e para que não houvesse desordem no numeroso e luzido concurso dos religiosos magnatas e pessoas de distinção de um e outro sexo que haviam de assistir a esta ação se puseram distintos assentos por tal ordem dispostos, que sem confusão havia lugares competentes para todas aquelas personagens. Toda a igreja se alcatifou de riquíssimas alcatifas. Enfim de tal sorte se armou a Catedral nesta régia função que nela fizeram assento a opulência, o asseio, o artifício e toda a magnificência. Certamente em as cinzas do esquecimento sepultou as memórias, que os Augustos e os Vitélios ostentaram quando nos seus templos solenizaram as festas de suas falsas divindades.

Pelas nove horas se achou presente o Chanceler Governador. Assistiram os ministros da Relação, Senado da Câmara, e toda a nobreza, nobilitaram o ato os religiosos de todas as religiões e o copioso clero não quis faltar a tão devido obséquio, como ser espantosamente dilatada a Catedral, não houve lugar desocupado.

Ajuntou-se em capitular congresso de canônicas insígnias o Reverendo Cabido a fazer esta régia função com todas as formalidades, que na Catedral se praticam. Cantou missa o Reverendo Chantre por se achar gravemente enfermo o Reverendo Deão, dois prebendados foram os ministros, que de riquíssimos paramentos revestidos saíram da sacristia precedidos do porteiro da maça, meninos do coro, mestre de cerimônia, turiferários e mais comitiva, aprestos preciosos ao cômico asseio deste luzidíssimo ato.

Fez o sermão o Reverendo Doutor José de Oliveira Bessa natural desta cidade da Bahia, digníssimo e benemérito colega do mesmo ilustríssimo Cabido. Foi escolhido este doutor orador para desempenho desta plausível ação a que doutamente satisfez pelo profundo e vasto engenho, com que na palestra concionatória costumam-se exaltar os grandes talentos, e logrando o seu engenho os encômios de admirável neste dia mereceu ser avaliada por uma admiração dos engenhos. No fim desta narração vai fielmente tras-

ladado o seu sermão tanto para que o mundo admire tão subidos concertos, quando para que a esta obra sirva de ilustre coroa.

Acabada a missa logo o coro da música que se compunha dos melhores músicos, e instrumentos, deu princípio ao **Te Deum Laudamus**, e ainda que durou muito tempo pelos compassados acentos e cláusulas de uma terna composição, contudo o suave canto de tal sorte atraiu o numeroso congresso que se achava presente que gostosamente assistiu até o fim. O último complemento do pomposo fausto de tão solene festa foi uma festiva salva em todas as fortalezas, que com seus ecos publicou sua magnífica grandeza.

Pela uma hora da tarde custosamente se ornaram as ruas e janelas por onde havia passar a procissão com colchas, cortinas, e outras preciosas alfaias, cuja variedade fazia delectável a vista. Saiu a procissão da Sé e buscando a rua direita foi demandar a praça e chegando às portas de São Bento, voltou pela rua que fica imediata à Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, e saindo outra vez à praça prolongando-se pela mesma rua direita da praça, cortou a buscar a rua chamada de Manuel de Saldanha e vindo ao terreiro se recolheu na Sé. A forma foi a seguinte.

Primeiramente adiante ia o Reverendo Doutor Promotor com vara branca, guiando a procissão, seguiam todas as danças, que nestas reais festas tinham ido à praça com o mesmo asseio e galas que acima descrevemos. Imediatamente se seguiam as Confrarias ornadas com seus guiões e cruces e mais insígnias, a cruz da paróquia do Sacramento da rua do Passo, os clérigos dela com sobrepelizes, e do mesmo modo as demais freguesias, e o reverendo Coadjutor com capa de asperges de damasco branco guarnecido de galões de ouro, e em último lugar um primorosíssimo andor com a imagem da Senhora do Rosário com uma custódia de prata na mão direita.

A mesma tuliana eloquência não é suficiente para expressar o primor com que foi a Senhora vestida, a túnica era de cabaia branca de flores, e o manto de galacé azul de prata forrado do mesmo carmesim de prata, no peito não se viam senão broches, jóias e outras peças riquíssimas de diamantes. Coroava a cabeça da Senhora um diadema de finíssimo ouro rodeado de 12 estrelas de prata. No andor, evacuou-se a opulência. A fábrica consistia nos repetidos esses de que se formava. Ia coberto de custosíssimas sedas de várias cores guarnecidas de galões de ouro e prata, com algumas flores artificiais de seda, que pelo esplendor que causavam conseguiram para o andor os frutos de um universal aplauso.

Seguiam-se logo as Irmandades da freguesia do Pilar com seus guiões, cruces e mais insígnias, a cruz da fábrica, os clérigos da freguesia, e o Reverendo Coadjutor com capas de asperges de galacé de prata e em último lugar um grandioso carro que constando de

vinte palmos de comprido e dezesseis de alto em tão breve espaço cifrava as glórias da maior grandeza, ia coberto de riquíssimas sedas de cores diversas, que guarneciam com modo admirável os galões de ouro e prata, no alto dele ia colocada a imagem de Nossa Senhora do Pilar, com uma custódia de prata na mão direita vestida com uma túnica e manto de melania branca matizada de flores.

Seguiam-se as Confrarias da freguesia de Santo Antônio com seus guiões, cruzes e mais insígnias imediatamente a cruz da freguesia com todos os seus clérigos e atrás o Revreendo Pároco com capas de asperges de tela branca e carmesim de ouro, e em último lugar o andor ricamente forrado de sedas da fábrica, povoado de rendas de ouro e adornado de galantes flores, e no alto dele o ínclito português Santo Antônio, vestido com o seu próprio hábito.

Seguiam-se as confrarias da matriz de São Pedro com seus guiões e cruzes e mais insígnias, a cruz da fábrica, com os clérigos, e o Reverendo Coadjutor com capa de asperges de melania bordada de ouro, e em último lugar um andor, que em breves limites restringiu o mais gentil artifício para grangear o aplauso de muito grande. Singularizava-se no primoroso ornato de ricas sedas, que guarnecidas de galões de ouro o faziam grave e vistoso, e no alto dele ia a imagem do príncipe dos Apóstolos, com rica capa de asperges de tela branca.

Seguiram-se as Irmandades da Matriz de Santa Ana do Sacramento com seus guiões, cruzes e mais insígnias, a cruz da freguesia com os seus clérigos, Reverendo Pároco com capa de asperges de tela branca de ouro, e em último lugar um andor ricamente ornado de seda crespa com gentilíssimo artifício, e tão aplausivelmente armado, que foi o ímã dos olhos e atrativo dos ânimos; o ouro e a prata dos galões se juntaram para fazer, que fosse o muito de todas as bizarrias, no alto dele ia vestida de primorosas roupas de melancias de flores a imagem de Santa Ana com custódia de prata na mão direita.

Seguiram-se as confrarias da matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia com seus guiões cruzes e mais insígnias, a cruz da fábrica com todos os clérigos e o Reverendo Pároco com capa de asperges de tela branca de ouro e em último lugar um carro triunfante que sendo pela ordem segundo, era sem segundo pela magnificência. Em vinte cinco palmos de comprido, e de oito de alto, epilogou toda a perfeição. A gala da seda, o rico dos galões de ouro e prata e o galante das artificiosas flores faziam sobressair o esquisito do artifício e que triunfasse a grandeza. E no alto ia colocada a imagem de Nossa Senhora da Conceição vestida de uma túnica de melania branca bordada de ouro e prata e manto de cetim bordado da mesma sorte, estrelado todo o campo de azul e estrelas de ouro, forrado este de cetim carmesim com os mesmos labores de prata e ouro, e peito coberto de muitos broches jóias e outras

ricas peças de diamantes, e na cabeça coroava um diadema de ouro com muitos cravos de diamantes.

Ao pé da Senhora iam sentados dois anjos ricamente adornados de franções de ouro, e o capilar era de galacé azul de prata guarnecido com o mesmo galão, no peito se uniram ricas jóias de diamantes com raro artifício, e na cabeça levavam capelas de flores. O carro era tirado por dois cavalos ricamente ajaezados, às rédeas das quais pegavam as Irmandades da Catedral com seus guiões, cruces e mais insígnias e logo o último carro que por último chegou pela magnificência ao último ponto da grandeza e pelo artifício ao **non plus ultra** da ostentação. Tinha trinta e cinco palmos de comprimento e vinte e cinco de altura e era formado por uma idéia que parecia admiração com tão pequeno fundamento sustentar-se máquina tão grandiosa. Era aberto de todos os quatro lados que saíam da base que era formada de vinte e cinco quartelas cada uma de diferente modo, destas três pela proa firmavam o princípio, cinco por cada parte, e nove na popa fixas somente pelo pé, e soltas em cima com os movimentos das rodas pareciam que tremiam e se faziam em pedaços, as últimas quatro fixas na base sustentavam e atavam toda a máquina de baixo para cima. Ia composta de seda branca da fábrica, guarnecidas todas as quartelas de galões de ouro de garça, e na popa pendiam também vários festões de flores franjadas com franjas de ouro e atados com duas bolotas do mesmo ouro e desta mesma maneira ia correndo esta mesma galantaria em toda a roda. Não só nas cabeças das quartelas em cima mas também em toda a altura da popa, continuava o mesmo artifício com várias galantarias de galões e festões de flores que deleitavam a vista. Toda esta artificiosa fábrica mais sobressaía com os claros de uma e outra parte, que também eram guarnecidos das mesmas bolotas, galões, franjas e festões. E no alto do carro ia colocada a imagem do São Salvador orago da Catedral, vestido e ricamente ornado de brocado de prata matizado de flores de várias cores, agaloado de galão de ouro forrado de glacé nacar, guarnecido com o mesmo galão de ouro de garça.

Seguiam-se em comunidade os religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e logo de brancas sobrepelizes esplendidamente o cândido exército dos clérigos que ostentando um esplendor numeroso, não só parecia excessivo, mas era por quase infinito reputado. No meio ia o Reverendo Coadjutor com capa de asperges de tela branca de ouro e por fim o Reverendo Cura com sobrepeliz e rica estola de tela branca de ouro e vara branca na mão coroava a luzida cleresia com seu vigário geral.

Seguia-se a cruz do reverendo Cabido associada do ceroferário, os músicos e beneficiados e atrás os reverendo capitulares com capas de asperges de lhama de ouro, a quem seguiam dois turiferários com dalmáticas de tela incensando a via, e em último lugar por

remate o brasão dos maiores, e diviníssimo Sacramento exposto em custódia, ostentando das mãos do Reverendo Chantre associado dos Reverendos Diáconos assistentes. Com lustrosa veneração servia de docel um suntuoso pálio de brocado carmesim de ouro, em cujas varas pegavam os cidadãos. Atrás do pálio acompanhou o Senado da Câmara e mais cidadãos com varas. Ao sair e recolher-se a procissão, repetidas e alegres salvas dispararam todas as fortalezas como desejando que as bocas das suas peças fossem as da fama para celebrar tanta magnificência.

Esta foi a procissão triunfante, que em ação de graças a Deus pelos nossos soberanos príncipes ofereceu o Reverendo Cabido, em cuja comparação ficam a perder de vista os maiores triunfos, que antigamente teve Roma. Três foram os maiores triunfos que celebrou esta soberana cabeça do mundo, o primeiro foi de Camilo e consistiu sua grandeza, em que quatro cavalos tirassem a sua triunfal carroça, e segundo foi de César, que além da real magnificência do triunfante carro o fazia mais claro quatrocentas tochas com as luzes das quais blasonava de haver triunfado no meio dos resplendores, o terceiro foi o do grande Pompeu que por triunfar dos corsários mandou de preciosíssimas pérolas formar a sua imagem.

Se no nosso triunfo porém se refletia no rico de tantos andores no magnífico de tantos triunfantes carros, no luminoso de tantas tochas e no brilhante de milhões de diamantes pérolas e outras preciosíssimas pedras que tanto nas sagradas imagens quanto nas figuras e anjos fizeram assento próprio para luzirem, creio que os mais sonoros clarins publicaram que aos referidos acima superiormente excede, eleva vantagens este magnífico triunfo.

CAVALARIAS NO TERREIRO

Em quarta-feira vinte e nove pelas três horas junto ao adro do Colégio de Jesus por ordem do Senado da Câmara em um mastro pintado de branco, vermelho e azul se arvorou uma bandeira de tafetá branco com as sempre triunfantes armas de Portugal pintadas e juntamente os postos em sinal de se principiarem no dia seguinte as cavalarias com que os nossos soberanos príncipes pretendiam obsequiar os senhores de engenho.

Não podiam eximir-se deste comum festejo que incumbido a todos a eles com mais razão pertencia. Como constituem corpo de nobreza devia ser mais nobre e magnífico o seu obséquio. Determinaram desempenhar-se para o que idearam umas cavalarias em que pelo grave, opulento e deleitável servindo a todos de contentamento fossem o timbre da sua fidelidade. Na mesma noite deste dia vestidos à mourisca em soberbos e briosos cavalos por costume antigo

em semelhante função praticado fizeram encamisada. Antes porém de descar (sic) dar princípio lhes foi preciso pela tenebridade da noite mandarem alumiar com faxes e archotes todo o terreiro que ficou por isso tão lustroso, que lhe não fizeram falta os brilhantes resplendores do Sol.

Saiu logo da parte da igreja de São Francisco um carro ornado de chamalote carmesim e branco enramado de verdes folhas, que levando diante de si o alvoroço de pouco para si granjeou o aplauso, e para que não faltasse à magnificência o luzimento, oito tochas acesas em roda faziam parecer carroça do mesmo Febo. Dentro vinha um coro de música que ao som de bem temperados instrumentos entoava os vivas aos nossos príncipes o tempo todo que o terreiro rodeou o carro.

Tanto que este parou, logo os cavaleiros fizeram uma bem concertada e vistosa escaramuça da qual ficaram bem satisfeitos os que a presenciaram e feitas as cortesias se despediram com a mesma bizarría com que entraram, e então a sonora música finalizou esta egrégia função com os mesmos vivas que principiara.

A trinta, pela uma hora da tarde viu-se o terreiro cheio de povo, era igualmente numeroso e luzido o congresso dos ministros, magnatas e pessoas de distinção de um e outro sexo, que em magnifico e plausível concurso fazia assistência como o lugar era pequeno e não podia pela pouca capacidade conter em si tanta gente assim nos telhados das casas, como nas portas se fizeram muitos palanques que cobertos de cortinas e colchas de damasco encarnado e amarelo aformoseavam o terreiro.

Pelas quatro horas em festivo júbilo de sonoros clarins, trombetas e trompas pela parte de São Domingos entraram quinze cavaleiros vestidos com casacas de veludo carmesim uns, outros de berne e outros de gorgorão encarnado com vestes de custosíssimas melanias de flores, chapéus agaloados com plumas e vistosos cocais, que prendiam e atavam com ricas jóias de diamantes, vinham montados em soberbos cavalos tão ricamente ajaezados que o veludo carmesim de que se formavam os capresões, e charéis com admirável contestura de ouro e prata parecia que vinha oprimido debaixo das suas mesmas riquezas.

Vinham a destra quinze cavalos e todos os arreios, que os ajaezavam mostravam uns em campo de veludo carmesim e outros de veludo azul as ricas contendias de ouro e de prata sobre qual deles fossem mais vistoso, as clinas compostas de ambos os lados de encarnado e branco faziam tanto mais formosos, quanto mais enfeitados. Os pajens das lanças eram sem número e vestiam ricas librés.

Com todo este aparato entraram os nobres cavaleiros os quais feitas as devidas cortesias correram três carreiras, nas quais doze argolinhas que ganharam foram a melhor prova de quão bem foram atiradas as suas lanças. A primeira argolinha que era de ouro se ofereceu ao Chanceler Governador, e as outras de prata se deram a distintos personagens. Fizeram por fim uma admirável escaramuça, que acabada entre aclamações de um universal aplauso airoosamente se despediram.

As muitas águas em que se desfez o céu em contínuos chuviros não foram bastante para que no segundo dia não estivesse o terreiro com os mesmos assistentes, que no dia antecedente. Pelas cinco horas da tarde se aproveitaram os cavaleiros de uma pequena esteada, que só lhes deu tempo para fazerem outra diferente e admirável escaramuça.

Continuou a chuva sem dar lugar a que se fizesse a barraca para o mantenedor, como era necessário para os três dias de prêmio, que determinara o Senado. Só a três de novembro se viu sereno o céu e logo se armou uma magnífica barraca onde se recolheu o mantenedor às duas horas, que a este tempo chegara ao terreiro com os demais cavaleiros. Fez-se um palanque junto ao do Senado em que se puseram três cadeiras para os três juizes que foram Manuel de Saldanha, fidalgo da casa de Sua Majestade o ajudante das ordens Amaro de Sousa Coutinho, e Capitão Antônio de Brito em um bofete coberto, com uma colcha de damasco carmasim, estavam os preciosos prêmios para o cavaleiro, que em duas lanças excedesse ao mantenedor conforme as leis do cartel que estava fixo em um dos postos.

Nesta tarde ainda que se correram admiráveis lanças vitoriosos o mantenedor teve a glória de levar todos os prêmios que nesta tarde se distribuíram pelos juizes. A mesma glória teve na tarde seguinte e só perto da noite julgaram os juizes perdera o prêmio e a barraca porque nas lanças que correram com o cavaleiro segundo na ordem chamada vulgarmente o alferes este tivera a fortuna de levar a argolinha. E assim tomou logo posse da barraca, onde também esteve no terceiro dia, no qual ainda que com alguns dos cavaleiros correram suas lanças em todas se assinalou de tal sorte, que ficou sempre com a vitória. Muitos dos justadores levaram prêmios. E porque todos correram com vividíssima valentia ficaram todos com aplauso de haver corrido.

As seis, sete, oito, com o mesmo sonoro júbilo de clarim, trombetas e trompas entraram os cavaleiros pelo terreiro, como no primeiro dia. Nestes correram argolinhas e quartinhas, dentro das quais estavam flores e passarinhos, que quebradas pelas lanças dos cavaleiros serviam de admirável recreio aos olhos, e no último cortavam carneiros, em cada uma das tardes fechavam o ato com distintas e

vistas escaramuças. Foi tão plausível esta função e tanto do agrado de todos, que ainda as cem bocas da fama não são suficientes para publicar a sua plausibilidade.

TOUROS NO TERREIRO

Não podia faltar a este devido obséquio o nobre Tribunal da Inspeção, devia com todo o corpo de comércio aplaudir estas reais festas. Porisso reservou-se para lhes dar fim talvez porque a sua função sendo a última, tanto nela se havia de empenhar que por isso mesmo mereceria os aplausos de primeira. Não foi errado este conceito que se formou de tão ilustre tribunal, porque empenhado em sair com um festejo que fosse admiração arrojou-se a uma ação quase impossível.

Com três dias de touros quis aplaudir os régios desposórios. Era difícil empenho, tanto pela arriscada condução dos touros das incultas brenhas do sertão quando por imaginar-se não se poderia descobrir destros toureiros que os pudessem tourear. Mas nada foi bastante para deixar de sair com o seu projeto ainda que à custa de grande diligência e grosso cabeda. (sic)

Mandou logo em o terreiro de Jesus fazer um espaçoso curro, e porque queria para si a glória que a função fosse feita toda a sua custa, requereu ao Senado mandasse demolir todos os arquibancos que se tinham feito no terreiro, obrigando-se a ter prontos os assentos para todos os que quisessem assistir.

À sua custa, pois ordenou em toda a circunferência do curro se fizessem assentos para o povo, e ordena, diante da igreja do Colégio de Jesus, se levante um espaçoso e especioso palanque de dois sobrados no primeiro dos quais havia assistir o Chanceler Governador com toda a nobreza, Tribunal da Inspeção e corpo de comércio, no segundo reservou-se para os clérigos e outras pessoas distintas. Determinaram-se pelo mesmo tribunal outras coisas, que pareciam conducentes para esta régia função.

A dezesseis foi o primeiro dia deste real festejo, pela uma hora da tarde já estava todo o terreiro coberto de povo, não havia assento já desocupado. Às duas horas chegou o Chanceler Governador. Sentou-se este debaixo do setial, em uma cadeira de damasco carmesim, do mesmo estava coberto todo o palanque com franja de ouro e no meio pintado o brasão das glórias da Monarquia portuguesa. Em distintos assentos estavam os ministros da Relação, Tribunal da Inspeção, nobreza, e outras distintas personagens.

Feito o sinal entrou pelo curro uma formada companhia de soldados com os seus cabos, que chegando junto ao Chanceler Gover-

nador, feitas as cortesias militares, dividindo-se as linhas em uma contramarcha se uniram ao depois em marcha em guerra despejando a gente que se dentro do curro. Entraram logo os aguadeiros vestidos de pano verde e aguararam o curro.

Seguiram-se imediatamente dois carros triunfantes, que emparelhados entraram pelo curro levando as atenções de todos. Em cada um dos carros esmerou-se na verdade a arte na fábrica de sua prodigiosa grandeza, e não sei como não empobreceu a grandeza, para enriquecer tão grandiosa fábrica. Constava cada um de vinte e cinco palmos de comprido e de alto vinte, em tão breve espaço compreendeu rara perfeição. Vinha adornado de ricas sedas, da fábrica guarnecidas de galões de ouro. Na popa se divisava uma coroa imperial que com os seus tomados de sedas cobria as armas de Portugal.

Na proa ou princípio se formou uma escada de cinco degraus cobertos uns de veludo carmesim, e outros das mesmas sedas, em cima fazia quatro cantos com uma levantada e bem formada concha, debaixo da qual se levantava em cada uma assento para quatro figuras, que foram a Europa sentada em um touro ricamente vestida à trágica com coroa imperial e cetro. América sentada em um pássaro de várias cores, coroada de galantes e vistosas penas cingida das mesmas com arco e flecha na mão e aljava de setas ao ombro, África sentada em um leão vestida à mourisca, e no alto do tocado uma bem posta meia-lua e finalmente a Ásia ricamente vestida sentada em um elefante.

Nos quatro cantos do segundo carro, que tinha o mesmo feito havia também quatro assentos que iam quatro figuras em trajes de homens vestidos à trágica, a primeira era a figura de verão; a segunda do estio, a terceira do outono e a última do inverno. Levavam nos braços esquerdos escudos primorosamente pintados e neles escrito com letras de ouro os seus nomes. Em ambos os carros se levantava no meio uma pirâmide, no primeiro sobre quatro golfinhos se formava um chafariz lançando água e no segundo se formava o mesmo chafariz sobre uma bem fingida bicha de sete cabeças, pelas bandas de cima de dois quartões em que iam alguns meninos belamente vestidos, lançando para o povo dos palanques flores, globos de fino barro dourado com flores cheirosas, passarinhos e pombos. Na frente do primeiro carro ia a figura da fama ornada a mil maravilhas, com asas, tocando um clarim, com escudo no braço com esta letra — **fama volat**. — Este em suma é o escuro retrato destes dois triunfantes carros, dos quais certamente sem hipérbole se pode afirmar que para sua suntuosa fábrica se empenharam os últimos esforços da opulência.

Com este egrégio aparato entraram como disse pelo curro emparelhados ambos os carros que chegando junto ao Chanceler Gover-

nador pararam a dar lugar que o coro da música, que em cada um dos carros ia junto aos chafarizes principiasse uma harmoniosa sonata de bem temperados instrumentos. Logo com toda a ordem pelas escadas do primeiro carro desceram as quatro partes do mundo, e pelas escadas do segundo com a mesma ordem desceram também os quatro tempos do ano, e juntos ao som dos mesmos instrumentos fizeram uma vistossíssima contradança, que finalizada com a mesma ordem entraram nos carros.

Recolhidos em aplauso do feliz himeneu dos nossos sereníssimos príncipes fizeram uma introdução na forma seguinte.

EUROPA

Europa sou, que por parte hoje do mundo
 Mil vezes venturosa considero,
 Por ser berço feliz que no fecundo
 Deste régio himeneu glórias espero

 Assim pois no aplauso sem segundo
 As mais partes do mundo rogar quero
 Porque vejo se abrasa no que peço
 Em Vesúvio de gosto o Universo.

ÁFRICA

Em que África sou segura fico
 De mostrar reverente obséquio puro
 Sendo desta promessa que publico
 Do meu peito real nobre seguro.

ÁSIA

Eu Ásia que em tudo sacrifico
 A Europa feliz tributos juro
 Excessiva mostrar-me as festas quantas
 No possível couberem glórias tantas.

AMÉRICA

E eu mais do que todas por constante
 Bem qual águia sublime preeminente
 Subirei no aplauso relevante
 A esfera do Sol astro eminente.

EUROPA

A todas gratifico a oferta amante
Por tributo de amor glória excelente
Convocando também do ano os tempos
Apesar das desdita e contratempo.

ÁFRICA

Pois que esperas

ÁSIA

Pois que intenta

AMÉRICA

Que pretendes.

OS QUATRO TEMPOS DO ANO

Que ordenas

AMÉRICA

Que protejas do Brasil a
Augustíssima Princesa

ÁSIA

Que propício sejas ao
Sereníssimo Infante

ÁFRICA

Que influas mil glórias
Ao Régio Himeneu

EUROPA

Que inspires venturas
A Europa excelsa.

CORO DAS QUATRO FIGURAS ÁSIA, &.

E todos digais com vozes diversas
Que os vassallos, que têm a seu cargo o comércio
Da Ásia, de África, da América, e Europa
Reverentes tributam as presentes festas
Às núpcias felizes da Régia Família
Dizendo que vivam venturosos anos
Que cumpram, e gozem idades eternas.

Repetiram todas as vozes juntas, e instrumentos de ambos os carros a mesma letra e logo dividindo-se os carros cada um para o seu lado espalharam das suas varandas os meninos, que neles iam flores pelo curro e lançaram pombos e pássaros aos circunstantes, que absortos de tanta grandeza que não tiraram os olhos dos carros enquanto não sariam do curro.

Seriam três horas da tarde quando pelo curro entrou a cavalo o Neto vestido de casaca de veludo preto e capa de gurgurão preto abandada de custosa melania de flores a tomar as ordens do Chanceler Governador para se dar princípio a função. Feita a vênia e recebidas as ordens saiu a buscar o toureador. Entrou este montado em um soberbo e brioso cavalo vestido com casaca de brilhante veste de melancias de flores, chapéu de plumas com um vistoso cocal. Vinha rodeado de cinco capinhas vestidos uns de vestes de damasco carmesim e calções de veludo verde, e outros de vestes de damasco verde e calções de veludo carmesim e outros de vestes de damasco amarelo e calções de veludo azul, todos com sapatos de pelica brancos, chapéu brancos armados a dois ventos e capinhas de chamalote carmesim. Acompanhavam-no os vaqueiros trajados à mourisca e os homens dos forcados vestidos de encarnado.

Tanto que chegou junto ao mastro que estando no meio do curro com uma bandeirinha de tafetá branco em que estavam pintadas as armas reais, logo fez a primeira cortesia ao Chanceler Governador, este mesmo político cortejo da mesma sorte repetiu mais duas vezes e em todas acompanhou o bruto como se tivesse perfeito raciocínio e correndo em roda todo o curro foi saudando aos assistentes, que com seus lenços lhe correspondiam igualmente atenciosos. Pondo-se logo ao pé do mastro, um fero touro despedido do curral como uma seta o acometeu, mas teve logo no primeiro rojão com que foi ferido o castigo ao seu atrevimento. O mesmo experimentaram os demais que da mesma sorte feridos pelo nobre toureador finalmente às mãos dos capinhas exalaram os últimos alentos da vida. Com isto se acabou a tarde, que pelo muito gosto, que causou a todos anciosamente desejavam, ou que o Sol retrocedesse o seu rápido

curso, ou que estivesse parado no meio do céu como aconteceu ao Josué, mas porque se avizinhava a noite com as mesmas cortesias se despediu o vitorioso toureador dos assistentes, levando por prêmio o universal aplauso de todos.

A dezenove foi o segundo dia desta régia função. Pelas duas horas da tarde já se achava presente o Chanceler Governador com toda a nobreza e comércio. Feitas as cerimônias de alimpar o curro pela companhia de soldados como no primeiro dia, e de se aguar pelos aguadeiros, entraram pelo curro os já referidos carrados (sic) com o mesmo asseio e opulência que a vez primeira, tanto que pararam à vista do Chanceler Governador desceram as próprias figuras, que repetiram a mesma contradança e representaram a introdução de que já fiz menção.

Assim que saíram do curro foi o Neto nele introduzir ao toureador, que se reconheceu não ser o mesmo que no dia primeiro, com ser diverso não foi diferente o garbo, de ambos igual foi a bizzarria. Vinha montado em um generoso cavalo e vestido também de brilhante com veste de melania de flores chapéu de plumas com um cocal branco, vinha rodeado dos cinco capinhas, que nesta tarde trajaram todos novas vestes de melania carmesim. Feitas as cortesias ao Chanceler Governador, e a todos os assistentes ao pé do mastro foi esperar que o acometesse o bravo touro, que saindo do curral tero (sic) o investiu, mas a pena de seu precipitado arrojo foi um bem empregado rojão com que o feriu. Aplaudiu-se a sorte com vivas que se repetiam, quando segunda vez com outro rojão o trespassou. Igual fortuna experimentaram os outros, nos quais assim o nobre toureador, como os ligeiros capinhas fizeram belíssimas sortes, com que alegraram a todos. E porque já o Sol convidava a Lua para suprir a sua falta enquanto descansava nos braços de Tétis o destro toureador feitas as cortesias saiu do curro gloriosamente triunfante. A tarde do dia vinte e um foi a última dos touros que na verdade não pode ser mais deleitável. Tanto que chegou o Chanceler Governador se deu princípio e feitas as cerimônias de se alimpar e aguar o curro, como nas tardes antecedentes, com toda ordem entraram os carros com as mesmas figuras, que fazendo a sua contradança e representando a já escrita introdução deram lugar a que o Neto metesse dentro do curro ambos os toureadores, que já nas passadas tardes tinham toureado.

Vinham ambos com novos vestidos. Trajava uma casaca de melania azul com veste da mesma branca de flores, e o outro casaca de melania carmesim, com veste da mesma cor de flor de algodão matizada de flores. Cada um em distância proporcionada, armado com o seu rojão esperou o indômito bruto, quando o acometeu, de sorte que não podia cada um passar fora da baliza que se lhe demarcou.

Fizeram estupendíssimas sortes, dignas por certo dos muitos vivas com que os circunstantes os aplaudiram. Como se achavam ambos no campo um era do outro competidor, e para que um não levasse a outro excesso se esmeraram ambos tanto, que ficando ambos iguais nas sortes, mereceram ambos iguais aplausos. Com estes deram fim a esta egrégia função cuja real suntuosidade, magnífica grandeza e grandiosa pompa se não pode cabalmente exagerar. O certo é ser diminuta a mais eloqüente retórica para a encarecer, e ainda que invente as mais significativas palavras, nunca poderá expressar, nem o sei (sic) pomposo fausto, nem o universal aplauso, que conseguiu o comércio. Em eternos obeliscos ficará seu nome imortal por prêmio da grande glória que alcançou nestas régias festas.

No domingo vinte e três ofereceu-se em palácio ao Chanceler Governador uma engraçada dança que por despedida queria aplaudir os desposórios. Como foi especiosa, e teve não pequeno aplauso merece que dela façamos especial menção. Treze eram as figuras vestidas de velhos, com bombachas de damasco carmesim, vestes brancas com manguitos anilados, capas compridas com bucólicas à antiga bastões nas mãos todos corcundas e trêmulos. Consistia a idéia em que cada um por sua ordem repetia uma poética obra, cujo argumento era insinuar que sendo comuns a todos estes régios festejos deles se não podiam isentar ainda que velhos e que por isso de partes remotas tinham vindo só para os celebrar. Fizeram ao depois um bem concertado baile dando-lhe fim com cantar com algumas modas mui antigas, das quais já não havia memória. Com isto se despediram satisfeitos de terem agradado a todos pelo invento com que se saíram.

FOGO ÚLTIMO COMPLEMENTO DAS FESTAS

Nesta mesma noite um grandioso fogo, foi o último complemento com que o comércio quis coroar estas régias festas. Consistiu todo o artifício em ser formado em um castelo em quadra. Constava este de quatro faces, e em cada face esmerou-se a arte na idéia com que o formou, porque sendo em todas diverso artifício em todas igual foi a perfeição. Cada uma estava composta de muitas figuras, flores e outras curiosidades em todas estavam pintadas as armas reais de Portugal.

Na primeira fase fabricou o engenho do seu autor um lampadário grande aluminado a um sol que se desfazia em luzes, e se abrasava entre os resplendores. Na segunda se divisou uma real cornija na qual estava escrito o seguinte título — Viva El-Rei Dom José o I — em cima do título se viam as quinas portuguesas entre muitos candeeiros de luzes, na terceira se notou entre engraçadas

flores o seguinte letreiro — Dos Príncipes no amor arde a Bahia — e na quarta finalmente se observou que debaixo de real bandeira estava o seguinte título — Vivam os Príncipes do Brasil — e ao pé deste uma Aurora abrasando-se em fogo. No meio do castelo estava como plantada uma grande árvore com todos os artifícios de fogo.

Admiração grande causou a todos que concorreram a ver engenhosa fábrica, o seu raro artifício, porém maior tiveram, quando ao som de trombetas, charamelas, trompas, atabales começaram a correr os foguetes soltos pelo ar dando muitas ocasiões de riso, pois pretendendo voar sem asas, Ícaros desgraçados se precipitavam da maior altura. Outras lisonjeavam o gosto no brilhante de suas luzes e outros despertavam o contento dos que viam que subindo com alegres faíscas, desciam com tristes lágrimas. A trarquia com seu estrondo parecendo salva despertava as atenções, dos circunstantes para afirmarem ser régia a festa, pois real era a salva. Enfim pegaram fogo as candeias de pólvora que servindo de luminárias deram luzes para se ver, como incendiando-se os morteiros e girândolas com violentos ímpetos punham em graciosa desordem as figuras que rodeando no mais alto do aéreo elemento com a claridade das chamas que delas saíam e com o estrondo que faziam queriam publicar a festa, que aplaudiam. Neste mesmo tempo se abriram muitas bombas, que não deixaram de divertir com o seu festivo estrondo.

Duraram estes incêndios aplausos largamente duas horas, porém conservar-se-ão muitos anos na memória da posteridade. Os vivas, alegria, o alvoroço e as vozes do numeroso concurso do povo não cessavam de o engrandecer. O certo é que não pôde ser nem mais grandioso: nem mais plausível, porque era justo, que tão luzidas festas tivessem por coroa tão lustroso fim.

(1) Anais da BIBLIOTECA NACIONAL do Rio de Janeiro — 1909 — Vol. XXXI — Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional.

Ofício do Chanceler Governador Tomás Roby de Barros para Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em que lhe participa ter sido recebida com muito regozijo na Bahia a fausta notícia do casamento da Princesa da Beira com o Infante Dom Pedro e o informa dos festejos públicos que se realizaram para celebrar o acontecimento.

Bahia, 12 de novembro de 1760. (1)

(1) *Idem, idem*, p. 408.

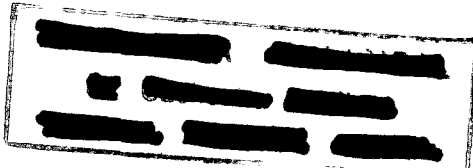
ÍNDICE

	Págs.
12. Gemidos Seráficos, Demonstrações sentidas, e Obséquios dolorosos nas Exéquias funerais, que pela Morte do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei o Senhor Dom João V fez celebrar nos Conventos da Província de Santo Antônio do Brasil, [...] Frei Gervásio do Rosário, [...], 1755	7
12.1. [Dedicatória], Senhora	11
12.2. [Relação e Carta Pastoral], Frei Gervásio do Rosário	15
12.3. Licenças da Ordem, do Santo Ofício, do Ordinário, do Paço ..	26
12.4. In obitu Domini Ioannis V. Portugaliae Regis, Epigramma, [S.I.A.]	33
12.5. Aliud, [S.I.A.]	33
12.6. Ad Dominum Ioannem Quintum [...], Epigramma, [S.I.A.]	33
12.7. Domini Ioanni V. Lusitaniae Regi, [...] Epigramma, [S.I.A.]	34
12.8. De Assimilatione Dominis Ioannis V. [...], Epigramma, [S.I.A.]	34
12.9. Super Numerum Quinarium omnia includentem, [...], Epigramma, [S.I.A.]	35
12.10. Ao Sobrenome do Sereníssimo Rei Dom João V, [...], Decima, [S.I.A.]	35
12.11. Dignissimus Ioanni V. Portugaliae Regi. Epitaphium, [S.I.A.]	36
12.12. Epitaphium Acrostichon. [S.I.A.]	36
12.13. Inscriptio Acrostichon, [S.I.A.]	36
12.14. Eidem Subditorum inconsolabiliter deplorato. Epigramma, [S.I.A.]	37
12.15. Aliud, [S.I.A.]	37
12.16. Eidem, [S.I.A.]	37
12.17. Praeclarissimus Dignissimus Ioannes V. [...], Epigramma, [S.I.A.]	38
12.18. Desideratissimus Dignissimus Ioannes V. [...], Epigramma, [S.I.A.]	38

	Págs.
12.19. Aliud, [S.I.A.]	38
12.20. Aliud, [S.I.A.]	38
12.21. Aliud, [S.I.A.]	39
12.22. Die Veneris, Cadente Sole, e uiuis sublatus est, Epigramma, [S.I.A.]	39
12.23. Elegia, [S.I.A.]	39
12.24. Suspiros Saudosos à Lamentada Morte do Sereníssimo Senhor Dom João V. [...], Soneto, [S.I.A.]	41
12.25. Soneto, [S.I.A.]	42
12.26. Soneto, [S.I.A.]	42
12.27. Soneto, [S.I.A.]	43
12.28. À Majestade Augusta do Senhor Dom João V. [...], Soneto, [S.I.A.]	43
12.29. Lenitivo na Morte do Sereníssimo Senhor Dom João V. [...], Soneto, [S.I.A.]	44
12.30. Epitáfio, [S.I.A.]	44
12.31. Oração nas Exéquias funerais do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei de Portugal Dom João V. Celebradas no Convento de Santo Antônio do Recife em Pernambuco [...] aos 12 de mês de dezembro de 1750, que recitou [...] Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão [...]	45
12.32. Sermão nas Exéquias do Fidelíssimo e Augustíssimo Dom João V. pregado no Convento de Nossa Senhora das Neves, da Cidade de Olinda, por Frei Serafim de Santo Antônio [...] ..	67
12.33. Sermão nas Exéquias do Fidelíssimo e Augustíssimo Rei Dom João V. pregado no Convento de Santo Antônio da Vila de Iguaraçu Pelo Reverendo Padre Mestre Frei José da Conceição [...]	83
12.34. Oração Panegírico Fúnebre na Morte do Fidelíssimo e Augus- tíssimo Dom João V. Exposta no Convento de Santo Antônio do Lugar de Ipojuca, Pelo Padre Frei de Santa Ângela, [...] ..	109
12.35. Sermão nas Exéquias Funerais do Sereníssimo Rei, e Senhor Dom João V. que por ordem do Reverendíssimo Padre Pregador Frei Gervásio do Rosário [...] Frei José dos Santos Cosme e Damião	137
12.36. Sermão nas Exéquias do Fidelíssimo e Augustíssimo Dom João V. pregado no Convento do Seráfico Padre São Francisco da Vila de Sergipe do Conde, pelo Muito Reverendo Padre Mestre Frei João de Deus [...]	161

Págs.

13.	Narração panegírico-histórica das festividades com que a Cidade da Bahia solenizou os felicíssimos desposórios da Princesa Nossa Senhora com o Sereníssimo Senhor Infante Dom Pedro, oferecida a El-Rei Nosso Senhor por seu autor o Reverendo Padre Manuel de Cerqueira Tórres, Bahiense, etc. [1760]	191
13.1.	Licenças do Paço	193
13.2.	Disposição das Festas	197
13.3.	Princípios das Festividades	198
13.4.	Soneto, [S.I.A.]	201
13.5.	Continuação das Festas	202
13.6.	Festa na Catedral e Procissão	210
13.7.	Cavalarias no Terreiro	216
13.8.	Touros no Terreiro	219
13.9.	Fogo Último Complemento das Festas	225



27



IMPRESA OFICIAL DO ESTADO

SÃO PAULO - BRASIL

1975